

Raquel Gomes Chaves

**A REDUÇÃO/DESNASALIZAÇÃO DE DITONGOS NASAIS
ÁTONOS FINAIS E A MARCAÇÃO EXPLÍCITA DE CVP6:
UM ESTUDO DE CORRELAÇÃO**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Doutora em Linguística.

Orientador: Profa. Dra. Izete Lehmkuhl Coelho

Coorientadora: Profa. Dra. Izabel Christine Seara

Florianópolis
2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Chaves, Raquel

A redução/desnasalização de ditongos nasais átonos finais e a marcação explícita de CVP6: um estudo de correlação / Raquel Chaves ; orientador, Izete Coelho, coorientador, Izabel Seara, 2017.
359 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2017.

Inclui referências.

1. Linguística. 2. Redução e desnasalização de ditongos nasais. 3. Marcação explícita de concordância verbal de terceira pessoa do plural (CVP6). 4. Teoria da Variação e Mudança. 5. Fonética Experimental. I. Coelho, Izete . II. Seara, Izabel. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Linguística. IV. Título.

Raquel Gomes Chaves

A REDUÇÃO/DESNASALIZAÇÃO DE DITONGOS
NAS AIS ÁTONOS FINAIS E A MARCAÇÃO
EXPLÍCITA DE CVP6: UM ESTUDO DE
CORRELAÇÃO

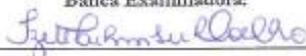
Esta Tese foi julgada adequada para obtenção do Título de
"Doutora em Linguística" e aprovada, em sua forma final,
pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Florianópolis, 23 de fevereiro de 2017.

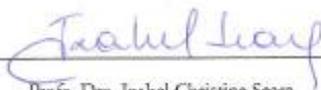


Prof. Dr. Marco Antônio Martins
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:



Prof. Dra. Izete Lehmkuhl Coelho
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)



Prof. Dra. Izabel Christine Seara
Coorientadora
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)



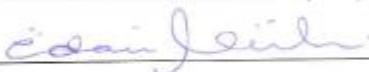
Prof. Dr. Gregory Riordan Gay
New York University (NYU)



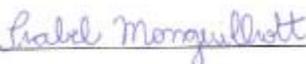
Prof. Dr. Luiz Carlos Schwint
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)



Prof. Dr. Marco Antônio Martins
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)



Profa. Dra. Edair Maria Göeski
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)



Profa. Dra. Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Aos manezinhos da Costa

Agradecimentos

Nesta seção de agradecimentos, está o coração desta tese, que antes de ser produto exclusivo de meu trabalho é também de todos os que participaram de minha formação e que, de alguma forma, incitaram as reflexões expostas aqui. Agradeço:

Aos meus pais, Rosane e Cláudio Chaves. À Rosane (Rosa) pelo amor às Letras e ao Cláudio (Claudião), pelo amor ao conhecimento. Obrigada pelo apoio incondicional e pela paciência ao lidar com minhas frequentes mudanças de cidade e de humor. Vocês são meu porto seguro e, se fui a algum lugar "além-lar/mar", foi sempre tendo vocês como referência – as pessoas as quais eu sempre quis estar próxima.

Às minhas irmãs Júlia (Jujuba) e Paula (Paulete), tão diferentes, tão únicas. Paulete, minha amigona e torcedora fiel, meu exemplo de vida, meu "Borguethinho". Jujuba, minha parceira e crítica-mor, minha musa juvenil. Vocês são tudo em minha vida. Obrigada pela força, pelo apoio e pelo amor.

A minha saudosa avó Maria Ferreira Gomes (in memoriam), minha referência como mulher, pelo incentivo às letras desde criança, pelas reflexões inspiradoras, pelo legado eterno.

Ao meu avô Hélio Mirapalheta Gomes pelo acompanhamento durante todo o período do doutorado, pelo incentivo aos estudos desde a infância e pelo exemplo profissional.

À minha avó Iolanda Teixeira Chaves por sempre ser um grande exemplo, pelas palavras incentivadoras e pelos presentinhos que ajudaram a me esquentar em noites frias de produção da tese.

A minha orientadora Dra. Izete Lehmkuhl Coelho, por ter me recebido de braços aberto apesar de não me conhecer muito bem na época em que solicitei orientação, pelos ensinamentos, acadêmicos e pessoais, pela liberdade para que eu conduzisse este trabalho seguindo meus instintos (às vezes um tanto equivocados), pelos puxões de orelha e pela amizade.

A minha coorientadora Dra. Izabel Christine Seara, pela paixão com a qual ensina Fonética e Fonologia, pelos ensinamentos, pelo sorriso sempre estampado no rosto e pela disponibilidade e atenção sempre que foi necessário.

Ao professor Dr. Gregory Riordan Guy, pela recepção afetuosa na New York University (NYU), no período de meu Estágio Sanduíche, por ter me proporcionado estudar em uma universidade de referência na área da Sociolinguística, pelo novo olhar com o qual fez olhar para a Teoria da Variação e Mudança, por ser a personificação do saber inacabado e pelo exemplo de ser humano que é.

Ao professor Dr. Luiz Carlos Schwindt, por me aceitar como aluna especial na disciplina de 'Seminário em Morfofonologia', ministrada por ele na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em 2015.1. Este foi o pontapé inicial de uma parceria regada a discussões desafiadoras e estimulantes. Agradeço também pelos ensinamentos, pelo exemplo como profissional e pela amizade.

Às bancas de qualificação e de defesa final da tese, pelas discussões aprofundadas, pelo olhar crítico e pelas sugestões feitas ao trabalho.

À professora Dra. Cláudia Brescancini por ter despertado em mim a paixão pela Sociolinguística, pelos ensinamentos, pelos conselhos e pelo exemplo como profissional.

À professora Edair Görski, pela perguntas desafiadores,

pelas reflexões instigantes, pelo exemplo e pela amizade.

Aos colegas e amigos queridos que fiz na UFSC, os quais me acompanharam desde o início dessa jornada, por alguns pontos específicos que vão muito além da amizade: à Natalia Resende (a Nat), pelas conversas linguísticas e extralinguísticas inspiradoras nas varandas florianopolitanas regadas a drinks diversos, pelos ensinamentos estatísticos, pelo leiteinho com Nescau em dias de carência, pelo chá de limão com alho na tosse. À Christiane Nunes de Souza (a Chris) pela amizade, pela parceria intelectual (muitas vezes em momentos nem tão intelectuais assim), pela conexão de pensamento (rimas de emoticons aleatórios), por compartilhar aquele carnaval 2016 via Skype e por outros tantos momentos *nonsense* que fizeram tanto sentido nesse período. À Karina Zendron da Cunha (a Ká), pelos momentos em que “fomos felizes”, pela hospedagem em alguns momentos críticos da minha vida financeira, pelos pães de queijo e cafezinhos matutinos, pelos bolos (ah, os bolos da Ká), pela parceria sempre. À Sara Folie (a Sarita), pela folia (folie) de sempre, pela companhia sorridente, pelos abraços apertados e beijos estalados. Ao Tiago Cardoso (o gêmeo) pelos calotas e angústias divididos, pela amizade no “âmbito do eu te amo”, pelas risadas e pelo afeto. À Fernanda Miara (a Fê), pelas risadas, pelas ligações internacionais, pelos balés, pela preocupação com o meu estado de espírito, pela força e carinho. À Carla Valle (A Carlinha) pelo “ô, nega!” afetuoso sempre que a encontro, pelos papos filosóficos e espirituais, pelas discussões linguísticas. À Juliana Flores (Ju), pelas cantorias de *songs pops*, pelo afeto e pela amizade. À Érica Zibetti pelos abraços afetuosos, pelas discussões e pelas ideias compartilhadas.

Aos colegas e amigos que, apesar de distantes no processo de fechamento desta tese, são muito especiais: A Leandro Babilônia; a Luíz Henrique Queriquelli e à Marcela Bragança.

Agradeço aos colegas e amigos que tive o prazer de conhe-

cer no período em que cursei disciplinas no programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em especial à Camila Ulrich, à Luciana Morales e à Camila De Bona.

Aos antigos amigos que guardo com carinho da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - Ivanete Mileski, Susiely Machry da Silva e Mônica Monawar.

Ao meu querido amigo Danilo Rodrigues, o qual tive o imenso prazer de reencontrar algumas vezes em Nova York, pelos pelos dias de glamour, pelos M&Ms assistindo TV, pelos drinks em roofparties, por dar cor a minha vida - from Big River to Big Apple!

A todos os membros da "família VARSUL/UFSC".

Ao pessoal da NYU, especialmente às colegas Maria Cornelius, a grega mais brasileira que já conheci, e Natalie Polivins, por me ensinar um bocadinho de Quechua, pela receptividade e por me informar sobre os eventos do departamento toda semana. Thank you so much!

Ao pessoal do grupo Círculo Linguístico UFRGS.

À Livia Oushiro, pelas conversas animadoras, pela inspiração como profissional e pelo material compartilhado.

À CAPES, pela bolsa concedida durante meu curso de doutoramento no Brasil.

Ao CNPq, pela bolsa de estágio sanduíche concedida.

"Ao longo dessas páginas, ficará óbvio que minha dívida mais profunda é para com os muitos falantes do inglês que me convidaram às suas casas, compartilharam comigo suas varandas, suas esquinas de rua, seus bancos de praça, que se desviaram de outros afazeres para conversar, transformando suas próprias experiências em linguagem para o meu benefício. Somente uma parte do que aprendi com eles pode ser encontrada aqui. Mas espero que este trabalho reflita a infinita variedade da língua cotidiana e a grande satisfação de encontrar e gravar os usuários da língua. [. . .] O lingüista que entra no mundo só pode concluir que o ser humano é o herdeiro legítimo da estrutura incrivelmente complexa que nós agora estamos tentando analisar e compreender". (LABOV, 1972, p. 18)

Resumo

Nesta tese, tratamos da correlação entre dois fenômenos variáveis no português brasileiro (PB) em dados de fala da comunidade não urbana da Costa da Lagoa (Florianópolis – SC): (i) o de redução/desnasalização de ditongos nasais átonos finais – RED/DES (ordem ~ ordi; órgão ~ órgu; podem ~ podi, falam ~ falu) e (ii) o de marcação explícita de concordância verbal de terceira pessoa do plural – CVP6 (eles pedem ~ eles pedi, eles falam ~ eles falu). Nosso objetivo central é o de discutir, a partir dos pressupostos teórico- metodológicos da Teoria da Variação e Mudança (WLH, 1968; LABOV, 1972, 1994, 2001, 2010), e amparados pela Fonética Experimental, como esses dois fenômenos estão encaixados na matriz de concomitantes linguísticos e sociais da comunidade em exame. Os resultados de nossa análise indicam: (i) a intrínseca relação entre ambos os fenômenos em um subgrupo de formas verbais de terceira pessoa do plural, casos denominados por Guy (1981, 1996) de “dados ambíguos”, no qual não é possível, a partir da forma de *output*, identificar quando um ou o outro fenômeno se manifestaram; (ii) alterações significativas nos resultados referentes à marcação explícita de CVP6 ao excluirmos os casos de “dados ambíguos” das análises variacionistas realizadas; (iii) correlação entre ambos os fenômenos e o grau de escolaridade dos sujeitos – informantes mais escolarizados apresentam menores índices de RED/DES e maiores índices de marcação explícita de CVP6, tendência oposta à vislumbrada nos informantes com menor grau de instrução; (iv) correlação negativa moderada entre os fenômenos de RED/DES e marcação explícita de CVP6, tal qual evidenciada por Guy (1981, 1996) em dados de fala carioca – sujeitos que aplicam mais um fenômeno tendem a aplicar menos o outro. Além disso, com base no estudo acústico empreendido, nos resultados relativos à variável saliência fônica e nas correlações verificadas, ressaltamos a necessidade de se repensar a hierarquia de saliência fônica proposta por Naro (1981). Por fim, este trabalho sugere que o fenômeno de RED/DES é um fenômeno em mudança na comunidade investigada (mudança em tempo aparente), diferentemente do fenômeno de marcação explícita de CVP6, o qual estaria em variação estável.

Palavras-chaves: redução/desnasalização de ditongos nasais átonos finais, marcação explícita de CVP6, descrição

acústica dos ditongos e monotongos marcadores de CVP6,
encaixamento linguístico e social, saliência fônica.

Abstract

In this thesis, the correlation between two variable phenomena in Brazilian Portuguese (BP) in spoken data from the non-urban community in Costa da Lagoa (Florianópolis – Santa Catarina, Brazil) is addressed. The first phenomenon concerns the reduction/denasalization of final unstressed nasal diphthongs – RED/DES (from the Portuguese *redução/denasalização*) as in the examples: *ordem* ~ *ordi* ('order'); *órgão* ~ *órgu* ('organ'); *podem* ~ *podí* ('can', third person plural), *falam* ~ *falú* ('speak', third person plural). The second phenomenon addressed is explicit marking of verbal agreement for the third person plural – CVP6 (from the Portuguese *concordância verbal*), as in: *eles pedem* ~ *eles pedi* ('they ask'), *eles falam* ~ *eles falú* ('they speak'). Starting from the theoretical and methodological background of Language Variation and Change Theory (WLH, 1968; LABOV, 1972, 1994, 2001, 2010), and also supported by Experimental Phonetics, the main objective is to discuss how these two phenomena are embedded in the linguistic and social concomitants matrix of the community under study. The results of the analyses indicate: (i) the intrinsic relation between both phenomena in a subgroup of third person plural verb forms, referred by Guy (1981, 1996) as "ambiguous data", in which it is not possible, from the output form, to identify when a certain phenomenon or other has made itself manifest; (ii) significant changes in results related to CVP6 explicit marking when the "ambiguous data" cases were excluded from the variational analyses; (iii) the correlation between both phenomena and the level of schooling of the subjects – informants with more schooling present smaller rates of RED/DES and higher rates of CVP6 explicit marking, an opposing trend to the one seen in the informants with less schooling; (iv) moderate negative correlation between the RED/DES and CVP6 explicit marking phenomena, as evidenced by Guy (1981, 1996) in spoken carioca data – subjects that apply more a phenomenon tend to apply the other one less. Moreover, with basis on the acoustic study performed, the need to rethink the phonic salience hierarchy proposed by Naro (1981) is highlighted. Finally, this work suggests that the RED/DES phenomenon is a changing phenomenon in the community of the study (apparent time change), differently from the CVP6 explicit marking phenomenon, which would be in stable variation.

Key-words: reduction/denasalization of final unstressed nasal

diphthongs, CVP6 explicit marking, correlation, linguistic and social embedding, editoration.

Lista de ilustrações

- Figura 1 – Primeira proposta para a escala de saliência fônica 79
- Figura 2 – Escala de saliência em níveis - Adaptada de Naro (1981) 82
- Figura 3 – Índice percentual de redução de ditongos [˜ẽw] por frequência dos dados verbais nos tempos *presente do indicativo, pretérito perfeito e pretérito imperfeito* 126
- Figura 4 – A natureza dos fenômenos variáveis em exame (RED/DES e marcação explícita de CVP6) a partir da proposta de Romaine (1980) 141
- Figura 5 – Modelo de gramática da Fonologia Lexical [p.4] (KIPARSKY, 1982) 146
- Figura 6 – Resultados da correlação entre RED/DES e marcação explícita de CVP6 em dados de fala carioca (GUY, 2013, p. 67) ($r = -45$, $p < 0.05$) . . 166
- Figura 7 – Diagrama estático da produção da vogal [a] (à esquerda) e da vogal [ã] (à direita) Fonte: www.cefala.org 171
- Figura 8 – Oscilograma e espectrograma em banda larga da vogal [a] tônica – produção da palavra *ca|çam* 172
- Figura 9 – Oscilograma e espectrograma em banda larga da vogal [a] tônica – produção da palavra *abr|a|ngem* 173

Figura 10	–Valores médios de F1 x F2 plotados em espaço bidimensional de segmentos vocálicos tônicos do português de Florianópolis - linha grossa: vogais orais, linha fina: vogais nasais e nasais (linha fina) (SEARA; NUNES; LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2011, p.40)	174
Figura 11	–Valores médios de F1 x F2 plotados em espaço bidimensional de segmentos vocálicos tônicos do português de Florianópolis - linha grossa: vogais orais, linha fina: vogais nasais (SEARA; NUNES; LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2011, p.40) .	175
Figura 12	–Escala de saliência fônica na proposta de Naro (1981)	176
Figura 13	–Correlação acústico-articulatória das vogais do PB (valores formânticos)	178
Figura 14	–Transições formânticas – ditongos [aw] e [ej] . .	179
Figura 15	–Transições formânticas – ditongos [ēw̃] e [ēj̃] . .	180
Figura 16	–Exemplo de etiquetagem preliminar (forma verbal <i>querem</i>)	182
Figura 17	–Histograma da duração relativa (em valores percentuais) - análise com todos os dados	186
Figura 18	–Boxplot da distribuição geral dos dados de duração relativa - análise com todos os dados . .	186
Figura 19	–Captura de tela da etiquetagem de um dos dados sem a presença de segmentos vocálicos . .	187
Figura 20	–Histograma da duração relativa (em valores percentuais) - análise sem dados categóricos	189
Figura 21	–Boxplot da distribuição geral dos dados de duração relativa - análise sem dados categóricos .	190
Figura 22	–Boxplot - Duração relativa (%) <i>versus</i> realização do segmento-alvo (símbolos conforme apresentados na Tabela 29	191

Figura 23	-Boxplot - Duração relativa (%) <i>versus</i> flexão de número (símbolos conforme apresentados na Tabela 29	192
Figura 24	-Histograma da duração relativa (em valores percentuais) - análise com dados de realização [e]	194
Figura 25	-Boxplot - Duração relativa (%) <i>versus</i> flexão de número - análise com dados de realização [a]	195
Figura 26	-Histograma da duração relativa (em valores percentuais) - análise com dados de realização [i]	196
Figura 27	-Boxplot - Duração relativa (%) <i>versus</i> flexão de número - análise com dados de realização [i]	197
Figura 28	-Dados de montongo [e] (singular e plural) não normalizados	200
Figura 29	-Dados de montongo [e] (singular e plural) normalizados - método Lobanov	201
Figura 30	-Boxplot de distribuição dos valores de F1 em formas verbais singulares e plurais com terminação [e]	202
Figura 31	-Boxplot de distribuição dos valores de F2 em formas verbais singulares e plurais com terminação [e]	202
Figura 32	-Dados de montongo [i] (singular e plural) não normalizados	203
Figura 33	-Dados de montongo [i] (singular e plural) normalizados - método Lobanov	204
Figura 34	-Boxplot de distribuição dos valores de F1 em formas verbais singulares e plurais com terminação [i]	205
Figura 35	-Boxplot de distribuição dos valores de F2 em formas verbais singulares e plurais com terminação [i]	205

Figura 36 –Mapa da ilha de Florianópolis com localização exata da comunidade da Costa da Lagoa. Fonte: Google Maps	209
Figura 37 –Mapa da Costa da Lagoa e a subdivisão da localidade em cinco núcleos (Fonte: 1998, apud DIAS, 2001, p. 13)	210
Figura 38 –Fotos da comunidade da Costa da Lagoa (Crédito das imagens: a autora)	214
Figura 39 –Estratificação social (sexo, escolaridade e faixa etária) dos 24 sujeitos que compõem a Amostra Chaves (2016))	217
Figura 40 –Divisão dos itens lexicais em cinco grupos	230
Figura 41 –Índice, em valores probabilísticos (PR), de aplicação de RED/DES por faixa etária - Análise 2	241
Figura 42 –Gráfico do cruzamento entre os fatores das variáveis <i>faixa etária</i> e <i>escolaridade</i> em valores probalísticos: Análise 2	243
Figura 43 –Divisão dos itens lexicais em cinco grupos	259
Figura 44 –Realização fonética da marcação de CVP6 em formas verbais terminadas em ditongo nasal átono [awN]: Análise 1	263
Figura 45 –Realização fonética da marcação de CVP6 em formas verbais terminadas em ditongo nasal átono [ejN]: Análise 1	263
Figura 46 –Comparação entre as frequências de aplicação da marcação de CVP6 nas duas análises empreendidas: Análise 1 - com dados ambíguos, Análise 2: sem dados ambíguos	277
Figura 47 –Realização fonética da marcação de CVP6 em formas verbais terminadas em ditongo nasal átono [awN]: Análise 2	278

Figura 48	–Realização fonética da marcação de CVP6 em formas verbais terminadas em ditongo nasal átono [ejN]: Análise 2	278
Figura 49	–Cruzamento entre as variáveis <i>animacidade do sujeito e presença e localização do SN sujeito</i>	282
Figura 50	–Cruzamento entre as variáveis <i>animacidade do sujeito e tipologia verbal</i>	283
Figura 51	–Cruzamento entre os fatores das variáveis <i>animacidade do sujeito e tipologia verbal</i>	287
Figura 52	–Cruzamento entre os fatores das variáveis <i>escolaridade e saliência fônica</i>	289
Figura 53	–A estrutura do sistema vocálico de Nova Iorque de acordo com a variação estilística (LABOV, 1966, p.368)	298
Figura 54	–Correlação entre os fenômenos variáveis de concordância nominal e concordância verbal de terceira pessoa do plural em dados de fala carioca ($r=.59$, $p < 0.01$) (GUY, 2013, p.68)	299
Figura 55	–Correlação entre os fenômenos variáveis de apagamento de -s em posição de coda silábica e de desnasalização em dados de fala carioca ($r=.26$, $p > .28$) - correlação não significativa) (GUY, 2013, p. 68)	300
Figura 56	–Correlação entre os fenômenos variáveis de desnasalização (eixo x) e de marcação explícita de CVP6 (eixo y) em dados de fala carioca ($r=-.45$, $p < .05$) (GUY, 2013, p. 67)	301
Figura 57	–Correlação entre os fenômenos de queda de -s em final de palavra, desnasalização, marcação explícita de CV e marcação explícita de CN (GUY, 2013, p. 67)	302
Figura 58	–Fenômenos variáveis investigados por Oushiro (2015a)	303

Figura 59	–Resultados das co-variações (OUSHIRO, 2015b, p. 7)	304
Figura 60	–Resultados das covariações 2 (OUSHIRO, 2015b, p. 9)	305
Figura 61	–Correlação entre a aplicação de RED/DES (em peso relativo) e informantes (organizados em ordem ascendente de escolaridade): Análise 1 (r(22)=-.43, *p <0.05)	308
Figura 62	–Correlação entre a aplicação de RED/DES (em peso relativo) e informante (organizados em ordem ascendente de escolaridade): Análise 2 (r(22)=-.42, *p <0,05)	310
Figura 63	–Correlação entre a aplicação de CVP6 (em peso relativo) e informante (organizados em ordem ascendente de escolaridade): Análise 1 (r(22)=+.54, **p < 0,005)	312
Figura 64	–Correlação entre a aplicação de marcação de CVP6 (em peso relativo) e de aplicação de RED/DES: Análise 2 (r(22)=+.40, *p < 0,05)	314
Figura 65	–Correlação entre a aplicação de marcação de CVP6 (em peso relativo) e de aplicação de RED/DES por informante: Análise 1 (r(22)= -.50, *p < 0,05)316	
Figura 66	–Correlação entre a aplicação marcação de CVP6 (em peso relativo) e de aplicação de RED/DES por informante: Análise 2 (r(22)= -.43, *p < 0,05)317	
Figura 67	–Proposta de saliência fônica em níveis (Adaptada de Naro (1981, p. 75)	319
Figura 68	–Escala de saliência em níveis - Adaptada de Naro (1981, p.75)	320
Figura 69	–A realização fonética da marcação explícita da CVP6 (Figura adaptada de Naro (1981, p. 65)	321
Figura 70	–Cruzamento entre os fatores das variáveis <i>escolaridade</i> e <i>saliência fônica</i> (cf. Capítulo 4)	323

- Figura 71 –Mapeamento das possíveis realizações fonéticas da marcação explícita de CVP6 Chaves (2014) 325
- Figura 72 –Possíveis realizações fonéticas dos ditongos nasais átonos finais constantes em formas verbais de terceira pessoa do pretérito perfeito do indicativo (Fonte: Chaves (2014, p.544) 326

Lista de tabelas

Tabela 1 – Variáveis relevantes à queda da nasalidade . . .	47
Tabela 2 – Variáveis relevantes à queda da nasalidade . . .	52
Tabela 3 – Síntese das variáveis relevantes à queda da nasalidade	53
Tabela 4 – Variáveis relevantes à queda da nasalidade (BAT-TISTI, 2002)	56
Tabela 5 – Variáveis relevantes à queda da nasalidade . . .	60
Tabela 6 – Síntese das variáveis relevantes à queda da nasalidade	65
Tabela 7 – Variáveis relevantes à queda da nasalidade . . .	68
Tabela 8 – Síntese das variáveis relevantes à produção da variante oral	71
Tabela 9 – Resultados relativos à variável <i>frequência lexical</i> (GOMES; MESQUITA; FAGUNDES, 2013) .	73
Tabela 10 – Síntese das variáveis relevantes à marcação da CVP6	78
Tabela 11 – Síntese das variáveis relevantes à marcação explícita de CVP6	81
Tabela 12 – Síntese das variáveis relevantes à marcação da CVP6	83
Tabela 13 – Resultados referentes à variável saliência fônica – exclusão dos verbos “menos salientes” (categorias 1a e 1b (nível 1) da proposta escalar de Naro (1981)	85
Tabela 14 – Síntese das variáveis relevantes à marcação da CVP6	86
Tabela 15 – Síntese das variáveis relevantes	89
Tabela 16 – Síntese das variáveis relevantes	90
Tabela 17 – Síntese das variáveis relevantes	93
Tabela 18 – Síntese das variáveis relevantes	96

Tabela 19 – Síntese das variáveis relevantes à marcação da CVP6	99
Tabela 20 – Modelo neogramático <i>versus</i> modelo difusionista	117
Tabela 21 – Mudanças neogramáticas <i>versus</i> mudanças difusionistas (cf. Labov (1981)	120
Tabela 22 – Resultados relativos à variável classe da palavra	123
Tabela 23 – Frequência dos verbos considerados por Silva, Fonseca e Cantoni (2012) - Projeto ASPA	125
Tabela 24 – A redução/desnasalização e os modelos neogramático e difusionista	127
Tabela 25 – Tipologia das variáveis em termos de condicionamento linguístico e extralinguístico	136
Tabela 26 – Valores observados e valores estimados de aplicação de queda de -t e -d (Adaptado de Guy (1991, p. 10)	147
Tabela 27 – Distribuição fonética (%) da realização de /n/ em formas verbais - Adaptado de Poplack (1980, p.380)	153
Tabela 28 – Sub-amostra analisada (Banco Chaves)	181
Tabela 29 – Codificação <i>tier 1</i>	183
Tabela 30 – Cálculo empregado para medir o valor da duração relativa do segmento-alvo (%)	184
Tabela 31 – Distribuição dos dados em relação a sua terminação [ẽw̃] e [ẽj̃]	185
Tabela 32 – Distribuição dos dados em relação a sua terminação [ɪ] e α	185
Tabela 33 – Distribuição geral da duração relativa - análise com todos os dados	188
Tabela 34 – Distribuição dos dados em relação a sua terminação [ẽw̃] e [ẽj̃]	188

Tabela 35	–Distribuição dos dados em relação a sua terminação [i] e [a]	188
Tabela 36	–Distribuição geral da duração relativa - análise sem dados categóricos	190
Tabela 37	–Distribuição geral da duração relativa - análise com dados de realização [e]	194
Tabela 38	–Distribuição geral da duração relativa - análise com dados de realização [i]	197
Tabela 39	–Estratificação da Amostra: 24 informantes (Banco Chaves, 2016)	215
Tabela 40	–Levantamento dos dados: fenômeno de RED/DES e fenômeno de marcação explícita de CVP6 . . .	219
Tabela 41	–Codificação da variável dependente - fenômeno de RED/DES	221
Tabela 42	–Cálculo aplicado na delimitação dos critérios de divisão dos itens lexicais em cinco grupos de frequência (Corpus de referência: Projeto ASPA	229
Tabela 43	–Valores brutos e percentuais da aplicação e não aplicação do fenômeno de RED/DES: Análise 1	233
Tabela 44	–Efeito da variável <i>classe de palavra</i> sobre a aplicação do fenômeno de RED/DES: Análise 1	235
Tabela 45	–Efeito da variável <i>faixa etária</i> sobre a aplicação do fenômeno de RED/DES: Análise 1 . . .	235
Tabela 46	–Efeito da variável <i>contexto fonético precedente</i> sobre a aplicação do fenômeno de RED/DES: Análise 1	237
Tabela 47	–Efeito da variável <i>escolaridade</i> sobre a aplicação do fenômeno de RED/DES: Análise 1 . . .	237
Tabela 48	–Valores brutos e percentuais da aplicação e não aplicação do fenômeno de RED/DES: Análise 2	238

Tabela 49	–Efeito da variável <i>classe de palavra</i> sobre a aplicação do fenômeno de RED/DES: Análise 2	239
Tabela 50	–Efeito da variável <i>faixa etária</i> sobre a aplicação do fenômeno de RED/DES: Análise 2 . . .	240
Tabela 51	–Efeito da variável <i>contexto fonético precedente</i> sobre a aplicação do fenômeno de RED/DES: Análise 2	242
Tabela 52	–Efeito da variável <i>escolaridade</i> sobre a aplicação do fenômeno de RED/DES: Análise 2 . . .	242
Tabela 53	–Efeito da variável <i>tonicidade do contexto seguinte</i> sobre a aplicação do fenômeno de RED/DES: Análise 2	245
Tabela 54	–Cálculo aplicado para delimitar o critério de divisão dos itens lexicais em cinco grupos de frequência (Corpus de referência: ASPA	258
Tabela 55	–Valores brutos e percentuais da aplicação e não aplicação de marcação de CVP6: Análise 1	262
Tabela 56	–Efeito da variável <i>presença e localização do SN sujeito</i> sobre a ação da marcação explícita de CVP6: Análise 1	265
Tabela 57	–Efeito da variável <i>saliência fônica</i> sobre a ação da marcação explícita de CVP6: Análise 1 . . .	266
Tabela 58	–Resultados relativos à variável <i>saliência fônica</i> nos estudos de Monguilhott (2001), Monguilhott (2009)	267
Tabela 59	–Efeito da variável <i>animacidade do sujeito</i> sobre a ação da marcação explícita de CVP6: Análise 1	268
Tabela 60	–Efeito da variável <i>Paralelismo formal do SN expresso</i> sobre a ação da marcação explícita de CVP6: Análise 1	269
Tabela 61	–Efeito da variável <i>escolaridade</i> sobre a ação da marcação explícita de CVP6: Análise 1	269

Tabela 62	–Efeito da variável <i>tipologia verbal</i> sobre a ação da marcação explícita de CVP6: Análise 1	270
Tabela 63	–Efeito da variável <i>contexto fonético seguinte</i> sobre a ação da marcação explícita de CVP6: Análise 1	272
Tabela 64	–Efeito da variável <i>frequência do item lexical</i> sobre a ação da marcação explícita de CVP6: Análise 1	273
Tabela 65	–Efeito da variável <i>forma de realização do SN sujeito expreso</i> sobre a ação da marcação explícita de CVP6: Análise 1	274
Tabela 66	–Comparação da aplicação da marcação de CVP6 nas duas análises empreendidas: Análise 1 - com 'dados ambíguos', Análise 2: 'sem dados ambíguos'	277
Tabela 67	–Comparação entre Análise 1 (com 'dados ambíguos') e Análise 2 (sem 'dados ambíguos'): seleção e ordem das variáveis no nível <i>step up</i>	280
Tabela 68	–Efeito da variável <i>presença e localização do SN sujeito</i> sobre a ação da marcação explícita de CVP6 - Análise 2	281
Tabela 69	–Efeito da variável <i>animacidade</i> sobre a ação da marcação explícita de CVP6 - Análise 2	282
Tabela 70	–Efeito da variável <i>paralelismo formal do SN expreso</i> sobre a ação da marcação explícita de CVP6: Análise 2	284
Tabela 71	–Efeito da variável <i>saliência</i> sobre a ação da marcação explícita de CVP6 - Análise 2	285
Tabela 72	–Efeito da variável <i>tipologia verbal</i> sobre a ação da marcação explícita de CVP6 - Análise 2	286
Tabela 73	–Efeito da variável <i>escolaridade</i> sobre a ação da marcação explícita de CVP6 - Análise 2	288

Tabela 74	–Efeito da variável <i>forma de realização do SN sujeito expreso</i> sobre a ação da marcação explícita de CVP6 - Análise 2	290
Tabela 75	–Efeito da variável <i>frequência lexical</i> sobre a ação da marcação explícita de CVP6 - Análise 2	291
Tabela 76	–Valores (brutos, percentuais e probabilísticos)de aplicação de RED/DES por informantes (organizados em ordem ascendente de escolaridade): Análise 1	309
Tabela 77	–Valores (brutos, percentuais e probabilísticos)de aplicação de RED/DES por informantes (organizados em ordem ascendente de escolaridade): Análise 2	311
Tabela 78	–Valores (brutos, percentuais e probabilísticos) de aplicação de marcação explícita de CVP6 por informantes (organizados em ordem ascendente de escolaridade): Análise 1	313
Tabela 79	–Valores (brutos, percentuais e probabilísticos) de aplicação de marcação explícita de CVP6 por informantes (organizados em ordem ascendente de escolaridade): Análise 2	315
Tabela 80	–Efeito da variável <i>saliência</i> sobre a ação da marcação explícita de CVP6: Análise 2 (cf. Capítulo 4)	322
Tabela 81	–Resultados relativos à variável <i>saliência fônica</i> nos estudos de Monguilhott (2001) e Monguilhott (2009) (cf. Capítulo 5)	324

Lista de abreviaturas e siglas

CVP6	Concordância de terceira pessoa do plural (P6)
RED/DES	Redução do ditongo e desnasalização
PB	Português Brasileiro
CN	Concordância nominal
CV	Concordância verbal
TVM	Teoria da Variação e Mudança
RED	Redução do ditongo (monotongação)
DES	Desnasalização da vogal remanescente do ditongo nasal

Sumário

1	Introdução	37
2	Panorama dos fenômenos variáveis em estudo	43
2.1	RED/DES: estado da arte	44
2.1.1	RED/DES: estudos variacionistas	46
2.2	Marcação explícita da CVP6: estado da arte	76
2.3	Questões gerais: a intersecção entre RED/DES e a marcação explícita de CVP6	99
2.4	Objetivos, questões e hipóteses	102
2.5	Síntese	105
3	Variação e mudança aquém e além da fonologia	107
3.1	O estudo da variação/mudança sonora: do modelo comparativo à TVM	108
3.1.1	A RED/DES no PB: um fenômeno neogramático ou difusionista?	121
3.2	Variação/mudança acima e além da fonologia	128
3.2.1	A RED/DES e marcação explícita de CVP6 no PB: fenômenos para além da fonologia	138
3.2.2	Fenômenos morfofonológicos/morfossintáticos	142
3.2.2.1	A obliteração de -t e -d no inglês	143
3.2.2.2	A queda do /n/ morfêmico no espanhol	148
3.3	Intersecção entre RED/DES e marcação explícita de CVP6	157
3.4	Síntese	166
4	Análise Acústica	169
4.1	Os ditongos nasais no português	170

4.1.1	A nasalidade vocálica em dados do PB: características fonéticas	170
4.1.2	A configuração acústica dos ditongos nasais e suas formas variantes no português brasileiro	177
4.2	Metodologia	180
4.2.1	O <i>corpus</i> investigado e a configuração da amostra	180
4.2.2	As estratégias e os instrumentos de coleta	181
4.2.3	A etiquetagem dos dados	182
4.3	Análise duracional	184
4.3.1	Duração relativa e realização do segmento-alvo	191
4.3.2	Duração relativa e flexão de número	192
4.3.3	Comparação das terminações de verbos no plural e singular em terminação [ɐ]	193
4.3.4	Comparação das terminações de verbos no plural e singular em terminação [i]	196
4.4	Análise da qualidade vocálica	198
4.4.1	Análise 1: vogal [ɐ] em formas plurais <i>versus</i> vogal [ɐ] em formas singulares	199
4.4.2	Análise 2: vogal [i] em formas plurais <i>versus</i> vogal [i] em formas singulares	203
4.5	Síntese	206
5	Análise variacionista: RED/DES e marcação explícita de CVP6	207
5.1	Procedimentos metodológicos: a comunidade e as etapas de coleta, levantamento e codificação dos dados	208
5.1.1	A comunidade da Costa da Lagoa	208
5.1.2	Um breve relato sobre a etapa de coleta de dados	212

5.1.3	A amostra e os instrumentos de coleta e análise dos dados	215
5.1.4	O processo de levantamento dos dados . . .	218
5.2	O fenômeno variável de RED/DES: análise variacionista	219
5.2.1	Os dados: critérios de exclusão de dados e assimetria de distribuição entre dados com ditongo em exame	219
5.2.2	O fenômeno de RED/DES: envelope de variação	221
5.2.2.1	Variáveis independentes linguísticas	222
5.2.2.2	Variáveis independentes extralinguísticas	231
5.2.3	O fenômeno de RED/DES: Análise 1	233
5.2.4	O fenômeno de RED/DES: Análise 2	238
5.2.5	RED/DES: comparação entre as Análises 1 e 2	245
5.3	A marcação explícita de CVP6: análise variacionista	247
5.3.1	Critério de exclusão dos dados	247
5.3.2	O fenômeno de marcação explícita de CVP6: o envelope de variação	248
5.3.2.1	Variáveis independentes linguísticas	249
5.3.2.2	Variáveis independentes extralinguísticas	260
5.3.3	O fenômeno de marcação da CVP6: Análise 1	262
5.3.4	O fenômeno de marcação explícita de CVP6: Análise 2	275
5.3.5	Marcação de CVP6: comparação entre as Análises 1 e 2	292
5.4	Síntese	292

6	Estudo de correlação: RED/DES e marcação explícita de CVP6	295
----------	---	------------

6.1	O estudo correlação sociodialetal nos estudos sociolinguísticos	296
6.2	O teste de correlação de Pearson e a interpretação da força das correlações e sua significância estatística	306
6.3	Os fenômenos variáveis em estudo: uma análise de correlação por indivíduo	307
6.4	Correlação entre RED/DES (Análise 2) e marcação de CVP6 (Análise 2)	316
6.4.1	O imbricamento dos fenômenos variáveis em exame: a variável <i>saliência fônica</i>	318
6.5	Síntese	327
7	Considerações finais	329
	Referências	333
	Anexos	343
	ANEXO A Parecer Consubstanciado do CEP	345
	ANEXO B Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	347
	ANEXO C Roteiro de perguntas norteadoras dos inquéritos de fala	351
	C.1 Perguntas gerais	351
	C.2 Perguntas sobre avaliação e identidade ilhéu	353
	ANEXO D Itens lexicais por grupo: valores brutos	355
	ANEXO E Script utilizado na análise acústica	357

1 Introdução

Neste estudo, tratamos de dois fenômenos variáveis no português brasileiro (PB): (i) o de redução/desnasalização de ditongos nasais átonos finais (jov[ẽ̃j] ~ jov[ĩ] ~ jov[ɪ]; órg[ẽw̃] ~ órg[õ] ~ órg[ʊ]; com[ẽ̃j] ~ com[ĩ] ~ com[ɪ]; fal[ẽw̃] ~ fal[õ] ~ fal[ʊ]) e (ii) o de marcação explícita de concordância verbal de terceira pessoa do plural (eles comem ~ eles comeØ; eles cantaram ~ eles cantouØ). O processo de redução/desnasalização (RED/DES), conforme vislumbrado nos exemplos prévios, é um fenômeno de natureza fonético-fonológica que tem como alvo de sua aplicação os ditongos nasais átonos em posição de final de palavra, manifestando-se tanto em verbos (sab[ẽ̃j] ~ sab[ĩ] ~ sab[ɪ]; falav[ẽw̃] ~ falaav[õ] ~ falav[ʊ]) como em nomes (garag[ɪ] ~ garag[ĩ] / ~ garag[ɪ] ~ órg[ẽw̃] ~ órg[õ] ~ órg[ʊ]). A marcação explícita da concordância verbal de terceira pessoa (CVP6), por seu turno, é um fenômeno também variável, no entanto de cunho morfossintático, que atua exclusivamente em dados verbais (eles comem ~ eles comeØ, eles cantaram ~ eles cantouØ).

Em geral, tanto os estudos acerca do processo variável de RED/DES (VOTRE, 1978; BATTISTI, 2002; BOPP DA SILVA, 2005; SCHWINDT; BOPP DA SILVA, 2009; SCHWINDT; BOPP DA SILVA; QUADROS, 2012; SILVA; FONSECA; CANTONI, 2012; GOMES; MESQUITA; FAGUNDES, 2013) quanto os que tratam da marcação de CVP6 (LEMLE; NARO, 1977; NARO, 1981; GUY, 1981a; VIEIRA, 1997; SCHERRE; NARO, 1997; MONGUILHOTT, 2001; BARDEN, 2004; MONGUILHOTT, 2009) não têm levado em conta a relação intrínseca entre os dois fenômenos. Essa relação pode ser vislumbrada, a título de ilustração, em casos como “eles come”. Nessa ocorrência, não é possível afirmar, a partir dessa forma fonética superficial (eles com[ɪ]) se não

houve aplicação do fenômeno de marcação explícita de CVP6 (eles comeØ) ou se houve aplicação do processo de redução do ditongo - RED, seguida pela desnasalização da vogal - DES (eles com[ẽj] > aplicação de RED/DES > eles com[ɪ]).

Em virtude de a maior parte dos dados verbais de terceira pessoa apresentarem, na forma pluralizada, ditongos nasais átonos (falam, comem, dizem, cantaram), contexto favorável à aplicação de RED/DES, o imbricamento entre os dois fenômenos não é trivial, apesar de ter sido pouco explorado pela literatura¹. Ao identificar essa lacuna, assumimos como objeto de estudo, nesta tese, a possível correlação entre os fenômenos de RED/DES e de marcação explícita de CVP6 na fala de 24 informantes, habitantes da localidade não urbana da Costa da Lagoa - Florianópolis (SC). A escolha da localidade da Costa da Lagoa partiu dos resultados apresentados pelos estudos de [Schwindt e Bopp da Silva \(2009\)](#), os quais apontavam a cidade de Florianópolis como a cidade componente do Banco Varsul com índice percentual e probabilístico mais elevado de RED/DES, e de [Monguilhott \(2009\)](#), os quais indicaram a Costa, dentre as quatro comunidades de Florianópolis investigadas, como aquela que apresentava menores índices de marcação explícita de CVP6.

Com esse intuito, o presente estudo está fundamentado nos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança - TVM ([WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968](#); [LABOV, 1972](#); [LABOV, 1982, 1982](#); [LABOV, 1994b](#); [LABOV, 1994a](#); [LABOV, 2010](#)) e amparado pela Fonética Experimental. Nosso objetivo principal, com essa análise, portanto, é o de compreender como os dois fenômenos variáveis (RED/DES e marcação explícita de CVP6) estão interrelacionados ou, nos termos da TVM, como esses dois fenômenos estão encaixados na matriz de con-

¹ Apenas [Guy \(1981b\)](#), [Guy \(1996\)](#) e, mais recentemente, [Chaves \(2014\)](#) e [Schwindt \(2015\)](#) deram destaque à intrínseca relação entre ambos os fenômenos

comitantes linguísticos e sociais. Para isso, empreendemos três análises distintas: uma análise acústica, uma análise variacionista tradicional e uma análise variacionista de correlação. A seguir, apresentamos os objetivos específicos vinculados a cada uma das investigações:

(i) Análise acústica dos ditongos nasais átonos finais presentes em formas nominais e formas verbais de terceira pessoa (singular e plural): com essa análise, descrevemos o comportamento fonético detalhado dos ditongos nasais átonos. Com esse fim, levamos em conta parâmetros finos como duração e qualidade vocálica. Essa investigação nos auxilia: (a) na identificação precisa das diferentes realizações fonéticas dos ditongos, permitindo, assim, um refinamento das análises variacionistas subsequentes; (b) no provimento de pistas, em casos de formas superficiais ambíguas, como em "eles sab[ɪ]", se houve a aplicação do fenômeno de RED/DES ou se não houve aplicação do fenômeno de marcação de CVP6.

(ii) Análise variacionista dos fenômenos de RED/DES e de marcação de CVP6: a partir da identificação acústica das formas alternantes de produção dos ditongos nasais, empreendida com base na análise acústica anterior, pretendemos: (a) avaliar a distribuição das variantes fonéticas na aplicação dos dois fenômenos em exame; (b) verificar o papel desempenhado por variáveis de natureza linguística e social sobre os fenômenos em questão, sem levar em conta, em primeira instância, casos de *outputs convergentes*², que, segundo presumimos, enviam os resultados de ambas as análises.

(iii) Análise variacionista de correlação entre ambos os fenôme-

² Empregamos aqui a nomenclatura adotada por [Schwindt \(2015\)](#) para se referir a uma forma superficial idêntica que pode ser resultado de processos distintos, caracterizada, assim, como uma forma superficial ambígua. Trataremos desta questão com mais detalhamento no Capítulo 1.

nos investigados, levando em consideração o comportamento linguístico dos indivíduos, com vistas a explorar o encaixamento linguístico e social da RED/DES e da marcação explícita de CVP6.

(iv) Problematização da escala de saliência fônica com base nas análises prévias. De forma sucinta, buscamos, a partir das três análises realizadas, refletir sobre a escala de saliência fônica proposta por Naro (1981). Em linhas gerais, o grupo de fatores *saliência fônica* é uma variável que, pautada na distinção fônica entre formas singulares e plurais, estabelece uma hierarquia a qual caracteriza tais oposições entre formas como mais ou menos salientes. A nosso ver, essa variável, apontada pelos estudos que versam sobre a marcação explícita de CVP6 como um dos fatores mais relevantes no que diz respeito a ocorrência da variante marcada, sendo considerada inclusive como um princípio de ordem cognitiva - Princípio de Saliência Fônica (NARO; LEMLE, 1976; LEMLE; NARO, 1977; NARO, 1981; LABOV, 1994b; SCHERRE; NARO, 2014), merece ser revista. Julgamos necessária essa reflexão visto que índices inferiores de marcação de CV são verificados em formas rotuladas como "menos salientes" (sabe/sabem), formas suscetíveis à incidência, desse modo, tanto à ação do fenômeno de RED/DES como a não atuação do fenômeno de marcação explícita de CVP6.

Apresentados os objetivos desta tese, expomos, a seguir, como este trabalho se encontra organizado. No Capítulo 2, exibimos um panorama geral dos estudos que trataram dos processos variáveis de RED/DES e de marcação explícita de CVP6, assim como reflexões teóricas que se pautaram na intersecção entre ambos os fenômenos. Em seguida, apresentamos as questões e hipóteses que norteiam esta pesquisa. No Capítulo 3, discutiremos sobre os estudos de variação/mudança no âmbito da fonética/fonologia e da morfossintaxe, dando ênfase à aborda-

gem da TVM, adotada como fundamento teórico-metodológico deste estudo. No Capítulo 4, expomos uma análise acústica dos ditongos nasais átonos finais em dados de fala não urbana florianopolitana, pautada nos parâmetros fonéticos de duração relativa e qualidade vocálica. No Capítulo 5, por seu turno, exibimos as análises referentes aos fenômenos de RED/DES e de marcação explícita de CVP6. Por fim, no Capítulo 6, apresentamos uma análise de correlação entre os dois fenômenos, além de levantarmos alguns pontos, com base nos dados empíricos, a serem discutidos no que tange à variável saliência fônica.

2 Panorama dos fenômenos variáveis em estudo

Neste capítulo, apresentamos um panorama dos fenômenos variáveis analisados neste estudo: (i) o de RED/DES e (ii) o de marcação da concordância verbal de terceira pessoa do plural (marcação explícita de CVP6). Há uma vasta gama de estudos que abarcam tanto um fenômeno quanto o outro, em geral, em separado, sem considerar as possíveis relações existentes entre eles. Desse modo, privilegiamos, na revisão de literatura apresentada neste capítulo, apenas os trabalhos realizados em comunidades nas quais ambos os fenômenos já foram estudados. Consideramos os trabalhos sobre ambos os fenômenos realizados: (i) na capital do Rio de Janeiro (VOTRE, 1978; NARO; LEMLE, 1976; LEMLE; NARO, 1977; NARO, 1981; GUY, 1981a; VIEIRA, 1997; SCHERRE; NARO, 1997; GOMES; MESQUITA; FAGUNDES, 2013) e (ii) nas cidades que compõem o Banco de dados VARSUL (MONGUILHOTT, 2001; BATTISTI, 2002; BARDEN, 2004; BOPP DA SILVA, 2005; SCHWINDT; BOPP DA SILVA, 2009; MONGUILHOTT, 2009; SCHWINDT; BOPP DA SILVA; QUADROS, 2012).

Na seção 2.1, tratamos especificamente do processo de RED/DES. Na seção 2.2, abordamos o fenômeno de marcação explícita de CVP6. Na seção 2.3, refletimos teoricamente sobre questões relativas à intersecção entre a RED/DES e a marcação explícita de CVP6 no PB. Por fim, na seção 2.4, exploramos com mais detalhamento o objeto de investigação central deste trabalho, assim como as questões e hipóteses norteadoras desta pesquisa.

2.1 RED/DES: estado da arte

Conforme têm mostrado os estudos sociolinguísticos, dentre os quais podemos aludir os de [Votre \(1978\)](#), [Guy \(1981a\)](#), [Battisti \(2002\)](#), [Bopp da Silva \(2005\)](#), [Schwindt e Bopp da Silva \(2009\)](#), [Schwindt, Bopp da Silva e Quadros \(2012\)](#), [Gomes, Mesquita e Fagundes \(2013\)](#), o processo variável de redução de ditongos nasais e perda da nasalidade manifesta-se tanto em dados nominais (órgão ~ órgu, benção ~ bençu – ditongo nasal [ẽw̃], viagem ~ viagi – ditongo nasal [ẽj̃]) quanto em dados verbais (falam ~ falu – ditongo nasal [ẽw̃], comem ~ comi – ditongo nasal [ẽj̃]) do PB.

A nasalidade não é uma característica fonológica frequente nas línguas do mundo. Dentre as línguas românicas, apenas o francês e o português as apresentam. Nesse sentido, o fenômeno de desnasalização é, de certa forma, esperado. Segundo Sampson (1999, p. 28): "Como as vogais nasais representam tipos de vogais especiais e complexas, elas podem ser vistas como inerentemente menos estáveis, de modo que a tendência para eliminá-las é compreensível".¹

No que tange aos ditongos, há registros de que o latim apresentava apenas três, a saber: *ae*, *oe* e *au*. Conforme apontado por [Elia \(1979, p.167\)](#), os ditongos *ae* e *oe* sofreram redução na passagem para o português (*caelu* > céu; *poena* > pena). Já a passagem do ditongo *au* > *o* não se manifestou de forma generalizada. No português, por exemplo, ainda hoje, observamos formas alternantes como *louca* (ditongo) ~ *loca* (monotongo), por exemplo. Sendo assim, como podemos constatar, não há registro, no latim vulgar, da existência de ditongos nasais átonos, como os vislumbramos no português atualmente.

¹ Since nasal vowels represent special and complex vowel types, they may be seen as inherently less stable so that a tendency to eliminate them is understandable.

Conforme indicam as gramáticas históricas, os ditongos nasais entraram no léxico do português em virtude, principalmente, da queda da consoante intervocálica nasal. A perda de segmentos nasais, sejam consonânticos ou vocálicos, é um fenômeno constante na história do português (e das línguas românicas). Segundo Williams (1973, p. 92), a consoante -m em final de palavras sofreu queda nos primeiros estágios do português. Posterior à queda dessas consoantes, as vogais que as precediam tornaram-se nasalizadas. As consoantes longas nasais intervocálicas /mm/ e /nn/ sofreram encurtamento e, finalmente, em alguns contextos, a nasalização vocálica resultou da perda do /n/ intervocálico. Tal afirmação feita por Williams encontra respaldo também em Nunes (1969, p. 58). Nas palavras do autor:

Concorreu para a fusão das primitivas terminações do ditongo *ão* a preexistência do referido ditongo em camada mais antiga da linguagem, e oriundo de *n* intervocálico: *mão* (*m-ão* de *manu*), *cristão* (*cristã-o* de *Christianu*), *são* (*sã-o* de *sanu*), *vão* (*vã-o* de *vanu*), *chão* (*chã-o* de *planu*), *pagão* (*pagã-o* de *paganu*) e outros. Desta alteração escaparam *anno* e *panno*, vocábulos menos antigos, certamente em virtude da consoante geminada. Nas formas *pagãa*, *irmãa*, etc, pronunciou-se a princípio *-ã-a*, isto é, separando a desinência da vogal temática.

Além da queda da consoante 'n' intervocálica, outro fenômeno histórico, que data da passagem do latim vulgar para o português também merece nossa atenção: a queda da nasalidade vocálica em posição de final de palavra. De acordo com Nunes (1969, p. 57):

As vogais nasais procedem em geral de vogais puras que tomaram [...] a nasalidade de *m* ou *n*, desaparecendo a articulação destas consoantes. Observa-se o fenômeno nos monossilabos [...] *cum* (*com*), *sum* (*som*), mas não se verifica na

maior parte dos vocábulos que na língua-mãe se escreviam com m terminal, portanto, para tais casos já se havia dado a redução da pronúncia da consoante final.

Com base nessa retomada da história da língua, é possível verificar uma tendência anterior ao período de formação do português de queda/evitação de segmentos nasais no português. Essa tendência é verificada até hoje, especialmente nos ditongos nasais átonos do português nos quais a queda da nasalidade tem sido verificada variavelmente.

A seguir, apresentamos uma breve revisão de literatura dos estudos variacionistas que versaram sobre o processo de RED/DES em dados de fala do PB do final do século XX e início do século XXI.

2.1.1 RED/DES: estudos variacionistas

O primeiro estudo sociolinguístico – de que temos notícia – centrado na análise do comportamento variável dos ditongos nasais em dados do PB foi o de [Votre \(1978\)](#). O pesquisador, diferentemente das pesquisas subsequentes, as quais levaram em conta a queda da nasalidade como variável dependente, analisou a manutenção do traço nasal em dados de fala de 13 informantes cariocas (nove sujeitos em processo de alfabetização, três informantes universitários e um estudante com escolaridade equivalente ao que hoje rotulamos de Ensino Médio). Nessa análise, foram considerados tanto dados de ditongos nasais átonos (homem, órfão) como de ditongos nasais tônicos (alguém, são).²

As variáveis controladas por [Votre \(1978\)](#) foram: (i) *dimensão do vocábulo* (monossílabos, dissílabos e polissílabos); (ii)

² O estudo de [Votre \(1978\)](#) também foi o único estudo abordado nesta revisão a tratar de ditongos nasaisônico e átono.

classe morfológica (substantivos, pretérito, advérbio, não pretérito); (iii) *contexto precedente* ([±alto], [±retraído] e [±nasal]); (iv) *vogal simultânea à nasalidade* (vogais [+altas] e vogais [-altas]); (v) *tonicidade* (ditongo átono e ditongo tônico); (vi) *contexto seguinte* (consoante, pausa e vogal) – variáveis linguísticas; (vi) *sexo* (feminino e masculino); (vii) *idade* (mais velhos e mais jovens); (viii) *escolaridade* (alfabetizando e universitários) – variáveis extralinguísticas.

Após a submissão dos dados à análise estatística, no que diz respeito à manutenção da nasalidade, o autor verificou efeito superior das variáveis linguísticas em relação ao das variáveis extralinguísticas. A seguir, apresentamos uma leitura voltada para os fatores colaboradores da desnasalização (fatores que não se mostraram favorecedores, portanto, da manutenção da nasalidade na análise empreendida por [Votre \(1978\)](#)), com o intuito de compará-los, posteriormente, aos resultados dos demais estudos. A Tabela 1, a seguir, apresenta os resultados atingidos por [Votre \(1978\)](#).

Tabela 1: Variáveis relevantes à queda da nasalidade

Variáveis linguísticas	
(i) dimensão do vocábulo	dissílabos (ca.sam)
	polissílabos (ca.ma.ra.da.gem)
(ii) classe morfológica	advérbio (ontem, não)
	não pretérito (bebem, jogam)
(iii) contexto precedente	[+ alto] (jogam)
	[+coronal] (coram)
	[- retraído] (mentem)
	[+ nasal] (amam)
(iv) vogal simultânea à nasalidade	[+ alta] (assim)
(v) tonicidade	átono (viagem)
(vi) contexto seguinte	vogal (falam alto)
Variáveis extralinguísticas	
(i) idade	mais jovens
(ii) escolaridade	alfabetizando

Fonte: Adaptado de [Votre \(1978\)](#).

Em relação ao grupo de fatores *dimensão do vocábulo*, verificou-se uma tendência à queda da nasalidade diretamente proporcional ao número de sílabas da palavra: palavras monos-

sílabas (não ~ nu) mostraram-se menos susceptíveis à atuação da regra de desnasalização do que palavras com duas sílabas ou mais (che.ga.ram ~ che.ga.ru). No que tange à variável *classe morfológica*, assim como hipotetizado por [Votre \(1978\)](#), a desnasalização foi verificada em maior grau em formas em que a nasalidade desempenhava exclusivamente função fonêmica, isto é, quando a aplicação do processo não resultava em perda de informação morfológica. No que toca ao grupo de fatores *contexto precedente*, os segmentos [+ altos] (viagem ~ viagi, ficam ~ ficu) foram identificados por [Votre \(1978, p.165\)](#) como contextos “hostis” à manutenção da nasalidade. A hipótese aventada previamente pelo autor, de que as consoantes nasais em contexto precedente contribuiriam para a manutenção da nasalidade, no entanto, não foi atestada. Verificou-se, nesses casos, uma tendência oposta: altos índices de redução da nasalidade. Já em relação à variável *tonicidade*³, o autor aponta que a desnasalização foi verificada quase que categoricamente em ambientes átonos (homem ~ homi). Para o grupo de fatores *vogal simultânea*, por seu turno, [Votre](#) indicou que as vogais altas (assim ~ assi) apresentaram índices superiores de desnasalização se comparadas a vogais não altas (amam ~ ama). Por fim, em relação ao grupo de fatores *contexto fonológico seguinte*, as vogais situadas após os ditongos (falam alto ~ falu alto) contribuíram para o apagamento da nasalidade.

No que diz respeito à atuação dos grupos de fatores extralinguísticos, [Votre \(1978\)](#) aponta as seguintes variáveis como influenciadoras da queda da nasalidade: (a) *faixa etária* – os jovens desnasalizaram com mais frequência e (b) *escolaridade* – a nasalidade foi obliterada com maior constância entre os menos escolarizados (alfabetizando).

Podemos ressaltar dois pontos relevantes na análise de [Vo-](#)

³ A desnasalização, em contexto tônico, foi vislumbrada, no estudo de [Votre \(1978\)](#) quase categoricamente em dados da palavra “não” (eles ‘nu’ vai).

tre (1978), aos quais daremos destaque ao longo de toda esta tese: (i) a hipótese funcional, levantada pelo autor, no grupo de fatores *classe morfológica* e (ii) os resultados relativos à variável linguística *contexto seguinte*. Em relação a (i), o autor se pauta na crença de que a nasalidade seria preservada em maior escala em ambientes em que desempenhasse função morfêmica (em dados verbais portanto). Já em relação a (ii), ao identificar que as vogais seriam menos propícias à preservação da nasalidade (portanto, favorecedoras da desnasalização), *Votre* (1978) não leva em conta a possível influência de processos, também variáveis, de sândi externo sobre os dados em análise (*Fal[a]lto*, por exemplo).

Em estudo subsequente, *Guy* (1981a)⁴, a partir de um total de sete horas de gravação de entrevistas conduzidas com 20 sujeitos cariocas em processo de alfabetização ao projeto de pesquisa Competências Básicas do Português (LEMLE; NARO, 1977), desenvolve sua análise do processo de desnasalização de ditongos nasais. O pesquisador restringiu-se apenas aos ditongos átonos, assumindo os resultados de *Votre* (1978), os quais indicaram que o acento, localizado nos ditongos nasais, é de uma restrição quase categórica à queda da nasalidade: ditongos tônicos são praticamente intocáveis pela ação da desnasalização.

As variáveis controladas pelo pesquisador foram: (i) *contexto precedente* (nasal, consoante palatal e demais consoantes), (ii) *qualidade da vogal* (posterior e anterior), (iii) *contexto seguinte* (vogal, vogal nasal, pausa, consoante nasal e demais consoantes); (iv) *classe de palavra* (verbos e não verbos) – variáveis linguísticas; (v) *sexo* (feminino e masculino), (vi) *faixa etária* (adolescentes, jovens adultos e mais velhos) – variáveis extralinguísticas; (vii) *estilo do discurso* (informal e cuidado) – variável

⁴ O estudo de *Guy* (1981a) considerou todos os informantes que já haviam sido analisados por *Votre* (1978).

estilística.

Em relação à variável *contexto precedente*, diferentemente dos resultados apresentados por [Votre \(1978\)](#), as nasais desfavoreceram a desnasalização. [Guy \(1981a\)](#), entretanto, identificou, na análise de [Votre \(1978\)](#), um problema que poderia estar enviesando os resultados: uma extensa parte dos dados de desnasalização presentes no *corpus* investigado por [Votre](#), correspondentes a ditongos tônicos, eram do item lexical "não", que, em alguns momentos (eu não vou ~ eu nu vou), era interpretado como clítico, o que, segundo [Guy \(1981a, p.208-209\)](#), tornava o item lexical átono. Conforme [Guy \(1981a\)](#), dados de redução da nasalidade em sentenças como "eu vou não"(*eu vo nu), nos quais a palavra "não" ocupa a posição de final da sentença, posição sobre a qual incide o acento frasal no português, não foram encontrados. Já que o autor havia tomado, como ponto de partida, apenas casos em que o ditongo nasal é átono – dados do item "não", desse modo, foram excluídos. Por outro lado, da mesma forma ao que foi verificado no trabalho de [Votre \(1978\)](#), as consoantes palatais e velares, situadas em ambiente precedente ao ditongo (viagem ~ viagi, passagem ~ passagi), mostraram-se favorecedoras da queda da nasalidade. No que toca à variável *qualidade da vogal*, os ditongos posteriores (ôrgão ~ órgu) colaboraram com a elisão do traço nasal.

Em relação ao grupo de fatores *contexto seguinte*, [Guy \(1981a\)](#) confirmou sua suposição prévia de que quando o ditongo-alvo fosse seguido de um segmento oral – vogal ou consoante (cantam amanhã, falam calmamente) – haveria uma maior probabilidade de desnasalização do que quando fossem seguidos por segmentos nasais (vogal ou consoantes nasais). O fator pausa, por seu turno, apresentou peso probabilístico intermediário, não desempenhando, assim, papel na aplicação/não aplicação do fenômeno.

No que tange à variável *classe da palavra*, o autor excluiu,

em uma primeira rodada, os dados em que a nasalização era a única responsável pela distinção entre formas verbais singulares e plurais (come/comem, fala/falam)⁵, dados que haviam sido considerados por [Votre \(1978\)](#) e que, segundo [Guy](#), deveriam ter sido excluídos, visto que em tais casos não é possível delimitar se houve de fato desnasalização ou se a regra de concordância não foi aplicada (eles comi, eles sabi). O autor, ao realizar a primeira rodada considerando dois fatores, verbos e não verbos, sem levar em conta os dados rotulados por ele de “regulares” (verbos chamados de ‘menos salientes’ pela literatura que trata do fenômeno de marcação explícita de CVP6), não encontra diferença estatisticamente relevante entre os grupos (0,49 e 0,51, respectivamente). Em seguida, em uma segunda rodada, [Guy](#) faz uma nova divisão: não verbos, pretéritos e um grupo composto por três formas verbais (querem, fazem e dizem), verbos considerados, nos termos do autor, de verbos “sincronicamente irregulares” (querem – quer, e não quere*, por exemplo). Ao fazer esse novo rearranjo dos fatores, [Guy](#) encontra os seguintes resultados: os não verbos e os pretéritos se mostraram cooperadores da desnasalização enquanto os demais verbos querem, fazem e dizem não desempenharam papel relevante no processo de queda da nasalidade.

Na etapa subsequente, [Guy \(1981a\)](#) investigou os verbos que haviam sido excluídos da análise anterior. Os resultados dessa nova investigação apontaram que a taxa de formas superficiais sem nasalidade equivale a 85% (índice chamado por [Guy](#) de “taxa aparente de desnasalização”). A Tabela 2 ilustra as análises empreendidas opondo exclusão de verbos regulares *versus* inclusão de verbos regulares, no que se refere aos grupos de fatores *contexto precedente* e *contexto seguinte*.

⁵ A literatura sobre a marcação explícita de CVP6 nomeia esses casos em que há pouca diferença entre formas verbais singulares e plurais de formas verbais menos salientes. Rotulamos, neste texto, alguns desses casos como *outputs convergentes*, assim como [Schwindt \(2015\)](#). Daremos mais destaque a essa questão na Seção 2.3

Tabela 2: Variáveis relevantes à queda da nasalidade

Variáveis	Fatores	Exclusão dos verbos regulares	Inclusão dos verbos regulares
contexto precedente	nasal	0,25	0,30
	consoante palatal	0,76	0,66
	outras consoantes	0,49	0,49
	vogais	*	0,56
contexto seguinte	vogal oral	0,76	0,71
	consoante oral	0,64	0,58
	pausa	0,45	0,42
	vogal nasal	0,38	0,42
	consoante nasal	0,26	0,36

Fonte: Adaptado de [Guy \(1981a\)](#).

A partir dos resultados constantes na Tabela 2, observamos, ao estabelecer uma comparação entre as duas análises, uma alteração no peso dos fatores de cada uma das variáveis sobre o processo de desnasalização. A consoante palatal em contexto seguinte ao ditongo-alvo, por exemplo, parece influenciar muito mais a queda da nasalidade em casos em que a única explicação para tal queda é a incidência do processo fonológico. No que se refere ao *contexto seguinte*, verificamos que os contextos orais (vogais e consoantes) também parecem ter mais efeito sobre o processo de desnasalização quando os verbos regulares são excluídos. Em suma, é possível alegar que, nos dados em que a “aparente desnasalização” pode ser resultado tanto da aplicação da desnasalização como da não marcação de concordância, o peso das variáveis fonológicas diminui, o que revela, de fato, que há dados, no conjunto dos verbos rotulados por [Guy \(1981a\)](#) como ‘regulares’, de não aplicação da marcação explícita de CVP6 (e não exclusivamente da manifestação de RED/DES dos ditongos-alvo).

Em relação às variáveis extralinguísticas, mostraram-se favorecedoras à desnasalização: *estilo* - estilo casual (0,52), *sexo* - homens (0,61) e *faixa etária* - mais velhos (0,57). Guy, observando a distribuição etária das formas em variação, não vislumbra uma mudança em progresso, apontando que o fenômeno seria um processo em variação estável na fala menos escolarizada

carioca. Por fim, em relação à variável *sexo*, Guy verifica que a manutenção da nasalidade é uma característica feminina, já que as mulheres preservam a nasalidade em cerca de 60% dos dados. As variáveis apontadas por Guy (1981a) como relevantes à desnasalização encontram-se elencadas na Tabela 3.

Tabela 3: Síntese das variáveis relevantes à queda da nasalidade

Variáveis linguísticas	
(i) contexto precedente	palatais (viagem) velares (ficam)
(ii) qualidade da vogal	posterior (órfão)
(iii) contexto seguinte	consoante oral (falam calmamente) vogal oral (cantam amanhã)
(iv) classe de palavra	não verbos (ontem) pretéritos (ficavam)
Variáveis extralinguísticas	
(vii) sexo	feminino
(vii) idade	adultos velhos
Variável estilística	
(viii) estilo	casual

Fonte: Adaptado de Guy (1981a).

A atuação do processo variável de desnasalização de ditongos nasais átonos finais em dados do Sul do Brasil foi investigada pela primeira vez por Battisti (2002). A autora analisou o processo de redução da nasalidade em ditongos nasais átonos finais em dados de 90 entrevistas componentes da amostra base do banco VARSUL. Os sujeitos foram estratificados por sexo (45 homens, 45 mulheres), região (Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina – 30 de cada estado) e escolaridade (de zero a quatro, de cinco a oito e de nove a 12 anos).

Sete foram as variáveis estipuladas como possíveis condicionadoras da regra de manutenção da nasalidade, a saber: (i) *segmento em posição de onset silábico* (onset vazio, consoante nasal, consoante não nasal anterior e consoante não nasal posterior); (ii) *contexto seguinte* (nasal, não nasal, vogal e pausa); (iii) *vogal do ditongo* (vogal /a/, vogal /e/ e vogal /o/); (iv) *classe de palavra* (verbo, substantivo, advérbio, adjetivo e nomes terminados em -gem) – variáveis linguísticas; (v) *locali-*

dade geográfica (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul); (v) *escolaridade* (de zero a quatro anos, de cinco a oito anos e de nove a 12 anos), (vi) *sexo* (feminino e masculino) – variáveis extralinguísticas. Em termos percentuais, o índice global de queda da nasalidade nos dados de Battisti (2002) foi de 43%. Todos os grupos de fatores linguísticos controlados pela pesquisadora apresentaram relevância estatística. A ordem de seleção das variáveis foi: (i) *localização geográfica*; (ii) *classe de palavra*; (iii) *contexto fonológico seguinte*; (iv) *vogal do ditongo*; (v) *escolaridade* e (vi) *sexo*.

Em relação à *localização geográfica*, o estado de Santa Catarina foi o único que apresentou índice probabilístico que denota favorecimento da queda da nasalidade. Apesar de essa ter sido a variável apontada como a mais relevante, a autora apenas constata que a regra de desnasalização estaria mais difundida em Santa Catarina do que nos demais estados investigados, sem apresentar, contudo, uma justificativa para o índice encontrado.

No que toca à variável *classe de palavra*, os resultados foram de que nomes terminados em *-gem* e nomes em geral (amalgama dos fatores adjetivo, advérbio e substantivo) favoreceram a obliteração da nasalidade. Segundo Battisti (2002), esses resultados revelam uma oposição considerável entre dados nominais e verbais. Tal resultado vai na mesma direção de Votre (1978), o qual havia concluído que o traço de nasalidade era apagado essencialmente quando não carregava informação morfêmica. No entanto, é necessário frisar que, na análise empreendida por Battisti (2002), não houve a exclusão dos verbos ‘menos salientes’ – verbos em que a forma superficial desnasalizada poderia ser resultado também da não aplicação do fenômeno de CVP6, conforme apontado por Guy (1981a). Segundo a interpretação da autora, a distinção entre verbos no tempo pretérito e verbos no tempo não pretérito, apontada pela aná-

lise estatística como relevante, indicaria que o apagamento da nasalidade ocorre com maior frequência em formas verbais pretéritas (fizeram ~ fizeru) visto que essa forma flexionada carrega “algum tipo de redundância que permite o apagamento” (BATTISTI, 2002, p.195).

Já em relação à variável *contexto precedente*, as consoantes não nasais posteriores (jogam ~ jogu) e as consoantes não nasais anteriores (hifen ~ hifi) favoreceram a queda da nasalidade. Segundo Battisti (2002), é possível verificar, com bases nesses resultados, uma grande diferença entre as palavras que apresentavam onset silábico (ho.mem) daquelas que não apresentavam (i. Øam). Nas palavras da autora: “quando há consoante antes do ditongo, tal tendência [de redução da nasalidade] é baixa.” (BATTISTI, 2002, p.195).

No que diz respeito ao *contexto seguinte*, apenas as vogais mostraram-se colaboradoras do apagamento da nasalidade (jovi amigo). Battisti (2002), apesar de não controlar a variável tonicidade do contexto seguinte, sugere que a atonicidade das vogais posteriores ao ditongo poderia estar interferindo fortemente sobre esses resultados, já que, em um exame subsequente, a autora verificou que a redução se deu com maior frequência quando o ditongo nasal era seguido por vogal átona, como, por exemplo, na sequência “foram agora”, produzida como (forwa). (góra). A autora, com base nesses indícios, sugere que estudos futuros controlem a tonicidade dos segmentos consecutivos aos ditongos-alvo, a fim de corroborar ou não sua premissa.

Em relação às variáveis extralinguísticas, os três fatores da variável *escolaridade*, na primeira análise, apresentaram os seguintes pesos relativos: de zero a quatro anos (0,54), de cinco a oito anos (0,51), de nove a 12 anos (0,45). Assim como hipotetizado por Battisti (2002), os informantes com menor grau de escolaridade apresentaram maiores valores probabilísticos em relação à aplicação da regra de desnasalização. Verifica-se,

nos resultados exibidos, uma relação inversamente proporcional entre escolaridade e redução da nasalidade: quanto maior o grau de instrução, menor o grau de aplicação do fenômeno. Entretanto, em virtude de os valores probabilísticos serem muito próximos, em uma segunda rodada, a autora optou em amalgamar alguns dos fatores, criando assim uma oposição entre menos escolarizados (até oito anos) e mais escolarizados (de nove a 12 anos). De acordo com Battisti, em virtude de os valores não terem assumido uma polaridade, nessa nova análise, a escolaridade não estaria, de fato, exercendo influência direta sobre o fenômeno em exame, como havia suposto previamente.

No tocante à variável *sexo*, os homens apresentaram um pequeno favorecimento da desnasalização em relação às mulheres. Na mesma direção de Guy (1981a), Battisti (2002) assume a hipótese de que as mulheres mostram-se mais sensíveis ao prestígio do que os homens, o que, segundo a autora, seria a razão pela qual a nasalidade é mantida com mais frequência por informantes do sexo feminino. Os resultados gerais atingidos por Battisti (2002) encontram-se dispostos na Tabela 4.

Tabela 4: Variáveis relevantes à queda da nasalidade (BATTISTI, 2002)

Variáveis	1ª rodada	2ª rodada
(i) localização geográfica	SC	SC
(iii) classe de palavra	advérbio (ontem)	nomes em -gem (bagagem)
	nome em -gem (bagagem)	nomes (homem)
(iii) consoante no onset	substantivo (homem)	
	consoante não nasal posterior (jogam)	consoante não nasal posterior (jogam)
(iv) vogal do ditongo	consoante não nasal anterior (item)	consoante não nasal anterior (item)
	vogal /e/ (homem)	-
(v) contexto seguinte	vogal /a/ (benção)	
	vogal (jovem amigo)	vogal (jovem, amigo)
(vi) escolaridade	de 0 a 4 anos	-
	de 5 a 8 anos	-
(vii) sexo	homens	homens

Fonte: Adaptado de Battisti (2002).

Já o estudo de [Bopp da Silva \(2005\)](#) buscou analisar o processo de redução da nasalidade em ditongos átonos finais na fala de 48 informantes gaúchos bilíngues (Panambi) e monolíngues (Porto Alegre), a partir de entrevistas que também compõem a amostra base do banco VARSUL. Na amostra investigada, a frequência global de aplicação do fenômeno foi de 31%, valor inferior ao encontrado por [Battisti \(2002\)](#), de 45%. Tal índice revela uma preferência pela manutenção das formas nasalizadas nas duas comunidades em exame.

As variáveis independentes controladas pela autora foram as seguintes: (i) *preservação do ditongo nasal* (ditongo nasal preservado e ditongo nasal reduzido); (ii) *vogal do ditongo* (vogal /a/, vogal /e/ e vogal /o/); (iii) *contexto precedente* (presença de onset e ausência de onset); (iv) *consoante do onset* (nasal, não nasal anterior e não nasal posterior); (v) *contexto seguinte* (consoante nasal, consoante não nasal, pausa e vogal); (vi) *tonicidade do contexto seguinte* (tônico iniciado por vogal, átono iniciado por vogal, tônico iniciado por consoante, átono iniciado por consoante e pausa); (vii) *classe da palavra* (verbo, substantivo, advérbio, adjetivo e nomes terminados em -gem) – variáveis linguísticas; (viii) *idade* (mais velhos – até 50 anos – e mais jovens – acima de 50 anos); (ix) *escolaridade* (de 0 a 4 anos e de 9 a 12 anos); (x) *bilinguismo* (falante de zona bilíngue e falante de zona monolíngue).

As variáveis apontadas como estatisticamente significativas à supressão da nasalidade foram: (i) *bilinguismo*; (ii) *contexto seguinte*; (iii) *consoante no onset*; (iv) *escolaridade*; (v) *classe de palavra* e (vi) *tonicidade do contexto seguinte*.

O grupo de fatores que se mostrou mais relevante à obliteração da nasalidade foi o rotulado de *bilinguismo*: os falantes monolíngues (oriundos de Porto Alegre) apresentaram favorecimento do processo de desnasalização. Conforme a autora, falantes do alemão e do português, enquadrados no fator bilin-

gues, poderiam estar mantendo a nasalidade por duas razões: (i) em virtude de o traço nasal ser saliente na aquisição do português, já que o inventário vocálico alemão não dispõe de vogais nasais; (ii) em virtude de no processo de aquisição do português a língua escrita ser tomada como padrão.

No que se refere à segunda variável elencada como colaboradora da desnasalização, *contexto seguinte*, as vogais situadas imediatamente após o ditongo-alvo (homem aqui ~ homi aqui) mostraram-se estatisticamente significativas com respeito à aplicação do fenômeno. Todos os demais contextos (pausa, consoante não nasal e consoante oral) não se mostraram relevantes.

No que tange ao papel desempenhado pela *consoante em posição de onset*, Bopp da Silva (2005) verificou a significância dos fatores consoante nasal (amam) e consoante não nasal anterior (estudam). Os resultados expressos divergem dos encontrados em Battisti (2002), os quais indicavam as consoantes não nasais anteriores (item) e posteriores (jogam) como favorecedoras da desnasalização. No entanto, em consonância com os achados de Battisti (2002), sílabas sem presença de onset (i.Øam, ca.Øem) preservaram, com mais frequência, a nasalidade.

Em relação à variável *escolaridade*, quarta variável selecionada, foram os sujeitos menos escolarizados (de zero a 4 anos de estudo) os que mostraram maiores índices de queda de nasalidade (35% em contraposição ao índice de 27% referente aos mais escolarizados) e peso relativo favorecedor à aplicação do fenômeno. Esse resultado vai na mesma direção do estudo de Votre (1978), o qual apontou os falantes menos escolarizados, no caso alfabetizando do projeto Mobral, como aqueles que aplicavam o fenômeno de forma mais significativa. Diante dos resultados comuns, apontados pelas pesquisas de Votre (1978) e Bopp da Silva (2005), podemos conjecturar que o fenômeno de

redução do ditongo e queda da nasalidade, apesar de aparentemente não apresentar avaliação social, apresenta estratificação em níveis de escolaridade. Como ambas as pesquisas indicam, apesar de os sujeitos não avaliarem formas reduzidas como "positivas" ou "negativas", observa-se tendência à manutenção da nasalidade (e conseqüentemente do ditongo), na fala de sujeitos com maior grau de instrução, e à queda da nasalidade na fala de sujeitos menos escolarizados.

Já no tocante à variável *classe de palavra*, observou-se um comportamento bastante diferenciado entre as formas verbais e nominais. Os fatores 'nomes terminados em sufixo -gem' (sacnagem, bobagem) e 'nomes com -gem na raiz' (vagem) mostraram-se colaboradores do apagamento da nasalidade, enquanto formas verbais (fazem, fizessem) não desempenharam papel relevante na desnasalização. Os resultados apresentados vão ao encontro dos divulgados por Battisti (2002), estudo que também havia apontado os nomes terminados em sufixo -gem como altamente favorecedores dos processos de redução e desnasalização. Além disso, o contraste entre formas nominais e verbais, verificado também nos trabalhos de Votre (1978) e Battisti (2002), segundo a autora, revela que há uma tendência de preservação da nasalidade em formas verbais já que, nesses casos, a nasal carrega informações morfológicas, diferentemente dos dados nominais.

Em relação ao grupo de fatores *idade*, foram os sujeitos mais jovens os que apresentaram maiores índices de aplicação do processo e peso relativo indicador de favorecimento no que diz respeito à redução do ditongo e queda da nasalidade. Tal fato indica, segundo Bopp da Silva (2005), que o fenômeno de desnasalização é um processo inovador no PB. Por fim, a última variável apontada como significativa pela análise multidimensional foi a *tonicidade do contexto seguinte*. Conforme já previa Battisti (2002), a qual havia sugerido o controle dessa variável

em estudos subsequentes, o contexto vocálico átono seguinte ao ditongo-alvo (trabalharam aqui) colaborou com a queda da nasalidade no estudo de [Bopp da Silva \(2005\)](#). [Battisti \(2002\)](#) percebeu, sem contanto contabilizar, que havia em seus dados uma tendência à queda da nasalidade principalmente quando o ditongo nasal átono final era seguido pelo contexto seguinte vocálico átono – o que levava a um processo de elisão via ditongação (forwa).(góra).

Desse modo, de forma sistemática, as variáveis que se mostraram relevantes à aplicação do processo de desnasalização, no trabalho de [Bopp da Silva \(2005\)](#), encontram-se elencadas na Tabela 5.

Tabela 5: Variáveis relevantes à queda da nasalidade

Variáveis	Fatores
(i) bilinguismo	falantes monolíngues
(ii) contexto seguinte	vogais (homem aqui ~ homi aqui)
(iii) consoante do onset	consoante nasal (amam)
	consoante não nasal anterior (estudam)
(iv) escolaridade	de zero a quatro anos
(v) classe de palavra	nomes terminados em -gem (viagem)
	nomes (homem)
(vi) tonicidade do contexto seguinte	átono iniciado por vogal (trabalham aqui)

Fonte: Adaptado de [Bopp da Silva \(2005\)](#).

No estudo de [Schwindt e Bopp da Silva \(2009\)](#), os autores realizaram uma análise contrapondo, assim como nos trabalhos prévios, a preservação da nasalidade em ditongos nasais átonos finais à redução da nasalidade. A queda da nasalidade foi investigada em 9.313 dados, extraídos de 192 inquéritos de fala de todas as localidades que compõem a amostra base do banco de dados VARSUL. Cabe destacar que neste trabalho os autores acrescentaram dados aos já codificados anteriormente por [Battisti \(2002\)](#) e [Bopp da Silva \(2005\)](#). Os informantes fo-

ram estratificados segundo a localidade geográfica (Porto Alegre, São Borja, Panambi, Flores da Cunha – RS; Florianópolis, Blumenau, Chapecó, Lages – SC; Curitiba, Londrina, Pato Branco, Irati – PR) , a idade (de 25 a 50 anos e acima de 50 anos) e a escolaridade (de zero a quatro anos e de nove a 12 anos).

Os grupos de fatores, linguísticos e extralinguísticos, analisados pelos pesquisadores foram: (i) *classe de palavra* (nomes com –gem na raiz, nomes com sufixo –gem, nomes e verbos); (ii) *consoante do onset* (consoante nasal, consoante não nasal posterior, consoante nasal anterior e onset vazio), (iii) *tonicidade do contexto seguinte* (átona e tônica), (iv) *contexto fonológico seguinte* (vogal, consoante não nasal, pausa e consoante nasal) – variáveis linguísticas; (v) *localização geográfica* (Porto Alegre, São Borja, Panambi, Flores da Cunha – RS; Florianópolis, Chapecó, Blumenau, Lages – SC, Curitiba, Panambi, Pato Branco, Londrina – PR); (vi) *idade* (de 25 a 50 anos e 51 anos ou mais); (vii) *escolaridade* (de zero a quatro anos e de 9 a 12 anos) – variáveis extralinguísticas.

Os resultados indicaram todas as variáveis controladas como estatisticamente relevantes à redução da nasalidade, na seguinte ordem de seleção: (i) *localização geográfica*, (ii) *classe de palavra*, (iii) *contexto seguinte*, (iv) *idade*, (v) *escolaridade*, (vi) *consoante do onset*, (vi) *tonicidade do contexto seguinte*.

No que se refere ao grupo de fatores *localização geográfica*, assim como sugerido por [Battisti \(2002\)](#), [Schwindt e Bopp da Silva \(2009\)](#) analisam cada uma das cidades que compõem a amostra VARSUL separadamente. Dentre as localidades investigadas, Florianópolis foi a que apresentou índices probabilísticos mais significativos de desnasalização (0,84), seguida por Lages (0,65) e Porto Alegre (0,53). Tais resultados estão em conformidade com os resultados divulgados por [Battisti \(2002\)](#), a qual havia apontado o estado de SC como aquele que apresenta taxas mais elevadas de desnasalização. Segundo [Schwindt e Bopp](#)

da Silva (2009), uma possível explicação para a distribuição do processo nas localidades em exame seria a de que as cidades que apresentaram menores valores probabilísticos de aplicação da regra teriam tido influência de outras línguas, “[...]revelando uma tendência preservadora da modalidade padrão”, como apontou Bopp da Silva (2005) para Panambi, região de bilinguismos alemão/ português.

Em relação à variável *classe de palavra*, na primeira análise, foram controlados três fatores: a) nomes terminados em –gem, b) nomes (em geral), c) verbos. Os resultados relativos a essa primeira rodada apontaram que os nomes em –gem (viagem, bagagem, sacanagem) seriam mais susceptíveis à queda da nasalidade, seguido pelos nomes em geral (homem, item). As formas verbais, por seu turno, não se mostraram favorecedores da redução da nasalidade. Sendo assim, nessa primeira análise, verificou-se, novamente, uma preferência à aplicação da regra a dados nominais. Assim como Battisti (2002), Schwindt e Bopp da Silva (2009) apresentaram uma justificativa de caráter funcional para tais evidências:

A maior aplicação do processo em nomes do que em verbos permite identificar uma tendência de manutenção da informação morfológica presente na terminação verbal nasal, uma vez que se trata de uma informação flexional; o que não se observa nos nomes. (SCHWINDT; BOPP DA SILVA, 2009, p.20).

Em uma segunda rodada, a análise foi refinada com a exclusão de alguns dados e com o desmembramento dos fatores componentes da variável *classe de palavra*, que passou a contar com os seguintes fatores: nomes com sufixo –gem (reciclagem), nomes com –gem na raiz (origem), nomes (nuvem), pretérito perfeito do indicativo (cantaram), pretérito imperfeito do subjuntivo (cantassem), presente do indicativo (cantam), presente do subjuntivo (cantem), futuro do pretérito do indicativo (cantariam),

imperativo (cantem), pretérito imperfeito do indicativo (cantavam), infinitivo pessoal (cantarem) e futuro do subjuntivo (cantarem). Tais decisões metodológicas foram tomadas em virtude: (i) da verificação de que determinados itens lexicais (homem, jovem, viagem, origem) eram muito frequentes no *corpus* – a repetição desses nomes punha em xeque a aplicação da regra de redução: a regra estaria sendo aplicada ou seria apenas reflexo de uma palavra já lexicalizada sem a presença da nasalidade?; (ii) a necessidade de controlar as diversas formas verbais encontradas, com o intuito de explorar a hipótese de que haveria uma tendência a não aplicar o processo em formas que, ao serem reduzidas, se neutralizam com outras formas não reduzidas (eles compr[u] = eu compr[u]).

A exclusão dos dados nominais supracitados não alterou os resultados previamente atingidos. Já no que tange à observação da aplicação da regra de redução da nasalidade nos diversos tempos e modos verbais, não foi observada, diferentemente do que havia sido conjecturado previamente, uma resistência à redução da nasalidade nos verbos susceptíveis à neutralização.

Os fatores nomes terminados em sufixo – gem (sacagem) e nomes com – gem na raiz (bagagem), assim como pontuam os pesquisadores, não apresentaram diferenças em termos de valores probabilísticos (0,81 e 0,79 respectivamente). Tal constatação foi destacada por [Schwindt e Bopp da Silva \(2009\)](#) como um indicio de que o contexto precedente palatal atue com mais força, nesses casos, do que o sufixo em questão. Entretanto, como neste estudo o contexto precedente foi mensurado em função do modo articulatorio, tal hipótese não pode ser confirmada/refutada; o sufixo – gem poderia ser de base lexical, isto é, “o sufixo – gem poderia apresentar uma variação infiltrada no sistema, apontando para um padrão alomórfico (–gem/–ge) que se estenderia paradigmaticamente a formas não sufixadas”, como por exemplo, em ‘garagem/ garage’. ([SCHWINDT; BOPP](#)

DA SILVA, 2009, p.24).

De forma distinta à análise anterior, em que o fator “verbos” não se mostrou favorecer à aplicação da desnasalização, os resultados dessa segunda investigação, empreendida com o desmembramento das formas em seus respectivos tempos e modos verbais, apontaram uma correlação positiva entre queda da nasalidade e as formas do pretérito perfeito do indicativo (eles falaram ~ eles falar[_o]/eles falar[_õ]). No que toca à variável *contexto seguinte*, de forma análoga aos resultados encontrados por Battisti (2002), as vogais foram apontadas como colaboradoras da redução da nasalidade enquanto os demais contextos não se mostraram favorecedores da aplicação da regra.

No que se refere ao grupo de fatores *idade*, assim como apontado pelos estudos de Votre (1978) e Bopp da Silva (2005), os informantes rotulados na categoria de ‘mais jovens’ (de 25 a 50 anos) apresentaram valor probabilístico de aplicação da regra superior aos informantes enquadrados na categoria ‘mais velhos’. Já no que diz respeito à *escolaridade*, em consonância com os resultados de Votre (1978) e Battisti (2002), os falantes menos escolarizados (até quatro anos) foram os que apresentaram pesos relativos superiores de aplicação da regra. Segundo os autores:

Sua explicação, possivelmente, está no fato de que fenômenos fonológicos dessa natureza, ainda que operem abaixo do nível de consciência, podem sofrer algum tipo de controle na escrita, que vai aos poucos retroalimentando a língua falada e fazendo com que os falantes mais escolarizados preservem determinadas estruturas fonológicas. (SCHWINDT; BOPP DA SILVA, 2009)

Em relação à variável *consoante no onset*, de forma análoga ao que foi vislumbrado por Bopp da Silva (2005) as consoantes nasais (comem) e as consoantes não nasais posteriores

(ficam) mostraram-se favorecedoras da redução da nasalidade. Segundo [Schwindt e Bopp da Silva \(2009\)](#), o favorecimento da redução quando os ditongos são precedidos por nasais pode “estar sinalizando para algum tipo de ‘evitação’ da sequência de nasais na mesma sílaba.” ([SCHWINDT; BOPP DA SILVA, 2009](#), p.27). Além disso, assim como [Battisti \(2002\)](#) e [Bopp da Silva \(2005\)](#), os autores também observaram uma diferença radical no comportamento de ditongos precedidos ou não por *onset*: a queda da nasalidade ocorreu, nos dados em exame, essencialmente quando havia um segmento em posição de *onset* silábico. Finalizando, no que se refere à variável *tonicidade do contexto seguinte*, em conformidade com os resultados de [Bopp da Silva \(2005\)](#), o contexto átono favoreceu a obliteração da nasalidade. Ao realizar um cruzamento entre as variáveis *contexto seguinte* e *tonicidade do contexto seguinte*, os pesquisadores vislumbraram a seguinte ordem de favorecimento da redução da nasalidade: (i)vogais átonas e (ii) vogais tônicas.

Tabela 6: Síntese das variáveis relevantes à queda da nasalidade

Variáveis	Fatores	
(i) localização geográfica	Florianópolis	
	Lages	
	Porto Alegre	
(ii) classe de palavra	Rodada 1	
	nomes com -gem camaradagem, origem)	nomes com sufixo -gem (camaradagem)
	nomes (homem)	nomes com -gem na raiz (origem)
		verbos no pretérito perfeito do indicativo (cantaram)
(iii) contexto seguinte	vogais (falam alemão)	
(iv) idade	mais jovens (de 25-50 anos)	
(v) escolaridade	menos escolarizados (até 4 anos de estudo)	
(vi) consoante no onset	nasais (amam)	
	consoantes não nasais posteriores (ficam)	
(vii) tonicidade do contexto seguinte	átona (vieram morar)	

Fonte: Adaptado de [Schwindt e Bopp da Silva \(2009\)](#).

Diferentemente dos demais trabalhos, uma reanálise dos dados já investigados foi proposta por Battisti (2002), Bopp da Silva (2005) e Schwindt e Bopp da Silva (2009) foi proposta por Schwindt, Bopp da Silva e Quadros (2012), levando em conta os grupos de fatores: (i) *classe de palavra*, (ii) *consoante do onset*, (iii) *contexto seguinte*, (iv) *tonicidade do contexto seguinte*, (v) *localização geográfica*, (vi) *sexo* e (vii) *expressão do sujeito*. Nesse estudo, foram exibidos apenas os resultados relativos às variáveis *classe de palavra* e *expressão do sujeito*. Os fatores componentes de cada uma dessas variáveis são: (i) *classe de palavra* (rodada 1 – nomes, nomes em –gem e verbos; rodada 2 – nomes com sufixo –gem, nomes com –gem na raiz, nomes, pretérito perfeito do indicativo, pretérito imperfeito do subjuntivo, presente do indicativo, presente do subjuntivo, futuro do pretérito do indicativo, imperativo, pretérito imperfeito do indicativo, infinitivo pessoal e futuro do subjuntivo), (ii) *expressão do sujeito* (sujeito expreso, sujeito inexpresso).

Os resultados relativos à primeira rodada, no que tange à variável *classe de palavra*, indicaram, assim como já evidenciado pelos estudos anteriores (BATTISTI, 2002; BOPP DA SILVA, 2005; SCHWINDT; BOPP DA SILVA, 2009), que a desnasalização incide essencialmente sobre os nomes. Ao desmembrar o grupo de fatores, a fim de verificar se a desnasalização não se manifestaria em verbos em que a perda da nasal implica perda das distinções número-pessoais (eles fic[u] ~ eu fic[u], por exemplo), os fatores apontados como favorecedores da desnasalização foram: nomes com sufixo –gem (reciclagem), nomes com –gem na raiz (origem), nomes (homem), pretérito perfeito do indicativo (cantaram). A partir desses resultados, os autores constataram, em conformidade com o que havia sido vislumbrado no estudo de Bopp da Silva (2005), que formas neutralizáveis (pretérito imperfeito do subjuntivo, presente do indicativo, presente do subjuntivo e imperativo) não se mostraram

mais resistentes à desnasalização do que formas não neutralizáveis. Além disso, cabe destacar que, assim como já havia sido mencionado por [Schwindt \(2012\)](#), o sufixo -gem não desempenha papel relevante na aplicação do fenômeno, mas sim o fato de o contexto precedente ser uma palatal, visto que o índice de aplicação em formas terminadas em gem e formas terminadas em sufixo -gem é praticamente o mesmo.

Outro ponto destacado pelos pesquisadores, nessa estudo, é o fato de que o tempo verbal que apresentou índices mais elevados de desnasalização foi o pretérito perfeito do indicativo (cantaram ~ cantarú). Nesse tempo verbal, diferentemente dos outros controlados, a nasalidade não é o único mecanismo fonético de marcação mórfica de terceira pessoa do plural, fato que nos levaria a pensar que a desnasalização se manifestaria preferencialmente em dados nos quais não haja a possibilidade de perda de informação morfológica. Nesse sentido, [Schwindt, Bopp da Silva e Quadros \(2012\)](#) sugerem uma aproximação entre os dados do pretérito perfeito do indicativo e de formas nominais.

Já a análise que levou em conta a variável *expressão do sujeito* tinha como objetivo atestar/refutar a hipótese de que, nos tempos neutralizáveis, a desnasalização operaria apenas quando o sujeito se encontrava expresso. Essa conjectura foi confirmada, no entanto, não apenas para tempos neutralizáveis: “Quando existe sujeito fonologicamente expresso, que carregue essa informação [informação número-pessoal], a nasalidade pode ser apagada mais livremente” ([SCHWINDT; BOPP DA SILVA; QUADROS, 2012](#), p.358). De forma sucinta, a [Tabela 7](#) sintetiza os resultados divulgados pelos pesquisadores:

De volta a dados de fala carioca, o trabalho de [Gomes, Mesquita e Fagundes \(2013\)](#) propuseram-se a: (i) revisar o comportamento dos ditongos nasais átonos finais na fala do Rio de Janeiro, estudado previamente por [Votre \(1978\)](#) - o qual

Tabela 7: Variáveis relevantes à queda da nasalidade

Variáveis	Fatores
classe de palavra	nomes com sufixo -gem (camaradagem)
	nomes com -gem na raiz (origem)
	verbos no pretérito perfeito do indicativo (cantaram)
expressão do sujeito	sujeito expresso (Eles saem)

Fonte: Adaptado de Schwindt, Bopp da Silva e Quadros (2012).

apontava para uma mudança em progresso no sentido da perda da nasalidade - e por Guy (1981a) - o qual indicava que a realização das variantes orais do ditongo (homi, dizi) caracterizariam um processo em variação estável; e (ii) investigar o papel das restrições contextuais, classicamente controladas por estudos variacionistas, além do papel da frequência lexical no que diz respeito à variante oral. Para isso, as autoras associaram a proposta da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1994b; LABOV, 1994a; LABOV, 2010) à da Fonologia do Uso (BYBEE, 2001; BYBEE, 2010; PIERREHUMBERT, 2003; FOULKES; DOCHERTY, 2006)⁶

Os dados analisados pelas autoras correspondem à fala de 12 falantes, subamostra selecionada de forma "semi-aleatória" da Amostra Censo do Programa de Estudos do Uso da Língua (PEUL)⁷. As entrevistas que compõem a Amostra Censo do PEUL

⁶ Merece nota a nomenclatura utilizada pelas autoras para designar os fenômenos em estudo. De maneira distinta aos trabalhos revisados até aqui, Gomes, Mesquita e Fagundes (2013), ao se remeterem à variável dependente do estudo, fazem uso dos termos 'variante oral' e 'variante nasal' em vez de adotarem os termos 'variante reduzida e desnasalizada' e 'variante nasalizada', respectivamente. A opção por essa nomenclatura reflete a teoria da Fonologia do Uso (BYBEE, 2001; BYBEE, 2010; PIERREHUMBERT, 2003) a qual vê a gramática como emergente. Em outros termos, segundo a proposta, formas como "garagi" não seriam resquícios de um processo de redução do ditongo e posterior queda da nasalidade. Em outras palavras, casos como esse, classicamente denominados de formas reduzidas e desnasalizadas, segundo a Teoria do Uso, seriam codificadas diretamente na memória como monotongos, sem sofrer ação de nenhum processo.

⁷ Mais informações sobre o PEUL encontram-se disponíveis em: <http://www.lettras.ufrj.br/peul/>.

foram coletadas nos moldes labovianos no ano de 2000, com o intuito de replicar os mesmos procedimentos metodológicos de coleta empreendidos na Amostra Censo PEUL 1980, a fim de investigar possíveis mudanças em progresso na mesma comunidade de fala. No total, a Amostra Censo 2000 é constituída por 32 sujeitos estratificados em termos de escolaridade, sexo e faixa etária. Desse universo, [Gomes, Mesquita e Fagundes \(2013\)](#) escolheram, portanto, 12 entrevistas, buscando atender a alguns critérios de estratificação social: três níveis de escolaridade (de um a quatro anos, de cinco a oito anos e de nove a 11 anos), quatro níveis etários (de sete a 14 anos, de 15 a 25 anos, de 26 a 49 anos e acima de 50 anos).

A crítica direcionada aos outros estudos prévios, no que tange à falta de informações sobre como as rodadas foram realizadas, não pode ser feita ao estudo de [Gomes, Mesquita e Fagundes \(2013\)](#), no qual as autoras deixam bem claro, ao apresentar o envelope de variação como a variável dependente binária foi estabelecida. Nas palavras das autoras:

Na variedade do Rio de Janeiro, o ditongo nasal final átono alterna com vogal nasalizada e vogal oral, especialmente nos casos que o ditongo faz parte da marca morfológica de número e pessoa, como em *fizeram* – *fizerum* – *fizeru*. Na análise aqui apresentada, a variação foi tratada como binária opondo as realizações nasais à variante oral. (GOMES; MESQUITA; FAGUNDES, 2013, p.163)

É importante destacar que as autoras, em virtude do que assumiram ser uma possível interferência do fenômeno de marcação explícita de concordância verbal (variante marcada e variante não marcada de CVP6) sobre as realizações nasais ou orais, excluíram desta análise casos em que a realização da variante oral produziria um dado superficial de forma não marcada - casos considerados ambíguos para [Guy \(1981a\)](#) e [Guy](#)

(1996) e denominados por [Schwindt \(2015\)](#) de *outputs convergentes*. Desse modo, as autoras consideraram, neste estudo, dados nominais e dados em que, segundo elas, o emprego da variante não marcada não pudesse ser influenciado pela aplicação/não aplicação do fenômeno variável de marcação explícita de CVP6. Diante dessa constatação, nossa expectativa era a de que apenas dados como (eles comem/eles comi) fossem ser extraídos da amostra. Por outro lado, pelo que podemos depreender do texto, dados como (eles falam/eles falou, eles dizem/eles diz), nos quais consideramos que mesmo com a aplicação da RED/DES a marca de concordância se mantém, foram desconsiderados. Extraímos essa informação do trecho: “No entanto, foram encontrados somente casos de pretérito perfeito na amostra pesquisada, já que não houve ocorrências de formas de subjuntivo que se enquadram no critério de inclusão.” ([GOMES; MESQUITA; FAGUNDES, 2013](#))

A partir dos critérios apresentados previamente, um estudo de oitava foi realizado. Duas auxiliares de pesquisa fizeram a checagem dos dados e, nos casos em que houve discordância sobre a forma, os dados foram eliminados (o que ocorreu em apenas 1% da amostra). As variáveis linguísticas consideradas nesse trabalho foram: (i) *contexto seguinte*; (ii) *vogal núcleo do ditongo*; (iii) *distância da sílaba tônica seguinte*; (iv) *tamanho do item lexical*; (v) *status morfológico*; (vi) *frequência lexical* e (vii) *informante* - sendo essas duas últimas variáveis aleatórias. No que tange às variáveis extralinguísticas, foram levadas em conta: (i) *sexo*; (ii) *escolaridade* e (iii) *idade*.

A análise estatística dos dados foi realizada no programa Rbrul ([JOHNSON, 2009](#)), pacote que permite realizar uma análise similar a do programa Goldvarb X (e outras versões do pacote VARBRUL), com o adicional de permitir a inclusão de variáveis aninhadas (*random effect*), como no caso desse estudo os grupos de fatores *frequência lexical* e *informante*.

Os resultados, em termos de frequência global de aplicação da variante oral, no total de 322 dados analisados por [Gomes, Mesquita e Fagundes \(2013\)](#), foi de 45% (145/322). As variáveis apontadas como relevantes foram: *frequência lexical* - variável linguística e *escolaridade e idade* - variáveis extralinguísticas. Causa estranhamento, no entanto, a tabela apresentada pelas autoras, na qual os resultados referentes à variável independente linguística *distância da sílaba tônica seguinte* também se encontram expressos. Exibimos, na Tabela 8, uma adaptação do quadro apresentado pelas autoras.

Tabela 8: Síntese das variáveis relevantes à produção da variante oral

Variáveis	Apl./Total	%	PR
Escolaridade			
1 a 4 anos	77/132	58	0,720
5 a 8 anos	43/87	50	0,620
9 a 11 anos	27/103	26	0,163
Idade			
15 a 25 anos	56/129	43	0,336
26 a 49 anos	39/71	54	0,789
acima de 50 anos	52/122	42	0,491
Distância da sílaba tônica seguinte			
sílaba seguinte tônica	17/35	36	0,191
1 sílaba	57/137	40	0,497
2 sílabas	40/88	47	0,666
3 sílabas ou mais	33/62	55	0,683
Total	143/322	45	

Fonte: Adaptado de [Gomes, Mesquita e Fagundes \(2013\)](#).

Segundo os dados expostos, no que tange especificamente aos grupos de fatores extralinguísticos, em relação à variável *escolaridade*, observa-se uma tendência ao uso da variante oral dos ditongos nasais átonos finais na fala dos informantes com Ensino Fundamental, sendo que aqueles com menor grau de escolaridade (de um a quatro anos de instrução formal) fazem ainda uso mais significativo da variante oral. No que diz respeito à faixa etária, variável que merece destaque no estudo, visto que as autoras buscavam, com esta análise, verificar se haveria uma mudança em curso na comunidade analisada, não indica

nenhuma mudança: a faixa etária intermediária (de 26 a 49 anos) é a que apresenta maior peso relativo (PR: 0.789), fato que sugere a estabilidade do processo fonológico na comunidade, assim como já apontado por [Guy \(1981a\)](#), para a fala de sujeitos em processo de alfabetização.

Já em relação aos grupos de fatores linguísticos, os resultados relativos à variável *distância da sílaba tônica seguinte*, conforme interpretação das autoras, indicam uma possível associação: quanto maior for a distância do contexto-alvo de uma sílaba tônica posterior, maior a probabilidade de manifestação da variante oral. Tal fato pode ser confirmado se observarmos um aumento crescente tanto dos números percentuais assim como dos valores probabilísticos. Esses resultados vão na mesma direção do estudo de [Votre \(1978\)](#). Cabe aqui relatar que essa variável não foi controlada pelos estudos variacionistas subsequentes aos de [Votre \(1978\)](#), conforme podemos constatar nesta revisão. Acreditamos que [Battisti \(2002\)](#) percebe um efeito prosódico sobre os dados ao sugerir que os estudos posteriores levassem em conta a variável *tonicidade do contexto seguinte*, no entanto, essa é apenas uma especulação já que a arquitetura da variável sofreu alterações significativas.

Por fim, no que se refere aos resultados da variável *frequência lexical*, os quais buscavam dar conta do objetivo (ii) desse estudo, as autoras narraram que a variável foi a primeira a ser selecionada pelo programa Rbrul. Expomos a seguir, as palavras com mais de três ocorrências no *corpus* investigado.

Tabela 9: Resultados relativos à variável *frequência lexical* (GOMES; MESQUITA; FAGUNDES, 2013)

Item lexical	Frequência	%	PR
passagem	8	87	0,872
homem	68	73	0,862
viagem	3	33	0,645
jovem	25	12	0,178
ontem	14	7	0,257
jovens	3	0	-
jardinagem	6	0	-
compraram	3	100	0,865
falaram	5	100	0,845
fizeram	9	67	0,674
deram	4	75	0,663
conheceram	4	50	0,585
pegaram	5	60	0,543
tentaram	4	50	0,482
começaram	19	36	0,472
tiveram	4	0	0,401
vieram	4	25	0,391
deixaram	4	50	0,388
ficaram	5	20	0,363
levantaram	11	36	0,329
botaram	8	25	0,286
apertaram	3	0	0,223
foram	16	6	0,207

Fonte: A autora.

Cabe destacar aqui que, nos resultados apresentados previamente, as autoras não consultaram nenhum *corpus* externo em específico para avaliar a frequência das palavras. Gomes, Mesquita e Fagundes (2013) usaram, naquele momento momento, como parâmetro para contabilizar a frequência, o número de ocorrências das palavras dentro do próprio *corpus* examinado. No entanto, como esses dados não são significativos, visto que contemplam a fala de apenas 12 falantes, as autoras recorreram ao computo de frequência em um *corpus* externo⁸. Desse *corpus* consultado, as pesquisadoras apresentam apenas a ocorrência global (em termos brutos) de poucos itens lexicais, a saber: nomes - homem (17.758), jovens (8.519), jovem (3.040), jardinagem (19); verbos - fizeram (5.875), falaram (467), deram

⁸ Disponível em: <http://corpusbrasileiro.pucsp.br>. Acesso em: 5 de setembro de 2016

(2.324), botaram (58), foram (58). As autoras, no entanto, não deixam clara a razão pela qual a frequência de apenas alguns dos itens lexicais identificados na entrevista foram checadas. Apesar de assumirem que esse se trata de um estudo-piloto, julgamos que o objetivo de verificar os efeitos exercidos pela frequência lexical sobre a forma oralizada do ditongo não foi alcançado. O que se viu foi apenas uma análise descritiva dos efeitos de alguns itens, sem validação dos resultados por meio de nenhum teste estatístico, o que torna os resultados apresentados questionáveis. As autoras, no entanto, afirmam que:

Esse estudo piloto fornece evidências para que se considere não só a importância do item lexical no estudo da variação sonora, como também se considere o comportamento do item lexical para verificar os processos de mudança.

A associação verificada foi a de que os itens lexicais mais frequentes no *corpus* em exame foram aqueles que apresentaram maior incidência da forma vocálica oral. O caso referido mais enfaticamente foi o do item lexical *homem*, palavra com índice de realização oralizada de 72% (49/68), taxa bastante significativa se comparada à taxa global de aplicação do fenômeno na comunidade carioca investigada, correspondente a 45%. As pesquisadoras sugerem, assim, que a forma 'homi' já estaria, de certa forma, lexicalizada na mente de muitos indivíduos. Sendo assim, as autoras apresentam um cruzamento da ocorrência da vogal final em palavras canonicamente terminadas em ditongo nasal átono final entre informante e o item lexical 'homem'. Em alguns casos, observa-se índice categórico ou quase-categórico de aplicação da forma oralizada.

Desse modo, as autoras sugerem que, mesmo que o fenômeno variável de RED/DES esteja sendo apontado como um fenômeno em variação estável pela maioria dos estudos (GUY, 1981a; BATTISTI, 2002; BOPP DA SILVA, 2005; SCHWINDT;

BOPP DA SILVA, 2009), haveria indícios de que uma mudança, no sentido da variante oral, via léxico (difusão lexical) estaria operando na língua. Segundo as pesquisadoras (GOMES; MESQUITA; FAGUNDES, 2013, p. 168): "Essa distribuição, tomada apenas como indicativa, remete ao fato de que diversos aspectos do uso, além da frequência, podem concorrer para que um item lexical esteja mais propício a ser afetado por uma mudança sonora".

Após a revisão de estudos que trataram do fenômeno de RED/DES, apresentamos, na próxima seção, o estado da arte de estudos acerca da marcação explícita da CVP6.

2.2 Marcação explícita da CVP6: estado da arte

O uso variável da concordância entre sujeito/verbo de terceira pessoa do plural no PB é um fenômeno de interface que associa sintaxe, morfologia, fonética e fonologia. O fenômeno está relacionado à sintaxe e à morfologia visto que a regra de concordância canônica (variante marcada) requer flexão concomitante dos elementos do sintagma nominal sujeito e dos elementos do sintagma verbal – ele falava, singular/ eles falavam, plural. Ao mesmo tempo, associa-se à fonética/fonologia pois muitas das formas verbais de terceira pessoa do plural apresentam ditongos nasais átonos finais, suscetíveis à ação do fenômeno de RED/DES (Eles falavu).

Nas últimas décadas, mais precisamente a partir dos anos 1970, muitos pesquisadores têm se dedicado ao estudo do processo variável de concordância verbal no PB. O interesse pelo fenômeno tem sido motivado, essencialmente, pela verificação de que a não concordância verbal, observada em dados do PB, não se mostra frequente no português europeu (PE) - sendo a variante marcada praticamente categórica -, fato que revela, portanto, uma diferença significativa entre as duas variedades da língua portuguesa.

Desse modo, as pesquisas que tratam dos processos de concordância verbal têm travado uma densa discussão a respeito das razões pelas quais o PB, neste aspecto, difere-se substancialmente do PE. Os trabalhos dedicados ao tema apresentam duas possíveis interpretações para essa distinção. A primeira, assumida por [Guy \(1981a\)](#), [Lucchesi \(2009\)](#), entre outros, sugere que a realização da concordância verbal no PB trata-se de um fenômeno inovador. Segundo essa perspectiva, o português teria sofrido influências de um processo de criouliização (ou semi-criouliização), resultante do contato linguístico maciço durante o período escravocrata, o qual teria afetado

drasticamente a morfologia do PB e, atualmente, em virtude, principalmente, da atuação da escola, a concordância estaria sendo, aos poucos, readquirida. Por outro lado, a segunda, assumida por Naro e Scherre (2007) entre outros, sugere que o PB estaria perdendo as marcas de concordância nos verbos e que a realização do fenômeno de não concordância explícita teria sido motivada por uma confluência de agentes internos ao sistema linguístico (deriva).

Podemos hipotetizar, portanto, que o fenômeno variável de marcação explícita de CVP6 é mais recente do que o de RED/DES, já que o segundo remonta ao latim vulgar e o primeiro, como muitos autores defendem, seria um traço típico do PB.

Muitos são os trabalhos que investigaram, amparados pelos pressupostos teórico-metodológicos labovianos, o processo de marcação explícita de CVP6 em dados do PB. Expomos, a seguir, algumas dessas pesquisas, priorizando os estudos de fala carioca (NARO; LEMLE, 1976; LEMLE; NARO, 1977; NARO, 1981; GUY, 1981a; VIEIRA, 1997; SCHERRE; NARO, 1997), um estudo que trata da fala porto-alegrense (BARDEN, 2004) e dois estudos que abordaram a manifestação do fenômeno em dados de fala florianopolitana (MONGUILHOTT, 2001; MONGUILHOTT, 2009). Sendo assim, nosso critério para a seleção desses trabalhos se deu, assim como na triagem de estudos sobre o fenômeno de RED/DES revisados, em função de buscarmos localidades em que ambos os fenômenos investigados nesta tese já haviam sido estudados.

O trabalho de Naro e Lemle (1976) foi o pioneiro a analisar, com base nos preceitos teórico-metodológicos da TVM, o fenômeno variável de marcação de CVP6 na fala de três sujeitos cariocas com baixo grau socioeconômico. Nesse estudo precursor, três variáveis foram controladas, a saber: *classe morfológica da forma verbal* (baixa ou alta distinção fônica entre formas verbais

singulares e plurais) – variável rotulada atualmente de *saliência fônica - posição de superfície do sujeito* (anteposto e posposto) e *grau de formalidade* (formal e informal).

Os resultados dessa primeira pesquisa apontaram que, em relação à variável *classe morfológica da forma verbal*, os verbos que apresentam maior distinção fônica se comparados às suas respectivas formas singulares (é/são, disse/disseram) apresentaram índices mais elevados de marcação explícita de concordância. No que toca ao grupo de fatores *posição de superfície do sujeito*, a marcação foi vislumbrada principalmente quando o sujeito apareceu anteposto ao verbo (Os meninos falaram) e, por fim, no que se refere à variável *grau de formalidade*, a presença de marcas se deu, em maiores proporções, em situações caracterizadas como formais. A seguir, apresentamos uma súmula dos resultados atingidos por Naro e Lemle (1976) na Tabela 10.

Tabela 10: Síntese das variáveis relevantes à marcação da CVP6

Variáveis	Fatores
classe morfológica	formas salientes (é/são, comprou/compraram)
posição do sujeito	anteposto (Os meninos falaram)
grau de formalidade	situações formais

Fonte: Adaptado de Naro e Lemle (1976).

A fim de dar continuidade ao estudo realizado em 1976, Lemle e Naro (1977) estenderam a análise inicial, ampliando a amostra de três para 20 informantes, estratificados em duas faixas etárias. Os pesquisadores, nesse novo estudo, controlaram praticamente a ação das mesmas variáveis consideradas na pesquisa anterior sobre a marcação explícita de CVP6: (i) *grau de formalidade* (formal e informal) – variável estilística; (ii) *classe morfológica da forma verbal* – variável morfológica; (iii) *posição do sujeito* (sujeito imediatamente antes do verbo, sujeito precedendo o verbo separado por mais de quatro palavras átona, ou por um conjunto de palavras contendo acento, sujeito oculto e sujeito depois do verbo) – variável sintática; (iv) *tipo de sujeito* (definido e indefinido) – variável semântica. No

entanto, os autores propuseram, nessa nova investigação, a formalização de uma “escala ordinal”, com o intuito de refinar a mensuração da diferença fônica entre as formas verbais singulares e plurais. A nova escala proposta por Lemle e Naro (1977) encontra-se na Figura 1 a seguir.

		Categoria
Acento na raiz		a) verbos regulares nos quais a diferença entre a vogal das desinências singular e plural consiste apenas na nasalização (come/comem, constrói/constroem)
		b) forma singular em a átono e plural em am (na representação ortográfica) / nasalização e/ou mudança de qualidade (fala/falam)
		c) diferença entre singular e plural consiste em uma vogal átona, possivelmente nasalizada/nasalização e adição de segmento (faz/fazem)
Acento na desinência	Fusão de raiz e desinência	d) sobreposição de raiz e desinência, com acento/nasalização e mudança de qualidade (está/estão, dá/dão, vai/vão)
		e) Caso único/desinências distintas +consoante (foi/foram)
	Desinências separadas da raiz	f) formas totalmente distintas para singular e plural distintas (é/são)
		g) pretéritos perfeitos regulares/desinências distintas (falou/falaram, comeu/comeram)
		h) mudança de acento (trouxe/trouxeram)

Fonte: Adaptado de Lemle e Naro (1977).

Figura 1: Primeira proposta para a escala de saliência fônica

O índice global de marcação explícita de concordância, nos dados analisados por [Lemle e Naro \(1977\)](#), foi de 49%, percentual que, como veremos mais adiante, é bastante inferior ao encontrado nos trabalhos subsequentes. No entanto, cabe mencionar que a amostra investigada foi composta unicamente por falantes em fase de alfabetização, característica que distancia a composição da amostra desse estudo das amostras investigadas na década de 2010, visto que os índices de analfabetismo, no Brasil, são praticamente irrisórios.

Todas as variáveis de natureza linguística mostraram-se favorecedoras à aplicação da regra de concordância. De forma mais específica, a presença de marcas de CVP6 foi verificada essencialmente nos contextos: (i) nos quais havia uma diferenciação maior no material fônico na oposição singular/plural – sobreposição de raiz e desinência, com acento /nasalização e mudança de qualidade da vogal (está/estão), caso único/desinências distintas [+consoante] (foi/foram), formas totalmente distintas para singular e plural distintas (é/são), pretéritos perfeitos regulares/ desinências distintas (falou/falaram) e mudança de acento (trouxe/trouxeram); (ii) em que os sujeitos se encontravam antepostos aos verbos (Os meninos chegaram) ou em que estavam ocultos (\emptyset Chegaram cedo); (iii) em que os sujeitos eram do tipo indeterminado (Construíram um edifício novo). A variável de caráter estilístico, por sua vez, não se mostrou expressiva. Os resultados narrados estão expostos, de forma sistemática, na Tabela 11.

Tabela 11: Síntese das variáveis relevantes à marcação explícita de CVP6

Variáveis	Fatores
classe morfológica	(i) pretéritos perfeitos regulares/ desinências distintas (falou/falaram) e mudança de acento (trouxe/trouxeram)
	(ii) formas totalmente distintas para singular e plural distintas (é/são)
	(iii) caso único/desinências distintas [+consoante] (foi/foram)
	(iv) sobreposição de raiz e desinência, com acento /nasalização e mudança de qualidade (está/estão)
posição do sujeito	(i) anteposto (Os meninos chegaram)
	(ii) oculto (Chegaram cedo)
tipo de sujeito	(i) indeterminado (Construíram um edifício novo)

Fonte: Adaptado de [Lemle e Naro \(1977\)](#).

[Naro \(1981\)](#), fazendo uso dos mesmos dados utilizados na pesquisa anterior ([LEMLE; NARO, 1977](#)), investigou a atuação dos seguintes grupos de fatores sobre o fenômeno de marcação explícita de CVP6: (i) *saliência fônica* (novo rótulo adotado para o grupo de fatores anteriormente nomeado de *classe morfológica da classe verbal*); (ii) *categoria posicional* (a qual, por analogia, podemos associar à variável posição do sujeito) – variáveis linguísticas; (iii) *idade*; (iv) *localidade*; (v) *sexo* – variáveis extralinguísticas.

Ao verificar o peso que a categoria acento apresentava nos resultados relativos à marcação da CVP6 ([LEMLE; NARO, 1977](#)), [Naro \(1981\)](#) propôs uma nova versão para a hierarquia de *saliência fônica*. A proposta de [Naro \(1981\)](#) eliminou os diversos critérios assumidos na escala precursora (localização morfológica do acento, quantidade de elementos inseridos na forma plural, alteração da vogal da raiz, grau de distinção das desinências finais, número de sílabas, regularidade das formas e até mesmo modo e tempo verbal), pautando-se em apenas dois parâmetros para delimitar o grau de *saliência* das formas: (i) presença ou ausência de acento na desinência; (ii) quantidade

de material fônico na oposição singular/plural. O quadro seguinte mostra a nova configuração escalar proposta por Naro (1981).

CRITÉRIOS:
(1) presença ou ausência de acento na desinência (com base nesse critérios, foram estabelecidos dois níveis hierárquicos); (2) quantidade de material fônico diferenciador da forma singular e da forma plural (com base nesse critério, foram estabelecidos sete classes hierárquicas – três classes no nível 1 e cinco classes no nível 2.
Nível 1: oposição não acentuada
(Pares nos quais os segmentos fonéticos que estabelecem a oposição singular/plural não apresentam acento em ambos os membros simultaneamente)
a. não envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural (conhece/conhecem, corre/ correm) b. envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural (ganha/ganham, era/eram, gosta/gostam) c. envolve acréscimo de segmentos na forma plural (diz/dizem, quer/querem)
Nível 2: oposição acentuada
(Pares nos quais os segmentos fonéticos que estabelecem a oposição singular/plural apresentam acento em pelo menos um dos membros)
a. envolve apenas mudança na qualidade da vogal na forma plural (tá/tão, vai/vão) b. envolve acréscimo de segmentos sem mudanças vocálicas na forma plural (bateu/bateram) c. envolve acréscimo de segmentos com mudança vocálica na forma plural (falou/falaram/contou/contaram) d. envolve completa diferenciação entre a forma singular e plural (é/são) e. envolve acréscimos de segmentos e mudanças diversas na forma plural: mudanças vocálicas na desinência, mudanças na raiz f. (disse/disseram)

Figura 2: Escala de saliência em níveis - Adaptada de Naro (1981)

Já em relação aos fatores componentes da variável categoria posicional, Naro (1981) considerou: (i) sujeito imediatamente anteposto (eles falam), (ii) sujeito anteposto distante (eles ... falam), (iii) sujeito posposto (falam eles) – caso 1, (iv) sujeito oculto (... falam) – caso 2. Por fim, no que tange à dimensão social, Naro (1981) avaliou o papel dos seguintes grupos de fatores: (i) *idade* (jovens e velhos), (ii) *localidade* (urbana e rural), (iii) *sexo* (feminino e masculino).

Os resultados divulgados por Naro (1981) indicaram que a

probabilidade de marcação da concordância é diretamente proporcional ao aumento da distinção fônica (em termos de quantidade de material e *locus* do acento) entre formas verbais singulares e plurais: quanto mais saliente essa oposição, maior a possibilidade de marcação de CV. O autor também observou que a presença de marcas explícitas de concordância foi influenciada diretamente pela posição e distanciamento do sujeito em relação ao verbo, sendo os verbos antepostos e próximos às formas verbais aqueles que contribuíram de forma mais efetiva com a marcação explícita de número.

No que se refere às variáveis extralinguísticas, [Naro \(1981\)](#) verificou que as mulheres mais velhas e residentes do subúrbio carioca aplicavam o fenômeno com maior frequência. A tabela 12 expõe os resultados atingidos pelo autor.

Tabela 12: Síntese das variáveis relevantes à marcação da CVP6

Variáveis	Fatores
saliência fônica	envolve apenas mudança na qualidade da vogal na forma plural (tá/tão, vai/vão)
	envolve acréscimo de segmentos sem mudanças vocálicas na forma plural (bateu/bateram)
	envolve acréscimos de segmentos e mudanças diversas na forma plural: mudanças vocálicas na desinência, mudanças na raiz, e até mudanças completas (é/ são)
posição do sujeito	sujeito imediatamente anteposto (Eles falam)
idade	mais velhos
localidade	subúrbio
sexo	feminino

Fonte: Adaptado de [Naro \(1981\)](#).

[Guy \(1981a\)](#), por sua vez, dentre os autores revisados, foi o único que analisou, concomitantemente, tanto o fenômeno de marcação explícita de CVP6 quanto o de desnasalização de ditongos nasais átonos finais, atentando para uma possível sobreposição entre ambos os fenômenos variáveis. O pesquisador realizou uma reanálise dos dados de [Lemle e Naro \(1977\)](#) e [Naro \(1981\)](#). As variáveis controladas pelo autor foram: (i) *posição do sujeito* (sujeito imediatamente precedente, sujeito posposto e sujeito em outras posições); (ii) *tipo de sujeito* (sujeito composto,

sujeito com alguns elementos com marca de número, sujeito com todos os elementos com marca de número e sujeito com pluralidade marcada no discurso), (iii) *categoria morfológica* – “saliência fônica” (formas em que pode haver sobreposição entre o fenômeno de desnasalização e não CVP6, formas verbais em que a oposição singular plural se dá em desinências átonas, mas com inserção de elementos [O] ~ [ẽ] ~ [i], formas verbais iguais às regulares exceto pelo fato de serem acentuadas, formas em que a diferenciação singular/plural se dá pelo acréscimo de – ram, formas completamente diferentes) – variáveis linguísticas; (iv) *estilo* (casual e cuidado); (v) *sexo* (feminino e masculino); (vi) *idade* (adolescentes, jovens adultos e adultos velhos).

Conforme já mencionado de forma mais detalhada em [Chaves \(2014\)](#), [Guy \(1981a\)](#) atenta para o fato de que as formas rotuladas pelos estudos precedentes como “formas menos salientes” – formas em que a oposição entre singular/plural ocorre em um *locus* átono (eles comem ~ eles come, eles falam ~ eles fala) – não é possível delimitar, a partir da forma superficial, quando houve de fato a não aplicação da CVP6 ou quando houve o processo de marcação e, em seguida, o ditongo foi reduzido e desnasalizado, como observamos em formas nominais (homem ~ homi, órgão ~ órgu). Diante do fato de que formas com oposição singular/plural em ambiente não acentuado são ambíguas (podem ser resultantes de fenômenos distintos), [Guy \(1981a\)](#) questiona a possibilidade de o acento ser utilizado como parâmetro de mensuração do grau de saliência das formas verbais. Sendo assim, em uma primeira análise, o autor, com o intuito de verificar a validade apenas do critério “diferenciação material” da escala de saliência proposta por [Naro \(1981\)](#), excluiu da rodada os dados rotulados como “menos salientes”. Os resultados relativos a essa análise encontram-se dispostos na Tabela 13.

Tabela 13: Resultados referentes à variável saliência fônica – exclusão dos verbos “menos salientes” (categorias 1a e 1b (nível 1) da proposta escalar de Naro (1981)

	Categoria	Alic./Total	%	PR
1.	faz – fazem	672/1902	34	.14
2.	dá – dão	1211/1892	64	.51
3.	pretéritos	1863/2358	79	.69
4.	é – são	1001/1300	77	.73

Fonte: Adaptado de Guy (1981a).

Como podemos verificar, mesmo com a exclusão dos verbos “menos salientes”, ainda se observa uma elevação dos índices de marcação de concordância à medida que a distinção de material fônico aumenta. Tal fato levou Guy (1981a) a concluir que uma nova hierarquia de saliência fônica deveria ser elaborada, adotando-se apenas a diferença material entre as formas como parâmetro.

Em relação à variável posição do sujeito, Guy (1981a), assim como Lemle e Naro (1977) e Naro (1981), aponta os sujeitos imediatamente antepostos aos verbos (Eles são cinco irmãos) como favorecedores da marcação da pluralidade. No que tange à variável *tipo de sujeito*, por seu turno, os fatores ‘sujeito com todos os elementos com marca de número’ (Os carros bonitos passaram) e ‘sujeitos com pluralidade marcada no discurso’ atuaram como colaboradores da aplicação da marcação de CVP6.

Finalmente, no que toca aos grupos de fatores extralinguísticos controlados, a marcação de CVP6 foi apontada como estatisticamente relevante na fala de jovens mulheres quando essas se encontram em situações formais. A Tabela 14 apresenta os resultados da pesquisa de Guy (1981a).

Tabela 14: Síntese das variáveis relevantes à marcação da CVP6

Variáveis	Fatores
saliência fônica	formas verbais com alta distinção de material na oposição singular/plural (é/são)
posição do sujeito	sujeito imediatamente anteposto (Eles são cinco irmãos)
tipo de sujeito	sujeito com todos os elementos com marca de número (Os carros bonitos passaram)
	sujeitos com pluralidade marcada no discurso
idade	adolescentes
sexo	feminino
estilo	formal

Fonte: Adaptado de [Guy \(1981a\)](#).

[Vieira \(1997\)](#), diferentemente dos estudos precursores, investigou o fenômeno de não marcação explícita de CVP6 em dados do Rio de Janeiro. A autora analisou a ausência de marcas em dados de fala de comunidades pesqueiras, localizadas no Norte Fluminense. A pesquisa de [Vieira \(1997\)](#) nos interessa particularmente em virtude da semelhança entre a comunidade investigada pela autora e a por nós escolhida. A pesquisadora analisou um total de 72 entrevistas, nos moldes labovianos, concedidas ao projeto APERJ. Os informantes foram estratificados em: (i) localidade (visto que 12 comunidades distintas do Norte Fluminense foram levadas em conta) e (ii) faixa etária. Cabe frisar que, nesse estudo, foram considerados apenas os inquiridos de fala de sujeitos do sexo masculino. Em função disso, os informantes não foram estratificados em sexo.

As variáveis independentes linguísticas controladas pela pesquisadora foram: (i) *posição do sujeito em relação ao verbo* (posposto, anteposto); (ii) *distância entre o núcleo do SN e o verbo* (zero sílaba, uma sílaba, duas sílabas, três-quatro sílabas, cinco-seis sílabas, mais de seis sílabas); (iii) *paralelismo em nível clausal* (vocábulo isolado no plural, realização de marca de plural no último elemento do SN quando o sujeito não está inserido em um sintagma preposicional, ausência de marca no último elemento do SN quando o sujeito não está inserido em um

sintagma preposicional, realização de marca de plural no último elemento inserido em um sintagma preposicional, ausência de marca de plural ou forma não marcada - singular - no último elemento do SN sujeito inserido em um sintagma preposicional); (iv) *animacidade* (sujeito [+ animado], sujeito [- animado]); (v) *paralelismo no nível discursivo* (verbo precedido de verbo com marca formal de plural no discurso do s=documentador - mesmo referente-, verbo precedido de verbo com marca zero de plural no discurso do documentador - mesmo referente-, verbo precedido de forma verbal não marcada - terceira pessoa do singular - no discurso do documentador - mesmo referente-, verbo precedido de verbo com forma verbal não marcada - terceira pessoa do singular - no discurso do informante - referentes distintos -; (vi) *saliência fônica* (nível 1 - oposição não acentuada; nível 2 - oposição acentuada); (vii) *relação entre o número de sílabas das formas singular e plural* (manutenção do número de sílabas, acréscimo de uma sílaba, acréscimo de duas sílabas); (viii) *relação entre a tonicidade das formas singular e plural* (tônico-tônico, oxítono-oxítono, paroxítono-paroxítono, tônico-paroxítono, oxítono-paroxítono); (ix) *tipo de estrutura morfossintática* (verbos isolados, verbos auxiliares de orações ativas, verbos auxiliares de orações passivas, verbo + gerúndio, verbo 'ir' + infinitivo, verbos exceto 'ir' + infinitivo). As variáveis extralinguísticas analisadas no estudo, por sua vez, foram: (i) *localidade* (12 localidades do Norte Fluminense) e (ii) *faixa etária* (de 18 a 35 anos, de 36 a 55 anos, a partir de 56 anos).

A autora contabilizou um total de 2.252 dados⁹. As variáveis apontadas como estatisticamente significativas nessa investigação foram: (i) *saliência fônica*; (ii) *paralelismo em nível causal*; (iii) *paralelismo em nível discursivo*; (iv) *posição do sujeito em relação ao verbo* - variáveis linguísticas.

⁹ (VIEIRA, 1997) considerou os dados presentes apenas nos 12 primeiros minutos de cada gravação.

Em relação à variável *saliência fônica*, [Vieira \(1997\)](#) constatou que os índices de marcação da concordância estão diretamente relacionados à saliência. Verbos menos salientes enquadrados no nível 1 (formas não acentuadas) apresentaram maiores índices de não marcação do que os verbos mais salientes enquadrados no nível 2 (formas acentuadas). Apesar de [Vieira \(1997\)](#) ter controlado os subníveis estipulados por [Naro \(1981\)](#), a autora não encontrou, como os demais estudos centrados na fala carioca, índice decrescente de não marcação de CV na direção $2e > 1a$. No que diz respeito ao grupo de fatores *paralelismo no nível clausal*, a autora atesta a hipótese inicial de que "marcas levam a marcas e zeros levam a zeros". Segundo os resultados divulgados, a não marcação de concordância aumenta à medida que menos marcas formais de concordância são verificadas nos SNs sujeitos. Os fatores que se mostraram colaboradores da marcação da concordância foram: (i) SNs sujeitos que apresentam numeral como último elemento; (ii) a ausência de marca de plural no último elemento do SN sujeito; (iii) a presença de sintagma preposicional sujeito cujo último elemento não apresenta marca de plural ou constitui forma não marcada - singular. No caso da variável *paralelismo no nível discursivo*, os fatores que se mostraram significativamente relevantes foram: (i) verbos precedidos de verbos com marca formal de plural explícita; (ii) verbos precedidos de verbos com marca zero de plural explícita ou de terceira pessoa do singular. Em relação ao grupo de fatores *posição do sujeito em relação ao verbo*, verificou-se que sujeitos explícitos pospostos e sujeitos explícitos antepostos representados na oração por relativo 'que' favorecem a não marcação da concordância.

Dentre as variáveis extralinguísticas controladas, ambas foram apontadas como relevantes. Três foram as localidades do Norte Fluminense apontadas como desfavorecedoras da marcação da CVP6: Atafona, Guaxindiba e Itaocara. Segundo [Vi-](#)

eira (1997), o baixo índice de marcação nessas três localidades justifica-se em virtude das influências sócio-históricas e geográficas. A variável *faixa etária*, por seu turno, apontou um alto grau de não marcação de CV nos três grupos etários controlados. Apresentamos, na Tabela 15, a seguir, uma súmula dos resultados relativos à variante marcada, extraídas do estudo de Vieira (1997).

Tabela 15: Síntese das variáveis relevantes

Variáveis	Fatores
Saliência fônica	Formas verbais com alto nível de saliência
Paralelismo clausal	Verbo precedido de SN sujeito marcado
Paralelismo discursivo	Verbo precedido de verbo com marca de plural
Posição do sujeito	Sujeito anteposto
Animacidade	Sujeito [+ animado]
Distância entre SN e SV	SN sujeito próximo do SV

Fonte: Adaptado de Vieira (1997).

Já no estudo de Scherre e Naro (1997), os pesquisadores analisaram o processo de concordância a partir da análise de 64 entrevistas extraídas do banco de dados PEUL. Os informantes, nesta análise, foram estratificados de acordo com o sexo, a faixa etária e a escolaridade.

A partir da investigação do papel exercido pelas variáveis linguísticas estipuladas como prováveis colaboradoras do processo de concordância verbal - (i) *saliência fônica* (cf. hierarquia proposta por Naro (1981), (ii) *posição do sujeito* (SN sujeito anteposto imediatamente à esquerda do verbo, SN sujeito anteposto à esquerda do verbo separado por uma a quatro sílabas, SN sujeito anteposto à esquerda do verbo separado por cinco ou mais sílabas, SN sujeito posposto à direita do verbo, sujeito zero próximo, sujeito zero distante); (iii) *sexo* (feminino e masculino); (iv) *faixa etária* (de sete a 14 anos, de 15 a 25 anos, de 26 a 29 anos e de 50 a 71 anos); (v) *escolaridade* (de um a quatro anos, de cinco a oito anos e de nove a 11 anos de escolarização) – os autores apontaram todas as variáveis como significativas à marcação da CVP6.

Em relação à saliência fônica das formas, mais uma vez, assim como no estudo de [Vieira \(1997\)](#), apesar de a escala ter sido selecionada como estatisticamente significativa no condicionamento da variante marcada, não se verificou um aumento nos índices de marcação de CV correlacionado aos níveis da hierarquia. Apenas os dois níveis-macro se mostraram relevantes, sendo o nível 2 (nível acentuado) favorecedor da marcação. No que toca à variável *posição do sujeito*, mostraram-se cooperadores da marca de pluralidade (i) SN sujeito anteposto localizado imediatamente à esquerda do verbo e (ii) sujeito zero distante.

No tocante às variáveis extralinguísticas, verificaram-se: (i) maiores taxas percentuais e probabilísticas de marcação de CV na fala de sujeitos com maior grau de instrução (de nove a 11 anos e de 5 a oito anos), (ii) favorecimento da variante marcada na fala dos sujeitos mais jovens e (iii) uso mais frequente da marcação explícita de CVP6 na fala das mulheres. Na Tabela 16 a seguir, expomos os resultados de [Scherre e Naro \(1997\)](#) de forma sistemática.

Tabela 16: Síntese das variáveis relevantes

Variáveis	Fatores
Saliência fônica	formas verbais com alto nível de saliência (nível 2)
Posição do sujeito	SN sujeito anteposto imediatamente à esquerda do verbo
	SN sujeito zero distante
Escolaridade	de nove a 11 anos
	de cinco a oito anos
Faixa etária	26 a 49 anos (faixa intermediária)
Sexo	feminino

Fonte: Adaptado de [Scherre e Naro \(1997\)](#).

Após a revisão dos estudos pioneiros sobre o fenômeno variável de marcação de CVP6 em dados de fala carioca, prosseguimos à apresentação dos estudos de [Monguilhott \(2001\)](#), [Barden \(2004\)](#), [Monguilhott \(2009\)](#) sobre a atuação da regra variável em dados de fala florianopolitana e porto-alegrense.

Em sua dissertação de mestrado, [Monguilhott \(2001\)](#) analisou o fenômeno variável de marcação explícita de CVP6, com base na investigação de 24 entrevistas de fala de natureza espontânea de informantes procedentes de Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina (SC), componentes da amostra-base do banco de dados VARSUL. Os sujeitos que compuseram a amostra foram estratificados em função do sexo, faixa etária e escolaridade.

As variáveis controladas pela pesquisadora foram: (i) *saliência fônica* (oposição acentuada e oposição não acentuada); (ii) *posição do sujeito em relação ao verbo* (SN anteposto e SN posposto); (iii) *traço humano do sujeito* ([+humano] e [-humano]); (iv) *tipo de sujeito* (SN pleno simples, SN pleno nu, SN pleno composto, pronome pessoal, pronome indefinido, pronome demonstrativo e quantificadores, SN + pronome relativo que); (v) *tipo de verbo* (inacusativo, intransitivo, transitivo e cópula); (vi) material interveniente (de zero a mais de 8 sílabas); (vii) *paralelismo formal* (presença de forma de plural explícita no último elemento, presença de forma zero de plural no último elemento, presença de numeral terminado em /s/ no último elemento e presença de numeral não terminado em /s/ no último elemento) – variáveis linguísticas; (viii) *sexo* (feminino e masculino); (ix) *faixa etária* (de 15 a 24 anos, de 25 a 45 anos e de 52 a 76 anos); (x) *escolaridade* (quatro anos de escolarização e 11 anos de escolarização) – variáveis extralinguísticas.

Após a submissão dos dados à análise estatística, do total de 1.583 dados em análise, a autora encontrou índice de 79% (932/1251) de aplicação da regra de marcação explícita de CVP6. Esse índice é bastante superior aos verificados nos estudos precursores revisados ([NARO; LEMLE, 1976](#); [LEMLE; NARO, 1977](#); [NARO, 1981](#); [GUY, 1981a](#)), nos quais as taxas de aplicação da regra se aproximaram de 50%. Não podemos esquecer, contudo, que provavelmente o aumento no índice de

marcação de CVP6 seja resultado da inclusão de dados de fala de sujeitos com maior grau de instrução formal.

As variáveis linguísticas identificadas como relevantes à realização da concordância foram: (i) *saliência fônica* – formas que apresentam distinção singular/ plural mais acentuada (Forum eles que me ajudaram a me soltá mais); (ii) *posição do sujeito em relação ao verbo* – o ‘sujeito anteposto’ ao verbo foi o fator que colaborou de maneira mais contundente com a marcação da pluralidade (Eles fizeram churrasco); (iii) *paralelismo formal* – os fatores ‘presença de forma de plural explícita no último elemento’ (Eles encrencaram comigo) e ‘presença de numeral terminado em /s/ no último elemento’ (Sei que dois [foi] [foru] foru criado ali) cooperaram com a aplicação da regra; (iv) *traço semântico do sujeito* – a marcação da concordância mostrou-se estatisticamente relevante quando o traço era [+humano] (As crianças não são cachorro); (v) *tipo de verbo* – os verbos cópula (E o meus dois irmão sempre foru meio pacatos, assim, né?) atuaram como favorecedores da marcação e, por fim, (vi) *tipo de sujeito* – os fatores amalgamados pronome pessoal (Eles eram improvisados) + pronome demonstrativo (Essas são as pessoas que realmente ...) desempenharam papel proeminente no emprego da marcação da concordância.

Em relação às variáveis extralinguísticas, os resultados expressos por [Monguilhott \(2001\)](#) foram: (i) os informantes com maior escolaridade (11 anos de estudo) apresentaram maiores taxas de concordância; (ii) os informantes mais velhos (de 52 a 76 anos) e os informantes mais jovens (de 15 a 24 anos) foram os que aplicaram a regra de marcação de concordância em maior escala e (iii) assim como nos demais estudos revisados, as mulheres apresentaram índices percentuais e probabilísticos superiores aos dos homens. Apresentamos os resultados atingidos por [Monguilhott \(2001\)](#) na Tabela 17.

Tabela 17: Síntese das variáveis relevantes

Variáveis	Fatores
saliência fônica	formas com distinção acentuada (nível 2) (ajudou/ajudaram)
posição do sujeito	sujeito anteposto (Eles fizeram churrasco)
paralelismo formal	(i) presença de forma de plural explícita no último elemento (Eles encrencaram comigo) (ii) presença de numeral terminado em /s/ no último elemento (Sei que dois [foi] [foru] foru criado ali)
traço semântico do sujeito	[+humano] (As crianças não são cachorro)
tipo de verbo	cópula (E o meus dois irmão sempre foru meio pacatos, assim, né?)
tipo de sujeito	pronome pessoal (Eles eram improvisados) + pronome demonstrativo (Essas são as pessoas que realmente ...)
escolaridade	mais escolarizados (mais de 11 anos de estudo)
idade	(i) mais velhos (de 52 a 76 anos) (ii) mais jovens (de 15 a 24 anos)
sexo	feminino

Fonte: Adaptado de [Monguilhott \(2001\)](#).

[Barden \(2004\)](#) analisou o fenômeno de marcação explícita de CVP6 em dados da amostra base do banco VARSUL de 24 informantes monolíngues de Porto Alegre, capital gaúcha. Os sujeitos investigados pela pesquisadora foram estratificados de acordo com o nível de instrução (primário e ginásio), faixa etária (menos de 50 anos e mais de 50 anos) e sexo. Diferentemente dos demais estudos narrados até o momento, Barden delimita três variantes em sua variável dependente, a saber: (i) presença total de flexão de terceira pessoa do plural (Eles não dizem bons [...]), (ii) presença parcial de flexão de terceira pessoa no verbo (Os ladrões entraru dentro de casa), (iii) ausência total de flexão de terceira pessoa no verbo (E ali vinha as nota).

As variáveis independentes linguísticas controladas pela pesquisadora foram: (i) *tipo de sujeito explícito* (sujeito explícito com pronome eles/elas, sujeito explícito com nome quantificado); (ii) *paralelismo formal* (verbo isolado ou primeiro em uma série, verbo precedido de verbo com marca total de concordância explícita, verbo precedido de verbo com marca parcial de concordância, verbo precedido de verbo sem marcas de concor-

dância); (iii) *posição do sujeito* (anteposto imediatamente sem material fonético entre sujeito e verbo - zero sílaba, anteposto com presença de uma a três sílabas entre sujeito e verbo, anteposto com presença de mais de três sílabas, posposto ao verbo); (iv) *saliência fônica* (Escala de Naro (1981)) - variáveis linguísticas - (v) *escolaridade* (primário, secundário); (vi) *faixa etária* (mais de 50 anos, menos de 50 anos); (vii) *sexo* (feminino, masculino).

O índice de frequência global de aplicação do fenômeno de marcação explícita de CVP6, no estudo de Barden (2004) foi de 79%: 57% (752/1321) correspondente àquilo que a pesquisadora rotulou como 'concordância total' (ou seja, com presença de nasalidade), 22% (287/1321) referente ao que foi nomeado de 'concordância parcial' (ou seja, sem presença de nasalidade, mas distinção da qualidade vocálica entre a forma singular e plural) e 21% (282/1321), relativo aos dados "sem concordância".

Com o intuito de verificar a diferença de comportamento entre as variantes 'com concordância total' (eles for[ɛw̃], eles for[õ]) e 'com concordância parcial' (eles faf[ʊ]), Barden (2004) realizou duas análises binárias. Na primeira opôs apenas a variante 'concordância total' *versus* 'não concordância'. Na segunda, opôs 'concordância total e parcial' (amalgamadas) *versus* 'não concordância'.

Os grupos de fatores que mostraram ser relevantes estatisticamente na primeira rodada foram: (i) *saliência fônica*, (ii) *escolaridade*, (iii) *paralelismo formal*, (iv) *posição do sujeito*. Já na segunda rodada, o ordem de variáveis independentes indicadas como significativas foi: (i) *saliência fônica*, (ii) *posição do sujeito*, (iii) *paralelismo formal*, (iv) *escolaridade*, (v) *tipo de sujeito*. Em virtude de os resultados das duas rodadas estatísticas terem se mostrado muito próximos, a autora optou por apresentar apenas os resultados da segunda análise (amalgama das

variantes 'concordância total e parcial' *versus* 'não concordância').

A primeira variável selecionada foi a *saliência fônica*. No entanto, apesar de a autora enfatizar a relevância do papel desse grupo de fatores sobre a realização da variante marcada, não podemos deixar de mencionar que os resultados de [Barden \(2004\)](#), para os dados de Porto Alegre, não refletem a hierarquia numérica vislumbrada nos estudos prévios de [Naro \(1981\)](#) e [Guy \(1981a\)](#), para os dados de fala de sujeitos cariocas em fase de alfabetização. Observamos os seguintes números em pesos relativos: 1a. 0,13, 1b. 0,40, 1c. 0,28, 2a. 0,79, 2b. 0,73, 2c. 0,79. Como podemos observar, a categoria 1b apresenta peso probabilístico superior ao esperado. Já a categoria 2b, por seu turno, mostra número inferior. A partir desses resultados, podemos afirmar, assim como constatado pela autora, que a *saliência* parece ser, de fato uma restrição legítima apenas quando opomos as categorias do Nível 1 (não acentuadas) às categorias do Nível 2 (acentuado).

No que diz respeito à segunda variável selecionada, *posição do sujeito*, [Barden \(2004\)](#) concluiu, com base nos resultados, que sujeitos antepostos e próximos ao verbo favorecem a aplicação da CVP6 de forma mais contundente. Mostraram-se relevantes os fatores: (i) sujeito imediatamente anteposto (zero sílabas) e (ii) anteposto com interveniência de uma a três sílabas. Em relação à variável *paralelismo formal*, atuaram como favorecedores da marcação os 'verbos precedidos de verbos marcados' e os 'verbos precedidos de verbos parcialmente marcados'. No que tange ao grupo de fatores *tipo de sujeito*, foram os 'sujeitos explícitos com pronomes eles/elas' os que cooperaram de forma mais significativa com a marcação da concordância.

Por fim, em relação às variáveis sociais, o grupo de fatores *escolaridade* teve influência forte sobre o fenômeno de concordância, sendo os sujeitos com maior grau de instrução (Se-

cundário), os que apresentaram maiores taxas de aplicação do fenômeno. A Tabela 18 ilustra, de forma resumida, os resultados narrados.

Tabela 18: Síntese das variáveis relevantes

Variáveis	Fatores
Saliência fônica	Nível acentuado (2a, 2b, 2c) Eles entraram dentro de casa
Posição do sujeito	Imediatamente anteposto Eles eram muito queridos Anteposto com uma a três sílabas intervenientes entre sujeito e verbo Os mais velhos é que rodaram o ano.
Paralelismo formal	Verbo precedido de verbo plenamente marcado Os pais não fazem nada. Verbo precedido de verbo parcialmente marcado Muitos morreru, muitos faleceru
Tipo de sujeito explícito	Sujeito explícito com pronome eles/elas Eles se assustaram do grito que eu dei.
Escolaridade	Secundário (Ensino Médio)

Fonte: Adaptado de Barden (2004).

Monguilhott (2009), dando continuidade ao seu trabalho de mestrado, em sua tese de doutoramento, centrou-se no estudo comparativo, em dados do PB e PE, da marcação explícita de CVP6. A autora deteve-se na análise de dois *corpora*: um de caráter sincrônico (dados de fala) e outro de caráter diacrônico (dados escritos). Os dados utilizados na análise de cunho sincrônico foram coletados, entre os anos de 2006 e 2007, em Florianópolis (localidade representante do PB) e Lisboa (localidade representante do PE). Nessa pesquisa, foram considerados 32 informantes (brasileiros e portugueses) estratificados de acordo com a região, a escolaridade, o sexo e a faixa etária. Nessa exposição, abordaremos apenas resultados da análise empreendida com os dados de fala urbana e não urbana de Florianópolis.

As variáveis controladas, na amostra de fala de Florianópolis (Banco Monguilhott), pela autora foram: (i) *saliência fônica* – conforme escala proposta por Naro (1981); (ii) *traço humano*

no sujeito ([+ humano] e [- humano]); (iii) *posição do sujeito em relação ao verbo* (SN anteposto e SN posposto); (iv) *tipo de verbo* (verbo transitivo, verbo intransitivo prototípico, verbo transitivo não prototípico, verbo inacusativo prototípico, verbo inacusativo não prototípico e verbo cópula); (v) *paralelismo formal* (presença da forma de plural explícita no último elemento, presença da forma zero de plural no último elemento e sujeito nulo com anafórico com presença da forma de plural explícita); (vi) *tipo de sujeito* (sujeito pronomes pessoais, sujeito nulo, sujeito pronomes indefinidos + quantificador, SN + pronome relativo (que), sujeito pleno simples, sujeito pleno nu e SN pleno composto) – variáveis linguísticas; (vii) *idade/escolaridade* (jovem/ensino superior, velho/ensino superior, jovem/ensino fundamental e velho/ensino fundamental), (viii) *sexo* (feminino e masculino); (ix) *redes sociais – localismo* (mais ou menos integrado e bem integrado); (x) *redes sociais – mobilidade* (pouca mobilidade, média mobilidade e muita mobilidade); (xi) *diatopia* (Ribeirão da Ilha e Costa da Lagoa - regiões não urbanas, Ingleses e Centro, regiões urbanas);, (xii) *diazonalidade* (zona não urbana, zona urbana) – variáveis extralinguísticas.

Nos dados em exame, [Monguilhott \(2009\)](#) encontrou um índice de aplicação geral de marcação de concordância de 80,6% (640/794), índice superior ao verificado em sua pesquisa prévia, equivalente a 79%. As variáveis linguísticas apontadas como relevantes à atuação do fenômeno de concordância de P6, em Florianópolis, foram: (i) *saliência fônica*, (ii) *paralelismo formal*, (iii) *posição do sujeito em relação ao verbo*, (iv) *traço humano no sujeito*. No que toca às variáveis extralinguísticas, foi apontada como significativa apenas a variável *idade/escolaridade*.

Em relação à variável *saliência fônica*, [Monguilhott \(2009\)](#) atenta para o fato de que, apesar de ter sido apontada na análise estatística como o grupo de fatores mais relevante à marcação da concordância, os valores probabilísticos de aplicação

da regra não aumentaram em escala diretamente proporcional à elevação dos níveis de saliência, conforme expresso por Naro (1981). Desse modo, a autora, a fim de avaliar a percepção dos níveis de saliência, aplicou um teste a estudantes da disciplina de Sociolinguística (PPGLg – UFSC), o qual não validou os graus de saliência assim como haviam sido formulados por Naro. Conforme a autora, tais fatos “talvez aponte[m] para um questionamento da escala da saliência utilizada que possivelmente possa variar de acordo com a comunidade de fala investigada.” (MONGUILHOTT, 2009, p.118). Apesar de os subníveis da escala não terem sido atestados na pesquisa de Monguilhott (2009), como nas pesquisas de Vieira (1997), Scherre e Naro (1997) e Barden (2004), os níveis-macro (oposições acentuadas *versus* oposições não acentuadas) mostraram colaborar significativamente com a aplicação da regra em exame, sendo as distinções acentuadas (é/são) aquelas que mais cooperaram com a variante marcada.

No que diz respeito ao *paralelismo formal*, segunda variável linguística selecionada, mostraram-se favorecedores da marcação os fatores ‘presença da forma de plural explícita no último elemento’ e ‘sujeito nulo com anafórico com presença da forma de plural explícita’. Já em relação à variável *posição do sujeito em relação ao verbo*, assim como conjecturado pela pesquisadora, os sujeitos antepostos ao verbo favoreceram a marcação explícita de concordância. No que tange ao *traço humano do sujeito*, os sujeitos que apresentavam o traço [+ humano] influenciaram de forma mais efetiva a marcação de CVP6. Por fim, em relação ao *tipo de verbo*, mostraram-se colaboradores da aplicação da regra os verbos intransitivos não prototípicos, os verbos transitivos e os verbos intransitivos prototípicos.

A única variável extralinguística relevante à manifestação do fenômeno foi *idade/escolaridade*. Apresentaram índices probabilísticos superiores de aplicação os informantes jovens e escolarizados e os velhos e escolarizados. Desse modo, a autora

conclui que, de fato, a escolaridade (mais do que a faixa etária) é que, dentre as variáveis extralinguísticas controladas, desempenha papel mais significativo na realização da variante marcada. A Tabela 19 sintetiza os resultados divulgados por [Monguilhott \(2009\)](#).

Tabela 19: Síntese das variáveis relevantes à marcação da CVP6

Variáveis	Fatores
saliência fônica	formas com distinção singular/plural acentuada (nível 2)
paralelismo formal	presença da forma de plural explícita no último elemento
	sujeito nulo com anafórico com presença da forma de plural explícita
posição do sujeito em relação ao verbo	SN anteposto
traço semântico do sujeito	[+humano]
tipo de verbo	verbos intransitivos não prototípicos
	verbos transitivos
	verbos intransitivos prototípicos
idade/escolaridade	jovens/escolarizados
	velhos/escolarizados

Fonte: Adaptado de [Monguilhott \(2009\)](#).

Apresentados os estudos acerca do fenômeno variável de marcação explícita de CVP6, passamos, na próxima seção, às questões gerais, norteadoras desta pesquisa.

2.3 Questões gerais: a intersecção entre RED/DES e a marcação explícita de CVP6

Conforme já anunciado na seção introdutória, este trabalho busca explorar a correlação entre os fenômenos de RED/DES (jov[ẽj]/ jov[i]/ jov[i], órg[ẽw̃]/ órg[õ]/ órg[u], com[ẽj]/ com[i]/ com[i], fal[ẽw̃]/ fal[õ]/ fal[u]) e de marcação de CVP6 (eles comem ~ eles comeØ, eles cantaram ~ eles cantou). Podemos observar, retomando [Chaves \(2016\)](#), a intersecção entre esses dois fenômenos, sobre os dados verbais, elencando dois “tipos” relações entre os processos:

Tipo 1: Formas verbais não ambíguas (outputs divergentes): nesses casos, mesmo que ambos os processos (RED/DES e CVP6) atuem, é possível resgatar a ordem de manifestação de cada um dos fenômenos.

Tipo 2: Formas verbais ambíguas (outputs convergentes): nessas formas, não conseguimos chegar à conclusão se ambos os fenômenos se manifestaram (CVP6 e posterior aplicação de RED/DES), ou se apenas a CVP6 não foi aplicada.

Fazendo uso dos mesmos exemplos de [Chaves \(2016\)](#), apresentamos, de forma mais específica, o que denominamos nesta tese de casos do “tipo 1” (casos de *outputs divergentes*).

(a) forma de superfície: eles cantar[*ʊ*]

- | | |
|--------------------------------|---------------------|
| 1. (Ele) cantou | (forma no singular) |
| 2. (Eles) cantar[<i>ẽw̃</i>] | (apl. CVP6) |
| 3. (Eles) cantar[<i>ʊ</i>] | (apl. RED/DES) |

No esquema apresentado em (a), temos em (1) o verbo no singular (Ele cantou), em (2), o verbo depois da aplicação de CVP6 (Eles cantaram) e, em (3), a forma após a aplicação de RED/DES. Conforme pontua. Recuperamos, com total segurança, a ordem de aplicação dos fenômenos com base na forma superficial “cantaru”: (i) aplicação de CVP6 e (ii) aplicação de RED/DES. Por outro lado, casos denominados por nós como do “tipo 2” não é possível compreender qual processos se manifestou. Conjecturamos duas hipóteses para casos do tipo 2, já anunciadas também em estudo prévio ([CHAVES, 2016](#), p. 185).

(b) forma de superfície: eles com[*ɪ*]

A primeira hipótese é a de que a regra de marcação explícita de CVP6 foi aplicada e, só então a regra de RED/DES atuou. Já a segunda hipótese prevê que a marcação de CVP6

Hipótese 1:		Hipótese 2:	
1. (Ele) come	(forma singular)	1. (Ele) come	(forma singular)
2. (EleS) com[êj]	(apl. CVP6)	2. (EleS) comeØ	(não apl. CVP6)
3. (EleS) com[i]	(apl. RED/DES)	2. Eles com[i]Ø	

não houve ocorreu. Nesse conjunto de dados, classificados nos estudos acerca da marcação de CVP6 como foras verbais "me-nos salientes", não é possível afirmar que a verificação de falta de marcas de CV é resultado da não marcação da CV. Do mesmo modo, os estudos sobre RED/DES não dispõem de argumentos para considerar tais dados como sendo casos de aplicação do fenômeno fonológico.

A grande maioria dos estudos que versam sobre o comportamento variável de um fenômeno ou de outro, em dados do PB, como já foi dito anteriormente, não considera essa relação intrínseca entre os dois processos. Sendo assim, as pesquisas que tratam da RED/DES, diante de casos do "tipo 2" (comem/com[i], sabem/sab[i]), têm interpretado esses casos como sendo todos de aplicação de CVP6 e posterior RED/DES (casos expressos na hipótese 1). Por outro lado, trabalhos centrados no fenômeno de marcação de CVP6 tomam a posição metodológica inversa, e tratam todos os mesmos casos como exclusivos de não aplicação de CVP6 (casos expressos na hipótese 2). Sendo assim, ao negligenciar uma discussão aprofundada sobre esse grupo de verbos em especial (casos de dados ambíguos), os estudos, em geral, não adotam medidas metodológicas específicas para dar conta desses casos, fato que pode acarretar interpretações enviesadas do encaixamento (social e linguístico) das duas regras no PB.

Esse possível viés analítico gerado pelo imbricamento entre os dois fenômenos variáveis pode ser vislumbrado nos resultados relacionados à variável *saliência fônica*, grupo de fatores que assume destaque nos estudos que analisam a marcação explícita de CVP6. Se observarmos com cautela em ambientes

denominados pela literatura como menos salientes, especificamente os da categoria 1a da escala de Naro (1981), teríamos casos de *outputs convergentes*, isto é, casos do “tipo 2”, em que a atuação da RED/DES poderia estar sendo interpretada como não aplicação de CVP6. Partindo disso, o resultado de que verbos menos salientes são mais susceptíveis a não marcação de CV nos leva a refletir se a saliência entre formas átonas/tônicas “[...]é uma restrição real sobre a regra de CV, ou é meramente um reflexo da interferência fonológica resultante da desnasalização.” (GUY, 1981a, p.263, tradução nossa), questão importante que já foi trazida por Guy (1981a) e Guy (1996).

2.4 Objetivos, questões e hipóteses

Em decorrência do quadro apresentado, assumimos como objetivo principal desta tese investigar a correlação entre os fenômenos de RED/DES e de marcação eplicita de CVP6 em dados de fala florianopolitana. A fim de abrir debate sobre essa correlação, delimitamos como objetivos específicos:

(i) Investigar, a partir de parâmetros acústicos (duração relativa, grau de nasalidade, qualidade vocálica), as características em termos de qualidade vocálica e duração relativa dos ditongos nasais átonos finais (e suas formas variantes), presentes tanto em dados nominais como em formas verbais de terceira pessoa do plural;

(ii) Empreender uma análise variacionista de ambos os fenômenos variáveis, pautada na revisão dos estudos apresentados neste capítulo e em uma análise acústica anterior, buscando explorar os efeitos da exclusão de “dados ambíguos” (*outputs convergentes*) de ambas as análises;

(iii) Realizar um estudo de correlação entre ambos os fenômenos, fazendo uso do teste de correlação Pearson, assim como o compreendido por Guy (2013) para dados de fala carioca, a

fim de explorar o encaixamento linguístico dos dois fenômenos (RED/DES e marcação explícita de CVP6);

(iv) Problematizar a escala de saliência fônica proposta por Naro (1981), atentando para a necessidade de se levar em conta a distinção fonética entre formas verbais singulares/plurais e as características sociais da comunidade em exame.

Relacionadas a cada um dos objetivos específicos delimitados, listamos, a seguir, algumas questões a serem respondidas:

Objetivo i

a. Há parâmetros acústicos que diferenciam os ditongos nasais átonos finais em nomes e verbos?

Hipótese: Sim. Conjecturamos que parâmetros acústicos finos como duração relativa e qualidade vocálica seriam responsáveis pela distinção entre verbos e nomes e, possivelmente, dentro das categorias verbais, de diferentes tempos/modos. Essa hipótese pauta-se nos trabalhos prévios sobre a RED/DES os quais têm apontado uma maior aplicação do processo em formas nominais (ontem ~ ont[i], ordem ~ ord[i]) do que em formas verbais (comem ~ com[i], pedem ~ ped[i]). No que diz respeito especificamente ao parâmetro duração, critério a ser controlado na análise a ser apresentada no Capítulo 4, acreditamos que os ditongos (e suas formas alternantes) apresentarão duração relativa superior em dados verbais se comparados aos dados nominais.

b. Há parâmetros acústicos/perceptuais que caracterizam a não incidência do processo de CVP6?

Hipótese: Não. Segundo nossa conjectura, nos casos de não marcação de CVP6, não haverá, portanto, nenhum rastro de parâmetros como nasalidade e/ou ditongação, já supomos que

a marcação de CV (e conseqüente inserção da nasalidade e/ou ditongo) não ocorreu.

Objetivo ii

a. A RED/DES é sensível a variáveis de natureza morfológica e sintática?

Hipótese: Sim. Estudos (cf. Seção 2.1) têm apontado que a RED/DES seria sensível à morfologia visto que apresenta índices de aplicação diferentes em verbos e nomes, e comportamento diferenciado entre tempos e modos verbais. Além disso, segundo os estudos revisados, a regra fonológica também apresenta sensibilidade a variáveis de níveis superiores da gramática (sintático e semântico). Acreditávamos, em um primeiro momento, que essa sensibilidade à morfologia pudesse ser resultado do viés gerado pelos dados de *outputs convergentes*. Entretanto, Guy (1996) estima, partindo da frequência de aplicação da não marcação de CVP6 em dados como *é/são* (formas verbais denominadas de formas salientes), via predição estatística, que mesmo que haja interferência da aplicação de RED/DES em formas verbais menos salientes (ou como temos chamado, em *outputs convergentes*), haveria, mesmo assim, uma menor probabilidade de aplicação da regra de CVP6 em verbos dessa categoria do que em verbos mais salientes.

b. A CVP6 é sensível a variáveis de natureza fonológica?

Hipótese: Não. A sensibilidade a variáveis como *contexto fonético seguinte*, a nosso ver, será verificada apenas em casos em que a distinção entre formas verbais singulares e plurais se dá apenas pelo traço de nasalidade (ou outros elementos menos salientes como a qualidade vocálica), isto é, casos em que a perda de marcas poderia ser explicada via processo de RED/DES (apenas a desnasalização seria, nesse caso, sensível

a variáveis fonológicas, mas a marcação de CVP6, a nosso ver, não).

Objetivo iii

a. Em que medida os resultados desta tese podem contribuir com os postulados da TVM?

Hipótese: Acreditamos que os resultados desta tese podem contribuir com os estudos acerca da RED/DES e da marcação explícita de CVP6 no PB, no sentido de compreender melhor qual a relação entre esses dois fenômenos em variação. Em outros termos, os resultados atingidos por este estudo podem elucidar algumas questões relacionadas ao encaixamento dos dois fenômenos na matriz de concomitantes linguísticos e sociais.

Objetivo iv

a. Quais as contribuições deste estudo para a variável *saliência fônica*?

Hipótese: Julgamos que o estudo empreendido nesta tese contribuirá com a discussão a respeito do *status* da variável *saliência fônica* visto que nos deteremos na análise da realização fonética da marcação explícita da CVP6, bem como na estratificação social dessa realização.

2.5 Síntese

Neste capítulo, apresentamos o estado da arte dos estudos prévios centrados nos dois fenômenos em investigação nesta tese: o de RED/DES e o de marcação explícita de CVP6. Posteriormente, apresentamos o objetivo principal e os objetivos específicos deste estudo, bem como as questões e hipóteses norteadoras da presente pesquisa.

Apresentamos, no capítulo seguinte, um panorama dos estudos de variação/mudança linguística nos diversos níveis da gramática.

3 Variação e mudança aquém e além da fonologia

Neste capítulo, apresentamos um painel histórico dos estudos de variação e mudança linguística centrados na análise de fenômenos fonológicos, morfofonológicos e morfossintáticos. Em um primeiro momento, Seção, 3.1, damos ênfase a questões relacionadas à tradição de estudos de variação e mudança sonora. Nosso intuito, com essa retomada, é o de explorar particularmente dois dos postulados basilares que perpassam as correntes teóricas analíticas desde o século XIX e que se mantêm presentes ainda hoje após o advento da TVM (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968): (i) a questão da regularidade de aplicação das leis fonéticas e (ii) a influência única dos fatores fonéticos como condicionadores da mudança sonora. Em seguida, discutimos como os resultados de algumas pesquisas que tratam do fenômeno de RED/DES, já revisadas no Capítulo 2, impõem reflexões a tais “dogmas” adotados no estudo da mudança sonora.

Na Seção 3.2, problematizamos a questão da variação e mudança em níveis da gramática superiores ao fonológico. Retomamos, nesta seção, alguns dos primeiros estudos dentro do quadro da TVM a tratar da variação/mudança acima da fonologia, bem como a polêmica envolvendo Lavandera (1978), Labov (1978) e Romaine (1980). Depois de resgatar brevemente essa discussão, apresentamos a revisão de alguns trabalhos que, assim como os explorados neste estudo, envolvem interface, a saber: (i) queda de -t e -d em clusters consonantais em final de palavra no inglês; e (ii) queda da consoante nasal /n/ marcadora de número em formas verbais de terceira pessoa no

espanhol.

Na Seção 3.3, exploramos os trabalhos que trataram diretamente do encaixamento linguístico entre os dois fenômenos investigados nesta tese: o de RED/DES e o de marcação explícita de CVP6. Por fim, na última seção, refletimos criticamente a respeito dos aspectos teórico-metodológicos explorados neste capítulo, avaliando como tais reflexões direcionaram o estudo aqui desenvolvido.

3.1 O estudo da variação/mudança sonora: do modelo comparativo à TVM

A fim de recuperarmos a gênese dos estudos relativos à mudança sonora, é válido apresentar um painel diacrônico dos estudos de linguística história. Segundo [Faraco \(2005\)](#), os estudos sobre as alterações verificadas nas línguas no decorrer do tempo, empiricamente fundamentados e com base em uma metodologia rigorosa, tiveram início no final do século XVIII, com a corrente histórico-comparativa. Sistemáticamente, segundo o autor, é possível dividir o estudo da mudança linguística em dois grandes momentos ¹ (i) período compreendido entre 1786 e 1878; (ii) período que se inicia com a publicação do Manifesto Neogramático, em 1878, e que se estende até a atualidade.

No primeiro período, caracterizado como período da linguística histórico-comparativa, o objetivo central dos estudiosos era o de, a partir da comparação entre diversos sistemas linguísticos, mapear o grau de parentesco entre línguas e reconstituir, assim, a chamada protolíngua, língua primitiva da qual muitos outros sistemas linguísticos teriam derivado. A busca pela protolíngua, na verdade, correspondia à “hipoteti-

¹ É importante destacar que o interesse pela mudança linguística data de período anterior aos estudos comparativistas. No entanto, como mencionado no texto, esse é o primeiro grupo de estudiosos de que se tem notícia a fazer uso de um método rigoroso de análise.

zação” de uma língua fundadora, com base apenas na verificação de correspondências análogas entre sistemas linguísticos distintos. A procura pela língua-mãe, portanto, representava a busca por um “estágio de língua não necessariamente atestado” (TARALLO, 1990, p.29). Os comparativistas, nesse processo, faziam uso de um método específico e rigoroso, o qual se fundamentava em duas hipóteses: (i) a hipótese do relacionamento entre línguas, e (ii) e a hipótese da regularidade (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968; CÂMARA JR., 1975; TARALLO, 1990; FARACO, 2005). Ao assumirem a hipótese do relacionamento entre línguas, os comparativistas passaram a tratar das semelhanças entre diferentes sistemas linguísticos como indicativos de uma provável relação genética e histórica anterior. Desse primeiro princípio, emerge naturalmente o segundo, o princípio da regularidade, o qual prediz que as línguas sofrem alterações de forma regular, caso contrário, seria impossível encontrar correlações sistemáticas entre sistemas separados da língua fundadora há alguns séculos.

A doutrina histórico-comparativa, “inaugurada” por Bopp ², diferentemente do que poderíamos supor, em um primeiro momento, ateu-se ao estudo das alterações verificadas em níveis superiores da gramática e não no estudo das alterações sonoras – área que se tornou, nos anos subsequentes, foco das investigações acerca dos processos de mudança. A título de ilustração, em seu primeiro trabalho, Bopp (1816 apud FARACO, 2005) apresentou uma comparação entre a morfologia verbal das línguas grega, latina, persa e germânica, não dando atenção, assim, às correspondências sonoras verificáveis nessas línguas.

² O estudo inaugural da ciência histórico-comparativa, segundo muitos autores (CÂMARA JR., 1975; FARACO, 2005; VIARO, 2013) foi centrado no escandinavo antigo. No entanto, como sua obra foi publicada apenas em 1818, dois anos após a publicação de Bopp (1816), o título de “pai da linguística histórica” é, em geral, atribuído a Bopp.

A tradição de estudos relacionados à mudança sonora no campo da linguística histórica assume papel central a partir dos estudos de Grimm (1822 apud FARACO, 2005). Segundo ressalta Câmara Jr. (1975, p. 41), Grimm pode ser considerado “[...] o primeiro lingüista a desenvolver um tratamento sistemático da mudança fonética em face do estudo comparado das línguas germânicas.” Em linhas gerais, a chamada lei de Grimm é um termo que faz referência a uma cadeia de mudanças sofridas pelo sistema das obstruintes na passagem do indo-europeu ao germânico antigo. Na primeira etapa dessas mudanças, algumas obstruintes não vozeadas foram substituídas por suas contrapartes contínuas: Grimm mostra que as consoantes indo-europeias /p/, /t/, /k/ haviam sofrido mudança, no ramo germânico, passando, respectivamente, para /f/, /θ/, /h/. (FARACO, 2005, p. 142)

Com base nessa verificação, Grimm identifica uma regularidade sistemática nessa mudança sonora em específico – os sons oclusivos não vozeados passaram a fricativos, sem que com isso houvesse alteração no ponto de articulação dessas consoantes³. Além da observação da passagem de oclusivas não vozeadas a fricativas vozeadas, Grimm identificou mais duas séries de alterações nas consoantes provenientes do indo-europeu: (i) oclusivas vozeadas > oclusivas não vozeadas; (ii) oclusivas vozeadas aspiradas > oclusivas vozeadas. Assim sendo, a chamada lei de Grimm foi sistematizada da seguinte forma:

Lei de Grimm

oclusivas não vozeadas (p,t,k) > fricativas não vozeadas (f, θ, h(x))

oclusivas vozeadas (b,d,g) > oclusivas não vozeadas (p,t,k)

³ À época, as designações de ponto e modo articulatório não eram ainda feitas nesses termos como elaboradas aqui. Fazemos uso portanto de uma nomenclatura atual para apresentar o ponto de vista defendido por Grimm (1822).

oclusivas vozeadas aspiradas (b^h, d^h, g^h) > oclusivas vozeadas (b,d,g)

(Adaptado de [Campbell \(1999, p. 137\)](#))

Observa-se que Grimm, ao postular essa lei, fez uma reflexão indutiva a partir das correspondências sonoras identificadas. De forma mais clara, Grimm, diferentemente do que vinha sendo feito até então, dentro do quadro da linguística comparativa, buscava mais do que alcançar as línguas-mãe. Grimm procurava compreender o processo de mudança em si e os estágios pelos quais as mudanças passavam, fato que, segundo [Faraco \(2005\)](#), pode ser apontado como uma das características fundamentais que diferencia sua obra da de Bopp:

O primeiro [Bopp] intencionava fundamentalmente estabelecer o parentesco entre línguas. Para isso, trabalhou com textos sem pretender seguir nenhuma cronologia entre eles. Assim, utilizou dados do sânscrito anterior a 1000 a.C., do grego dos séculos IX ou VIII a.C., do latim dos séculos V ou IV a.C., do germânico do século IV d.C., do eslavo do século IX d.C., do persa moderno. Grimm, por sua vez, ao estudar o ramo germânico das línguas indo-européias, tinha dados distribuídos numa sequência de catorze séculos e pôde assim estabelecer sucessão histórica das formas que estava comparando. [...] A partir dos estudos de Grimm, ficou claro que a sistematicidade das correspondências entre as línguas tinha a ver com o fluxo histórico e, mais especificamente, com a regularidade dos processos de mudança. ([FARACO, 2005, p.135](#))

Dessa maneira, Grimm deu um passo à frente de seus contemporâneos e, em vez de assumir a regularidade da mudança sonora como um princípio *a priori*, procurou descrevê-la e testá-la. Contudo, apesar de a lei de Grimm prever uma regularidade constante de aplicação, algumas exceções foram encontradas. Em geral, faz-se alusão a dois grupos de dados que contradizem os postulados de Grimm: (i) alguns itens lexicais em que as

consoantes oclusivas não vozeadas não passaram, como previa a lei, a consoantes fricativas, como em *piscis* – latim, *fisks* – gótico, *fisc* – inglês antigo, peixe; (ii) casos em que consoantes oclusivas não vozeadas do indo-europeu passaram, nas línguas germânicas, a oclusivas ou fricativas vozeadas como em *pater* – indo-europeu > *fadar* – gótico, *pai* (MCMAHON, 1994).

Durante cerca de cinquenta anos, em virtude da constatação da existência de exceções à lei de Grimm, o princípio da regularidade da mudança sonora foi, de certa forma, abalado. No entanto, Verner (1985) encontrou uma sistematização para tais exceções, evidenciando que tais contra-argumentos à questão da regularidade da aplicação das leis fonéticas eram apenas aparentes. A lei de Verner complementou a lei de Grimm ao estabelecer que as consoantes sofriam alteração apenas quando “não ocorriam depois de sílabas fracas no primitivo indo-europeu” (FARACO, 2005, p.142). Desse modo, Verner reduziu, então, a aplicação da lei de Grimm a um contexto específico: a lei só se manifesta quando o som é sucedido por uma sílaba fraca, isto é, átona. Ao encontrar sistematicidade naquilo que aparentemente configurava-se como uma exceção às leis fonéticas, Verner dá ainda mais peso ao princípio da regularidade. As leis de Grimm e de Verner, postuladas na primeira metade do século XIX, trouxeram, assim, uma nova direção para o estudo da mudança sonora. É possível afirmar que os estudos de fonética comparada foram os primeiros a fornecer subsídios para se pensar em generalizações no que tange à mudança nos sistemas sonoros das línguas.

Com base na observação de que as mudanças sonoras são regulares, como postulado por Grimm e ressaltado por Verner, é que surgiu o movimento neogramático, demarcado cronologicamente pela publicação do Manifesto Neogramático (OSTHOFF; BRUGMANN, 1967). Em linhas gerais, a tradição neogramática diferenciava-se da corrente comparativa por questionar os pres-

supostos basilares do método empregado na comparação entre línguas. Os neogramáticos questionavam, por exemplo, o objetivo central da “velha linguística” – termo empregado ao se referirem ao modelo comparativo –, de alcançar a protolíngua. Segundo a nova proposta, os estudiosos da mudança deveriam deter-se no estudo de línguas vivas e não no de línguas mortas, com o mero intuito de “recriá-las”.

Com a publicação do Manifesto, os neogramáticos inauguram, portanto, um novo paradigma no estudo da mudança. De forma distinta do método precursor, os neogramáticos abandonaram o ideal pela busca das línguas-mães e adotaram, como objetivo principal de suas análises, compreender o processo evolutivo da mudança, detendo-se, essencialmente, nas leis fixas do comportamento fonético no percurso das línguas. Os princípios postulados, por essa corrente, foram:

- (i) Princípio da regularidade da mudança sonora;
- (ii) Princípio da analogia.

A questão da regularidade da mudança sonora, segundo a proposta neogramática, prediz que uma mudança que envolve um determinado som da língua é “sempre a mesma para todos os membros de uma comunidade linguística [...] e que todas as palavras que apresentam o som sujeito à mudança apresentam a mesma relação e são afetadas pela mudança, sem exceção” (OSTHOFF; BRUGMANN, 1967, p. 221)⁴. Dizer que a mudança é regular, portanto, significa assumir que a mudança é foneticamente gradual, ou seja, que ela pode ocorrer sempre que um determinado som em mudança for empregado. Assim sendo, ao

⁴ Na versão traduzida para o inglês (LEHMANN, 1967): “That is, the direction of the sound shift is always the same for all the members of a linguistic community except where a split into dialects occurs; and all words in which the sound subjected to the change appears in the same relationship are affected by the change without exception”.

postularem o princípio de regularidade da mudança sonora, os neogramáticos evocaram, simultaneamente: (i) a ideia de que as mudanças sonoras não aceitam exceções – se a mudança atinge regularmente os sons de uma língua, tais mudanças, portanto, não admitem ressalvas; (ii) a ideia de que a mudança sonora seria condicionada exclusivamente por fatores fonéticos (OLIVEIRA, 1991, p.93).

Para dar conta das exceções, e sem com isso violar o princípio da regularidade da mudança sonora, levada às últimas consequências pelos neogramáticos, os estudiosos propuseram o princípio da analogia. Quando uma mudança sonora não era regular ou então quando não era fruto de empréstimo de outras línguas, a analogia era utilizada como recurso explicativo. De acordo com Campbell e Mixco (2007), analogia é, às vezes, descrita como ‘empréstimo interno’; a ideia é de que, em mudanças analógicas, a língua pode ‘pegar emprestado’ seus próprios padrões para alterar outros padrões’. De forma mais específica, todas as mudanças que não obedeciam aos critérios regulares da mudança sonora eram explicadas via analogia – essas mudanças seriam condicionadas, portanto, por forças paradigmáticas das línguas, isto é, pelos padrões (em geral morfológicos) regulares. Estaria ocorrendo, nesse caso, o que os neogramáticos tratavam como uma “interferência do plano gramatical sobre o plano fônico, afetando o caráter absoluto da mudança sonora.” (FARACO, 2005, p.52).

O princípio da analogia, assim, diferente do princípio de regularidade, ao ser evocado, prevê que as exceções às leis fonéticas ocorriam devido a forças de níveis da gramática superiores ao fonológico. Em síntese ⁵:

⁵ No original: Sound change deals with processes operating at the phonological level while analogy deals with those at the grammatical (morphological or syntactic) level. The approach thus presupposes a ‘dual articulation’ of language (Martinet 1964:22) with the phonological and the grammatical levels exhibiting different kinds of regularity.

A mudança sonora lida com processos operando no nível fonológico, enquanto que a analogia lida com aquelas que estão no nível gramatical (morfológico ou sintático). A abordagem [neogramática] pressupõe, portanto, uma 'dupla articulação' da linguagem (Martinet 1964: 22) com os níveis fonológico e gramatical exibindo diferentes tipos de regularidade. (BYNON, 1977, p. 24, tradução nossa)

A partir do que foi exposto, é possível deduzir que, desde que a hipótese neogramática foi lançada, as mudanças sonoras foram divididas em dois grupos: (i) mudanças sonoras regulares – aquelas que se manifestavam sempre que houvesse contexto e que seriam condicionadas exclusivamente por fatores de natureza fonética; e (ii) mudança por analogia – aquelas explicadas via interferência do plano gramatical na língua e condicionadas por fatores de outros níveis da gramática. Ao estabelecerem essa distinção, os neogramáticos foram os primeiros a postular que as mudanças fonético/fonológicas não seriam sensíveis a interferência de níveis superiores da gramática.

Com o advento da linguística moderna, os estudos passaram a dar ênfase aos aspectos sincrônicos dos sistemas linguísticos, negligenciando, de certo modo, as questões diacrônicas. Foi apenas em 1968, com a publicação de Fundamentos Empíricos para uma Teoria da Variação e Mudança - TVM (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968), que as discussões acerca do processo evolutivo das línguas assumiram novamente papel de destaque nas discussões linguísticas. A TVM (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968; LABOV, 1969; LABOV, 1972; LABOV, 1982; LABOV, 1994b; LABOV, 1994a; LABOV, 2010) também elegeu, em primeira instância, assim como a doutrina neogramática, a variação/mudança sonora como foco principal de investigação. Tal primazia da fonologia em relação a outras áreas da gramática no estudo da variação/mudança, no momento de configuração da proposta variacionista, ocorreu essencialmente

devido ao fato de que, na fonologia, é inquestionável que a alternância entre formas variantes (no caso alternância alofônica) tenha um mesmo referente semântico. Desse modo, é inegável que a variação fonológica “pressupõe a opção de dizer ‘a mesma coisa’ de várias maneiras diferentes, isto é, as variantes são idênticas em valor de verdade ou referencial, mas se opõem em sua significação social/estilística” (LABOV, 1972, p.313). Não temos dúvida de que um item lexical como “árvore”, por exemplo, ao ser produzido com vogal postônica não final [ɔ] (árvure), faça menção ao mesmo referente de “árvore”, pronunciada com vogal postônica não final [o].

A fim de ilustrar essa predileção aos estudos centrados na questão da variação/mudança sonora, podemos mencionar as primeiras pesquisas desenvolvidas no âmbito da TVM: a centralização da vogal-base dos ditongos em Martha’s Vineyard (LABOV, 1963), a estratificação do -r nas lojas de departamento de Nova Iorque (LABOV, 1966), as mudanças vocálicas no inglês (LABOV; YAEGER; STEINER, 1972; LABOV, 1981; LABOV, 1994b). A maioria dos resultados de tais estudos, centrados especialmente em processos de variação/mudança vocálica em dialetos do inglês norte-americano, advogam a favor da posição neogramática de que a mudança fonética é regular. Nas palavras de Labov (1994b, p.455), as mudanças vocálicas em cadeia (*chain shifts*) do inglês da Filadélfia “exibem todas as três características centrais de uma mudança sonora nos moldes neogramáticos: regularidade lexical, gradualidade e condicionamento fonético.”⁶

Na década de 1970, surgem as primeiras contra-evidências aos postulados neogramáticos. No trabalho de Wang e Chen (1977), sobre os tons no chinês, os autores verificaram a existência de mudanças sonoras não regulares, que se propagam

⁶ No original: “[. . .] exhibit all three central characteristics of a Neogrammarian sound change: lexical regularity, gradualness, and phonetic conditioning.”

por meio do léxico e que não podem ser explicadas via analogia⁷. Surge, então, a proposta da difusão lexical, modelo que desde então, tem sido defendido, com ampla base de dados empíricos, os quais não podem ser ignorados por uma teoria acerca dos processos de variação/mudança.

Tradicionalmente, na literatura, as correntes neogramática e difusionista têm sido contrapostas em um esquema dicotômico, expresso na Tabela 20.

Tabela 20: Modelo neogramático *versus* modelo difusionista

neogramático	difusionista
O som é o <i>locus</i> da mudança	A palavra é o <i>locus</i> da mudança
Mudanças sonoras não admitem exceções	Mudanças sonoras admitem exceções
Mudanças sonoras são condicionadas apenas por fatores fonéticos	Nem todas as mudanças são condicionadas por fatores fonéticos (e.g. condicionamento gramatical)
Mudanças sonoras são foneticamente graduais e lexicalmente abruptas.	Mudanças sonoras são foneticamente abruptas e lexicalmente graduais.

Fonte: Adaptado de Oliveira (1991, p. 93).

Segundo a proposta neogramática, o *locus* da mudança é o som, ou seja, para os neogramáticos um determinado componente sonoro na língua é afetado pela mudança, independente da palavra em que se encontra inserido. Desse modo, se o som é o elemento que carrega a mudança, não há como admitir exceções: sempre que esse som se manifestar, estará suscetível a sofrer alterações. Outro ponto ressaltado pelos neogramáticos, e já mencionado no corrente texto, é de que a mudança sonora seria “cega” à gramática, sendo influenciada unicamente por fatores de natureza também fonética. A título de ilustração, uma

⁷ Nas palavras de Labov (1981, p. 270, tradução nossa): Como Wang salientou, os dados chineses são particularmente úteis para testar a hipótese neogramática visto que as analogias morfológicas, que podem interferir na regularidade da mudança sonora em paradigmas flexionais, são praticamente inexistentes.

mudança sonora poderia ocorrer com maior frequência em contextos tônicos, ou quando o som em mudança fosse precedido por uma consoante com determinadas características articulatórias. No entanto, segundo os neogramáticos, um processo de mudança sonora jamais seria influenciado, por exemplo, pela classe gramatical da palavra em que tal elemento sonoro se encontrava.

Já para a proposta difusionista, o *locus* da mudança não é o som, mas a palavra. Sendo assim, determinados itens lexicais seriam mais suscetíveis à verificação da mudança do que outros. Partindo desse ponto de vista, as mudanças sonoras passam então a admitir exceções – algumas palavras são afetadas pela mudança, enquanto que outras, não. Outra diferença entre o modelo de difusão lexical e o modelo neogramático é que, nesse novo modelo, a mudança sonora não é necessariamente condicionada por fatores fonéticos, mas também por fatores gramaticais.

Na tentativa de resolver o impasse da controvérsia neogramática, Labov (1981) ressalta que, dentre os fenômenos investigados por ele (e seus colaboradores), há casos de mudanças que se enquadram no modelo neogramático e de outras que se enquadram no modelo difusionista. Na esteira de fenômenos que se encaixam nos moldes neogramáticos, é possível fazer referência à elevação de /ohr/, descrita em LYS (1972). Segundo Labov (1981): (i) a elevação de /ohr/ não envolve apenas as palavras *door*, *four*, *more*, mas todos os itens lexicais que apresentam tal som que foram encontrados em dados de fala espontânea, independente se tais itens são comuns ou incomuns⁸, (ii) essas mudanças parecem ser graduais, e (iii) as mudanças em curso mostram os tipos mais detalhados de condicionamento fonético, sem indicação de atuação de restrições gramaticais.

⁸ Por 'comuns' e 'incomuns', entende-se 'frequente' e 'infrequente'.

Todavia, como exemplo de uma mudança nos moldes difusionistas, Labov (1981) faz menção à cisão do *α* breve no inglês da Filadélfia. Após uma série de experimentos centrados na aquisição do ‘*α* curto’ por filadelfianos, Labov (1981) conclui que o uso de vogal frouxa em oposição ao uso da vogal tensa em contextos fonológicos semelhantes como *mad* (pronunciada sempre com vogal tensa) e *sad* (pronunciada sempre com vogal frouxa) refletia a aquisição de duas entradas lexicais, cada uma com uma vogal distinta. Dessa forma, a cisão do ‘*α* curto’, por envolver duas formas subjacentes (nesse caso fonemas e não alofones) foi considerada por Labov (1981) como uma regra fonológica abstrata, o que, segundo ele, configurava um caso de difusão lexical.

Labov (1981) admitiu, portanto, a existência de mudanças sonoras tanto nos moldes neogramáticos como nos moldes difusionistas e buscou, então, propor uma teoria avançada que desse conta de ambos os modelos. A questão posta por ele foi: “Como podemos conciliar dois blocos de evidências que apontam em direções opostas? (LABOV, 1981, p.284, tradução nossa).⁹ As mudanças de perfil neogramático, Labov (1981) rotulou como *low output level rules*, isto é, mudanças que ocorreriam apenas na superfície da língua (no nível fonético, portanto), sem nenhum diálogo com uma gramática mais profunda. Assim, Labov (1981), partindo dos seus estudos, propôs então que regras de superfície seriam regras neogramáticas, por excelência, e que regras mais abstratas, por sua vez, como a cisão do *α* curto, seriam regras difusionistas. Na Tabela 21, apresentamos, de forma sistemática, os traços que seriam correspondentes de um lado a mudanças nos moldes neogramáticos e de outro, a mudanças nos moldes difusionistas.

⁹ No original: How can we reconcile two masses of evidence that point in opposite directions?

Tabela 21: Mudanças neogramáticas *versus* mudanças difusionistas (cf. Labov (1981))

	Mudanças neogramáticas	Mudanças difusionistas
Discreta	SIM	NÃO
Foneticamente condicionada	SIM	NÃO
Exceções lexicais	NÃO	SIM
Condicionamento gramatical	NÃO	SIM
Afetada socialmente	SIM	NÃO
Predizível	SIM	NÃO
Adquirida	SIM	NÃO
Categorizável	NÃO	SIM
Entradas lexicais	1	2
Difusão lexical: passado	NÃO	SIM
Atuação no presente	NAO	SIM

Com base na retomada apresentada nesta seção, é possível perceber que, no percurso de estudos de mudança sonora, a fonética foi negligenciada, de certo modo, como parte não pertencente à gramática. Desde os neogramáticos, estabeleceu-se uma diferença entre mudanças que chamamos aqui como mudanças de superfície e mudanças gramaticais. Labov (1981), de fato, assume esse ponto de vista para “resolver” a controvérsia neogramática: mudanças que ocorrem na superfície da língua seriam mudanças nos moldes neogramáticos e mudanças que ocorrem na gramática seriam mudanças difusionistas. Dessa forma, a TVM, ao lidar com a mudança sonora, portanto, filia-se, de certo modo, aos modelos formais de gramática, que não permitem que a fonética acesse níveis gramaticais mais profundos.

Problematizamos, na seção seguinte, alguns dos pontos discutidos até o momento, com base nos resultados de estudos sobre o fenômeno de RED/DES em dados do PB.

3.1.1 A RED/DES no PB: um fenômeno neogramático ou difusionista?

O fenômeno variável de RED/DES (hom[êj] ~ hom[ĩ] ~ hom[ɪ], sab[êj] ~ sab[ĩ] ~ sab[ɪ]) é um dos processos fonológicos do PB que, conforme apontam resultados dos estudos variacionistas resenhados (cf. Capítulo 2), não se enquadra nem nos moldes neogramáticos, nem nos moldes difusionistas. Apesar de o fenômeno não corresponder plenamente às características de um ou outro modelo, a RED/DES, conforme indicam os estudos, sofre influência de condicionamentos fonéticos/fonológicos e sociais (traços de fenômenos neogramáticos), como também condicionamento gramatical e lexical (traços de fenômenos difusionistas).

Conforme explorado no Capítulo 2, o processo de RED/DES no PB atua sobre os ditongos nasais átonos em posição terminal de palavra. Assim, apresentam contexto para a aplicação do fenômeno tanto dados nominais – homem (hom[êj] ~ hom[ĩ] ~ hom[ɪ]), garagem (garage[êj], garag[ĩ] ~ garag[ɪ]), órfão (órf[êw̃] ~ órf[õ] ~ órf[ɔ]), como dados verbais – pensavam (pensav[êw̃] ~ pensav[õ] ~ pensav[ɔ]), falaram (falar[êw̃] ~ falar[õ] ~ falar[ɔ]). A partir dos exemplos, observamos que há duas possibilidades de aplicação do fenômeno – uma em que se verifica apenas a redução do ditongo e a manutenção da nasalidade ¹⁰ (hom[ĩ], garag[ĩ] órf[õ], pensav[õ], falar[õ]) – a qual aludiremos no decorrer do texto como redução de ditongos nasais átonos, e outra em que se observa concomitantemente a redução e a queda da nasalidade (hom[ɪ], garag[ɪ], órf[ɔ], pensav[ɔ], falar[ɔ]).

Dentre os estudos que abordaram a RED/DES em dados do PB, podemos fazer alusão aos estudos de [Votre \(1978\)](#), [Guy](#)

¹⁰ Diferentemente de processos de monotongação envolvendo ditongos orais no português (louca ~ loca, feira ~ fera, caixa ~ caxa), nos quais o fenômeno, ao incidir, mantém a vogal como núcleo da sílaba, nos casos de RED/DES, o que se verifica, após a aplicação do processo, é a semivogal do ditongo reminiscente assumir a posição de núcleo silábico.

(1981a), Battisti (2002), Bopp da Silva (2005), Schwindt e Bopp da Silva (2009), Schwindt, Bopp da Silva e Quadros (2012), Silva, Fonseca e Cantoni (2012), Gomes, Mesquita e Fagundes (2013). Retomamos, nesta seção, apenas alguns dos resultados desses estudos, com vistas a discutir como o fenômeno em questão problematiza os dois modelos de mudança sonora (neogramático e difusionista), abordados na seção anterior.

O primeiro ponto a ser problematizado é o referente aos resultados exibidos pelos estudos no que diz respeito à variável *classe gramatical*. Se conjecturarmos que o fenômeno de RED/DES é um fenômeno tipicamente neogramático, partimos, necessariamente, da premissa de que a aplicação do fenômeno não seria sensível portanto à classe de palavra em que tais ditongos estão situados. Posto em outros termos, esperaríamos que os índices de aplicação do fenômeno fossem próximos ao compararmos dados como ontem (advérbio), homem (substantivo) e comem (verbo), por exemplo. Contudo, as pesquisas que versam sobre o tema têm apresentado resultados que nos levam a pensar em uma direção contrária. Os estudos de *Votre* (1978), Battisti (2002), Bopp da Silva (2005), Schwindt e Bopp da Silva (2009) e Schwindt, Bopp da Silva e Quadros (2012) têm apontado que a desnasalização ocorre, em maior escala, quando o ditongo nasal átono final é apenas uma marca fonêmica. Todos os estudos mencionados apresentam, por exemplo, maiores índices de aplicação de desnasalização em formas nominais do que em formas verbais.

Na pesquisa de Schwindt e Bopp da Silva (2009), com o intuito de discutir com mais profundidade a questão de acesso do fenômeno de RED/DES à morfologia, os autores refinaram essa variável, desmembrando-a, além de verbos e nomes, em mais fatores, a saber: (i) a categoria dos nomes foi dividida em nomes terminados com sufixo *-gem* (reciclagem), nomes com *-gem* na raiz (origem), demais nomes (homem); (ii) a categoria dos verbos

foi seccionada em pretérito perfeito do indicativo (cantaram), pretérito imperfeito do subjuntivo (cantassem), presente do indicativo (cantam), presente do subjuntivo (cantem), futuro do pretérito do indicativo (cantariam), imperativo (cantem), pretérito imperfeito do indicativo (cantavam), infinitivo pessoal (cantarem) e futuro do subjuntivo (cantarem). Os resultados relativos a esse novo controle encontram-se expressos na Tabela 22.

Tabela 22: Resultados relativos à variável classe da palavra

Fatores	Exemplos	Aplicação/Total	%	PR
Nomes com sufixo – gem	reciclagem	120/175	69	0,81
Nomes com gem na raiz	origem	98/159	62	0,79
Nomes	homem	119/224	53	0,67
Pretérito perfeito do indicativo	cantaram	1050/2518	42	0,59
Pretérito imperfeito do subjuntivo	cantassem	36/96	38	0,52
Presente do indicativo	cantam	886/2985	30	0,46
Presente do subjuntivo	cantem	35/112	29	0,45
Futuro do pretérito do indicativo	cantariam	9/43	21	0,42
Imperativo	cantem	5/22	23	0,41
Pretérito imperfeito do indicativo	cantavam	618/2488	25	0,40
Infinitivo pessoal	cantarem	10/54	19	0,37
Futuro do subjuntivo	cantarem	29/160	18	0,30
Total		2916/8885	33	

Fonte: Adaptada de Schwindt e Bopp da Silva (2009, p. 23).

A partir dos resultados de Schwindt e Bopp da Silva (2009), observamos que junto aos dados nominais (nomes terminados em sufixo – gem, nomes com gem no radical e demais nomes), favorecem também a aplicação do processo de RED/DES as formas verbais no pretérito perfeito do indicativo (falaram ~ falaru). A ideia de que a desnasalização tende a preservar marcação mórfica, no entanto, segue inalterada, uma vez que em tais formas verbais, apontadas como favorecedoras da desnasalização, outros elementos são responsáveis pela distinção singular/plural – no caso de *cantaram*”, por exemplo, temos a forma cantou (singular) e a forma cantaram (plural) – a nasalidade, portanto, não é a única responsável pela marcação de número.

A partir desses resultados, verifica-se que a aplicação do fenômeno de RED/DES parece ser sensível, além dos condicionadores fonético/fonológicos (*contexto seguinte*, *contexto precedente*, *tonicidade do contexto seguinte* etc.) a fatores de módulos

superiores da gramática. Essa constatação, de certo modo, vai ao mesmo tempo a favor e contra à classificação do fenômeno como neogramático: o fenômeno sofre condicionamento fonético, no entanto, também dialoga com a morfologia.

Sob uma perspectiva oposta, é possível tratar a RED/DES como um processo tipicamente difusionista. Encontramos suporte para essa linha de raciocínio nos resultados de [Silva, Fonseca e Cantoni \(2012\)](#), estudo que buscou, a partir de uma abordagem baseada no uso ([BYBEE, 2001](#); [BYBEE, 2002](#); [BYBEE, 2010](#); [PIERREHUMBERT, 2003](#)), analisar a redução do ditongo nasal [ãw] na morfologia verbal do português. Os autores consideraram os efeitos de frequência, medidas com base no banco do Projeto ASPA, sobre a redução dos verbos da primeira conjugação nos seguintes tempos e modos: (i) presente do indicativo (cantam), (ii) pretérito perfeito do indicativo (cantaram), (iii) pretérito imperfeito do indicativo (cantavam).

Os resultados alcançados por [Silva, Fonseca e Cantoni \(2012\)](#) foram os de que formas verbais mais frequentes sofrem o processo de redução com maior incidência do que verbos menos frequentes, conforme evidenciam a [Tabela 23](#) e [Figura 3](#).

Tabela 23: Frequência dos verbos cosiderados por [Silva, Fonseca e Cantoni \(2012\)](#) - Projeto ASPA

	presente do indicativo		pretérito perfeito		pretérito imperfeito		
	verbo	frequência	verbo	frequência	verbo	frequência	
verbos + frequentes	precisam	12.728	ficaram	22.944	passavam	1.749	
	acabam	7.092	passaram	15.343	tentavam	1.654	
	encontram	6.309	entraram	7.924	ficavam	1.439	
	disputam	6.081	levaram	7.770	usavam	1.398	
	indicam	6.032	tentaram	4.381	achavam	1.078	
	ruminam	6	versavam	6	primavam	6	
	salpicam	6	gelaram	6	prezavam	6	
	respingam	6	domaram	6	vedavam	6	
	verbos - frequentes	picotam	6	lavraram	6	balizavam	6

Fonte: Adaptado de [Silva, Fonseca e Cantoni \(2012, p. 288\)](#).

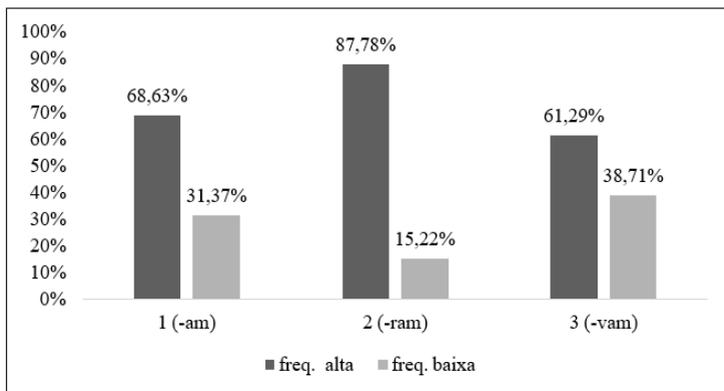


Figura 3: Índice percentual de redução de ditongos [ẽw̃] por frequência dos dados verbais nos tempos *presente do indicativo*, *pretérito perfeito* e *pretérito imperfeito*

De acordo com os dados expostos por [Silva, Fonseca e Cantoni \(2012\)](#), foram vislumbrados efeitos de frequência sobre os três tempos e modos verbais em análise: os índices de redução dos ditongos foram significativamente superiores em itens verbais com alta frequência como *precisam*, *ficaram* e *passavam*, do que em itens com baixa frequência como *picotam*, *lavraram* e *balizaram*. Esse resultado nos leva na direção de que o fenômeno de RED/DES seria um fenômeno lexicalmente condicionado, fato que vai ao encontro da hipótese difusionista.

A partir dos resultados revisados, encontramos, portanto, na literatura, argumentos que nos permitiriam definir o fenômeno de RED/DES tanto como um fenômeno neogramático quanto como um fenômeno difusionista. O esquema a seguir, adaptado de [Labov \(1981, p.296\)](#), visa estabelecer uma comparação entre os traços delimitados como caracterizadores de fenômenos neogramáticos, difusionistas e aqueles que correspondem ao fenômeno de RED/DES.

Segundo os estudos acerca do tema, e conforme destacado na Tabela 24, a RED/DES teria condicionamento fonético, gra-

Tabela 24: A redução/desnasalização e os modelos neogramático e difusionista

	Mudanças neogramáticas	Mudanças difusionistas	Redução/desnasalização
Discreta	SIM	NÃO	SIM
Foneticamente condicionada	SIM	NÃO	SIM
Exceções lexicais	NÃO	SIM	NÃO
Condicionamento gramatical	NÃO	SIM	SIM
Afetada socialmente	SIM	NÃO	SIM
Predizível	SIM	NÃO	SIM
Adquirida	SIM	NÃO	?
Categorizável	NÃO	SIM	?
Entradas lexicais	1	2	?
Difusão lexical: passado	NÃO	SIM	?
Atuação no presente	NÃO	SIM	SIM

matical e lexical, seria sensível a forças sociais e predizível na medida em que seu contexto de aplicação é bem delineado: o fenômeno aplica-se aos ditongos nasais átonos finais, e, embora haja preferência por uma palavra ou por outra (efeitos de frequência), não há relatos de que algum item lexical em particular iniba a aplicação do fenômeno. Os traços, assinalados no quadro anterior com 'sim', nos levam a crer que, para que a controvérsia neogramática seja de fato resolvida, seria necessário transcender a ideia de que os fenômenos no âmbito da fonética/fonologia apresentam apenas traços de um ou outro tipo de mudança. É necessário, como ressalta [Bybee \(2002\)](#), assumir que mesmo mudanças sonoras graduais, condicionadas por fatores fonéticos, também podem apresentar difusão lexical.

Por fim, a última questão que se coloca em relação à posição assumida pela tradição de estudos da mudança sonora é o fato de que a fonética seria produto superficial da língua, sem que houvesse a possibilidade de interação entre a forma fonética superficial (forma de *output*) e níveis superiores da gramática. Nesse sentido, trabalhos como o de [Silva, Fonseca e Cantoni \(2012\)](#) encontraram relação entre a duração dos ditongos nasais átonos finais (e de seus monotongos), mensurada em milissegundos, e a frequência das palavras na língua. A correlação entre duração do ditongo e frequência dos itens lexicais na

língua indica, portanto, sensibilidade do fenômeno, ao léxico. Segundo a autora:

[...] a redução segmental do ditongo para monotongo não é abrupta, mas gradiente, e busca acomodar-se aos padrões duracionais regulares dos monotongos no PB. Assim, palavras mais frequentes, cujo uso recorrente promove a consolidação de rotinas motoras, apresentam valores duracionais homogêneos. Por outro lado, palavras pouco frequentes [...] encontram-se em busca de estabilização dos parâmetros duracionais e, por esta razão, apresentam maior variabilidade. (SILVA; FONSECA; CANTONI, 2012, p.290)

Em suma, o fenômeno de RED/DES problematiza alguns postulados norteadores dos estudos envolvendo a mudança sonora: o fenômeno, apesar de se enquadrar em alguns dos traços característicos de fenômenos neogramáticos, parece acessar níveis superiores da gramática (léxico e morfologia), características que levaria a tradição a classificá-lo como um fenômeno difusionista. Em acréscimo, há indícios na literatura de que parâmetros finos, como, por exemplo, duração, também acersariam níveis mais abstratos da gramática, fato que, se confirmado, também deporá contra a resolução de Labov (1981) para a controvérsia neogramática.

Na Seção 3.2, tratamos das questões envolvendo os processos de variação e mudança que extrapolam o nível da fonologia.

3.2 Variação/mudança acima e além da fonologia

Conforme já enfatizamos, é fato que o estudo da mudança sonora sempre foi privilegiado em relação ao da mudança em outros níveis da gramática. Apesar de alguns trabalhos compa-

rativistas terem focado aspectos da morfologia das línguas, a mudança sonora assumiu papel central nos estudos que investigam o processo evolutivo das línguas. A primazia das pesquisas envolvendo a mudança sonora deu-se em função, principalmente, da possibilidade de generalização dos processos de mudança, como registrado, por exemplo, nas primeiras leis fonéticas de Grimm e Verner (cf. Seção 3.1). Esses estudiosos, além de observarem que as línguas cognatas apresentavam correspondências fonéticas, encontram leis que norteavam o percurso das mudanças.

O incremento da Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968) também foi impulsionado por uma série de estudos no campo da fonologia. Em 1969, com o estudo sobre contração e apagamento da cópula no African American English (AAE), Labov (1969) ampliou a noção de variação para além da fonologia. A partir de então, outros trabalhos – dentre os quais daremos destaque, neste momento, ao de Sankoff (1972) e de Weiner e Labov (1983, 1977) – tratando de variação sintática, desencadearam a polêmica envolvendo a seguinte questão: “Haveria ou não variação acima (e além) da fonologia?”.

Dentro do quadro teórico da TVM, Sankoff (1972) se posicionou a favor do estudo da variação que ultrapassasse os limites da fonologia. Segundo a autora, “A extensão de considerações probabilísticas da fonologia para a sintaxe não representa um salto conceitualmente difícil. Sempre que um falante dispuser de opções abertas, podemos inferir, a partir de seu comportamento subjacente, um conjunto de possibilidades”. (SANKOFF, 1972, p.25, tradução nossa). Para dar suporte ao seu ponto de vista, Sankoff (1972) apresenta em seu texto três exemplos de fenômenos variáveis, envolvendo os níveis sintático e semântico: (i) a localização da marca de futuro no Tok Pisin falado na Nova Guiné, (ii) o apagamento do complementizador *que* no

francês de Montreal, e (iii) uso do indefinido também no francês de Montreal.

Nesse estudo, no que diz respeito aos dois primeiros fenômenos investigados (i) localizador da marca de futuro no Tok Pisin falado na nova Guiné e (ii) apagamento do complementizador *que* no francês de Montreal, Sankoff (1972) não verificou a ação de nenhum condicionador estilístico ou social, vislumbrando apenas a força de fatores sintáticos sobre os fenômenos em exame. O terceiro caso estudado por Sankoff, uso do indefinido no francês de Montreal, por seu turno, no que tange ao condicionamento social, mostrou diferenças apenas nas taxas de aplicação entre sujeitos mais jovens e mais velhos.

Weiner e Labov (1983, 1977) também se dedicaram ao estudo da variação acima da fonologia ao tratar da alternância entre construções passivas e ativas no inglês. Os autores, seguindo os pressupostos teórico-metodológicos da TVM, buscaram, nessa investigação, realizar um estudo quantitativo da escolha por uma construção em detrimento da outra. Weiner e Labov (1983, 1977) assumiram, neste trabalho, que construções ativas (e.g. *They broke into the liquor closet*) e passivas (e.g. *The liquor closet was broken into*) seriam formas variantes de uma mesma variável, estendendo, para o nível sintático, o parâmetro utilizado para identificar formas variantes no nível fonológico: o critério de equivalência semântica.

Os autores compararam a fala de 42 informantes norte-americanos, 32 filadelfianos (brancos) e 11 nova-iorquinos (negros), divididos em duas classes sociais (*working class* e *middle class*), duas faixas etárias (adolescentes e adultos) e em sexo. Os possíveis condicionadores responsáveis pela escolha da variante 'construção passiva', controlados neste estudo, foram: (i) fatores externos – *estilo, sexo, faixa etária, classe social, etnia*; (ii) fator interno – *paralelismo da estrutura superficial* (sintático).

No que tange aos fatores externos, nenhum dos condicionadores exerceu papel significativo na escolha pelas construções passivas. No controle da variável *estilo*, as passivas foram produzidas com mais frequência em falas cuidadas (0,54 – 40%) do que em falas casuais (0,46 – 32%). Em relação à variável *sexo*, nenhuma diferença foi observada na fala de homens e de mulheres – ambos apresentaram percentuais de uso de passivas próximos (32% homens e 39% mulheres) e pesos probabilísticos idênticos (0,50). Já no que diz respeito à variável *classe social*, diferentemente do que esperavam os autores com base em estudos prévios, os falantes da *working class* apresentaram índices de aplicação superiores (0,58 – 40%) aos da *middle class* (0,46 – 27%). Por fim, no que toca à variável *faixa etária*, foram os adultos os que apresentaram maiores taxas de uso de construções passivas (0,56 – 38%).

Segundo destacaram os autores, apesar de alguns grupos de condicionadores externos terem apresentado diferenças, tais valores não se afastaram muito de 0,50. Tal fato, aliado à verificação dos valores de *likelihood*, atestaram, portanto, que o papel das variáveis externas no uso de construções passivas foi irrisório. Apenas a variável interna, *paralelismo da estrutura superficial*, desse modo, mostrou-se significativa: o uso de construções passivas foi favorecido quando o sujeito da oração anterior era co-referente ao objeto da oração em análise. (LABOV, 1978, p. 7)

A partir desses resultados, os autores concluíram que, no caso desse objeto de estudo específico, há uma interdependência entre fatores externos e internos:

Esse resultado indica uma interdependência substancial dos dois conjuntos de restrições. Todos os segmentos da população parecem tratar da escolha entre passiva/ativa da mesma maneira e, inversamente, as mesmas restrições são encontradas em toda a comunidade de fala. [...]

A separação dos dois conjuntos de restrições confirma outros indicadores de que fatores sociais operam principalmente sobre padrões de superfície em vez de operarem na sintaxe abstrata. (WEINER; LABOV, 1983, p. 56, tradução nossa)

Lavandera (1978), após a publicação de Sankoff (1972) e da apresentação do trabalho de Weiner e Labov (1983, 1977), deu início à polêmica que ainda encontra espaço nos dias atuais: Haveria, de fato, variação em níveis da gramática superiores ao fonológico? Segundo Lavandera (1978, p. 171, tradução nossa), “[...] é insuficiente para o estado atual da pesquisa sociolinguística estender a outros níveis de análise da variação a noção de variável sociolinguística originalmente desenvolvida com base em dados fonológicos”. Lavandera (1978) tomou essa posição, declarando que a TVM não dispõe das ferramentas necessárias para lidar com a variação na morfologia, na sintaxe e no léxico por carecer de uma teoria articulada do significado. Em outras palavras, Lavandera (1978) defendeu que a noção de fenômeno variável – duas formas alternantes de se dizer a mesma coisa –, originalmente formulada para lidar com a variação em nível fonológico, não pode ser simplesmente transposta para os outros níveis da gramática, já que, acima da fonologia, todos os demais níveis estão diretamente relacionados à semântica. Como alternativa, Lavandera (1978) sugeriu então que a noção de ‘equivalência semântica’ (ou, nos termos de Weiner e Labov (1983, 1977) – a noção de significação referencial idêntica) fosse substituída pela noção de ‘comparabilidade funcional’. Tal substituição possibilitaria, assim, um “alargamento” da concepção de significado.

Além da crítica lançada a respeito da controvérsia envolvendo a equivalência semântica entre formas alternantes de níveis da gramática acima da fonologia, Lavandera (1978) problematizou outro aspecto nos resultados relatados por Sankoff (1972) e Weiner e Labov (1983): nenhum dos fenômenos inves-

tigados, envolvendo variação na sintaxe – localização da marca de futuro no Tok Pisin falado na Nova Guiné, apagamento do complementizador *que* no francês de Montreal e uso do indefinido *on* no francês de Montreal (SANKOFF, 1972), e alternância entre passivas e ativas no inglês da Filadélfia e de Nova Iorque (WEINER; LABOV, 1983, 1977) carregavam significação social ou estilística. Segundo Lavandera (1978), uma das contribuições mais importantes do estudo da variação fonológica é o fato de que Labov, em seus estudos, havia mostrado que as diferenças entre formas variantes – variação entre formas alofônicas, portanto – que eram consideradas, pelo estruturalismo, como casos de variação-livre – carregavam significação social e estilística, ou seja, que o uso de uma determinada forma, apesar de desprovida de significado semântico, vinculava, em certa medida, informações de outra natureza.

Nas palavras de Lavandera: “É possível agora mostrar que alguns casos de diferenças nas formas correlacionam-se a diferenças no significado, uma vez que a noção de significado foi estendida para incluir significação social e estilística.” (LAVANDERA, 1978, p.173-174, tradução nossa). Sendo assim, segundo a autora, esse seria outro argumento que inviabilizaria o estudo da variação acima (e além) da fonologia: se as variáveis estudadas até então (acima do nível fonético/fonológico) não sofrem influência de variáveis externas (sociais e estilísticas), tais fenômenos não seriam, portanto, legítimas variáveis sociolinguísticas.

Originalmente, a noção de variável (sócio)linguística previa que duas ou mais formas alternantes superficiais, correspondentes de uma mesma forma subjacente, seriam ‘escolhidas’ com base em fatores linguísticos (fatores internos à língua) e em fatores extralinguísticos (fatores externos à língua). Desse modo, assumir que um fenômeno variável fosse controlado apenas por forças internas ao sistema, segundo Lavandera (1978),

representava uma ruptura à proposta original de regra variável.

Labov (1978, p.2), em resposta à crítica sobre a noção de ‘equivalência semântica’ feita por Lavandera (1978), apresenta o seguinte argumento: “[...] eu gostaria de dizer que se dois enunciados se referem ao mesmo estado de coisas [*state of affairs*] eles têm o mesmo valor de verdade, e [essa posição] segue Weirich ao limitar o uso de ‘significado’ a esse sentido”. Sendo assim, Labov (1978) diz que para que seja possível considerar a variação acima do nível da fonologia é necessário enrijecer a noção de significado representacional – ou seja, lidar com uma semântica bastante estreita.

Além disso, Labov assume que, na pesquisa variacionista centrada em fenômenos acima do nível fonético/fonológico, é necessário, antes de dar início ao estudo, delimitar em que contextos se verifica de fato variação (contextos em que as formas variantes assumem o mesmo valor referencial ou estado de coisas), isolando os casos em que a alternância implica contraste em termos referenciais, isto é, casos em que a escolha de uma ou outra forma acarreta diferenças de significado. Labov (1978) defende, então, que tal procedimento foi realizado em seu estudo prévio (WEINER; LABOV, 1983, 1977), por exemplo, quando os autores restringiram os contextos analisados àqueles que apresentavam agentes com o traço [-específico], uma vez que sentenças que apresentavam agentes [+ específicos] já haviam sido apontadas como diferentes das passivas em termos de significação.

Em relação à segunda crítica feita por Lavandera (1978), de que os fenômenos acima da fonologia, por não se mostrarem sensíveis à ação de variáveis externas ao sistema linguístico não representavam, de fato, exemplos de variáveis sociolinguísticas genuínas, Labov (1978) alega que o estudo das motivações sociais de mudanças sonoras havia sido o primeiro (porém não o único) dos objetivos no princípio dos estudos variacionistas. La-

bov (1978) expõe, desse modo, que os estudos sociolinguísticos buscam igualmente avaliar a ação desempenhada pelos fatores internos no processo de variação e mudança linguística em fenômenos que não mostram estratificação social e estilística. Isso significa que, para Labov (1978), há regras variáveis e regras categóricas em todos os níveis da gramática. Sendo assim, é relevante integrar o componente probabilístico às teorias da gramática, independentemente de os fenômenos serem ou não sensíveis a variáveis sociais.

Romaine (1980) retoma a polêmica envolvendo Lavandera e Labov, assumindo, assim como Lavandera (1978), que a sociolinguística laboviana não é suficientemente articulada para lidar com a variação no nível da sintaxe. A autora centra sua crítica nos seguintes pontos: (i) a postura assumida nos primeiros estudos de variação puramente sintática, de que as formas alternantes, assim como na fonologia, teriam o mesmo significado; (ii) a noção de significado referencial empregada, segundo ela, de forma 'imprecisa' por Weiner e Labov (1983, 1977) para justificar que construções passivas e ativas seriam variantes de uma mesma variável.

Do mesmo modo que Lavandera (1978), Romaine (1980) também julga a ideia de equivalência semântica – mensurada por Labov a partir da noção de significado referencial – como equivocada para delimitar quais construções poderiam, de fato, ser consideradas formas variantes de uma mesma variável. Contudo, Romaine (1980), além de reforçar as objeções de Lavandera a Labov, sistematiza, com base em alguns estudos sociolinguísticos, a natureza desses fenômenos investigados. A autora apresenta, então, um quadro, no qual agrupa algumas das variáveis estudadas, até aquele momento dentro do quadro da TVM, associando-as ao nível da gramática a qual cada uma estaria associada. A Tabela 25 mostra o esquema proposto pela autora.

Tabela 25: Tipologia das variáveis em termos de condicionamento linguístico e extralinguístico

Tipo de variável	Fatores condicionadores			Exemplos
	linguísticos	sociais	estilísticos	
'puramente' fonológica	fonológicos	SIM	SIM	/r/ posvocálico
morfofonêmica	fonológicos/ gramaticais	SIM	SIM	apagamento de /t/ e /d/
morfossintática ou morfolexical	fonológicos/ gramaticais	SIM	SIM	apagamento do complementizador que
'puramente' sintática	sintáticos (?)	NÃO (?)	NÃO (?)	construções passivas versus ativas

Segundo [Romaine \(1980\)](#), fenômenos 'puramente fonológicos' seriam sensíveis exclusivamente a condicionadores também fonético/fonológicos. O exemplo dado para esse tipo de variável é a pronúncia *versus* apagamento do /r/ pós-vocálico investigado por [Labov \(1966\)](#), fenômeno condicionado por fatores como *contexto precedente*, *contexto seguinte* etc – todos do nível da fonética/fonologia.

Os fenômenos "morfofonêmicos", por seu turno, seriam aqueles que seriam condicionados tanto por fatores fonológicos – os quais, segundo ela, atuariam com mais força – como por fatores gramaticais. O exemplo dado por [Romaine \(1980\)](#), aqui, é o do apagamento de /t/ e /d/ no inglês, um dos fenômenos que tem sido abordado extensivamente nos estudos sociolinguísticos e tem provocado uma série de discussões tanto para a TVM quanto para as teorias formais que buscam modelar a variação na gramática. A queda de /t/ e /d/, nos diversos dialetos do inglês, conforme atestam os estudos de [Guy \(1980\)](#), [Guy e Boyd \(1989\)](#), [Guy \(1991\)](#), [Guy \(1996\)](#), mostra-se condicionada pelo *contexto precedente* (consoantes favorecem o apagamento), *contexto seguinte* (consoantes favorecem o apagamento), *classe da palavra* (observam-se maiores índices de apagamento de /t/ e /d/ em monomorfemas, em seguida, em verbos com passado irregular e, por fim, em verbos com passado regular). Além disso, assim como fenômenos fonológicos, segundo a exposição de [Romaine \(1980\)](#), fenômenos rotulados

como morfofonêmicos apresentariam estratificação social e estilística. No caso específico do apagamento de /t/ e /d/, os estudos indicam que *faixa etária* e *classe social* atuam como fatores condicionantes da elisão: são os sujeitos mais jovens de classe baixa os que apresentam maiores índices de obliteração. Na verdade, ao constatar que há um apagamento fonêmico *versus* um apagamento morfêmico, Romaine (1980) diz que esse fenômeno poderia ser desmembrado em dois: um processo puramente fonológico – apagamento de /t/ e /d/ em monomorfemas – sobre o qual só atuam variáveis fonológicas e outro morfofonêmico – apagamento de /t/ e /d/ em verbos – sobre o qual atuam variáveis fonológicas e morfológicas.

Outro tipo de variável apresentado por Romaine (1980) seriam as morfossintáticas ou morfolexicais. Tais variáveis, assim como as variáveis puramente fonológicas, também seriam sensíveis a fatores sociais e estilísticos. Além disso, essas variáveis poderiam ser condicionadas por fatores fonéticos e gramaticais. Como exemplo para esse tipo de variável, Romaine (1980) refere-se ao apagamento do complementizador *que* no francês de Montreal. O último tipo de fenômeno, principal foco da polêmica envolvendo Lavandera (1978)/Labov (1978)/ Romaine (1980), é o caracterizado como ‘puramente sintático’. Tais variáveis são definidas como sendo influenciadas unicamente por fatores linguísticos (no caso, sintáticos) e insensíveis a variáveis sociais e estilísticas.

A polêmica entre Lavandera/ Labov/ Romaine, apesar de tratar da variação acima (e além) da fonologia, deu ênfase, especialmente, a casos de variação, rotulados por Romaine (1980), como variáveis ‘puramente sintáticas’, já que a discussão gira em torno, essencialmente, do trabalho de Weiner e Labov (1983, 1977) sobre a alternância entre construções ativas e passivas no inglês. Nesse texto, no entanto, a autora apresenta a necessidade de ampliar essa reflexão a outros tipos de variáveis, que

não se ajustam ao rótulo de variável ‘puramente sintática’, mas que, no entanto, também ultrapassam os limites da fonologia. Com esse intuito, abordaremos, na próxima seção, como o fenômeno de RED/DES e o de marcação explícita de CVP6 dialogam com a proposta de [Romaine \(1980\)](#).

3.2.1 A RED/DES e marcação explícita de CVP6 no PB: fenômenos para além da fonologia

O primeiro ponto a ser discutido, à luz dos fenômenos de RED/DES e de marcação de CVP6, é o de equivalência semântica. Em casos de variação no nível da morfofonologia e da morfossintaxe, não é tarefa complexa delimitar quando duas formas variantes estão ou não, de fato, competindo pela expressão de uma mesma variável. Nas palavras de Labov:

Em muitas variáveis sintáticas, não há problema algum em estabelecer equivalência de significado representacional. Assim a concordância negativa [dupla negação], que tem assumido papel central em uma boa parte dos trabalhos sociolinguísticos, é, por definição, negação múltipla com o mesmo valor de verdade como da concordância única [negação simples]. ([LABOV, 1978](#), p.5, tradução nossa)

No que tange especificamente ao fenômeno de RED/DES, os casos de variação entre formas nominais (homem ~ homi, órgão ~ orgu) e verbais (comeram ~ comeru, falavam ~ falavu), encaixam-se perfeitamente na noção de equiparidade semântica. Não há dúvidas de que ambas as formas variantes correlacionam-se a um mesmo referente. Em relação ao fenômeno de marcação explícita de CVP6, de forma análoga, o critério de equivalência semântica também é bastante apropriado para demarcar se duas formas são ou não formas alternantes com um ‘mesmo valor de verdade’. Desse modo, não há contra-argumentos ao fato de que as formas verbais (compraram e

comprou) em “eles compraram uma TV” e “eles comprou uma TV” seriam variantes. Sendo assim, não há porque não adotar o critério de [Labov \(1978\)](#) e [Weiner e Labov \(1983, 1977\)](#) para lidar com ambos os fenômenos investigados nesta tese.

No que diz respeito à natureza das variáveis investigadas, o esquema organizado por Romaine (cf. Figura 4) é de suma importância. Conforme havíamos expressado na primeira seção do corrente capítulo (cf. Seção 3.1), o estudo da RED/DES rompe com os pressupostos basilares da mudança sonora, na medida em que não se encaixa perfeitamente nem em um modelo neogramático nem em um modelo difusionista. Com o quadro formulado por [Romaine \(1980\)](#), é possível, em um primeiro momento, rotular o fenômeno de RED/DES no nível de variação denominada de morfofonêmica, equiparando sua atuação com o apagamento de /t/ e/d/ nos dialetos do inglês. Explorando com mais profundidade a questão, assim como pontuado por [Romaine \(1980\)](#) para o processo de queda de /t/ e /d/ no inglês, é possível desmembrar o fenômeno de desnasalização em dois tipos: (i) um que corresponderia ao fenômeno quando aplicado a dados nominais e verbais nos quais a queda da nasalidade e a redução do ditongo não implicam perda de informação morfológica (vagem ~ vagi, órgão ~ órgu, encontraram ~ encontraru); (ii) outro que corresponderia ao fenômeno quando a RED/DES é aplicada a dados verbais nos quais a queda da nasalidade e a redução do ditongo implica a perda de marca de número (comem ~ comi, sabem ~ sabi).

Já o fenômeno de marcação explícita de CVP6, seguindo o mesmo esquema, poderia ser enquadrado, numa primeira análise, como um fenômeno morfossintático: a marcação de CVP6, conforme têm apresentado os estudos que versam sobre o tema é sensível à ação de variáveis fonéticas, sintáticas e semânticas e, além disso, também é sensível a condicionadores extralinguísticos e estilísticos – sujeitos mais escolarizados em esti-

los formais, por exemplo, têm sido indicados pelos estudos (cf. Seção 2.2) como aqueles que mais aplicam a regra de marcação explícita de CVP6. Contudo, o fenômeno também apresenta uma face morfofonológica: em algumas formas verbais – nomeadas pela literatura como formas menos salientes (eles com[ɪ] ~ eles dorm[ɪ]) – há um imbricamento entre a marcação explícita de CVP6 e a RED/DES. Na Figura 4, transpomos essa reflexão, com base nos resultados apresentados pela literatura, à categorização dos fenômenos aqui examinados.

(a1) Redução/desnasalização - Fenômeno fonético/fonológico

Redução e desnasalização de ditongos nasais átonos finais em nomes (viagem ~ viag[i], órfão ~ órf[u]) e verbos em que a distinção singular plural não é marcada apenas pelo ditongo nasal átono final (falaram ~ falaru, pensaram ~ pensarü)

Condicionadores: exclusivamente fonológicos

(a2) Redução/desnasalização - Fenômeno morfofonêmico

Redução e desnasalização de ditongos nasais átonos finais em verbos em que a distinção singular plural é marcada apenas pelo ditongo nasal átono final (comem ~ comi, pedem ~ pedi, falam ~ fala ou falu)

Condicionadores: fonológicos e de outros níveis gramaticais

(b1) CVP6 - Fenômeno morfossintático/morfofonológico

Concordância verbal de terceira pessoa do plural em verbos em que a distinção singular plural é marcada apenas pelo ditongo nasal átono final (eles comem ~ eles comi, eles pedem ~ eles pedi, eles falam ~ eles fala ou eles falu)

Condicionadores: fonológicos e de outros níveis gramaticais

(b2) Fenômeno morfossintático

Concordância verbal de terceira pessoa do plural em verbos em que a distinção singular plural não é marcada apenas pelo ditongo nasal átono final (eles são ~ eles é, eles marcaram ~ eles marcaru)

Condicionadores: exclusivamente de outros níveis gramaticais

Figura 4: A natureza dos fenômenos variáveis em exame (RED/DES e marcação explícita de CVP6) a partir da proposta de [Romaine \(1980\)](#)

Segundo nossa interpretação de [Romaine \(1980\)](#), os fenômenos investigados neste estudo assumiriam a configuração expressa na Figura 4. Nos extremos do esquema, temos os casos em que os fenômenos de RED/DES e de marcação explícita de CVP6 não se sobrepõem. No extremo superior, temos casos em que a desnasalização manifesta-se em dados nominais (casos em que não há contexto para a aplicação de CVP6 que atua exclusivamente sobre dados verbais) e casos em que mesmo que haja desnasalização a marcação da CV não é obliterada (e.g. *eles cantaram* ~ *eles cantaru*). Já no extremo inferior, temos casos de concordância/não concordância em formas verbais que apresentam, além do ditongo e da nasalidade, outras marcas de CV (*eles comeram* ~ *eles comeu*, *eles são* ~ *eles é*), casos, portanto, em que a não marcação não se confunde com a aplicação do fenômeno de RED/DES. Os dois fenômenos situados na posição intermediária do esquema, no entanto, conforme já narramos na introdução deste trabalho, se sobrepõem.

Ao desmembrar os dois fenômenos (RED/DES e marcação explícita de CVP6) em quatro, a depender do nível de aplicação na gramática, acreditamos que seja possível tomar decisões metodológicas que nos permitam refletir sobre o imbricamento entre os dois fenômenos variáveis situados na porção central do esquema exibido.

3.2.2 Fenômenos morfofonológicos/morfossintáticos

Apresentamos, nesta seção, alguns estudos que se enquadram naquilo que [Romaine \(1980\)](#) delimitou como sendo variáveis de natureza morfofonológica (cf. Figura 4). Nos detemos, em primeira instância, no fenômeno de obliteração de -t e -d em posição de coda complexa no inglês, processo extensivamente estudado, o qual, assim como fenômeno de RED/DES, apesar de ser apontado como um fenômeno estritamente fonológico - já que envolve a queda de segmentos fônicos - sofre condiciona-

mento gramatical. Em seguida, revisamos o estudo de Poplack (1980), autora que estudou a queda da consoante nasal em contextos de marcação de concordância verbal de terceira pessoa do plural no espanhol de Porto Rico.

3.2.2.1 A obliteração de -t e -d no inglês

A queda das consoantes -t e -d em posição de final de palavra, mais especificamente em coda complexa (mist/misØ, left/lefØ, missed/missØ) tem sido fenômeno extensivamente estudado em diferentes dialetos do inglês, já que o processo, segundo Guy (1996), opera de forma variável em todas as variedades da língua.

Dentre as variáveis apontadas como favorecedoras do apagamento das consoantes coronais, os estudos de Guy (1980), Neu (1980), Guy e Boyd (1989), Guy (1991), Bybee (2002) têm apontado resultados bastante uniformes, indicando como relevantes as seguintes variáveis e seus respectivos fatores: (i) *contexto seguinte* - consoantes (played soccer); (ii) *classe morfológica* - monomorfemas (list, past); (iii) *faixa etária* (mais jovens); (iv) *classe social* (classes mais baixas).

Todos os estudos supracitados indicaram a variável *classe de palavra* como variável extremamente relevante no que diz respeito ao apagamento das consoantes -t e -d: (i) os monomorfemas (mist, told), palavras que apresentam as consoantes-alvo na raiz mostram as maiores taxas de apagamento; (ii) as formas irregulares de passado (left, told), as quais apresentam além do -t e -d, outro(s) elemento(s) indicadores de pretérito - a alternância vocálica na raiz, por exemplo (leave - presente, left-passado; tell - presente, told - passado) - apresentam índices intermediários de obliteração, e, por fim, (iii) as formas regulares terminadas em -ed (worked, missed) exibem os menores índices de apagamento.

Em virtude da robustês dos resultados acima descritos, teríamos, no que toca ao fenômeno de apagamento de -t e -d, um dos casos clássicos da sociolinguística que estaria levantando questões acerca da comunicação entre níveis gramaticais - se tomarmos como base um modelo formal de arquitetura da gramática (SCHWINDT, 2014). A questão que têm sido levantada é: Como um processo de natureza estritamente fonética/fonológica como a queda consonantal em *clusters* em posição de final de palavra do inglês têm acessado informações do nível morfológico? Essa questão é pertinente visto que os estudos sobre o tema evidenciam: (i) menores índices de apagamento em formas em que esse fonema também corresponde a um morfema (marca do *simple past*); (ii) nível intermediário de apagamento nos casos em que esse fonema corresponde a um morfema, mas, nos quais há marcas redundantes que nos permitem recuperar a informação de passado, caso a consoante final seja elidida e, finalmente; (iii) nível alto de apagamento em formas nas quais as consoantes não apresentam carga morfológica.

De forma sucinta, segundo Guy (1996), apesar de aparentemente os resultados expressos pela maioria dos estudos acerca do tema apontarem para uma interpretação funcional para os resultados relatados (em virtude de uma tendência de preservação de informação morfológica), é possível encontrar alternativas formais para dar conta da questão. Para apresentar sua proposta, o autor retoma a discussão de texto prévio (GUY, 1991), no qual abordou a questão dentro da proposta de Chomsky e Halle (1968). Segundo o autor, seria possível prever uma maior ou menor probabilidade de aplicação da regra variável de apagamento de -t e -d, estabelecendo uma relação com fronteiras de palavra (##), fronteiras de morfema (#) e de X (+), conforme expressa o esquema a seguir.

- i. Clusters em final de palavras (worked, missed) = C#C## (menor probabilidade de apagamento)
- ii. Verbos irregulares (left, told) = C+C## (probabilidade intermediária de apagamento)
- iii. Monomorfemas = CC## (maior probabilidade de apagamento)

Em seguida, [Guy \(1991\)](#) faz uso do modelo teórico da Fonologia Lexical - FL ([KIPARSKY, 1982](#)) e propõe uma interpretação, ainda de viés formal, para o fato de que estudos sobre a queda de -t e -d no inglês apontam que formas que não carregam informação morfológica (monomorfemas) apresentam maiores índices de obliteração, e que formas que carregam informação flexional (verbos no passado - regulares e irregulares) apresentam menores taxas de aplicação do fenômeno.

De forma breve, a FL ([KIPARSKY, 1982](#)) é um modelo teórico caracterizado pela interação entre morfologia e fonologia no componente lexical. Em linhas gerais, segundo a proposta, o léxico (e, conseqüentemente, os processos que atuam sobre ele) estaria organizado em dois níveis: (i) nível lexical e (ii) nível pós-lexical. A interação entre fonologia e morfologia se daria apenas no nível lexical. No nível pós-lexical, ambiente sintático, apenas regras fonético/fonológicas atuariam. A estrutura representada na [Figura 5](#), extraída de [Kiparsky \(1982\)](#) ilustra a arquitetura do modelo.

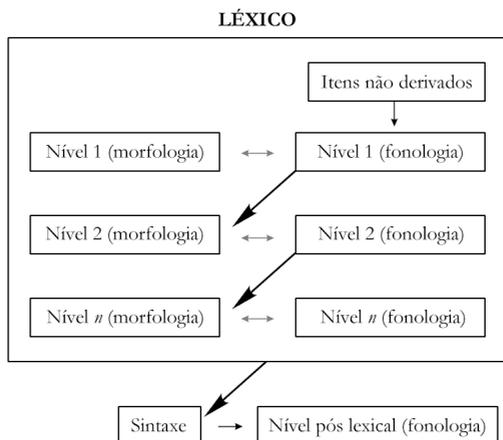


Figura 5: Modelo de gramática da Fonologia Lexical [p.4] (KIPARSKY, 1982)

O modelo, além disso, é subordinado à Condição do Ciclo Estrito (CCE), o qual prediz que regras fonológicas são cíclicas em ambientes derivados. De forma mais específica, as regras fonológicas e morfológicas são interdependentes no módulo lexical: as regras fonológicas são aplicadas ao *output* das regras morfológicas e vice-versa, como ilustra o esquema constante na Figura 5. Já no nível pós lexical, apenas regras fonéticas e fonológicas são aplicadas.

Partindo da proposta de Kiparsky (1982), Guy (1991) sugere, amparado na análise de dados quantitativos de sete falantes nativos do inglês, que monomorfemas (*past, test*), formas verbais do passado irregular (*left, hold*) e formas verbais do passado regular (*worked, opened*) teriam percursos derivacionais distintos. Segundo o autor, os clusters consonantais do inglês seriam adquiridos em diferentes níveis por cada uma dessas categorias, fato que, segundo a teoria, resultaria em diferentes graus de aplicação da regra de apagamento de *-t* e *-d* em virtude do número de exposição das formas à regra em questão. Posto de forma mais clara, os monomorfemas, os quais apresentam

-t e -d na raiz, teriam sofrido a aplicação da regra três vezes (duas no nível lexical e uma no nível pós lexical). Já as formas de passado irregular teriam sido expostas ao processo de queda de -t e -d duas vezes (uma no nível lexical e outra no nível pós lexical). Por fim, as formas verbais do passado regular teriam sofrido ação do fenômeno de apagamento apenas uma vez (no nível pós lexical). Guy (1991) demonstra a pertinência da proposta aliando a essa explicação, dentro do quadro da FL, os valores da frequência global de aplicação da regra de apagamento em cada uma das formas. O autor encontrou correspondência direta ao comparar os valores numéricos estimados e os valores numéricos verificados, cálculo operado com base no número de exposição de uma determinada forma à regra de apagamento e ao índice de aplicação do fenômeno de obliteração das coronais em final de palavra, conforme mostra a Tabelas 26.

Tabela 26: Valores observados e valores estimados de aplicação de queda de -t e -d (Adaptado de Guy (1991, p. 10))

Classe morfológica	Taxa de retenção observada (superfície)	Valor estimado de Pr
monomorfemas (mist, pact)	61.9%	0,852 (raiz cúbica da forma superficial)
verbos irregulares (left, told)	66.1%	0,813 (raiz quadrada da forma superficial)
verbos regulares (missed, packed)	84.0%	0,840

Conforme vislumbrado na Tabela 26, o valor estimado de Pr (probabilidade de retenção de -t ou -d), aproxima-se dos valores percentuais encontrados para monomorfemas, verbos irregulares e verbos regulares. Sendo assim, Guy (1991) defende, com este estudo, a possibilidade explanatória do fenômeno de obliteração de -t e -d sem a necessidade de evocar forças funcionais, além de apresentar uma análise mais sofisticada em vez de fazer uso dos recursos do SPE (CHOMSKY; ENGLISH, 1968).

A seguir, abordaremos a variação na queda do /n/ marcador de terceira pessoa no espanhol em dados de Porto Rico (PO-

PLACK, 1980), trabalho que dialoga diretamente com o nosso.

3.2.2.2 A queda do /n/ morfêmico no espanhol

Poplack (1980) dedicou-se a estudar, além da queda e enfraquecimento do /s/ fonêmico e morfêmico no espanhol, assim como fez Guy (1981a) para os dados de fala carioca do PB, a queda e a lenição da nasal final em casos em que as consoantes apresentavam função morfêmica em dados do espanhol falado em Porto Rico. De forma mais específica, a autora analisou a correlação entre a queda do /s/ marcador de número no SN do espanhol (*loS doctoreS*) e a queda da consoante nasal /n/, em posição de coda final de palavra, também marcadora de número nas formas verbais (*hablan, quieren*).

Diferentemente do português, que apresenta ditongos nasais átonos finais como marca de número nas formas verbais de terceira pessoa, o espanhol marca a CVP6, muitas vezes, com a consoante nasal /n/. Há, no sistema ortográfico do português (*quereM, falaM*), resquícios de uma consoante nasal, traço que hoje se encontra presente apenas nas vogais que compõem os ditongos. No entanto, a pronúncia, atualmente, não corresponde a uma consoante nasal bilabial. Sendo assim, não podemos estabelecer uma correlação direta entre o processo variável de queda do /n/ morfêmico no espanhol de Porto Rico e o processo de RED/DES em dados do PB. É incontestável, contudo, semelhanças entre esses dois fenômenos, já que em ambos observa-se a queda da nasalidade que, nas duas línguas, atua como marcadora de número.

Apesar de nem sempre a consoante /n/ localizada em final de palavra marcar pluralidade, muitos são os casos em que a consoante é responsável pela marcação explícita de CVP6 no espanhol. Exemplos da autora são: (i) *entre* - no qual o /n/, situado em coda medial é apenas fonêmico; (ii) *tren* - no qual o /n/, em posição de coda em final de palavra também exerce

função fonêmica exclusivamente e, por fim (iii) *hablan* - no qual o /n/ em coda final é marca de concordância de número. (POPLACK, 1980, p.371)

O cerne do trabalho de Poplack (1980) está na compreensão de como o sistema do espanhol de Porto Rico lida com a possibilidade de queda de todas as marcas de número no SN e no SV de sentenças no plural, fato que geraria ambiguidade com uma sentença no singular. Tal preocupação revela a tendência de Poplack (1980) a pensar na perda de marcas via hipótese funcionalista. A autora, mais especificamente, faz menção aos estudos de Kiparsky (1982), evocando o conceito de 'condição de distintividade' (*distinctiveness condition*), que consiste na tendência de preservação de informação de natureza semântica na forma de superfície. Nas palavras da autora:

A presença dessas variantes [Ø] para ambos, tanto para a marca plural nominal, e (m), marca plural do verbo, naturalmente faz emergir a seguinte questão: Se os marcadores plurais são apagados tanto do NP como VP, teoricamente representarão certas sentenças plurais como 4b [*marcas de plural obliteradas: bailaba [Ø] una [Ø] nena [Ø] bela bien [Ø]*], e se essas sentenças ainda são percebidas como carregando marcas de pluralidade, quais são os fatores responsáveis pela 'desambiguação'? (POPLACK, 1980, p.372) ¹¹

De forma análoga ao português *standard*, no espanhol, a pluralidade é marcada, de forma redundante, tanto no SN como no SV, conforme ilustra a sentença a seguir: *Tu sabes, loS doctoreS trataroN de - sin operarla, a ver se la podíaN arreglar.* (Tu sabes, os médicos tratarão de - sem operá-la, ver se podem curar) (POPLACK, 1980, p. 372, tradução nossa)

¹¹ No original: The presence of these [Ø] variantes of both(s), the nominal plural marker, and (m), the verb plural marker, naturally raises the following question: If the plural markers are deleted from both NP and the VP, theoretically rendering certain plural sentences like 4b (deleted plural marks: *bailaba[Ø] una[Ø] nena[Ø] bien bonita[Ø]*), and if these sentences are still perceived as conveying plurality, what are the factors responsible for disambiguation?

No que tange às possíveis realizações fonéticas, de acordo com a autora, o /n/ pode ser realizado das seguintes formas:

- (a) nasal alveolar [n];
- (b) realização homorgânica à consoante seguinte [N];
- (c) nasal velar [ŋ] ;
- (d) queda da consoante e transposição do traço nasal para a vogal precedente;
- (e) zero fonético [Ø].

É interessante observar que [Poplack \(1980\)](#) mencionou as diferentes possibilidades de realização fonética dessa consoante nasal, apesar de opô-las, em primeira instância, em uma variável binária, na qual contrastou a variante apagada *versus* todas as demais realizações da consoante nasal. Esse é o caso da maioria dos estudos narrados na seção prévia, os quais trataram do apagamento de -t e -d em *clusters* consonantais do inglês binariamente, sem levar em conta a realização contínua dessas formas.

Os dados de apagamento de /n/, apresentados pela autora, vão, diferentemente dos resultados verificados nos estudos sobre apagamento de -t e -d em dados do inglês, de encontro à hipótese funcionalista de [Kiparsky \(1982\)](#). A autora encontrou maiores índices de apagamento quando tanto o /n/ quanto o /s/ carregavam algum valor morfológico. No que diz respeito ao /n/, foi verificada taxa de apagamento de 9% dos dados em que a consoante era uma marca flexional. Quando a consoante não carregava informação morfológica, o índice encontrado foi de apenas 1% de apagamento.

A amostra investigada por [Poplack \(1980\)](#) foi composta por 24 sujeitos portorriquenhos de primeira geração, moradores da cidade ou da vizinhança da Filadélfia (Pensilvânia, EUA). Os sujeitos analisados utilizavam mais o espanhol do que o inglês em

seu convívio social. Todas as entrevistas foram realizadas na variedade portorriquenha em um estilo bastante casual. Narramos, a seguir, os resultados relativos à queda da consoante nasal, apresentando, quando julgarmos necessário, a correlação do fenômeno com a queda do /s/ morfêmico.

No estudo da flexão, marcada pela consoante /n/, a autora observou, de certa forma, restrições semelhantes às analisadas na queda *versus* retenção do /s/ no SN. As variáveis controladas pela autora foram: (i) *contexto seguinte*, (ii) *acento seguinte*, (iii) *grau de formalidade - estilo*. Além dessas três variáveis, outras três, de natureza funcional, também foram levadas em conta por Poplack (1980), a saber: (iv) *tipo de flexão de 3ª pessoa do plural*, (v) *presença e localização do NP em relação ao verbo* e (vi) *local de informação 'desambiguadora'*.¹²

A variável *tipo de flexão de 3ª pessoa do plural* foi arquitetada com dois fatores: 'verbos regulares' e 'verbos irregulares'. Os verbos regulares, no espanhol, são aqueles em que a marcação de número na terceira pessoa do plural se dá apenas com a inserção da consoante /n/, como no exemplo de Poplack (1980) *hablaba/hablaban*, 'falava, falavam'. Já os verbos irregulares de terceira pessoa do espanhol apresentam outros elementos fônicos responsáveis pela marcação da pluralidade, além da nasalidade, ou ainda se distinguem completamente da forma singular. Exemplos desses dois casos são *habló/hablaron*, 'falou, falaram' (POPLACK, 1980, p. 381), e *es/son*, 'é/são'. No caso dos verbos irregulares (assim como no caso dos verbos pretéritos irregulares em estudos acerca do processo de apagamento de [t,d] em dados do inglês), a informação de pluralidade pode ser recuperada, mesmo com a queda da consoante nasal final. Par-

¹² Fizemos uma tradução livre das variáveis apresentadas aqui. No original, a autora apresenta a seguinte nomenclatura para cada uma das variáveis: (i) *following phonological segment*, (ii) *following stress*, (iii) *speech style*, (iv) *type of 3PL inflection*, (v) *presence and place of NP* e (vi) *place of disambiguating information*.

tindo dessa constatação, de acordo com uma conjectura funcionalista, esperaríamos que o apagamento fosse verificado em maiores taxas nesses verbos (irregulares) do que nos demais (regulares), nos quais a única marca de pluralidade é a consoante nasal.

O grupo de fatores *presença e localização do SN*, por sua vez, foi constituído pelos seguintes fatores: ausência de SN, SN precedente ao verbo e SN subsequente ao verbo. Segundo uma hipótese funcional, preveríamos maior índice de apagamento na presença de SN, já que ele pode carregar a informação de pluralidade. No entanto, nenhuma expectativa, em termos funcionais, pode ser feita, pelo menos a nosso ver, no que diz respeito à posição do SN em relação ao verbo-alvo.

Por fim, a variável *localização da informação 'desambiguadora'* foi composta pelos seguintes fatores: exclusivamente depois do verbo, exclusivamente antes do verbo, concomitantemente antes e depois do verbo e nenhuma informação 'desambiguadora'. A ideia aqui, ao controlar essa variável, era a de mais uma vez verificar se quanto mais marcas localizadas 'fora do verbo', maior seria a probabilidade de apagamento da consoante marcadora de número.

No total, foram computados 3184 ocorrências. Desse número global, 63% das formas verbais não estavam acompanhadas de SNs, isto é, tais formas estavam acompanhadas de sujeito nulo. Esperava-se, conforme já mencionado, nesses casos, que a flexão fosse mantida, já que não haveria nenhuma outra fonte de marcação 'desambiguadora' da forma singular. O SN foi registrado presente na sentença em 26% dos casos em posição pré-verbal (SN V) e em 11% em posição pós-verbal (V SN). Do total de sentenças que apresentavam um SN (seja anteposto ou posposto), 85% dos verbos estavam acompanhados de SNs sem marca de pluralidade. Em outros termos, nessas sentenças - as quais computaram mais de 2/3 dos dados - a única

possibilidade de desfazer a ambiguidade singular/plural recaiu sobre a marcação explícita na forma verbal, operada por meio do morfema flexional -n.

Apesar de a autora realizar uma análise binária (marcação *versus* não marcação), Poplack (1980) apresenta a porcentagem de realização fonética das formas de /n/:

Tabela 27: Distribuição fonética (%) da realização de /n/ em formas verbais - Adaptado de Poplack (1980, p.380)

variante	% de ocorrência
[N]	32
[n]	5
[ŋ]	32
[vogal nasalizada]	22
[Ø (perda de marca)]	9

Conforme é possível vislumbrar na Tabela 27, o índice percentual de apagamento é de apenas 9% das ocorrências computadas, o que é um dado relevante: o baixo índice de apagamento (9% de apagamento *versus* 91% de preservação) sustentaria, desse modo, uma explicação funcional para o fenômeno em exame, já que, na maioria dos dados, como não havia outra fonte para a recuperação da informação de pluralidade, a marcação de número foi realizada com a retenção do /n/ final.

No que tange à variável *estilo*, o apagamento foi sutilmente favorecido na fala mais informal. Em relação à variável *contexto fonológico seguinte*, observou-se apenas baixa colaboração do fator pausa e, em relação à variável *acento seguinte*, constatou-se que acentos 'fracos' (átomos) cooperaram pouco com o apagamento. Poplack (1980), diante desses resultados, chegou à conclusão de que as variáveis controladas - à exceção de *estilo* - colaboraram muito pouco com a elisão da consoante nasal.

Já no que tange às variáveis de cunho funcional, a autora, levando em conta apenas os dados categorizados como produzidos em contextos informais, encontra resultados significati-

vos. Em relação à variável *tipo de flexão de 3a pessoa do plural*, computou-se uma maior taxa de apagamento nos verbos classificados como regulares (0,73) do que nos verbos irregulares (0,27). A hipótese funcional inicial foi então rejeitada. Nas palavras da autora:¹³ "No entanto, o plural em 'verbos regulares', nos quais a supressão implica maior ambiguidade com a forma 3sg, é precisamente o ambiente em que a probabilidade de apagamento é maior". (POPLACK, 1980, p. 381, tradução nossa)

Os resultados relativos à *presença e localização do SN*, no entanto, seguem uma força funcional, como hipotetizado, na medida em que a ausência de SNs desfavoreceu o apagamento (0,42). No que se refere aos demais fatores, observou-se favorecimento da obliteração de /n/, quando o SN estava situado após a forma verbal (0,60), e nenhum favorecimento, quando o SN precedia o verbo (0,42).

Por fim, a variável *localização da informação 'desambiguadora'* foi a que se mostrou mais relevante dentre as variáveis funcionais controladas. Quando não havia informação desambiguadora além da marca de pluralidade no verbo, registrou-se preservação categórica da consoante /n/. Diante desse resultado, a autora pontua que:¹⁴

Isto significa que, se a pluralidade não tiver aparecido de alguma forma antes de o verbo ser proferido - de forma flexional, morfológica ou semântica dentro do SN, dentro do contexto maior do discurso, ou através do arranjo sintático de substantivo e verbo - a marca verbal é mantida. (POPLACK, 1980, p. 381, tradução nossa)

¹³ No original: "However, the 'regular' plural verbs, on which deletion entails the most potential ambiguity with the 3sg. form, are precisely those for which probability of deletion is highest." (POPLACK, 1980, p. 381)

¹⁴ No original: This means that, if plurality has nothing somehow been conveyed before the verb is uttered - inflectionary, morphologically, or semantically within the NP, or within the larger context of discourse, or through syntactic arrangement of noun and verb - the verbal marker is retained. (POPLACK, 1980, p. 381)

Já o fator *posição da informação* não se mostrou estatisticamente significativo, apresentando valores probabilísticos de aplicação do apagamento muito próximos, a saber: exclusivamente depois do verbo (0,58), exclusivamente antes do verbo (0,46), concomitantemente antes e depois do verbo (0,46). O fato que chama a atenção é o de que, nos dados analisados por Poplack (1980), a acumulação de marcas, medida no estudo por meio do fator 'informação desambiguadora presente concomitantemente antes e depois do verbo' não se mostrou significativa.

Ao discutir a natureza da informação desambiguadora, Poplack (1980) narra que do total de dados presentes em seu *corpus*, 138 verbos (o que corresponde a 5% da amostra investigada) estavam acompanhados de SNs sem nenhuma informação de pluralidade, ou seja, os SNs não apresentavam nenhum -s ou alguma de suas formas alternantes, marcadoras da pluralidade no SN em espanhol.

Na última seção do texto, Poplack (1980) apresenta os resultados referentes ao fenômeno de velarização da consoante final /n/, processo que, segundo a autora, seria a primeira etapa de enfraquecimento pela qual passa a consoante nasal alveolar [n] (processo de lenição) até chegar ao completo apagamento [Ø]. O intuito da autora, com essa análise, é o de verificar se as variáveis funcionais desempenhariam algum papel em um processo estritamente fonológico, já que a produção da consoante nasal alveolar [n] como velar [ŋ] não implica perda de informação. Os resultados expostos por Poplack (1980) indicam que, no processo de velarização da consoante nasal alveolar, não há influência das variáveis funcionais *tipo de flexão de 3ª pessoa do plural*, *localização do NP* e *Localização da informação 'desambiguadora'* controladas. Assim como já apontado em estudos precursores (TERRELL, 1975; CEDERGREN; SANKOFF, 1975), apenas a variável fonológica *contexto seguinte* (pausa e

vogal) atuou, nos dados analisados, favorecendo a velarização da consoante-alvo.

Poplack (1980), na discussão final do texto, conclui que, diferentemente de línguas como o inglês e o francês, nas quais a flexão de número é marcada no NP, no espanhol portorriquenho há uma tendência inversa. Tal tendência é verificada já que na grande maioria dos dados (68%) as formas verbais não são acompanhadas de um NP superficial e, além disso, há casos, como os mencionados anteriormente, em que não há nenhuma informação de pluralidade no NP, mesmo quando esse se encontra presente, casos em que a marca recai exclusivamente sobre o verbo. Desse modo, a análise de Poplack (1980) indica que, no espanhol falado em Porto Rico, a flexão é marcada sobretudo nas formas verbais. A autora conclui que: ¹⁵ "Esses achados confirmam a hipótese funcionalista para o espanhol vernacular portorriquenho: há uma tendência para reter informações semanticamente relevantes na estrutura de superfície" (POPLACK, 1980, p. 383, tradução nossa). Poplack infere então que a regra de apagamento da consoante nasal /n/ no espanhol vernacular de Porto Rico não se trata de uma regra de natureza puramente fonológica, mas de uma regra gramatical, que dialoga, portanto, com níveis mais profundos da gramática.

Na próxima seção, voltamos nossa atenção aos estudos que abordaram a intersecção entre os fenômenos de RED/DES e de marcação explícita de CVP6 em dados do PB.

¹⁵ No original: "These findings confirm a functionalist hypothesis for vernacular Puerto Rican Spanish: there is a tendency for semantically relevant information to be retained in surface structure". (POPLACK, 1980, p. 383)

3.3 Intersecção entre RED/DES e marcação explícita de CVP6

O primeiro autor a atentar para a interferência do fenômeno variável de desnasalização sobre os resultados dos estudos que lidam com a marcação explícita de CVP6 foi Guy (1981a). O autor, em sua tese de doutoramento, fez uma reanálise dos resultados apresentados por Naro (1981) - conforme já resenhado na Seção 2.2 - denunciando a possível interferência da desnasalização sobre formas verbais que apresentam apenas o ditongo nasal átono final (ou suas formas variantes nasalizadas) como marca explícita superficial de CVP6. O autor chega inclusive a questionar: "[...] a hierarquia de oposições de saliência teria maior relevância do que uma simples divisão dos verbos no plural que podem ou não ser convertidos em singular pela desnasalização? (GUY, 1981a, p.255)¹⁶

Guy (1996) apresenta uma nova discussão teórica acerca do encaixamento entre os dois fenômenos. Além de avaliar quantitativamente os efeitos de um fenômeno sobre o outro (marcação de CVP6 sobre RED/DES e vice-versa), o autor parte para uma discussão linguística (e sociolinguística, por consequência) mais densa. Guy discute, fundamentado em evidências empíricas de três fenômenos morfofonológicos (obliteração de -t e -d no inglês, apagamento das sibilantes marcadoras de número em sintagmas nominais no PB e desnasalização das vogais átonas finais no PB), hipóteses funcionais e formais que pudessem dar conta dos resultados encontrados por ele.

Motivado pelos estudos diacrônicos de Kiparsky (1982), autor que propôs a 'condição de distintividade' (*distinctiveness condition*), Guy busca resposta para o fato de que nos três fenômenos variáveis investigados parece haver comunicação entre o

¹⁶ No original: "[...] does the oppositional saliency hierarchy have anymore content than a simple division of verbs that into those where plural can be converted to singular by denasalization, and those where it cannot?"

níveis fonético-fonológico e morfológico da gramática, fato que, segundo uma visão formal de língua, não seria aceitável. De acordo com uma arquitetura modular de gramática, os níveis gramaticais seriam, de certo modo, relativamente autônomos. Em outros termos, de acordo com modelos formais, o nível fonológico, por exemplo, estaria sujeito à ação exclusiva de condicionamento do próprio nível fonológico, ou, nas palavras de [Guy \(1996\)](#), à ação de 'condições endógenas'.

Tomando-se como base as propostas formais, no que toca especificamente ao fenômeno de RED/DES, foco de nosso interesse específico nesta tese, como já foi mencionado, uma hipótese formal preveria que independentemente da classe de palavra (forma verbal ou forma nominal) de um determinado vocábulo, a tendência seria a de se verificar um índice muito próximo de aplicação do fenômeno de RED/DES em ambas as formas.

Já uma hipótese funcional, como a de [Kiparsky \(1982\)](#), preveria menores taxas de desnasalização em formas verbais (fal[ẽw̃] ~ fal[u]), se comparadas a formas nominais (órg[ẽw̃] ~ órgu), já que, nas primeiras, os ditongos nasais carregam informação morfológica e, nas segundas, não. Em acréscimo, dentre as formas verbais, algumas apresentariam maiores taxas de desnasalização em virtude da redundância de marcas.

A fim de exemplificar o que foi posto, temos, por exemplo, verbos como 'com[ẽj]', no qual o ditongo é a única marca explícita de CVP6. Caso haja manifestação da redução e posterior desnasalização, a única marca de número, presente na forma verbal, será perdida, tornando-a idêntica à forma singular 'com[i]'. Por outro lado, algumas formas verbais de terceira pessoa do plural, como, por exemplo, as pertencentes ao pretérito perfeito do indicativo 'comprar[ẽw̃]', apresentam, além do ditongo nasal átono final [ẽw̃], outros elementos fônicos que as diferenciam de suas formas singulares (comprou/compraram,

disse/disseram). Desse modo, caso o ditongo seja obliterado, outras marcas, chamadas por Kiparsky (1982) de marcas redundantes, tenderiam a ser preservadas. Nesse sentido, esperaríamos, pautados em uma análise de viés funcional, que as formas em que o ditongo atua como marca exclusiva de pluralidade fossem preservadas em maiores índices se comparadas a formas verbais que dispõem de outros elementos fônicos que possibilitam recuperar a marcação de número.

Ao analisar especificamente o processo de desnasalização, Guy (1996) atenta para a natureza potencialmente funcional do fenômeno. Nas palavras do autor¹⁷:

A nasalidade em vogais finais se manifesta para marcar pluralidade nos verbos. Na maioria dos tempos verbais, o único indicador da distinção na terceira pessoa é uma vogal oral no singular *versus* uma vogal nasal correspondente no plural: fala - falam, sobe - sobem, falava - falavam, etc. Obviamente, se desnasalização for aplicada a essas formas plurais, uma distinção morfológica básica seria eliminada, de modo que a condição de Kiparsky deve ser aplicada. (GUY, 1996, p. 238).

Assumimos, nesta tese, posição diferente da defendida por Guy (1981a) e Guy (1996), já discutida em Chaves (2014) e Chaves (2016). Para nós, a queda da nasalidade só acarretaria perda de significado morfológico nos casos classificados na categoria 1a da escala de saliência fônica de Naro (1981) (come/comem, tivesse/tivessem). Para Guy, como dito previamente, seriam casos de 'dados ambíguos' todos os casos classificados, de acordo com os critérios estabelecidos por Naro

¹⁷ No original ...nasality in final vowels happens to mark plurality in verbs. In most verb tenses, the only indicator of the number distinction in the third person is an oral vowel in the singular vs. the corresponding nasal vowel in the plural:fala -falame, sobe-sobem, falava-falavam, etc. Obviously, if denasalization applied to these plural forms, a basic morphological distinction would be eliminated, so Kiparsky's condition should apply.

(1981), como os pertencentes às categorias nível 1a (come/come) e nível 2a (fala/falam).

Em acréscimo, cabe fazermos, novamente, uma observação específica relativa à nomenclatura adotada pelos autores que tratam do fenômeno fonológico ora como redução do ditongo ou da nasalidade, ora como desnasalização, ora como ambos. Segundo destacado por Guy (1996), a queda da nasalidade em alguns casos seria responsável pela queda concomitante da marca explícita de pluralidade na terceira pessoa do plural. No entanto, cabe ressaltar que formas como eles fal[aw] ou então dize[ej], as quais seriam resultado apenas da aplicação do processo fonológico de desnasalização (e manutenção do ditongo), não são verificadas na língua, sendo, portanto, formas agramaticais. Para que a queda da nasalidade seja vislumbrada, o ditongo nasal obrigatoriamente tem de ser monotongado/reduzido. Além disso, verbos como fal[ẽw], os quais marcam a pluralidade exclusivamente no ditongo, ao sofrerem redução e posterior desnasalização, passam a fal[õ]. Consideramos que a ação da redução do ditongo e posterior desnasalização não gerem formas como fale. Diferentemente do que muitas vezes fica implícito na literatura, não julgamos casos como "eles fale" como formas reduzidas e desnasalizadas, mas como casos de não aplicação de marcação explícita de CVP6.

Na mesma direção de Guy (1996), Schwindt (2015) analisa os casos denominados por Guy (1981a) e Guy (1996) de 'dados ambíguos', tratando-os como casos de *outputs convergentes* - OC. Segundo Schwindt, o que caracterizaria *outputs convergentes* seria o fato de que alguns fenômenos variáveis "[. . .] permitem mais de um percurso analítico, isto é, estruturas comuns de superfície que podem corresponder a diferentes processos". Nesse trabalho em específico, Schwindt centra sua análise em casos em que a não marcação explícita da CVP6 e a aplicação de RED/DES podem se superficializar em uma mesma forma

fonética: forma sem traço de nasalidade.

Algumas perguntas são postas pelo autor, problematizando em específico os dois fenômenos em análise neste estudo, a saber:

(i) do ponto de vista quantitativo, as diferenças apontadas para a variável dependente têm reflexos importantes, isto é, chegamos a resultados distintos a partir da proposição de um ou de outro processo?

(ii) do ponto de vista descritivo, podemos dizer que as duas análises informam coisas distintas, isto é, estamos diante de dois processos ou regras diferentes?

(iii) do ponto de vista explicativo, podemos afirmar que essas duas hipóteses cabem na mesma formalização? podemos falar em um *design* de gramática mais adequado do que outro para comportar a análise de OC?

Diante da primeira pergunta, [Schwindt \(2015\)](#) julga que, independentemente da variável dependente considerada pela pesquisa (seja a RED/DES ou a marcação explícita de CVP6), se as variáveis independentes consideradas levarem em conta, no caso da RED/DES, além das variáveis linguísticas de cunho fonológico, variáveis morfossintáticas, e, por outro lado, no caso da análise da marcação de CVP6, forem incluídas como dimensão de análise variáveis fonológicas, além das classicamente controladas, resultados próximos, em termos quantitativos, serão encontrados. Apesar de o autor fazer referência a esse ponto, assume como foco central de seu trabalho, buscar respostas à segunda questão delimitada. Em relação à questão (ii), [Schwindt \(2015\)](#) defende que, apesar de os fenômenos de RED/DES e o de não marcação explícita de CVP6 serem de naturezas completamente opostas, ambos os fenômenos têm como alvo, em um grupo de formas verbais, o mesmo contexto. Por fim, no que toca à terceira questão, o autor afirma que o tratamento formal que emerge das duas hipóteses prévias seria

diferenciado. No entanto, Schwindt alega haver uma possibilidade de ambas as conjecturas poderem "ser conciliadas em termos de modelagem da gramática - especialmente em propostas como a da Fonologia Lexical (KIPARSKY, 1982) e da Teoria da Otimidade (MACARTHY; PRINCE, 1993; PRINCE, 2004).

No que tange à questão (i), que acreditamos ser de extrema importância para esta tese, Schwindt (2015) tece alguns comentários a respeito de como a eleição de um fenômeno variável poderia interferir nos resultados de uma análise ou de outra, apontando para uma relação entre os fenômenos. Porém, o autor destaca que não seria uma relação completa visto que apenas alguns dados são susceptíveis à perda de marcas de CVP6 (seja pela queda da concordância ou pela ação da desnasalização). Desse modo, Schwindt julga ser necessário, no processo analítico, lidar com variáveis de módulos distintos da gramática.

Conforme descrito no primeiro capítulo desta tese, os estudos que tratam da marcação de CVP6, no geral, investigam a ação da variável *saliência fônica*, a qual, de certo modo, tem alguma relação com a fonologia. Paralelamente, os estudos que versam sobre o fenômeno de RED/DES controlam, além das variáveis independentes clássicas, o grupo de fatores *classe de palavra*, variável do nível morfológico. No entanto, dentre os estudos descritos, apenas o de Guy (1981a) avalia o peso de variáveis como *contexto precedente* e *contexto seguinte* no estudo da variação da marcação explícita de CVP6. De forma análoga, variáveis como *posição do sujeito em relação ao verbo* só foram analisadas, sobre o fenômeno de RED/DES, por Schwindt, Bopp da Silva e Quadros (2012).

Ao apresentar a escala de *saliência fônica* de (NARO, 1981), Schwindt (2015), de forma análoga a Guy (1981a) e Guy (1996), assume que seriam casos de *outputs convergentes* as formas verbais categorizadas nos níveis 1a (conhece/conhecem) e 1b

(ganha/ganham). Nas palavras do autor:

Podemos observar que os dados cobertos pelas categorias 1a e 1b da escala exemplificada se sobrepõem em termos de outputs, considerando-se o contexto átono para a aplicação do processo e o apagamento apenas do segmento nasal (passível de comparação ao apagamento que ocorre em nomes). (SCHWINDT, 2015, p. 557)

Em seguida, o autor se detem a um dos grupos de fatores que têm se mostrado, conforme já revisado na Seção 2.1, mais relevante no processo de queda da nasalidade: a *classe morfológica*. Schwindt (2015) faz menção às diferenças entre os valores probabilísticos de aplicação da regra em formas nominais e formas verbais. Dentre os nomes, a queda da nasalidade, em geral, foi observada principalmente em formas terminadas com -gem (seja esse -gem parte raiz (vagem) ou um sufixo (camaradagem)). No que se refere às categorias verbais, o pesquisador aponta, dentre as formas, que verbos no pretérito perfeito do indicativo (falaram ~ falaru, disseram ~ disseru) são os que apresentam maior probabilidade de aplicação de RED/DES. Segundo Schwindt:

Observamos aí, então, uma relação assimétrica: há um processo morfossintático mais específico que só atinge os verbos e há um processo fonológico que atinge verbos e nomes. Paradoxalmente a tarefa da regra morfossintática, a aplicação da regra fonológica em verbos parece sofrer algum controle, visando a preservação do segmento nasal que, isoladamente, é expoente do morfema indicador de número-pessoa - razão pela qual se aplica mais em nomes.

Temos algumas objeções a fazer no que toca a esse excerto extraído de Schwindt (2015), a saber:

(i) assim como o autor afirma que a regra fonológica em verbos parece sofrer nenhum controle funcional, a regra de marcação explícita da concordância não parece sofrer algum tipo de condicionamento de mesma natureza, já que o índice de marcação explícita de CVP6 na categoria 1a da escala de Naro (1981) é muito inferior ao das demais categorias. O trabalho de Schwindt e Bopp da Silva (2009) apontaram um percentual de aplicação de queda da nasalidade equivalente a 71% em Florianópolis. Se compararmos esse valor ao índice percentual de CVP6 verificado no nível 1a da escala de *saliência fônica* no estudo de Monguilhott (2009), o qual foi de 21%, temos indícios da atuação de uma força anti-funcional. Sendo assim, uma pergunta emerge aqui: Por que haveria uma força funcional atuando na preservação do ditongo/nasalidade/qualidade vocálica distinta em verbos nas análises do fenômeno de RED/DES, mas uma força anti-funcional atuando na marcação da CVP6, já que os menores índices de aplicação da marcação são verificados exatamente em ambientes em que a distinção singular/plural opera apenas via ditongo nasal átono?;

(ii) a nasalidade é mais uma vez abordada como se fosse a única possibilidade de preservação de marca. Na verdade, conforme já discutido, além da preservação da nasalidade, há outra possibilidade de manutenção da CVP6 - isso no caso dos ditongos [ẽw̃]: a alternância da vogal a > u (fala/falu). Desse modo, temos a impressão de que desde o estudo de (NARO, 1981), os estudos têm tratado das marcas de concordância com base em critérios ortográficos e não fonético-fonológicos;

(iii) Quando fazemos uma análise levando em conta nomes e verbos, como no caso dos estudos que tratam do fenômeno que chamamos aqui de RED/DES, naturalmente, na análise multivariada, alguns dos fatores que compõem a variável *classe gramatical* serão elevados em comparação aos demais. Nesse caso, ficam acima do ponto neutro, como mostram as pesqui-

sas de Battisti (2002), Bopp da Silva (2005), Schwindt e Bopp da Silva (2009), Schwindt, Bopp da Silva e Quadros (2012), a categoria dos nomes (seja ela desmembrada em subcategorias como por exemplo nomes com -gem na raiz ou sufixo -gem, ou amalgamadas na categoria nomes), e abaixo do ponto neutro, as categorias verbais - exceto os verbos do pretérito perfeito do indicativo. Como na análise da CVP6, a variável *classe de palavra* não é controlada, só há como dizer que haveria uma força funcional atuando quando se leva em conta os diferentes tempos e modos verbais. Seria necessário, a nosso ver, empreender, uma análise de RED/DES excluindo o fator nomes, e observar os resultados relativos a essa nova composição da variável *classe verbal*. Acreditamos que assim, caso a variável não fosse apontada como estatisticamente significativa no que tange à aplicação do fenômeno de RED/DES, poderíamos pensar na alternativa de atuação de forças funcionais.

Além das questões teóricas discutidas por Schwindt (2015), Guy (2013) fez uso dos mesmos dados quantitativos de sua tese de doutorado (cf. Capítulo 2) para discutir a interdependência entre os fenômenos de RED/DES e de marcação explícita de CVP6 nos dados de fala carioca. O autor assumiu, nesse trabalho, que o encaixamento linguístico entre os dois fenômenos investigados poderia ser vislumbrado no comportamento do informante. Guy, em sua análise, parte da conjectura de que haveria uma correlação negativa entre a RED/DES e a marcação de CVP6: os sujeitos que apresentassem maiores taxas de aplicação de RED/DES apresentariam menores índices de marcação de CV e vice-versa. Os resultados encontrados pelo autor, após a aplicação do teste de correlação de Pearson, a partir dos pesos relativos referentes a cada um dos informantes, para cada fenômeno analisado, encontram-se expostos na Figura 6.

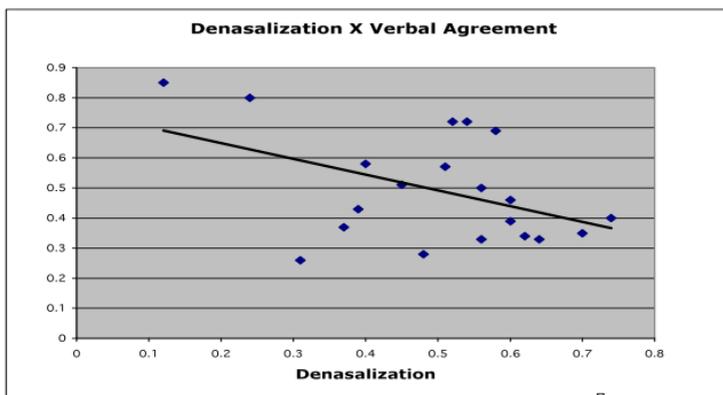


Figura 6: Resultados da correlação entre RED/DES e marcação explícita de CVP6 em dados de fala carioca (GUY, 2013, p. 67) ($r = -0,45$, $p < 0,05$)

Conforme mostra o gráfico, Guy observou, assim como havia hipotetizado, uma correlação negativa entre ambos os fenômenos em dados de fala carioca. A correlação verificada pode ser considerada como moderada, visto que apresentou força de $r = -0,45$.

Sendo assim, nesta seção, apresentamos trabalhos que guiam nossa análise em virtude de terem buscado, teórica e empiricamente, abordar a intersecção entre os fenômenos de RED/DES e de marcação explícita de CVP6.

3.4 Síntese

Neste terceiro capítulo, retomamos a tradição de estudos no campo da linguística histórica, desde a corrente comparativa até o advento da TVM, problematizando, a partir da literatura acerca dos fenômenos de RED/DES e de marcação explícita de CVP6 em dados do PB, alguns postulados que guiavam (e ainda guiam) os estudos de variação e mudança no nível da fonologia e em níveis gramaticais superiores. Tal reflexão nos levou às

seguintes conclusões teórico-metodológicas:

(i) É válido empreender um estudo que leve em conta o detalhamento fonético da realização variável dos ditongos nasais átonos finais, com o intuito de verificar se parâmetros como duração e qualidade vocálica revelam sensibilidade do nível superficial da língua a estruturas mais profundas da gramática;

(ii) Ao se realizar um estudo probabilístico das formas em uso, a fim de se evitar um viés metodológico exposto na Seção 3.2.1 é fundamental fazer distinção entre os diferentes *status* gramaticais dos fenômenos variáveis em exame;

(iii) Em nossa investigação, é de fundamental importância discutir o papel de possíveis forças funcionais e formais na atuação de ambos os fenômenos em exame;

(iv) Uma análise de correlação, tal qual realizada por [Guy \(2013\)](#), é essencial em nossa investigação, já que pode elucidar o imbricamento entre os dois fenômenos, assim como possibilitar a discussão de alguns dos pontos teóricos levantados por [Schwindt \(2015\)](#).

Com base nessas reflexões, apresentamos no próximo capítulo, uma análise acústica, com base no critério duração relativa e qualidade vocálica dos ditongos nasais átonos finais nos dados verbais e nominais na comunidade não urbana da Costa da Lagoa (Florianópolis - SC).

4 Análise Acústica

Neste capítulo, realizamos um estudo acústico levando em conta os correlatos de duração relativa e qualidade vocálica: (i) dos ditongos nasais átonos finais presentes tanto em formas verbais de terceira pessoa do plural (comem, falam), (ii) dos ditongos nasais átonos finais em nomes (viagem, ontem, órgão) e (iii) dos segmentos vocálicos terminais de formas verbais de terceira pessoa do singular, que apresentam, como contraparte pluralizada, verbos com ditongos nasais átonos (sabe/sabem, fala/falam).

Nosso objetivo principal foi o de mapear acusticamente a variação encontrada nos ditongos nasais em situação de concordância, com vistas a realizar uma inspeção acústica que nos permitiu identificar, nas análises variacionistas subsequentes (cf. Capítulo 5), quando tais formas haviam sido realizadas como ditongo nasal, monotongo nasal ou monotongo oral. Além disso, as discussões apresentadas aqui nos auxiliam na problematização que envolve a variável *saliência fônica*. Em linhas gerais, como já explorado na Seção 2.2 (cf. Capítulo 1), [Naro \(1981\)](#) assume, na escala de saliência fônica proposta por ele que, na comparação de formas verbais singulares e plurais, aquelas em que a distinção fônica é maior seriam mais propícias à marcação da CV se comparadas às que apresentam menor distinção. No entanto, os critérios para a delimitação dessa distinção são obscuros, conforme já discutido em [Chaves \(2014\)](#), fato que indica a necessidade de uma discussão crítica mais aprofundada. Por fim, este estudo acústico também fornece pistas sobre a atuação de forças formais ou funcionais nos fenômenos variáveis de marcação fonética de CVP6 e de RED/DES.

Na Seção 4.1, exploramos brevemente a configuração acústica dos ditongos e vogais (orais e nasais) em dados do português do Brasil, salientando os aspectos acústicos que os caracterizam. Na Seção 4.2, apresentamos a metodologia de coleta e tratamento dos dados nas duas análises desenvolvidas: (i) uma sobre a duração relativa dos segmentos (ditongos nasais e suas formas variantes em formas pluralizadas de terceira pessoa, ditongos nasais átonos em formas nominais e segmentos vocálicos átonos finais de formas verbais de terceira pessoa do singular); (ii) outra sobre a qualidade dos ditongos (e suas formas alternantes) e monotongos átonos finais. Na Seção 4.3, apresentamos os resultados relativos ao experimento de duração relativa. Na Seção 4.4, exibimos os resultados referentes à análise da qualidade vocálica desses segmentos. Por fim, tecemos as considerações finais acerca dos dois experimentos realizados.

4.1 Os ditongos nasais no português

Antes de discorrermos sobre as características fonéticas e fonológicas dos ditongos nasais átonos no português do Brasil, faz-se necessário tratar primeiramente: (i) das características de segmentos nasais/nasalizados; (ii) das características específicas dos ditongos. Exploramos, mais detalhadamente, esses aspectos nas próximas seções.

4.1.1 A nasalidade vocálica em dados do PB: características fonéticas

De uma perspectiva fonética, é possível caracterizar a nasalidade a partir de diferentes critérios: articulatórios, acústicos e perceptuais. Em termos articulatórios, a manifestação da nasalidade se dá quando há, na emissão de alguns segmentos vocálicos e consonantais, o abaixamento do véu palatino, fato que

possibilita que o fluxo de ar egressivo, fundamental à produção da maioria dos sons das línguas do mundo, seja expelido concomitantemente pela cavidade oral e pela cavidade nasal (SEARA; NUNES; LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2011, p.22). Segundo Barbosa e Madureira (2015), há, na produção de sons nasais ou nasalizados, uma bifurcação do trato vocal em virtude do abaixamento do véu palatino. Os diagramas apresentados na Figura 7 ilustram, respectivamente, a posição do véu do palato na produção da vogal oral [a] em contraposição à da vogal nasal [ã].

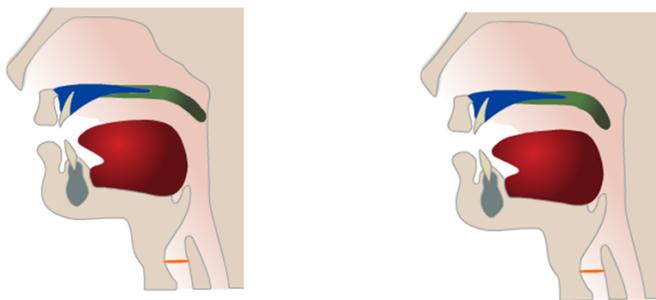


Figura 7: Diagrama estático da produção da vogal [a] (à esquerda) e da vogal [ã] (à direita) Fonte: www.cefala.org

No que tange às propriedades acústicas da nasalidade, a conexão entre cavidade oral e cavidade nasal, verificada na produção de segmentos vocálicos nasais (cf. Figuras 7), provoca alterações significativas nos correlatos acústicos do sinal de fala, se comparados aos correlatos orais (HEETZ; JONGMANN, 2009, p. 85). Em outros termos, diferentemente de sons orais, produzidos com o véu palatino levantado, os sons nasais ou nasalizados são produzidos com o acoplamento de duas câmaras de ressonância, fato que gera um som de qualidade distinta a dos sons orais. Dentre os parâmetros que nos auxiliam na identificação de uma vogal nasal em oposição a uma vogal oral, pode-

mos aludir:

- (i) a presença de anti-ressonâncias (anti-formantes);
- (ii) a presença de formantes nasais na faixa dos 250 Hz (FN1) e na faixa dos 1000Hz (FN2);
- (iii) a maior largura de banda do primeiro formante (F1);
- (iv) a atenuação dos picos formânticos. (SEARA, 2000, p. 9-10).

Dentre os parâmetros referidos, damos ênfase à presença dos formantes nasais. Com vistas a ilustrar como o parâmetro aludido é vislumbrado em análises acústicas, apresentamos, nas Figuras 8 e 9, respectivamente, o oscilograma (forma de onda) e espectrograma em banda larga da vogal oral [a] em posição tônica e o de sua contraparte nasal [ã].

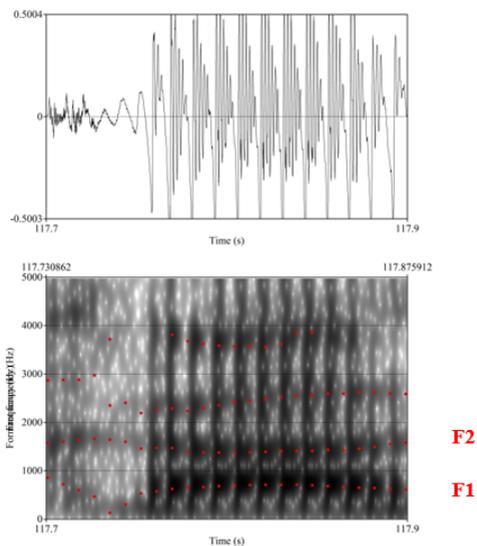


Figura 8: Oscilograma e espectrograma em banda larga da vogal [a] tônica – produção da palavra *ca|cam*

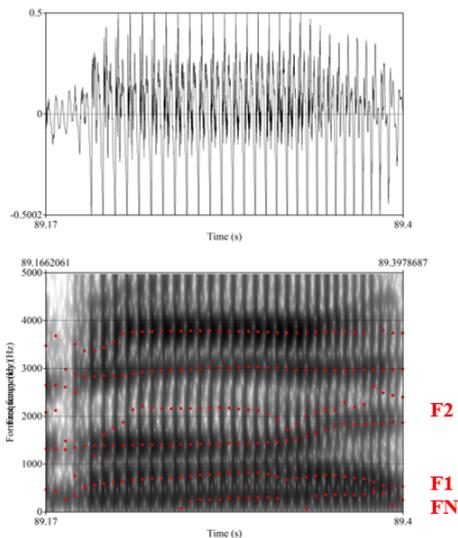


Figura 9: Oscilograma e espectrograma em banda larga da vogal [a] tônica – produção da palavra *abr[ɑ]ngem*

Conforme é possível observar, a vogal oral [a], exposta na Figura 8 apresenta apenas frequências orais - F1 (correlato acústico que nos possibilita recuperar a altura da língua no momento da produção das vogais) e F2 (correlato que nos permite resgatar a posição de anteriorização/posteriorização da língua na mesma produção vocálica). Já no que tange à vogal nasal [ã], além da presença dos formantes orais (F1 e F2), conforme podemos verificar na Figura 9, temos também a presença de formantes nasais (FN1 e FN2). A entrada dos formantes nasais, resultantes do acoplamento nasal ao trato oral, provoca efeitos sobre os formantes orais. As Figuras 10 e 11 mostram como os anti-formantes alteram a qualidade acústica dos segmentos vocálicos orais.

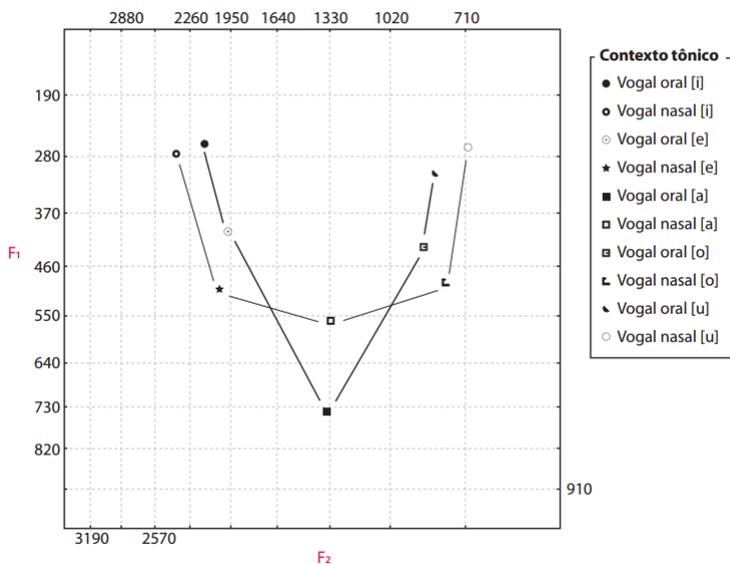


Figura 10: Valores médios de F1 x F2 plotados em espaço bidimensional de segmentos vocálicos tônicos do português de Florianópolis - linha grossa: vogais orais, linha fina: vogais nasais e nasais (linha fina) (SEARA; NUNES; LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2011, p.40)

De acordo com a Figura 10, no que diz respeito à posição tônica, as vogais nasais do português do Brasil apresentam configurações acústicas significativamente distintas das vogais orais. A vogal oral [a], por exemplo, que, em média, apresenta F1 de 730Hz e F2 de 1330Hz, em sua contraparte nasal, apesar de manter o valor de F2, apresenta um decréscimo no valor de F1, que passa de uma média de 730Hz para uma de 550Hz. Isso significa que, com o acoplamento da cavidade nasal à oral, os falantes tendem a elevar a posição da língua na produção de [ã], de forma semelhante à produção de um *schwa*. Todas as demais vogais também sofrem alterações. No entanto, essas mudanças são mais significativas em termos de F2 (movimento horizontal de anteriorização e posteriorização da língua): as vogais posteriores [õ] e [ö] são produzidas com um leve recuo, se

comparadas as suas respectivas contrapartes orais, e as vogais [i] e [ẽ], com uma leve anteriorização, também se comparadas a suas correlatas orais.

Como apontam [Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão \(2015, p. 61\)](#), as alterações verificadas na comparação entre vogais orais tônicas *versus* vogais nasais tônicas são mais significativas do que a comparação entre as modificações vislumbradas entre vogais orais átonas *versus* vogais nasais átonas. A [Figura 11](#) nos permite observar essa diferença quando comparamos com a [Figura 10](#).

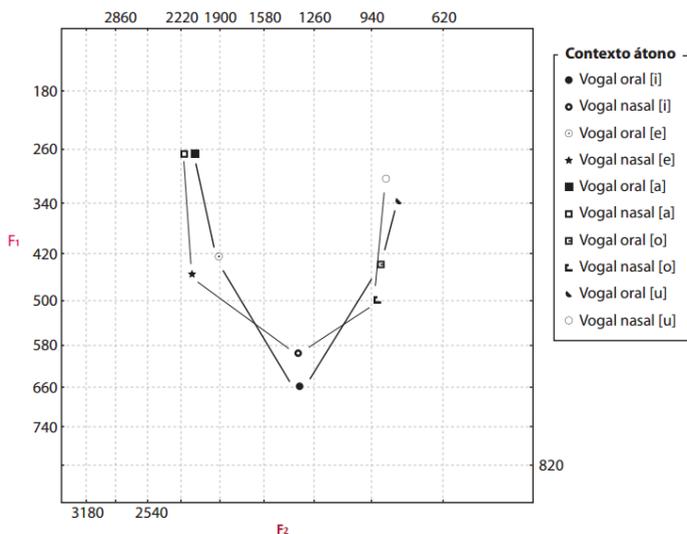


Figura 11: Valores médios de F1 x F2 plotados em espaço bidimensional de segmentos vocálicos tônicos do português de Florianópolis - linha grossa: vogais orais, linha fina: vogais nasais ([SEARA; NUNES; LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2011, p.40](#))

De acordo com a representação no esquema vocálico átono, exposto na [Figura 11](#), poucas modificações em termos de elevação/abaixamento e de anteriorização/posteriorização são verificadas ao compararmos as vogais átonas orais a suas contra-

partes nasais.

Diante do que foi posto, somos levados a refletir sobre a escala de saliência fônica proposta por Naro (1981) exibida na Figura 12. Podemos inferir que, as oposições fonéticas propostas pelo autor, que ocorrem em ambientes átonos nível 1a, 1b e 1c, de fato, são pouco salientes, se levarmos em conta os parâmetros de F1 e F2 das vogais nasais átonas que, nesses casos, seriam as únicas marcas fonéticas da CVP6.

Nível 1 (não acentuado):

- Classe a. [-i/ĩ]
- Classe b. [-a/ũ]
- Classe c. [-Ø/ĩ]

Nível 2 (acentuado):

- Classe a [-á/-áw]
- Classe b [-éw/-érũ, -íw/-írũ, -óy/-órũ]
- Classe c [-ó/-árũ]
- Classe d. caso único: é/são
- Classe e. [-Ø/-érũ, -í/-érũ]

Figura 12: Escala de saliência fônica na proposta de Naro (1981)

Naro (1981), conforme já resenhado na Seção 2.2, estudou a fala de informantes cariocas em fase de alfabetização. Em sua escala, o autor assume que, nas formas verbais terminadas em ditongo nasal átono [ẽw̃] e [ẽj̃], os falantes fariam uso exclusivo de [õ] ou [ĩ] para marcar a CV. Os ditongos, portanto, não foram indicados pelo autor como possibilidades de marcação fonética de concordância na variedade investigada. Essa é uma questão pertinente a ser levantada, visto que muitos estudos, assim como este, abordam a variação na marcação explícita da concordância verbal de CVP6, levando em conta outras possíveis variantes, já que lidam com falantes com graus de escolaridade distintos. Para as formas verbais terminadas em ditongo átono

[ẽw̃] as possibilidades de marcação da concordância são: [ẽw̃] (for[ẽw̃]), [õ] (for[õ]) e [u] (for[u]). Já para as formas verbais terminadas em ditongo átono [ẽj], as variantes são: [ẽj̃] (com[ẽj̃]), [ĩ] (com[ĩ]) e [i] (com[i]).

Assim sendo, diante das diferenças acústicas evidenciadas na Figura 11, podemos assumir, assim como Naro (1981), que a saliência na oposição com[i]/com[ĩ], de fato, é muito pequena. No entanto, quando o falante produz formas como com[ẽj̃], por exemplo, a distinção, a nosso ver, e o conseqüente grau de saliência das formas, ao menos em termos acústicos, aumenta significativamente. Isso porque os ditongos apresentam configuração bastante distinta dos monotongos, além de apresentarem o traço de nasalidade sempre que forem produzidos. Tratamos, na seção 4.1.2 das características acústicas dos ditongos.

4.1.2 A configuração acústica dos ditongos nasais e suas formas variantes no português brasileiro

Os ditongos são definidos como sequências de segmentos vocálicos situados em uma mesma sílaba, sendo a posição nuclear silábica ocupada por uma vogal seguida de uma semivogal (glide). No que toca às características acústicas dos ditongos, observamos uma transição formântica (valores de F1 e de F2), já que temos, em um mesmo constituinte silábico, dois segmentos vocálicos com configurações articulatórias distintas. A Figura 13¹ ilustra as diferenças em termos de F1 e F2 na produção das vogais orais do português, correlacionando-as a valores médios em Hertz (Hz).

¹ Disponível em: <http://intitulandointitulavel.blogspot.com.br/2014/09/em-defesa-do-vestibular-porque-pra.html>. Acesso em: agosto de 2015.

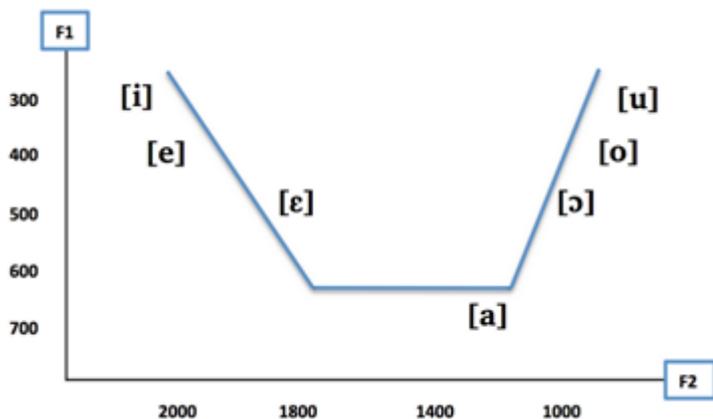


Figura 13: Correlação acústico-articulatória das vogais do PB (valores formânticos)

A partir dos valores médios de F1 (critério que aponta a altura da língua) e de F2 (critério que indica o grau de anteriorização/posteriorização da língua), podemos prever a configuração dos ditongos [ẽw̃] e [ẽj̃], conforme exposto na Figura 14 a seguir.

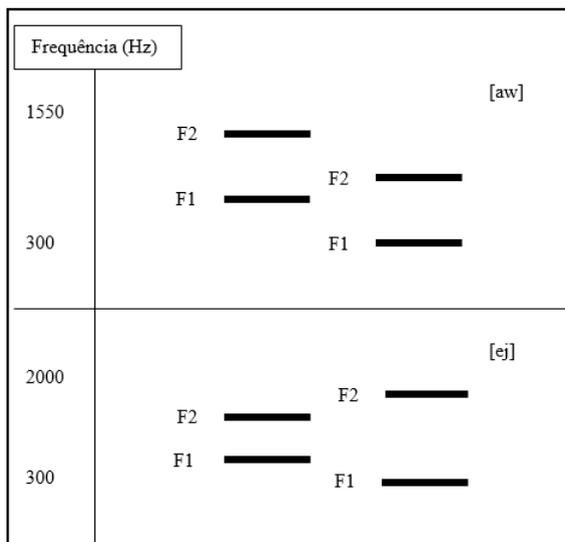


Figura 14: Transições formânticas – ditongos [aw] e [ej]

Conforme mostra a Figura 14, observamos, no ditongo [aw], um movimento descendente tanto nos valores de F1 como nos valores de F2. No que tange ao ditongo [ej], por seu turno, verifica-se um movimento formântico ascendente nos valores de F2 e decrescente nos valores de F1. Com o intuito de demonstrar como essas transições são vislumbradas no espectrograma e oscilograma apresentamos dois dados a seguir (cf. Figura 15: um caso de ditongo nasal [ẽw̃] e outro de [ẽj̃]).

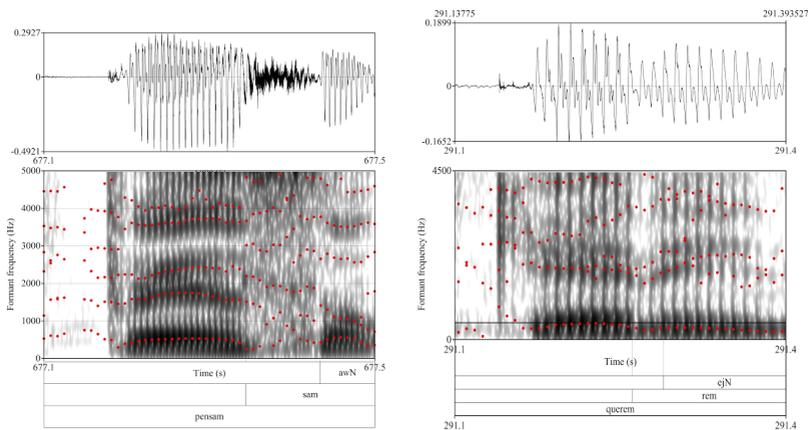


Figura 15: Transições formânticas – ditongos [ɛw̃] e [ɛj̃]

4.2 Metodologia

4.2.1 O *corpus* investigado e a configuração da amostra

No estudo acústico realizado neste capítulo, foram analisados os dados produzidos por oito sujeitos, todos do sexo masculino, nativos e residentes na Região da Costa da Lagoa (região não urbana de Santa Catarina). Os sujeitos investigados fazem parte do Banco Chaves (2016), banco que compõe a Amostra complementar do Banco Varsul - Agência UFSC. O Banco Chaves é composto por 24 informantes, 12 do sexo feminino e 12 do sexo masculino, estratificados em três níveis de escolaridade e quatro faixas etárias². Escolhemos oito informantes masculinos, com diferentes níveis de instrução formal, a fim de termos uma estratificação social equilibrada em termos de escolaridade. As características sociais de cada um dos informantes analisados estão expostas na Tabela 28.

² A composição do Banco Chaves (2016) é apresentada com mais detalhamento no Capítulo 5.

Tabela 28: Sub-amostra analisada (Banco Chaves)

Informante	Idade	Escolaridade
Informante 1	24 anos	Ensino Fundamental
Informante 2	25 anos	Ensino Superior
Informante 3	27 anos	Ensino Superior
Informante 4	30 anos	Ensino Médio
Informante 5	31 anos	Ensino Superior
Informante 6	33 anos	6 ^a série do Ensino Fundamental
Informante 7	37 anos	Ensino Médio
Informante 8	65 anos	Ensino Fundamental

Como mostra a Tabela 28, os oito informantes analisados são do sexo masculino, com idades entre 24 e 65 anos. Dentre os sujeitos, como já mencionado, buscamos uma certa distribuição no que diz respeito ao grau escolaridade: três informantes com Ensino Superior, três com Ensino Fundamental e dois com Ensino Médio.

4.2.2 As estratégias e os instrumentos de coleta

A coleta de dados foi realizada a partir dos postulados metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972; LABOV, 1994b; LABOV, 1994a; LABOV, 2010). Cada um dos informantes investigados participou de uma entrevista com o interlocutor com duração de cerca de 50 minutos. O entrevistador buscou, sempre que possível, induzir a produção de formas verbais de terceira pessoa do plural (e.g. Como seus pais tratavam você quando você era uma criança?) e de formas nominais com terminação em ditongos nasais átonos finais (e.g. O que você acha sobre as pessoas que se declaram doadoras? Alvo: órgãos).

As gravações foram realizadas com o gravador digital H4N ZOOM e, acoplado a ele, o microfone AKG C520L, com taxa de amostragem de 44100Hz. Buscamos, sempre que possível, realizar as entrevistas dentro de ambientes fechados, com baixa possibilidade de eco ou reverberação.

4.2.3 A etiquetagem dos dados

Após a coleta, os segmentos-alvo (ditongos nasais finais e suas formas variantes), presentes em dados verbais, dados nominais e segmentos vocálicos finais de formas verbais na terceira pessoa do singular foram etiquetados manualmente no *software* Praat (Versão 6.0.22). A etiquetagem foi feita em três camadas. Na Figura 16, expomos um exemplo de etiquetagem.

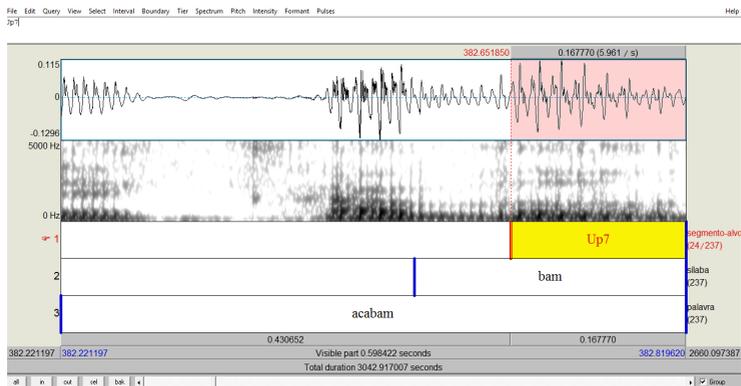


Figura 16: Exemplo de etiquetagem preliminar (forma verbal *querem*)

Conforme mostra a Figura 16, no primeiro tier, etiquetamos um código referente ao segmento-alvo (cf. Tabela 29), no segundo tier, etiquetamos a sílaba em que o segmento encontrava-se, e, no terceiro tier, a palavra inteira.

Tabela 29: Codificação tier 1

Códigos	
Realização do segmento-alvo	W=[ẽw̃] U = [õ] u=[v] a = a J=[ẽj̃] I=[ĩ] i=[i] 0= ausência de segmento
Flexão de número	s= singular p= plural 0 = não aplica (dados de singular e nomes)
Informante	0 ao 7

Na etapa subsequente, extraímos informações duracionais de cada um dos *tiers*, fazendo uso do *script* de três pontos (cf. Anexos), obtendo assim: (i) duração do segmento-alvo (código), (ii) duração da sílaba-alvo, (iii) duração da palavra-alvo, (iv) valores de F1 do segmento-alvo (5 pontos), (v) valores de F2 do segmento-alvo (5 pontos) e (vi) valores de F3 do segmento-alvo (5 pontos). Os valores foram obtidos em cinco pontos dos segmentos-alvo para que, caso valores inadequados fossem encontrados, outros pudessem ser verificados (ponto 2 ou ponto 4). No entanto, na maior parte dos casos, foram considerados os valores do terceiro ponto (ponto medial).

No que diz respeito à análise duracional, os valores da duração, convertidos de segundos (s) para milissegundos (ms), do segmento-alvo e da sílaba, foram necessários visto que só é possível calcular a duração relativa dos ditongos ou monotongos levando-os em conta. Tais valores são essenciais para contrapor, de forma inequívoca, a duração dos segmentos produzidos por diferentes indivíduos, uma vez que provavelmente haveria dados produzidos com diferentes taxas de elocução (ve-

locidade de fala). Nesta análise, calculamos a duração relativa dos segmentos-alvo conforme mostrado em 30:

Tabela 30: Cálculo empregado para medir o valor da duração relativa do segmento-alvo (%)

$$\frac{\text{Duração relativa}}{\text{duração do segmento-alvo (tier 1) / Duração da sílaba (tier 2) x 100}}$$

O cálculo da duração relativa compreende, portanto, a divisão da duração absoluta do segmento-alvo (em ms) dividida pela duração absoluta da sílaba (também em ms), multiplicado por 100. O resultado dessa operação indica o percentual de ocupação do segmento na sílaba.

Ao efetuarmos a etiquetagem dos segmentos, realizamos, concomitantemente, uma inspeção acústica dos dados e rotulamos, no tier 1, a realização do segmento (ditongo, monotongo nasal ou monotongo oral). Desse modo, ao observarmos estabilidade formântica, caracterizamos os segmentos como monotongos; ao vislumbrarmos transições formânticas, os caracterizamos como ditongos. Além disso, classificamos os segmentos em monotongos nasais ou orais, utilizando como critério apenas a identificação de formantes nasais quando a identificação de oitiva não era confiável. Já na análise relativa à qualidade vocálica dos segmentos, contrapomos nossa classificação às frequências formânticas dos segmentos (valores de F1 e F2). Apresentamos a seguir o resultado das duas análises empreendidas.

4.3 Análise duracional

A análise duracional, realizada neste estudo, conforme já referido, levou em conta: (i) dados nominiais (viagem, órfão), (ii) dados verbais de terceira pessoa do singular (fica, oferece) e (iii) dados verbais de terceira pessoa do plural (chamavam, tinham).

Foram excluídos da investigação os dados que apresentavam ruídos, hesitações, pausas preenchidas e/ou sobreposição de vozes. Em acréscimo, desconsideramos os casos de sândi externo (e.g. Daí eles mandavuN (um) quinhão lá, sabe?!).

No total, computamos um número de 580 dados (337 formas verbais no singular, 40 formas nominais terminadas em ditongo nasal átono e 203 formas verbais no plural). Os dados constantes nas Tabelas 31 e 32 exibem os valores, percentuais e brutos, de distribuição dos dados.

Tabela 31: Distribuição dos dados em relação a sua terminação [ɛw̃] e [ɛj̃]

	Formas nominais	Formas verbais (plural)
Ditongo [ɛw̃]	2/40 (5%)	167/203 (82,3%)
Ditongo [ɛj̃]	38/40 (95%)	36/203 (17,7%)

Tabela 32: Distribuição dos dados em relação a sua terminação [ɪ] e α

Formas verbais singulares	
[a]	267/337 (79,2%)
[ɪ]	70/337 (20,8%)

Em conformidade com a Tabela 31, podemos observar uma assimetria na distribuição dos dados presentes em nossa amostra. No que diz respeito às formas nominais, temos apenas dois dados com terminação [ɛw̃] em contrapartida aos 38 dados com terminação [ɛj̃]. Já em relação às formas verbais de terceira pessoa do plural, os verbos com terminação [ɛw̃] representam a maior parte dos dados (166/203). Por fim, em relação às formas verbais singulares, do total de 337 dados, 268 apresentam terminação em [ɛ] enquanto apenas 68 apresentam terminação em [ɪ].

O diagrama de densidade (histograma) 17 e o boxplot 18 expõem a distribuição de todos os segmentos da amostra em relação ao parâmetro de duração relativa, mensurada em valores percentuais.

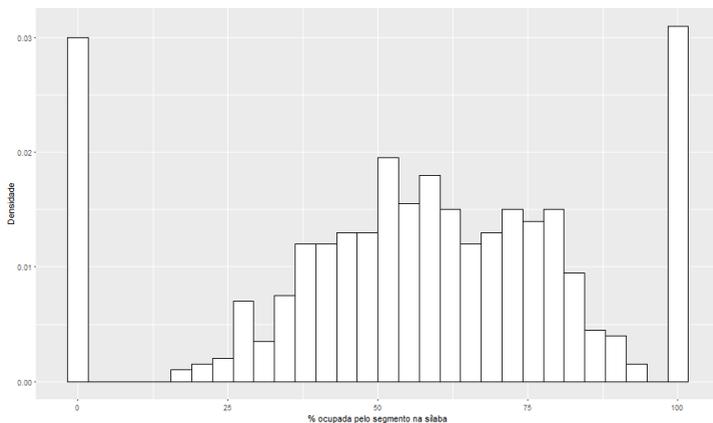


Figura 17: Histograma da duração relativa (em valores percentuais) - análise com todos os dados

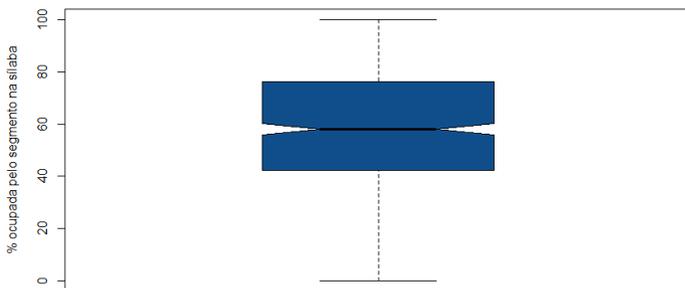


Figura 18: Boxplot da distribuição geral dos dados de duração relativa - análise com todos os dados

A partir da observação do histograma 17, não observamos um padrão de distribuição normal dos dados. Nos dois extremos do gráfico, temos valores correspondentes a 0 e 100%. Os dados que ocupam 100% da sílaba (61 casos) correspondem a

palavras que não apresentam *onset* silábico, como, por exemplo, as formas verbais iam (i. Øam) e faziam (fa.zi.Øam), nas quais os ditongos ou suas formas alternantes, independentemente da duração em ms (milissegundos), sempre computarão 100% do valor duracional silábico, visto que são os únicos componentes da sílaba. Já o subgrupo de dados que computam 0% da sílaba (60 casos) correspondem a casos de segmentos-alvos antecidos por consoantes africadas ou fricativas. A Figura 19 mostra a captura de tela de um dos dados em que não se verificou nenhum segmento vocálico em posição de final de palavra.

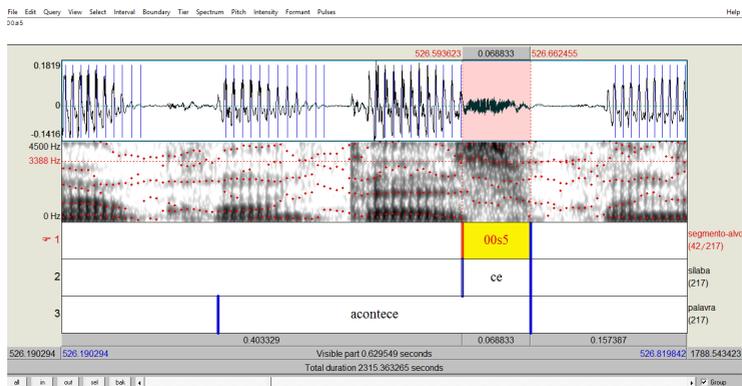


Figura 19: Captura de tela da etiquetagem de um dos dados sem a presença de segmentos vocálicos

A distribuição geral de todos os 580 dados que compõem o nosso universo amostral é exibida com mais detalhes na Tabela 33.

Conforme é possível verificar na Tabela 33, se rejeitarmos os dados de 0% e 100%, há uma maior concentração de dados na porção medial do gráfico. Em outros termos, a grande maioria dos segmentos-alvos (ditongos nasais, monotongos nasais ou monotongos orais) apresentou, de certa forma, valores aproximados à média, que equivale a 56,79%, apesar de apresentar

Tabela 33: Distribuição geral da duração relativa - análise com todos os dados

Duração relativa (%)	
Distribuição geral	
Valor mínimo	0
1o quartil	42,28
Mediana	58,05
Média	56,79
3o quartil	76,25
Máxima	100
Desvio padrão	27,49
Coefficiente de variação	48,41

desvio padrão de 27,49 e coeficiente de variação de 48,41% (extremamente alto), indicando uma grande variação nos dados.

Para que fosse possível ir além de uma análise puramente descritiva, partindo, assim, para uma análise inferencial, optamos por excluir os 121 segmentos com duração relativa categórica (0% e 100%). Desse modo, o novo universo amostral passou a contabilizar 459 dados. Do total de 459, 260 representam formas verbais no singular, 27 formas nominais e 172 formas verbais no plural. As Tabelas 34 e 35 expõem a distribuição dos dados.

Tabela 34: Distribuição dos dados em relação a sua terminação [əw] e [ej]

	Formas nominais	Formas verbais (plural)
Ditongo [əw]	2/27 (7,4%)	143/171 (83,6%)
Ditongo [ej]	25/27 (92,6%)	28/171 (16,4%)

Tabela 35: Distribuição dos dados em relação a sua terminação [i] e [a]

Formas verbais singulares	
[a]	224/260 (86,2%)
[i]	36/260 (13,8%)

Segundo os valores brutos e percentuais apresentados nas Tabelas 34 e 35, verificamos que a assimetria na distribuição dos dados de nossa amostra se manteve. No que tange às formas nominais, continuamos com apenas dois dados com ter-

minação [ẽw̃] em oposição aos 25 dados com terminação em [ẽj̃]. Já no que se refere às formas verbais de terceira pessoa do plural, temos 143 verbos com terminação [ẽw̃] e 28 com terminação em [ẽj̃]. Em relação às formas verbais no singular, 224 dados apresentam terminação em [ɐ] e somente 36 terminação em [i].

A nova distribuição, após a exclusão dos dados categóricos, assumiu a configuração expressa no histograma 20 e Box-plot 21.

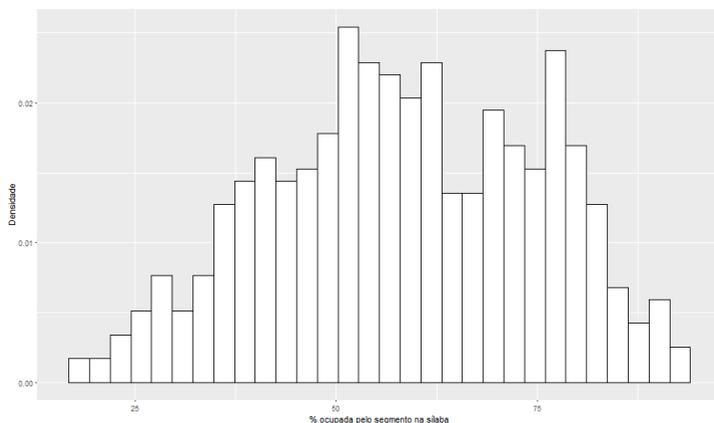


Figura 20: Histograma da duração relativa (em valores percentuais) - análise sem dados categóricos

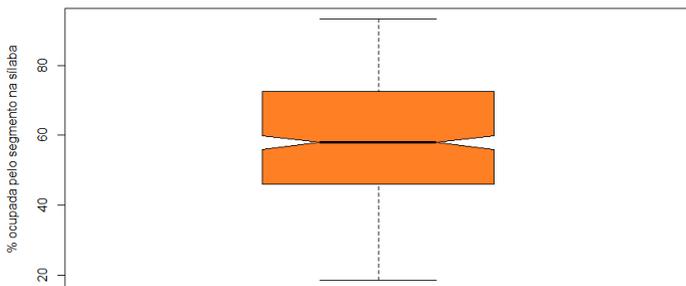


Figura 21: Boxplot da distribuição geral dos dados de duração relativa - análise sem dados categóricos

Com a exclusão dos casos de duração categórica, é possível vislumbrar no histograma 20 e boxplot 21, que a distribuição amostral não passou a ser próxima de uma distribuição normal. Em virtude disso, os testes de diferenças que utilizamos, nas análises subsequentes, são aplicáveis a dados não paramétricos. Os novos valores distribucionais são apresentados também na Tabela 36. E agora temos um coeficiente de variação mais aceitável, correspondente a 28,60%.

Tabela 36: Distribuição geral da duração relativa - análise sem dados categóricos

Duração relativa (%)	
Distribuição geral	
Valor mínimo	18,60
1o quartil	45,92
Mediana	58,00
Média	58,38
3o quartil	72,50
Máxima	93,30
Desvio padrão	16,70
Coefficiente de variação	28,60

Expomos a seguir os resultados da análise de duração relacionando-a a: (i) qualidade vocálica e (ii) flexão/não flexão de número.

4.3.1 Duração relativa e realização do segmento-alvo

Nesta análise, verificamos a relação entre duração relativa e realização do segmento-alvo. Nossa hipótese, em relação ao comportamento duracional, é de que, em uma escala de duração, os segmentos apresentem duração ascendente na direção monotongos orais < monotongos nasais < ditongos nasais. Essa conjectura baseia-se no fato de que ditongos, em geral, apresentam duração superior a dos monotongos e, além disso, de que o acoplamento do trato nasal ao oral aumenta a duração dos segmentos. O boxplot 22 apresenta os resultados para cada um dos segmentos investigados.

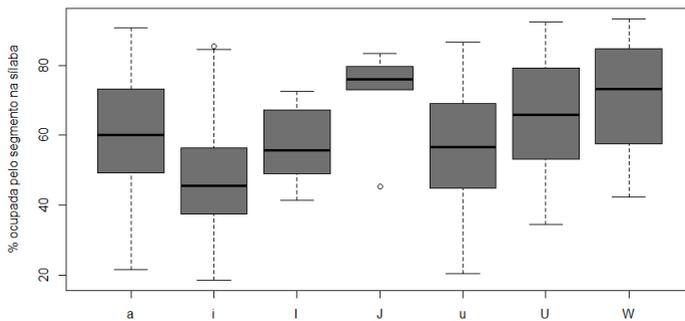


Figura 22: Boxplot - Duração relativa (%) versus realização do segmento-alvo (símbolos conforme apresentados na Tabela 29)

Nossa hipótese, como atesta o boxplot 22, foi, em parte, corroborada. Os ditongos [éj] e [ēw] (representados no gráfico pelos códigos W e J) apresentam duração relativa em torno de

75%, os monotongos nasais (representados pelos códigos U e I) exibem duração relativa de cerca de 60% e, por fim, os monotongos orais (representados pelos códigos i e u) mostram índice percentual próximo de 50%. Apenas o monotongo [ɐ] apresenta resultados diferentes de nossa expectativa, com mediana aproximada de 60%. Cabe frisar que a vogal [ɐ] abarca dados de formas verbais singulares e plurais, diferentemente dos demais segmentos, que são ditongos nasais (ou uma de suas formas variantes) situados em formas verbais no plural ou em formas nominais.

4.3.2 Duração relativa e flexão de número

Na análise que levou em conta a relação entre duração relativa e flexão de número, pautados em uma hipótese de viés funcional, conjecturamos que formas nominais terminadas em ditongos nasais átonos finais e formas singulares apresentariam duração relativa inferior a das formas verbais de terceira pessoa do plural. Os resultados encontram-se no Boxplot 23.

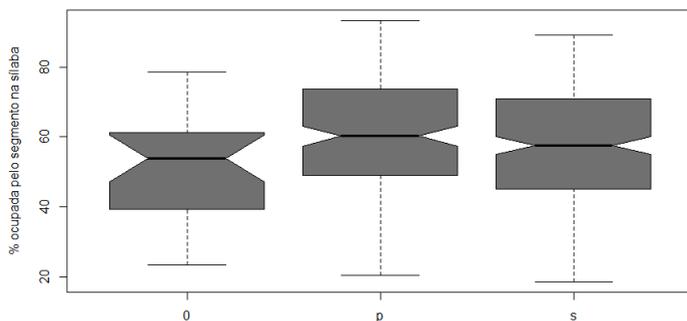


Figura 23: Boxplot - Duração relativa (%) *versus* flexão de número (símbolos conforme apresentados na Tabela 29)

Segundo a distribuição verificada no Gráfico 23, a hipótese aventada não foi corroborada. Todos os grupos apresentaram medianas de duração relativa muito próximas: os dados nominais e os dados verbais no singular exibiram duração relativa de cerca de 55%, e os dados verbais duração em torno de 60%. Acreditamos, no entanto, que nossa conjectura não foi confirmada já que temos, nesses dados, segmentos realizados como ditongos, monotongos nasais e monotongos orais. Sendo assim, como já atestado anteriormente, a realização do segmento-alvo interfere no valor duracional, fato que pode estar enviesando os resultados obtidos.

Com o intuito de comparar a duração relativa das terminações de formas verbais sem marca de plural com a duração relativa das terminação de formas verbais singulares, realizamos mais duas análises: uma comparando formas verbais com terminação em [ɐ] (formas singulares e plurais) e outra comparando formas verbais com terminação em [ɪ] (formas singulares e plurais).

4.3.3 Comparação das terminações de verbos no plural e singular em terminação (ɐ)

O total de formas com terminação em [a], em nossos dados, foi de 232. Desse número, apenas oito representam casos de formas pluralizadas sem marca explícita de CV (e.g. E o caminhão frigorífico que cabi[ɐ] mais ou menoØ umas quinze toneladas, dez toneladas, por aí.) e 224 dados representam casos de formas singulares com terminação em [a] (e.g. A minha irmã adora sorvete de flocos). Na Figura 24 temos o diagrama de densidade, o qual ilustra a distribuição total dos segmentos [ɐ] em relação à duração relativa.

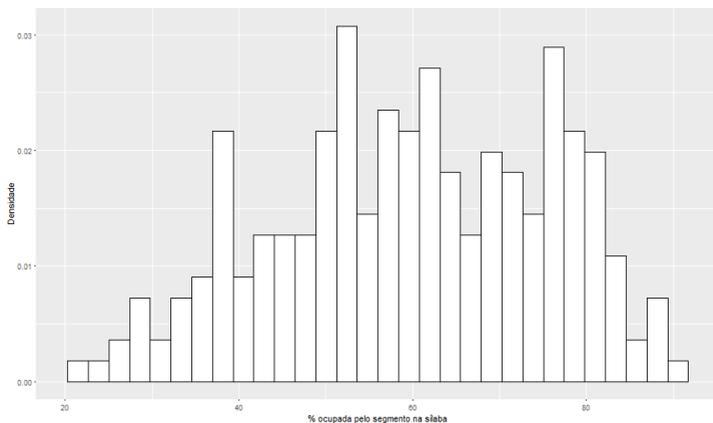


Figura 24: Histograma da duração relativa (em valores percentuais) - análise com dados de realização [v]

Podemos verificar, no histograma da Figura 24, que não obtivemos uma distribuição normal. Apresentamos, de forma mais detalhada, a distribuição dos respectivos dados na Tabela 37.

Tabela 37: Distribuição geral da duração relativa - análise com dados de realização [v]

Duração relativa (%)	
Distribuição geral	
Valor mínimo	21,6
1o quartil	49,27
Mediana	60,10
Média	59,74
3o quartil	73,18
Máxima	90,70
Desvio padrão	23,24
Coeficiente de variação	38,90

Segundo os valores constantes na Tabela 37, para procedermos a uma análise inferencial, a fim de avaliar a diferença entre a duração de formas verbais plurais com marca zero terminadas em [ɐ] *versus* formas singulares também terminadas em [ɐ], foi necessário fazer uso do teste estatístico de diferenças não paramétricas Wilcoxon. A distribuição dos dados, nas categorias 'plural' e 'singular', pode ser verificada no boxplot 25.

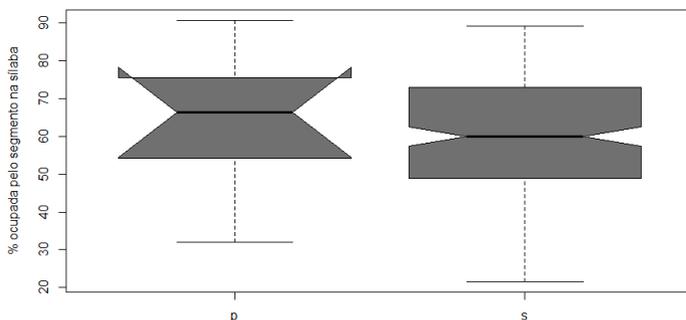


Figura 25: Boxplot - Duração relativa (%) *versus* flexão de número - análise com dados de realização [a]

Ao estabelecer uma comparação entre as medianas dos dois grupos (formas plurais e formas singulares), verificamos que os dados de plural apresentam duração relativa próxima a 70%, enquanto que os dados singulares exibem duração aproximada de 60%. O teste Wilcoxon apontou a diferença entre os dois grupos como estatisticamente relevante ($p < 0.05$, $V=1$).

Dessa maneira, apesar do número limitado de dados sem marca explícita de CV, os resultados parecem indicar que haveria uma compensação, em termos duracionais, quando se verifica a CV com terminação em monotongo oral [ɐ].

4.3.4 Comparação das terminações de verbos no plural e singular em terminação [ɨ]

Da mesma forma que empreendemos uma análise contrapondo a duração relativa de formas verbais e formas singulares com terminação em [ɐ], realizamos uma investigação com os dados com terminação em [ɨ]. No total, em nossa amostra, contabilizamos 60 casos com essa terminação. Desse valor, 24 são dados de formas pluralizadas sem marca explícita de CV e 36 dados de formas singulares. Na Figura 26, apresentamos o histograma da distribuição desses dados no que diz respeito à duração relativa.

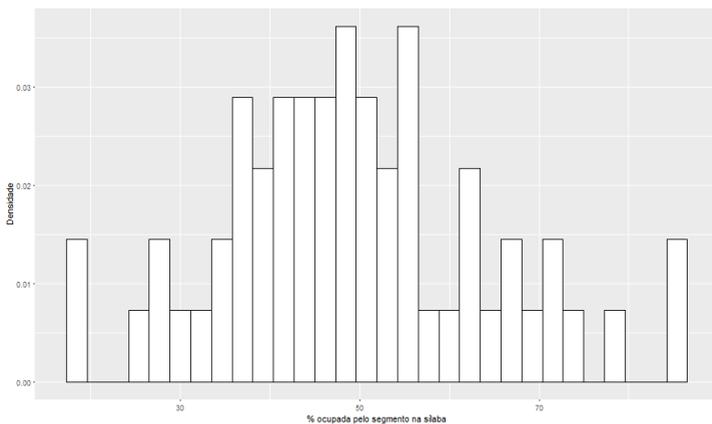


Figura 26: Histograma da duração relativa (em valores percentuais) - análise com dados de realização [ɨ]

De forma análoga à análise com os dados com terminação em [e], não observamos uma distribuição normal. Na Tabela 38, expomos esses valores.

Tabela 38: Distribuição geral da duração relativa - análise com dados de realização [i]

Duração relativa (%)	
Distribuição geral	
Valor mínimo	18,60
1o quartil	39,90
Mediana	48,75
Média	49,38
3o quartil	56,45
Máxima	85,50
Desvio padrão	14,82
Coeficiente de variação	30,02

De acordo com os valores expressos na Tabela 38, aplicamos, na comparação entre a duração de formas verbais com marca zero terminadas em [i] *versus* formas singulares também terminadas em [i], o teste Wilcoxon. A Figura 27 ilustra a distribuição dos dados nos dois grupos.

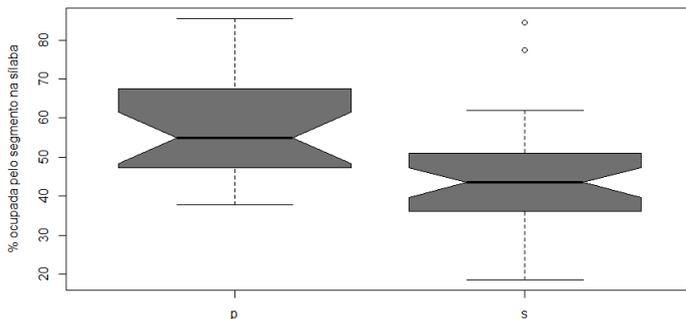


Figura 27: Boxplot - Duração relativa (%) *versus* flexão de número - análise com dados de realização [i]

A partir da observação do boxplot, nossa suposição foi a de que haveria diferença significativa entre os dois grupos, já que a mediana dos dados 'plurais' com terminação em [i] (próxima a 55%) é inferior à mediana dos dados 'singulares' terminados em [i] (próxima a 40%). A aplicação do teste Wilcoxon revelou que, de fato, a diferença entre os grupos é estatisticamente significativa ($p < 0.05$, $V=1$).

Em síntese, os resultados referentes à análise sobre duração relativa e flexão de número indicam que formas verbais plurais que, em tese, não apresentariam marcas fonéticas de concordância na superfície, podem estar sendo realizadas com uma duração maior, parecendo compensar a falta do ditongo.

Na próxima seção, apresentamos a análise relativa à qualidade vocálica dos segmentos-alvo em exame neste estudo.

4.4 Análise da qualidade vocálica

Na análise referente à qualidade vocálica dos segmentos-alvo, seguimos os mesmos critérios adotados na investigação do parâmetro de duração relativa. Foram considerados, no entanto, apenas dados verbais de terceira pessoa do singular (leva, cabe) e do plural (compram, faziam) que haviam sido produzidos como monotongos orais [i]ou [e]. De forma mais clara, analisamos, nesta seção, apenas os casos em que a marcação explícita de CVP6 não foi constatada em uma análise de oitiva. Com este fim, comparamos os valores formânticos das terminações de formas verbais de P6, aparentemente não marcadas, e das terminações de formas verbais de P3.

A seguir, relatamos os resultados concernentes às análises que relacionam o parâmetro qualidade vocálica à flexão de número em dados produzidos com monotongo oral [e] e [i].

4.4.1 Análise 1: vogal [ɐ] em formas plurais *versus* vogal [ɐ] em formas singulares

Na análise em que opomos as frequências formânticas das terminações [ɐ] em formas verbais de terceira pessoa do plural e singular, contabilizamos um total de 232 dados, sendo oito de 'não marcação explícita de CV' e 224 de verbos no singular. Conforme já relatado na seção de Metodologia, extraímos, do tier 1 (etiquetagem do segmento-alvo) os valores de F1 e F2 em cinco pontos. No entanto, tomamos como referência apenas os valores centrais dos monotongos orais (ponto 3 da extração), visto que essa é a região mais estável da vogal por apresentar menor impacto co-articulatório.

Nas Figuras 28 e 29, expomos a plotagem dos dados no espaço bidimensional, representativo do trato vocal. Na Figura 28, apresentamos os dados não normalizados e, na Figura 29, exibimos os dados normalizados por meio do método Lobanov.

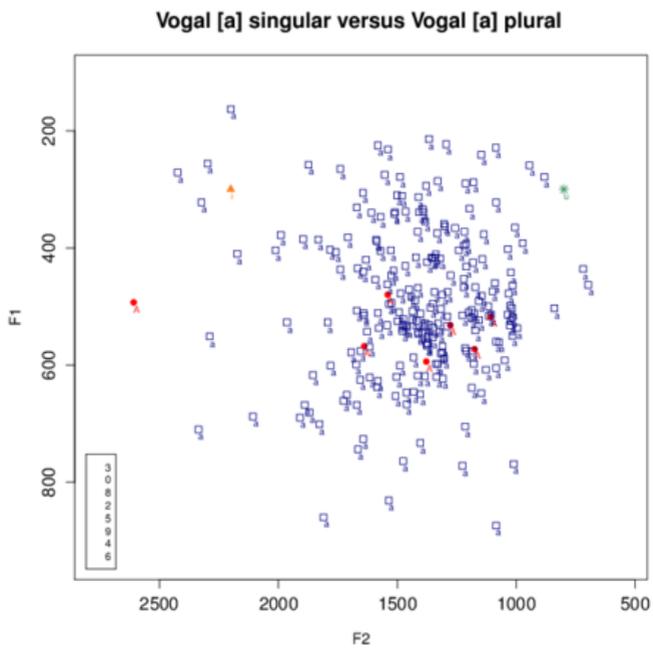


Figura 28: Dados de montongo [e] (singular e plural) não normalizados

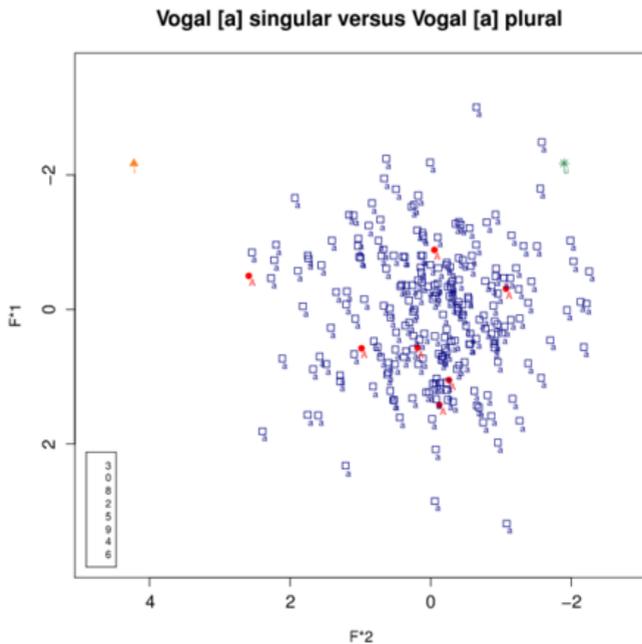


Figura 29: Dados de montongo [e] (singular e plural) normalizados - método Lobanov

Em conformidade com as figuras, observamos que há uma sobreposição entre as terminações vocálicas [a] de formas singulares (pontos em azul) e plurais (pontos em vermelho), apesar de contarmos em nossa amostra com apenas oito dados de verbos sem marca explícita de CV. Com o propósito de confirmar a inexistência de diferenças entre os dois grupos, aplicamos o teste de diferenças Wilcoxon, o qual atestou nossa hipótese ($p < 0.5$, $V=12$). Os boxplots que ilustram as distribuições dos dados tanto para valores de F1 como para valores de F2 encontram-se dispostos nas Figuras 30 e 31.

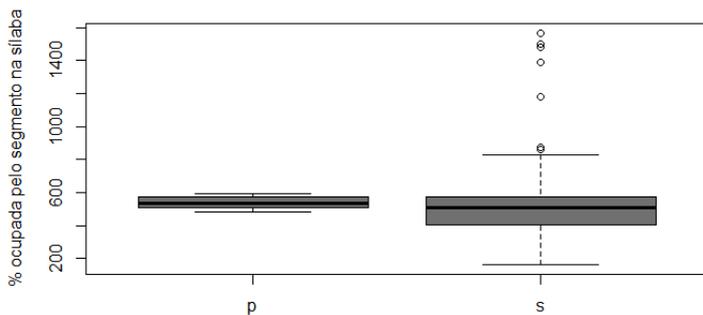


Figura 30: Boxplot de distribuição dos valores de F1 em formas verbais singulares e plurais com terminação [e]

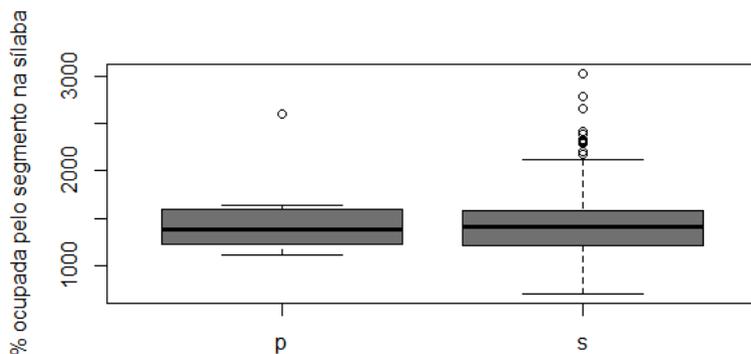


Figura 31: Boxplot de distribuição dos valores de F2 em formas verbais singulares e plurais com terminação [e]

Na próxima seção, empreendemos análise equivalente para os casos de verbos singulares e plurais produzidos com termi-

nação em monotongo [i].

4.4.2 Análise 2: vogal (i) em formas plurais *versus* vogal (i) em formas singulares

No que diz respeito à investigação feita comparando as características formânticas de verbos e nomes realizados com terminação [i], obtivemos resultados semelhantes à análise anterior. Contudo, nossa amostra contava com apenas 60 dados: 16 dados de formas no plural e 44 formas no singular. Da mesma forma que na análise com os dados com terminação em monotongo [e], também podemos constatar, a partir das Figuras 32 e 33, sobreposição dos dados no espaço acústico.

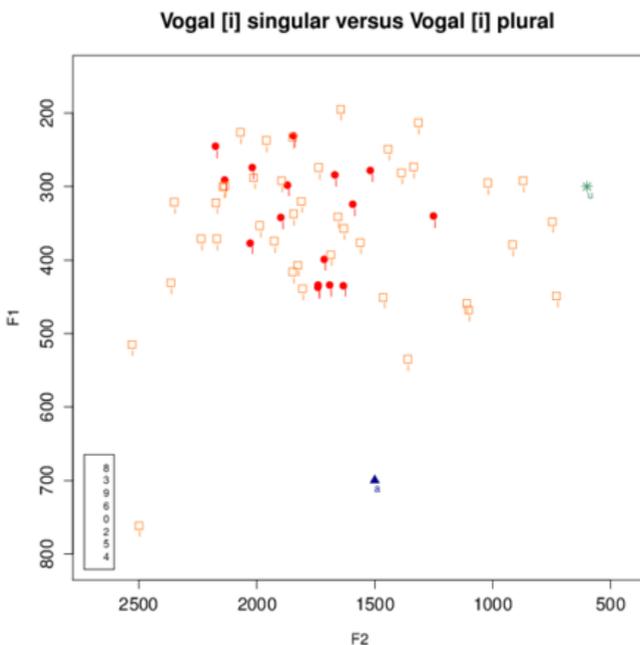


Figura 32: Dados de montongo [i] (singular e plural) não normalizados

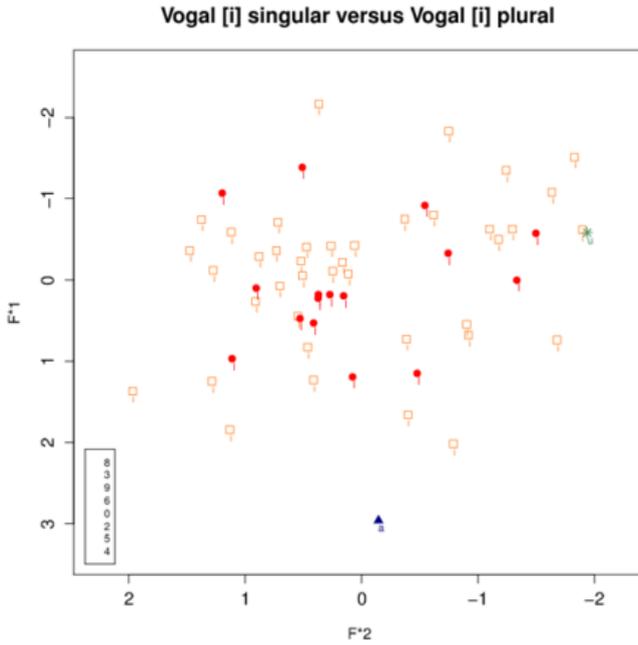


Figura 33: Dados de montongo [i] (singular e plural) normalizados - método Lobanov

A sobreposição verificada nas duas figuras é confirmada pela distribuição dos dados nos boxplots das Figuras 34 e 35.

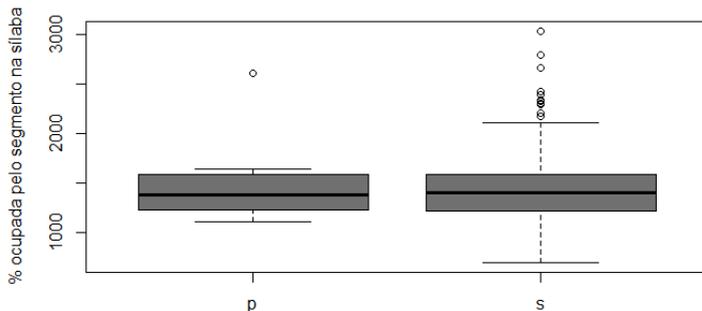


Figura 34: Boxplot de distribuição dos valores de F1 em formas verbais singulares e plurais com terminação [i]

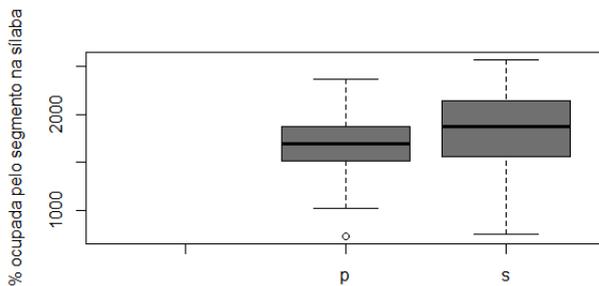


Figura 35: Boxplot de distribuição dos valores de F2 em formas verbais singulares e plurais com terminação [i]

De acordo com os boxplots exibidos, verificamos que, ao contrapor dados singulares e plurais, as medianas, tanto de F1 quanto de F2, são muito próximas. O teste Wilcoxon, assim como na análise de formas terminadas em vogal [a], não mostrou relevância estatística na comparação entre os dois grupos

(0.5, V=194 - na oposição entre os valores de F1 para dados singulares e plurais; $p > 0.5$, V=194 - na oposição entre os valores de F2 para dados singulares e plurais).

4.5 Síntese

Neste capítulo, apresentamos uma análise acústica de ditongos nasais átonos finais (e suas formas alternantes) situados em dados nominais (hom[ẽ̃j], hom[ĩ], hom[i]), dados verbais de terceira pessoa do plural (fal[ẽw̃], fal[õ], fal[õ]) e de monotongos orais localizados na terminação de dados verbais de terceira pessoa do singular (fal[ẽ], com[i]) na fala de oito sujeitos nativos da comunidade não urbana da Costa da Lagoa (Florianópolis - SC). Foram considerados, na análise exposta, os parâmetros de duração relativa e qualidade vocálica.

Podemos concluir que em relação à qualidade vocálica, verificamos, na comparação entre segmentos finais de formas verbais de terceira pessoa do singular (Ele brinc[ẽ]) e de terceira pessoa do plural sem aparente marca fonética de número (Eles brinc[ẽ]) que não há diferenças em termos formânticos: temos, portanto, a mesma vogal.

No entanto, em relação à duração relativa, constatamos que, quando as vogais [ẽ] e [i] estão em situação de concordância, os sujeitos produzem esses segmentos com duração significativamente superior aos segmentos produzidos em formas do singular.

No capítulo a seguir, exibimos a análise variacionista, amparada pela Fonética Experimental, dos dois fenômenos investigados nesta tese: o de RED/DES e o de marcação explícita de CVP6.

5 Análise variacionista: RED/DES e marcação explícita de CVP6

Neste capítulo, apresentamos uma análise variacionista, amparada nos preceitos teórico-metodológicos da TVM (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968; LABOV, 1972; LABOV, 1994b; LABOV, 1994a; LABOV, 2010), dos fenômenos de RED/DES (garagem ~ garagi, sabem ~ sabi, órgão ~ órgu, chegam ~ chega) e de marcação explícita de CVP6 (eles vinham ~ eles vinha) na fala de 24 informantes oriundos e residentes da comunidade não urbana da Costa da Lagoa – Florianópolis (SC). Os dados em exame, neste capítulo, coincidem, em parte, com aqueles investigados no Capítulo 4, já que, na análise acústica, consideramos os dados relativos a oito sujeitos do sexo masculino, os quais também são investigados aqui.

Este capítulo se organiza da seguinte forma: na Seção 5.1, apresentamos a comunidade em estudo, localidade da Costa da Lagoa, bem como os procedimentos metodológicos adotados nas etapas de coleta, transcrição e codificação dos dados em exame. Em seguida, apresentamos, na Seção 5.2, o envelope de variação relativo ao estudo do fenômeno de RED/DES, assim como os resultados das análises realizadas. Em seguida, na Seção 5.3, expomos o envelope de variação e os resultados relativos ao fenômeno variável de marcação explícita de CVP6. Por fim, apresentamos uma breve síntese dos resultados atingidos.

5.1 Procedimentos metodológicos: a comunidade e as etapas de coleta, levantamento e codificação dos dados

5.1.1 A comunidade da Costa da Lagoa

A comunidade da Costa da Lagoa faz parte do distrito da Lagoa da Conceição¹, bairro da cidade de Florianópolis (SC), localizado na região leste da ilha. O acesso à região só é possível por meio de barcos ou por duas trilhas distintas, uma que parte da Lagoa e outra de Ratonés. A Figura 36 mostra a localização exata da "Costa".

¹ O distrito da Lagoa da Conceição, além da Costa da Lagoa, é formado por outras sete localidades, a saber: Canto da Lagoa, Praia da Galheta, Parque da Galheta, Praia da Joaquina, Retiro da Lagoa, Praia Mole e Porto da Lagoa.

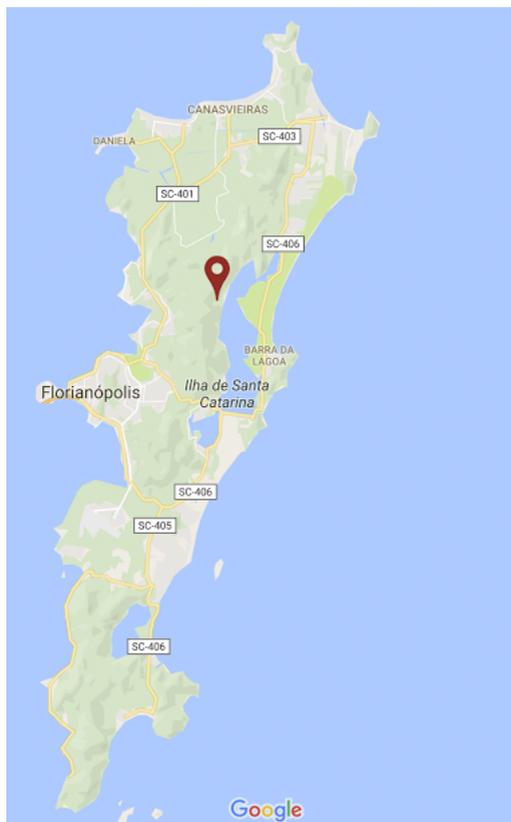


Figura 36: Mapa da ilha de Florianópolis com localização exata da comunidade da Costa da Lagoa. Fonte: Google Maps

A região da Costa da Lagoa abrange uma vasta área na porção noroeste da Lagoa da Conceição, e é subdividida em cinco núcleos (Saquinho, Costa de Cima, Vila, Praia Seca e Vila Verde), conforme ilustra mais precisamente a Figura 37.

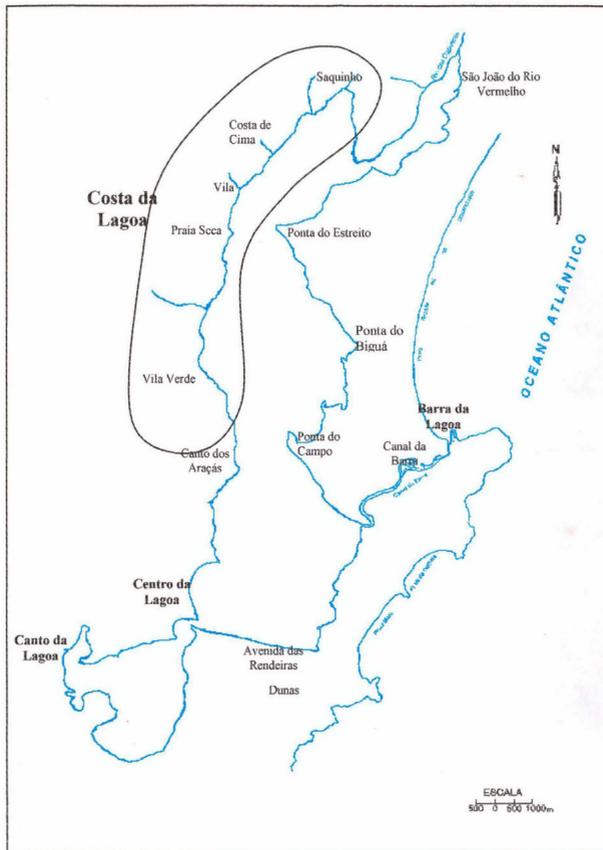


Figura 37: Mapa da Costa da Lagoa e a subdivisão da localidade em cinco núcleos (Fonte: 1998, apud DIAS, 2001, p. 13)

Não há índices exatos no que diz respeito à densidade populacional da Costa, já que o cômputo do IBGE é feito na área distrital da Freguesia da Lagoa da Conceição. No entanto, segundo dados disponibilizados em janeiro de 2011 pela CELESC (Centrais Elétricas de Santa Catarina), o número de residências com ligações elétricas (unidades consumidoras) era, na época, de 424. Segundo projeção estatística feita por Dias (2001), com

base nos dados do Censo de 1998, o número da habitantes da localidade correspondia a cerca de 1027.

No que toca à história da região, a comunidade foi colonizada por imigrantes açorianos por volta de 1750, assim como as outras localidades situadas no litoral catarinense. Além dos povos provenientes da Ilha de Açores, há relatos de que "[. . .] A Costa, no final do século XIX, chegou a ser um dos celeiros da ilha, assentadas [sic] sobre uma agricultura escravista." (DIAS, 2001, p. 36). A concentração de sujeitos escravizados na Costa da Lagoa se deu em virtude, principalmente, do trabalho nas atividades agrícolas (engenhos de farinha e cana) e construção civil. Segundo Pauli (1973), em 1810, a Freguesia da Lagoa da Conceição era habitada por 2430 pessoas, sendo 1959 cidadãos livres, 423 sujeitos escravizados e 48 libertos.

Na atualidade, as atividades econômicas da Costa envolvem a pesca, que vem sendo paulatinamente abandonada, e o turismo, maior fonte de renda da região. Muitos moradores da comunidade que eram pescadores no passado, nos dias de hoje, são proprietários dos restaurantes locais. Conforme relata Dias (2001), o turismo emergiu na comunidade como iniciativa de investidores nativos e não de investidores externos à localidade. A maioria dos moradores, inclusive os sujeitos mais escolarizados, trabalham nos reustringentes da região.

No que tange à educação, há apenas uma escola na Costa, a qual atende às primeiras séries do Ensino Fundamental. Muitos dos moradores mais velhos, que não dispunham de meios de transporte regular no passado, estudaram, no máximo, até a 4a série, correspondente ao antigo primário. Hoje, no entanto, as cooperativas de barcos, que operam diariamente em diversos horários possibilitam maior grau de mobilidade para os moradores da região, assim como maiores chances de acesso dos jovens à educação.

Na próxima seção, narramos um pouco do processo de coleta de dados na comunidade.

5.1.2 Um breve relato sobre a etapa de coleta de dados

Os dados em exame nesta tese foram coletados durante três períodos, entre os anos de 2015 e 2016. As primeiras visitas à comunidade ocorreram em meados de junho de 2015. Nessas primeiras idas à Costa, foi necessário buscar algum contato em um dos pontos mais povoados da comunidade, o Ponto 16, denominado pelos moradores de "Centrinho". Localizado no núcleo da "Vila", no Ponto 16, foi possível, como membro externa à comunidade, abordar os garçons dos restaurantes e as pessoas que trabalham nas poucas casas comerciais situadas ali.

À medida em que o contato foi se tornando mais frequente, os próprios garçons, todos nativos da localidade, além de contribuir com as entrevistas, passaram a ajudar no recrutamento de informantes. As entrevistas que iniciaram na parte externa dos restaurantes, no segundo período de coleta, já estavam sendo realizadas dentro de casa dos sujeitos, durante o café da tarde ou até mesmo durante outras refeições.

O tempo de duração das conversas com os informantes também aumentou devido a familiaridade dos informantes com a pesquisadora. Se compararmos as primeiras entrevistas às últimas, observamos nitidamente a diferença, não só pelo fato de as últimas serem de maior duração, mas também pelo tipo de conteúdo que se tornou mais íntimo. As pessoas passaram a se sentir mais confortáveis para falar de si e, muitas vezes, mesmo informantes que já haviam concedido entrevistas, paravam para conversar ou interrompiam outras entrevistas.

Os 24 inquéritos de fala, coletados nos moldes labovianos, tiveram duração de cerca de 50 minutos e foram guiados, basicamente, pelas mesmas perguntas feitas por [Monguilhott](#)

(2009), conforme Anexo 1. A compilação de entrevistas compõem o Banco Chaves (2016), amostra complementar Banco Varsul - agência UFSC. O projeto de coleta de dados foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH), Pró-Reitoria em Pesquisa e Extensão da Universidade Federal de Santa Catarina, sob o número de processo 1.636.644.

As imagens a seguir ilustram um pouco da rotina de coleta na comunidade da Costa da Lagoa.

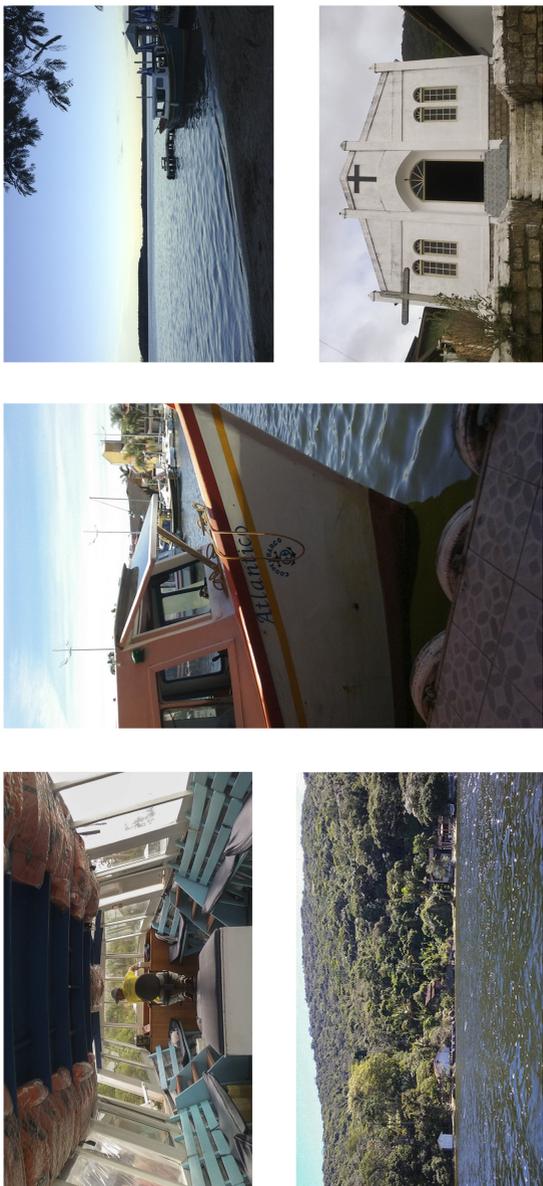


Figura 38: Fotos da comunidade da Costa da Lagoa (Crédito das imagens: a autora)

5.1.3 A amostra e os instrumentos de coleta e análise dos dados

As análises variacionistas apresentadas neste capítulo foram feitas, como já relatado, a partir de dados de fala de 24 informantes residentes e nativos da comunidade não urbana da Costa da Lagoa. A estratificação dos sujeitos, nas suas respectivas células sociais, encontra-se exposta na Tabela 39. Cabe destacar que os informantes, nessa apresentação, foram dispostos em grau de escolaridade ascendente (dos menos escolarizados aos mais escolarizados).

Tabela 39: Estratificação da Amostra: 24 informantes (Banco Chaves, 2016)

Informante	Idade	Escolaridade	Sexo
Informante 1	80 anos	analfabeta	feminino
Informante 2	79 anos	3ª série EF	masculino
Informante 3	84 anos	4ª série EF	feminino
Informante 4	68 anos	4ª série EF	feminino
Informante 5	65 anos	4ª série EF	masculino
Informante 6	57 anos	4ª série EF	masculino
Informante 7	50 anos	4ª série EF	masculino
Informante 8	33 anos	6ª série EF	masculino
Informante 9	30 anos	8ª série EF	feminino
Informante 10	24 anos	8ª série EF	masculino
Informante 11	37 anos	8ª série EF	feminino
Informante 12	57 anos	8ª série EF	feminino
Informante 13	18 anos	8ª série EF	feminino
Informante 14	30 anos	EM	masculino
Informante 15	37 anos	EM	masculino
Informante 16	39 anos	EM	feminino
Informante 17	59 anos	1º ano EM e Curso técnico	feminino
Informante 18	32 anos	EM e Curso técnico	feminino
Informante 19	27 anos	EM e Curso técnico	masculino
Informante 20	30 anos	ES	masculino
Informante 21	25 anos	ES	masculino
Informante 22	27 anos	ES	masculino
Informante 23	33 anos	ES e especialização	feminino
Informante 24	38 anos	ES e especialização	feminino

Nossa amostra é constituída, como podemos observar, por 12 informantes do sexo feminino e 12 informantes do sexo mas-

culino. Buscamos 80 anos. No que tange especificamente ao grau de escolaridade, podemos notar que os estudantes com alto grau de instrução (Ensino Superior – ES) são jovens e que, em geral, os informantes mais velhos apresentam, no máximo, até a quarta série (na época denominada de Ensino Primário). Em virtude de essa distribuição refletir a composição real da comunidade da Costa da Lagoa, não foi possível distribuir os informantes de forma equilibrada nas células. Os sujeitos mais velhos, em geral, não estudaram além da quarta série primária pois, no passado, ainda não existiam as cooperativas de barco. Sendo assim, não era possível continuar com os estudos para além da quarta série. Além disso, como a comunidade era muito pobre, muitos trabalhavam desde cedo na pesca ou na agricultura.

Nos últimos anos, no entanto, com o crescimento econômico da comunidade, em função principalmente do turismo na região, além da criação de cooperativas de barco, que passaram a transportar passageiros diariamente, os jovens passaram a estudar mais. O que buscamos salientar, portanto, é que nossa amostra, apesar de apresentar distribuição heterogênea, é retrato fidedigno da comunidade na qual os mais velhos estudaram até a quarta série, e os mais jovens, em geral, concluíram o Ensino Médio. Diante desse cenário, nossa estratificação em células sociais assume a seguinte configuração.

	Faixa a (de 18 a 30 anos)		Faixa b (de 31 a 37 anos)		Faixa c (de 46 a 59 anos)		Faixa d (de 65 a 80 anos)	
	fem.	masc.	fem.	masc.	fem.	masc.	fem.	masc.
Nível a (de 0 a 6 anos de escolaridade)	-	-	-	(1)	-	(2)	(3)	(2)
Nível b, (de 7 a 12 anos de escolaridade)	(2)	(2)	(3)	(1)	(2)	-	-	-
Nível c, (acima de 13 anos, escolaridade)	-	(4)	(2)	-	-	-	-	-

Figura 39: Estratificação social (sexo, escolaridade e faixa etária) dos 24 sujeitos que compõem a Amostra Chaves (2016)

Apresentada a composição das células de nossa amostra, na próxima seção, narramos como se deu o processo de levantamento dos dados.

5.1.4 O processo de levantamento dos dados

Após a etapa de transcrição ortográfica das entrevistas, procedemos à transcrição fonética da realização dos dados que apresentavam ditongos nasais ou de suas formas variantes (ditongos nasais e suas formas alternantes), presentes tanto em formas verbais de terceira pessoa do plural (com[ẽ̃] ~ com[ɪ]) como em formas nominais (viag[ẽ̃] ~ viag[ɪ]). Realizamos uma análise de oitiva dos dados e, quando surgiam dúvidas, submetemos os dados ao aplicativo Praat para verificar se se tratava de um ditongo, um monotongo nasal ou um monotongo oral (Cf. Capítulo 4).² Os critérios delimitados para definir se um dado seria transcrito como ditongo ou monotongo foi a verificação das trajetórias formânticas (no caso dos ditongos) ou da estabilidade das frequências formânticas (no caso dos monotongos). Em relação à nasalidade, os parâmetros observados no espectrograma foram a presença de formantes nasais, vislumbrados em análises FFT.³

Na análise relativa ao fenômeno de RED/DES, foram levantados todos os dados verbais e nominais com terminação em ditongo nasal átono final e os segmentos consecutivos. Já em relação à análise do fenômeno de concordância, consideramos todos os dados verbais de terceira pessoa do plural, assim como as sentenças em que tais verbos encontravam-se inseridos. O quadro, a seguir, ilustra como procedemos na etapa de levantamento de dados em cada uma das análises.

² Cabe salientar aqui que nem todos os dados foram inspecionados acusticamente. Em geral, nossa maior dificuldade foi na identificação, de ouvido, entre as variantes [i] ou [ɪ].

³ As particularidades relativas à configuração acústica dos segmentos-alvos analisados encontram-se expostas detalhadamente no Capítulo 4.

Tabela 40: Levantamento dos dados: fenômeno de RED/DES e fenômeno de marcação explícita de CVP6

DES/RED	marcação explícita de CVP6
queriN (pausa)	Eles queriN (pausa) digamos bem mais.
eruN três	EruN três conhecida dele.
Viveru toda	Viveru toda a sua vida aí.

Após o levantamento dos casos passíveis de aplicação de RED/DES e de marcação explícita de CVP6, procedemos à categorização dos dados. Expomos, na Seção 5.2, as variáveis controladas como possíveis condicionadoras do fenômeno de RED/DES, bem como duas análises (Análise 1 - com inclusão de dados ambíguos; Análise 2 - com exclusão de dados ambíguos). Na Seção 5.3, por sua vez, apresentaremos os grupos de fatores levados em conta na investigação da marcação explícita de CVP6 e, do mesmo modo, apresentaremos duas análises para o fenômeno.

5.2 O fenômeno variável de RED/DES: análise variacionista

Nesta seção, apresentamos, em um primeiro momento, a distribuição dos dados em exame nesta investigação, bem como os critérios de exclusão de dados. Em seguida, exibimos o envelope de variação considerado nas análises subsequentes. Por fim, apresentamos os resultados das Análises 1 e 2, com vistas a compará-las.

5.2.1 Os dados: critérios de exclusão de dados e assimetria de distribuição entre dados com ditongo em exame

Na etapa de levantamento de dados que iriam fazer parte da análise do fenômeno variável de RED/DES, foram conside-

radas formas nominais e verbais terminadas em ditongos nasais átonos [ẽw̃] e [ẽj̃]. No entanto, depois desse procedimento, observamos assimetria na distribuição de dados nominais: temos, em nosso *corpus* apenas dois casos de nomes com terminação em ditongo [ẽw̃] (duas produções da palavra *órgão*). Todos os demais nomes, apresentaram terminação em ditongo [ẽj̃] (ou em uma de suas formas variantes). Esse resultado, no entanto, reflete a realidade do português que conta com um número limitado de dados nominais com terminação em ditongo [ẽw̃] (e.g. *benção*, *órgão*, *órfão*).

No tocante às formas verbais, temos uma distribuição distinta da verificada nos nomes. A maioria dos verbos na forma pluralizada apresenta terminação em [ẽw̃]: formas do pretérito perfeito do indicativo (*falar*[ẽw̃]) e pretérito imperfeito do indicativo (*falav*[ẽw̃]), por exemplo, muito frequentes em nosso *corpus*, apresentam sempre terminação em ditongo [ẽw̃] (ou em uma de suas formas alternantes). Formas verbais com terminação em ditongo [ẽj̃] são verificadas apenas em alguns dados no presente do indicativo (*diz*[ẽj̃], *sab*[ẽj̃]) e em outras formas verbais menos frequentes como o futuro do subjuntivo (*falar*[ẽj̃]). Temos, portanto, uma certa assimetria em nossa amostra, que espelha o padrão distribucional dos ditongos em formas nominais e verbais verificado na língua. Dessa forma, nosso *corpus* é formado quase que exclusivamente por dados nominais terminados em ditongo [ẽj̃] e dados verbais terminados em ditongo [ẽw̃].

Não foram considerados na investigação do fenômeno de RED/DES, assim como na maioria dos estudos revisados (cf. Seção 2.1), exceto no trabalho de [Votre \(1978\)](#), casos de ditongos nasais tônicos. Esses dados não foram levados em conta já que não apresentam variação: *são* ~ *su**, *tão* ~ *tu**.⁴

⁴ As formas assinaladas com asteriscos são agramaticais.)

Apresentamos a seguir o envelope de variação delimitado para a realização de duas análises: uma que leva em conta os dados ambíguos e outra que os desconsidera. As variáveis e fatores delimitados para ambas as análises são os mesmos. O que diferencia uma investigação da outra são as amálgamas entre fatores e exclusão de alguns dados, fato que anunciaremos no decorrer do texto.

5.2.2 O fenômeno de RED/DES: envelope de variação

Opomos, nas duas análises concernentes ao fenômeno de RED/DES, as variantes "formas nasalizadas" - as quais compreendem tanto os ditongos (fal[ẽw̃]) quanto os monotongos nasais (fal[õ]) - *versus* "formas desnasalizadas" - as quais compreendem as formas reduzidas e desnasalizadas, monotongos orais (fal[õ]), portanto. Desse modo, opomos de um lado formas nasais (ditongos e monotongos) e, de outro, formas que sofreram tanto redução do ditongo quanto queda da nasalidade (RED/DES).

A título de ilustração, expomos na Tabela 41, como codificamos os dados nesta análise binária.

Tabela 41: Codificação da variável dependente - fenômeno de RED/DES

Formas nasalizadas	Formas desnasalizadas
eles for[ẽw̃], eles for[õ]	eles for[õ]
órg[ẽw̃], órg[õ]	órg[õ]
eles diz[ẽj], eles diz[ĩ]	eles diz[ĩ]
hom[ẽj], hom[ĩ]	hom[ĩ]

As variáveis independentes elencadas como possíveis influenciadoras do processo de RED/DES, assim como as hipóteses norteadoras para a delimitação dos fatores que compõem cada uma delas são apresentadas a seguir.

5.2.2.1 Variáveis independentes linguísticas

Para o estudo do fenômeno de RED/DES, controlamos nove variáveis independentes, a saber: (i) *realização fonética do ditongo-alvo*; (ii) *contexto fonético precedente*, (iii) *contexto fonético seguinte*, (iv) *tonicidade do contexto seguinte*; (v) *classe de palavra*; (vi) *frequência do item lexical* - variáveis linguísticas; (vi) *faixa etária*, (vii) *escolaridade*; (viii) *sexo*, (ix) *informante* - variáveis extralinguísticas.

(i) Realização fonética do ditongo-alvo

Com este grupo de fatores, buscamos mensurar, em termos percentuais, a realização fonética dos ditongos em análise. Acreditamos que os ditongos possam ser produzidos, das seguintes formas:

- a. redução e desnasalização do ditongo [ẽ̃j] (com[i], viag[i]);
- b. redução e desnasalização do ditongo [ẽw̃] (fal[ɔ], órg[ɔ]);
- c. redução e manutenção da nasalidade do ditongo [ẽ̃j̃] (sab[ɾ], garag[ɾ]);
- d. redução e manutenção da nasalidade do ditongo [ẽw̃] (er[õ]);
- e. manutenção do ditongo nasal [ẽ̃j̃] (ped[ẽ̃j̃], ont[ẽ̃j̃]);
- f. manutenção do ditongo nasal [ẽw̃] (dor[ẽw̃], órg[ẽw̃]).

Nossa expectativa, diante desse grupo de fatores, é a de que as formas reduzidas e desnasalizadas, tanto do ditongo [ẽ̃j] quanto do ditongo [ẽw̃] (fatores representados pelas letras (a) e (b)) prevaleçam em nossa amostra, se comparadas às demais realizações fonéticas variantes do ditongo. Pautamos nossa premissa nos estudos de [Battisti \(2002\)](#), autora que apontou Santa Catarina como o estado com maiores taxas de obliteração da nasalidade e, de forma ainda mais contundente, no estudo de [Schwindt e Bopp da Silva \(2009\)](#), autores os quais apontaram

índice de RED/DES equivalente a 71% nos dados de fala urbana de Florianópolis.

(ii) Contexto fonético precedente

Nos estudos sobre RED/DES, sabe-se que os grupos de fatores *contexto precedente* e *consoante em posição de onset* desempenham papel estatisticamente relevante na aplicação da variante reduzida e desnasalizada dos ditongos nasais átonos. Conforme já revisado, a organização dos fatores nessa variável (e inclusive a nomenclatura do grupo de fatores) recebe tratamento diferenciado a depender do trabalho.

Votre (1978), ao observar traços das consoantes analisadas, identificou que os segmentos consonantais com os traços [+alto] (jogam), [+coronal] (coram), [+retraído] (mentem) e [+nasal] (amam) favoreciam a marcação de CVP6. Já Guy (1981a) organizou esse grupo de fatores de uma outra forma. Além de nomeá-lo de *contexto precedente*, o autor considerou apenas consoantes nasais, consoantes palatais, outras consoantes e vogais. Mostraram-se favorecedoras da RED/DES a presença de consoante palatal (viagem) e consoantes velares (fiçam). Battisti (2002), por seu turno, exclui a possibilidade de vogais antecederem os ditongos e propõe uma nova configuração para a variável, denominando-a de *consoante em posição de onset*. Os resultados da autora indicaram as consoantes não nasais anteriores como relevantes à aplicação da RED/DES. Bopp da Silva (2005) controla a variável assim como proposta por Battisti (2002), no entanto, aponta que, em seus dados, as consoantes nasais (amam) e consoantes não nasais anteriores (estudam) seriam favorecedoras do fenômeno. Por fim, no estudo de Schwindt e Bopp da Silva (2009), os mesmos resultados foram verificados: mostraram-se colaboradoras das formas reduzidas e desnasalizadas aquelas antecedidas por consoantes nasais (comem) e consoantes não nasais anteriores (ontem).

Conforme podemos vislumbrar, a metodologia empregada por cada estudo no controle da variável que delimitamos, nesta tese, de *contexto fonético precedente* não nos permite chegar a generalizações, em função das diferentes configurações assumidas por essa variável nos diversos trabalhos referidos. Podemos ressaltar o fato, não esperado desde a pesquisa de [Votre \(1978\)](#) de que as consoantes nasais atuaram, em praticamente todos os estudos referidos, como não colaboradoras da manutenção da nasalidade. Tal fato vai de encontro à ideia de que as consoantes nasais seja em ambiente anteposto ou posposto espraariam o traço de nasalidade aos segmentos vizinhos. Além disso, um dos fatores que se mostrou relevante na pesquisa de [Guy \(1981a\)](#) foi o fator palatal (coragem, vagem). Apesar de [Schwindt e Bopp da Silva \(2009\)](#), em estudo subsequente, não terem mensurado o peso do fator palatal em contexto precedente ao ditongo-alvo, assim como fez [Guy \(1981a\)](#), os autores corroboram a ideia de que esse ambiente favorece muito a queda da nasalidade quando afirmam, na análise relativa à variável *classe de palavra*, que são as palavras terminadas em -gem (independente do -gem ser sufixo ou fazer parte da raiz) que mais favorecem a aplicação do fenômeno.

A fim de que os fatores componentes de grupos distintos não se sobrepusessem (como por exemplo consoante palatal, considerada nesta variável, e palavra terminada em -gem, considerada na variável *classe gramatical*) e com base nos dados vislumbrados na análise acústica (Cf. Capítulo 4), de que as consoantes fricativas e africadas, de modo geral, parecem contribuir de forma contundente para o apagamento de segmentos subsequentes a elas, assumimos uma configuração para essa variável diferente das dos estudos prévios. Os fatores controlados por nós foram:

a. consoante nasal (comem, homem, amam);

- b. consoantes fricativas/africadas (jovem, viagem, fazem);
- c. outras consoantes (ordem, falam, cantam);
- d. vogais (iam, diziam).

Nossa hipótese em relação a essa variável é a de que, assim como nos trabalhos aludidos, no que tange à análise do processo de RED/DES, o contexto precedente "consoante não nasal" seja apontado como favorecedor da redução e posterior desnasalização dos ditongos nasais átonos finais. Esperamos também que o fator "consoantes fricativas/africadas" desempenhe papel na queda da nasalidade, já que neste contexto verificamos um número significativo de apagamento vocálico (cf. Capítulo 4).

(iii) Contexto fonético seguinte

No que tange especificamente ao grupo de fatores *contexto fonético seguinte* todos os estudos revisados foram categóricos ao apontar as vogais seguintes aos ditongos como contextos favorecedores à queda da nasalidade. Nesse sentido, a organização de nossa variável é um pouco diferente dos estudos anteriores, já que consideramos casos de sândi externo como ambientes neutralizadores do fenômeno, isto é, casos ambíguos. Julgamos adequado controlar os possíveis processos de sândi, controlados por meio de dois fatores, já que, muitas vezes, formas superficiais de marcação/não marcação de CVP6 ou de casos de aplicação de RED/DES podem não ser resultado da ação de um ou de outro processo, mas da atuação de degeminação, elisão ou ditongação. Os fatores que compõem essa variável encontram-se expostos a seguir.

- a. consoante nasal (falam muito);
- b. consoante não nasal (pedem comida);
- c. vogal (sabem andar);

- d. pausa (ficam <pausa>)
- e. processo de sândi externo 'criador' de forma nasalizada (eles brinc[um] pouco);
- f. processo de sândi externo 'criador' de forma desnasalizada (eles fal[u] tempo todo).

Na Análise 1 (análise que leva em conta os dados ambíguos) agrupamos os fatores "processo de sândi externo criador de forma nasalizada" e "processo de sândi externo criador de forma desnasalizada" junto ao fator "vogais". Realizamos esse amálgama, a fim de comparar nossos resultados com os das pesquisas realizadas anteriormente. Na Análise 2 (análise que desconsidera os casos de dados ambíguos), os dados correspondentes a esses dois fatores foram excluídos da rodada, visto que, a nosso ver, esses dados são casos de *outputs convergentes*: não podemos afirmar se houve queda ou manutenção da nasalidade ou se houve a aplicação de um processo de sândi que gerou uma forma superficial nasal ou um monotongo oral.

Com base no que foi posto, acreditamos que na primeira rodada compreendida (Análise 1), as vogais, assim como nos demais estudos, sejam apontadas como fatores relevantes para a queda da nasalidade. No que tange à Análise 2, acreditamos que o peso atribuído a esse fator na obliteração da nasalidade seja inferior.

(iv) Tonicidade do contexto seguinte

Essa variável passou a ser controlada a partir do estudo de [Bopp da Silva \(2005\)](#), por sugestão de [Battisti \(2002\)](#), a qual acreditava que formas átonas, seguintes aos ditongos nasais, provavelmente tenderiam a colaborar com a RED/DES. Desde então, essa variável têm se mostrado significativa nos estudos que trataram do fenômeno na região sul do Brasil. Controlamos

os seguintes fatores para essa variável:

- a. átono (ficam parados);
- b. tônico (gostam muito).

Nossa conjectura para esta variável, de certo modo, é muito semelhante àquela feita para o grupo de fatores *contexto fonético seguinte*. Contextos átonos, subsequentes ao ditongo-alvo, principalmente se forem contextos átonos vocálicos, podem influenciar na aplicação de processos de sândi externo. Essa conjectura encontra respaldo no estudo de [Bopp da Silva \(2005\)](#), a qual identificou maior queda da nasalidade exatamente quando os ambientes seguintes ao ditongo eram vogais átonas. Sendo assim, acreditamos que em nossa primeira análise, que leva em conta dados ambíguos, essa variável se mostrará significativa. No entanto, com a exclusão dos dados ambíguos de sândi (Análise 2), hipotizamos que esse grupo de fatores perderá força no que diz respeito ao favorecimento da queda da nasalidade.

(v) Classe de palavra

Dentre as variáveis investigadas no estudo da RED/DES, como já apontado na discussão no Capítulo 2 (Seção 2.1), os resultados relativos à variável *classe de palavra* impõem alguns questionamentos importantes para uma discussão a respeito dos modelos de arquitetura de gramática.

Desde os primeiros estudos sobre o processo fonológico, já se verificava uma distinção de aplicação do fenômeno variável de RED/DES entre as categorias *nomes* e *verbos*. No entanto, esses achados tomaram mais força com o trabalho de [Schwindt e Bopp da Silva \(2009\)](#), o qual, em virtude de ter abarcado todos os dados componentes da Amostra Base do Banco Varsul, pode explorar detalhadamente o índice percentual e o valor probabi-

lístico de aplicação do fenômeno em diversas classes de palavra (*nomes, nomes terminados com sufixo -gem, nomes com gem na raiz, formas verbais no pretérito perfeito do indicativo, etc*), conforme exposto na Tabela 22. Assim como os autores referidos, consideramos, nesta variável, as seguintes classes de palavra:

- a. formas verbais no pretérito perfeito do indicativo (falaram);
- b. formas verbais no presente do indicativo (sabem);
- c. formas verbais no futuro do pretérito do indicativo (saberiam);
- d. formas verbais no presente do subjuntivo (saíam);
- e. formas verbais pretérito imperfeito do indicativo (comprava);
- f. formas verbais futuro do subjuntivo (morarem);
- h. nomes com terminação em gem (viagem);
- i. nomes (ordem).

Acreditamos que, na Análise 1, vislumbraremos resultados semelhantes ao verificado pelos autores. No entanto, como nosso *corpus* é menor do que o investigado por [Schwindt e Bopp da Silva \(2009\)](#), hipotetizamos que teremos, em nossa amostra, poucos dados de determinados tempos e modos verbais, como, por exemplo, casos do subjuntivo. Constatamos, nos resultados apresentados pelos autores, que o único tempo e modo verbal que contribui com a queda da nasalidade são as formas do "pretérito perfeito do indicativo", fato que, a nosso ver, indica a ação de forças funcionais (Cf. Capítulo 2). Em linhas gerais, a questão que se coloca é: por que um falante utilizaria mais formas como "eles falaru" do que formas como "eles falu"? Desse modo, a tabela exibida pelos autores, como já pontuado no decorrer deste texto, aponta para a preservação de marcas em ambientes nos quais haveria menos material fônico operando na distinção singular/plural. No que tange à Análise 2, nossa hipótese não sofre alteração.

(vi) Frequência do item lexical (corpus ASPA)

Em virtude de a variável *frequência do item lexical* ter se mostrado significativa nos estudos de [Silva, Fonseca e Cantoni \(2012\)](#) e [Gomes, Mesquita e Fagundes \(2013\)](#), além de apontamentos como os feitos por [Schwindt e Bopp da Silva \(2009\)](#) de que a palavra 'homem', por exemplo, é produzida quase que categoricamente em sua forma reduzida e desnasalizada, julgamos adequado controlar a variável *frequência do item lexical*. Para isso, fizemos uso do *corpus* do Projeto ASPA⁵. Em fase subsequente ao levantamento dos dados, buscamos, no *corpus* de referência do Projeto ASPA, a frequência bruta dos itens lexicais encontrados em nossa amostra. A partir desses valores, que oscilavam de 6 a 39545, extraímos o logaritmo de cada um desses valores. Os *range* de valores, na escala logarítmica, foi entre 0,78 a 5,55. Para a divisão desses dados em 5 níveis de frequência, realizamos o cálculo exposto em 42.

Tabela 42: Cálculo aplicado na delimitação dos critérios de divisão dos itens lexicais em cinco grupos de frequência (Corpus de referência: Projeto ASPA)

maior valor em log - menor valor em log / 5
$(5,55) - (0,78) / 5 = (0,95)$

Com base neste valor (0,95), estipulamos que cada nível de frequência englobaria palavras dentro deste intervalo. Por exemplo, o grupo das palavras infrequentes abarcaria as palavras que apresentavam valor de $\log = 0,78$ até as palavras com valor de $\log = 1,72$ ($0,78 + 0,95 = 1,72$). A Figura 40, a seguir, auxilia na compreensão de como os grupos foram divididos.

⁵ Endereço eletrônico: <http://www.projetoaspa.org/>. Acesso em: maio de 2015

Escala de frequência (log)	Cálculo: $[\log \text{máximo } (5,92) - \log \text{mínimo } (0,78) = 5,14]$ $[5,14/5 = 1,028]$ (divisão em 5 grupos)	Range de valores em log (valores arredondados)
grupo 1 – palavras infrequentes	$0,78 + 1,028 = 1,808$	$0,78 \leq \text{Grupo A} \leq 1,81$ Grupo A de 0,78 até 1,81
grupo 2 – palavras pouco frequentes	$1,808 + 1,028 = 2,836$	$1,81 < \text{Grupo B} \leq 2,84$ Grupo B de 1,82 até 2,84
grupo 3 – palavras com frequência mediana	$2,836 + 1,028 = 3,864$	$2,84 < \text{Grupo C} \leq 3,87$ Grupo C de 2,84 até 3,87
grupo 4 – palavras frequentes	$3,864 + 1,028 = 4,892$	$3,87 < \text{Grupo D} \leq 4,90$ Grupo D de 3,87 até 4,90
grupo 5 – palavras muito frequentes	$4,892 + 1,028 = 5,92$	$4,90 < \text{Grupo E} \leq 5,92$ Grupo E de 4,91 até 5,92

Figura 40: Divisão dos itens lexicais em cinco grupos

Sendo assim, de acordo com os critérios expostos, os fatores componentes dessa variável são:

- a. grupo 1 - palavras infrequentes (receptionaram);
- b. grupo 2 - palavras pouco frequentes (avisam);
- c. grupo 3 - palavras com frequência média (brincam);
- d. grupo 4 - palavras frequentes (precisam);
- e. grupo 5 - palavras muito frequentes (foram).

Nossa hipótese, para essa variável, assim como propõem modelos baseados no uso (BYBEE, 2001; BYBEE, 2002; PIERREHUMBERT, 2003; BYBEE, 2010), é a de que fenômenos de lenição, como no caso de RED/DES, sejam verificados em maior escala em palavras mais frequentes em virtude da operacionalização dos processos articulatórios. Além disso, nos apoiamos também nos resultados de Silva, Fonseca e Cantoni (2012) e Gomes, Mesquita e Fagundes (2013), autoras que indicaram que o léxico teria papel sobre o fenômeno de RED/DES.

Na próxima seção, discorreremos sobre as variáveis independentes extralinguísticas controladas neste estudo.

5.2.2.2 Variáveis independentes extralinguísticas

Como já mencionado, consideramos, neste estudo, quatro variáveis extralinguísticas (sendo uma delas *informante*). Neste capítulo, não nos ateremos ao comportamento do informante no que diz respeito à aplicação da RED/DES. Damos mais ênfase ao comportamento do indivíduo no Capítulo 6, no qual buscaremos estabelecer correlações entre os fenômenos de RED/DES e de marcação explícita de CVP6. Visto que o indivíduo reúne, em uma única variável, todas as características sociais das demais variáveis extralinguísticas controladas, procedemos a exclusão deste grupo de fatores das análises apresentadas aqui.⁶

(i) Sexo

No que diz respeito à variável *sexo*, conforme têm apontado os estudos revisados, não se tem observado nenhum padrão de estratificação social. No entanto, controlamos esta variável, constituída pelos seguintes fatores:

- a. feminino;
- b. masculino.

Os estudos sociolinguísticos têm acusado que as mulheres ocidentais tenderiam a favorecer o uso de variantes de prestígio. No entanto, os trabalhos acerca da RED/DES apresentam controvérsia no que toca a essa variável: [Guy \(1981a\)](#) aponta as mulheres como favorecedoras do processo, enquanto [Battisti \(2002\)](#), por sua vez, indica que os homens empregam mais formas desnasalizadas. Desse modo, não há como de fato afirmar, com base na literatura, se a RED/DES seria um fenômeno ca-

⁶ No Capítulo 6, realizamos a operação inversa. A fim de mensurar em pesos probabilísticos o comportamento do indivíduo, excluimos, da rodada estatística, as três variáveis sociais. Discutimos essa questão, com mais detalhamento, no próprio capítulo.

racterizado como um marcador, um esterótipo ou um indicador. Supomos, no entanto, com base no alto índice de aplicação do processo em Florianópolis (cerca de 71%, conforme [Schwindt e Bopp da Silva \(2009\)](#)), que a aplicação do fenômeno não seja alvo de nenhum tipo de avaliação social consciente.

(ii) Escolaridade

Estratificamos os informantes de nossa amostra em três graus de escolaridade, a saber:

- a. de zero a seis anos de estudo;
- b. de sete a 12 anos de estudo;
- c. 13 ou mais anos de estudo.

Assim como já apontado para o grupo de fatores *sexo*, os estudos que versam sobre a RED/DES não indicam essa variável como favorecedora do processo fonológico de RED/DES. Hipotetizamos, portanto, que a variável *escolaridade* não desempenhará papel significativo no que tange à manifestação da RED/DES.

(iii) Faixa etária

No que se refere à variável *faixa etária*, controlamos os seguintes fatores:

- a. de 18 a 30 anos (faixa a);
- b. de 31 a 39 anos (faixa b);
- c. de 46 a 59 anos (faixa c);
- d. de 65 a 80 anos (faixa d).

Nossa hipótese para esse grupo de fatores, pautada nos estudos prévios, é a de que os sujeitos mais jovens, assim como

apontado nos estudos de [Votre \(1978\)](#) e [Schwindt e Bopp da Silva \(2009\)](#), sejam aqueles que empregam em suas falas maiores índices, percentuais e probabilísticos, de formas reduzidas e desnasalizadas.

Nas próximas seções apresentamos e discutimos os resultados das duas análises já anunciadas. Na seção 5.2.3, divulgamos os resultados relativos à primeira análise (Análise 1), na qual levamos em conta casos de dados ambíguos (Análise 2). Já na seção 5.2.4, exploramos os resultados referentes à segunda análise, na qual excluímos os dados ambíguos.

5.2.3 O fenômeno de RED/DES: Análise 1

Nesta análise, como já relatado, procedemos à análise de todos os dados, inclusive aqueles caracterizados como "dados ambíguos". A análise global da RED/DES, na investigação, nesta rodada, apontou um índice percentual de 67,6% de aplicação do fenômeno variável na comunidade da Costa da Lagoa. Os valores brutos e percentuais de aplicação do fenômeno encontram-se expostos na Tabela 43.

Tabela 43: Valores brutos e percentuais da aplicação e não aplicação do fenômeno de RED/DES: Análise 1

RED/DES	Manutenção da nasalidade
771/1141 (67,6%)	370/1141 (32,4%)

Conforme exhibe a Tabela 43, nos dados em exame, a grande maioria dos ditongos foi reduzida e desnasalizada (67,6%). O índice de dados reduzidos e desnasalizados (dados que sofreram a ação da RED/DES) é muito próximo à taxa encontrada por [Schwindt e Bopp da Silva \(2009\)](#), equivalente a 71%, relativos aos dados de fala urbana de Florianópolis. A manutenção da nasalidade foi verificada em 32,4% dos dados.

Em um primeiro momento foram levadas em conta todas

as variáveis. Após a verificação dos valores percentuais para a variável *realização fonética do ditongo-alvo* e *informantes*, procedemos à exclusão desses dois grupos de fatores e passamos para a análise multivariada. As variáveis consideradas na análise foram, portanto: (i) *contexto fonético precedente*; (ii) *contexto fonético seguinte*; (iii) *tonicidade do contexto seguinte*; (iv) *classe de palavra*; (v) *frequência do item lexical* - variáveis linguísticas; (vi) *faixa etária*; (vii) *escolaridade*; (viii) *sexo* - variáveis extralinguísticas.

No nível *step up*, foram selecionadas as seguintes variáveis: (i) *classe de palavra*; (ii) *faixa etária*, (iii) *consoante em posição de onset* e (iv) *escolaridade*.

Apresentamos, a seguir, os valores obtidos após a submissão dos dados ao pacote estatístico Goldvarb X.

(i) Classe de palavra

No que toca à variável *classe de palavra*, organizamos os fatores componentes dessa variável de forma semelhante a de [Schwindt e Bopp da Silva \(2009\)](#). Nossa conjectura, baseada nos resultados apresentados pelos autores, era a de que as categorias nominais (*nomes, nomes com -gem na raiz ou no sufixo*) seriam aquelas que favoreceriam com maior força a redução e desnasalização. Seguida por esses três fatores, nossa expectativa era a de que formas verbais que apresentassem apenas o ditongo como elemento fonético explícito de marcação da CVP6 sofreriam menor ação do fenômeno variável em exame. Os resultados relativos à atuação da *classe de palavra* sobre a redução/desnasalização encontram-se dispostos na Tabela 44.

Tabela 44: Efeito da variável *classe de palavra* sobre a aplicação do fenômeno de RED/DES: Análise 1

Fator	Apl./Tot.	%	PR
nomes com terminação em -gem (viagem)	63/73	86,3	0,793
nomes (ordem)	67/78	85,8	0,867
pretérito perfeito do indicativo (falaram)	228/293	77,8	0,543
presente do indicativo (dizem)	323/472	68,4	0,480
outros tempos e modos verbais (morarem)	6/12	50	0,376
pretérito imperfeito do indicativo (brincavam)	84/213	39,4	0,236
Total	771/1141	67,6	Range: 0,557

Input: 0,701
Significance: 0,000

Nossa hipótese para essa variável, de que formas nominais que não carregavam marcas mórficas (nomes) e verbos que, além do ditongo, apresentavam outros elementos responsáveis pela marcação de número (dados pro pretérito perfeito do indicativo), apresentariam maiores taxas de aplicação do fenômeno foi corroborada. Mostraram-se favorecedores da manifestação da RED/DES os seguintes fatores: nomes terminados em -gem (86,3%, PR: 0,793), nomes (85,8%, PR: 0,867) e formas verbais do pretérito perfeito do indicativo (77,8%, PR: 0,543). Os resultados exibidos vão na mesma direção de [Schwindt e Bopp da Silva \(2009\)](#).

(ii) Faixa etária

Nossa conjectura inicial, de que as formas reduzidas e desnasalizadas seriam verificadas na fala de sujeitos mais jovens, foi refutada. O efeito exercido pela variável *faixa etária* pode ser vislumbrado na Tabela 45.

Tabela 45: Efeito da variável *faixa etária* sobre a aplicação do fenômeno de RED/DES: Análise 1

Fator	Apl./Tot.	%	PR
de 65 a 80 anos (faixa d)	172/217	79,3	0,706
de 46 a 59 anos (faixa c)	208/305	68,8	0,562
de 31 a 39 anos (faixa b)	225/345	65,2	0,439
de 18 a 30 anos (faixa a)	166/274	60,6	0,340
Total	771/1141	67,6	Range: 0,366

Input: 0,701
Significance: 0,000

De acordo com os valores constantes na Tabela 45, observamos uma diminuição gradual, em termos de peso relativo, na direção dos sujeitos mais jovens. Como seccionamos os informantes em quatro faixas etárias, podemos observar que, apesar de a estratificação dos informantes em faixas etárias se sobrepor à de escolaridade, verificamos, ainda assim, forte efeito da idade sobre a aplicação da RED/DES. Podemos verificar a força da variável ao compararmos as faixas c (de 46 a 59 anos) e d (mais de 68 anos), nas quais os informantes apresentam, em geral, apenas a quarta série do Ensino Fundamental. Do mesmo modo, constatamos diferenças na aplicação do fenômeno na comparação da faixa a (de 18 a 29 anos) à faixa b (de 30 a 37 anos), sujeitos que também apresentam, de certo modo, distribuição equilibrada em relação à escolaridade.

(iii) Contexto fonético precedente

Diferentemente da opção feita por trabalhos mais recentes de tratar desta variável como *consoante em posição de onset* (BATTISTI, 2002; BOPP DA SILVA, 2005; SCHWINDT; BOPP DA SILVA, 2009), optamos por considerar a variável *contexto fonético precedente*, levando em conta quatro fatores: (i) consoante fricativas/africadas (mexem, dizem); (ii) consoante nasal (tinham., homem); (iii) vogal (iam, saem);(iv) demais consoantes (ordem, fofocam).

Fundamentados nos resultados revisados (cf. Seção 2.1), nossa hipótese, no que diz respeito à ação desta variável é a de que a queda da nasalidade seja influenciada, majoritariamente, em contato com consoantes não nasais fricativas/africadas (cf. Capítulo 4). Os resultados de nossa análise encontram-se na Tabela 46.

Tabela 46: Efeito da variável *contexto fonético precedente* sobre a aplicação do fenômeno de RED/DES: Análise 1

Fator	Apl./Tot.	%	PR
dema is consoantes (ord em)	504/686	73,5	0,558
fricativas e africadas (faz em)	188/295	63,7	0,492
vogais (diz iam)	27/78	34,6	0,354
nasais (am am)	52/82	64,3	0,223
Total	771/1141	67,6	Range: 0.335

Input: 0.701
Significance: 0.000

Os resultados constantes na Tabela 46 indicam que a redução do ditongo e concomitante queda da nasalidade ocorrem com mais frequência 73,5% (0,558) quando o ditongo-alvo é precedido por uma consoante enquadrada como "demais consoantes" (isto é, formas que não apresentam antes do ditongo-alvo ou suas variantes uma consoante fricativa, africada ou nasal). Os demais fatores, "consoantes fricativas/ africadas", "vogais" e "consoantes nasais" não se mostraram favorecedores da aplicação da RED/ DES. No entanto, se atentarmos para a distribuição dos dados e para os valores percentuais, perceberemos um viés na análise: não há correlação, em alguns casos, entre os valores percentuais e pesos relativos, como no caso das consoantes nasais, as quais apresentam alta taxa percentual e baixo peso relativo.

(iv) Escolaridade

Por fim, a última variável apontada como estatisticamente significativa, na Análise 1, foi a *escolaridade*. Os resultados referentes a esse grupo de fatores estão dispostos na Tabela 47.

Tabela 47: Efeito da variável *escolaridade* sobre a aplicação do fenômeno de RED/DES: Análise 1

Fator	Apl./Tot.	%	PR
de zero a seis anos de estudo (nível a)	306/428	71,5	0.436
de sete a 12 anos de estudo (nível b)	384/551	69,7	0.585
mais de 12 anos de estudo (nível c)	81/162	50	0.382
Total	771/1141	67,6	Range: 0.203

Input: 0.701
Significance: 0.000

Os resultados apresentados na Tabela 47 indicam que os informantes com escolaridade entre sete e 12 anos (nível de escolaridade b) são os que colaboram de forma mais contundente com a aplicação da RED/DES. No entanto, nos chama atenção, nesses resultados, o fato de os informantes mais escolarizados (escolaridade c- mais de 12 anos de estudo) apresentarem percentual baixo, correspondente a 50% se comparado à média de aplicação global de aplicação (67,6%), e peso relativo inferior ao dos demais fatores (0,382). Segundo nossos resultados, com base nos valores expressos em 47, há indícios de que, na comunidade da Lagoa, a aplicação do fenômeno de RED/DES possa estar sendo interpretada como uma variante sem prestígio.

Na seção subsequente, exibimos os resultados relativos à Análise 2, na qual excluímos os casos de dados ambíguos.

5.2.4 O fenômeno de RED/DES: Análise 2

Na segunda análise realizada, foram excluídos os casos de "dados ambíguos", isto é: casos de sândi externo (Subi[*u*] (os) mais novos.) e casos de formas verbais sem nasalidade que poderiam ser resultado da não aplicação de CVP6 (formas verbais terminadas em ditongo nasal átono final [ễ]) na qual o ditongo é a única marca de distinção entre singular e plural).

Os índices globais de aplicação e não aplicação do fenômeno, em valores brutos e percentuais, são apresentados na Tabela 48.

Tabela 48: Valores brutos e percentuais da aplicação e não aplicação do fenômeno de RED/DES: Análise 2

RED/DES	Manutenção da nasalidade
678/1003	325/1003
(67,6%)	(32,4%)

Ao compararmos as duas análises (Análise 1 e Análise 2), podemos constatar que foram excluídos, nesta última análise

111 "dados ambíguos". Apesar da extração desse grupo de dados, o percentual de aplicação do fenômeno se manteve inalterado (67,6%).

As variáveis selecionadas no nível *step up* mantiveram-se as mesmas, e na mesma ordem de seleção, da rodada anterior, a saber: (i) *classe de palavra*, (ii) *faixa etária*, (iii) *contexto fonético precedente*, (iv) *escolaridade* e (v) *tonicidade do contexto seguinte*. Apenas a variável *tonicidade do contexto seguinte* é que, diferentemente da análise anterior, também foi selecionada como relevante ao fenômeno de RED/DES. Apresentamos, a seguir, os resultados para cada uma das variáveis selecionadas.

(i) Classe de palavra

A variável *classe de palavra*, assim como já havíamos vislumbrado na Análise 1, mostrou os mesmos padrões, conforme atesta a Tabela 49.

Tabela 49: Efeito da variável *classe de palavra* sobre a aplicação do fenômeno de RED/DES: Análise 2

Fator	Apl./Tot.	%	PR
nomes com terminação em -gem (viagem)	61/69	89,9	0,837
nomes (ordem)	62/73	84,9	0,880
pretérito perfeito do indicativo (falaram)	228/286	79,7	0,537
presente do indicativo (dizem)	242/365	66,3	0,441
outros tempos e modos verbais (morarem)	06/12	50	0,387
pretérito imperfeito do indicativo (brincavam)	79/198	39,9	0,259
Total	678/1003	67,6	Range: 0,578 Input: 0,701 Significance: 0,016

Em conformidade com os resultados expostos na Tabela 49, em nossa amostra, são significativos para o processo de RED/DES: (i) os nomes com terminação em -gem (89,9%, PR: 0,837); (ii) os nomes em geral (84,9%, PR: 0,0880) e (iii) as formas verbais do pretérito perfeito do indicativo (79,7%, PR: 0,537). A ideia de que a RED/DES tenderia a preservar marcas mórficas, já indicada no trabalho de [Schwindt e Bopp da Silva \(2009\)](#), se sustentou mesmo com a extração de dados ambíguos da análise.

(ii) Faixa etária

A segunda variável eleita, assim como na Análise 1, foi a variável *faixa etária*.

Tabela 50: Efeito da variável *faixa etária* sobre a aplicação do fenômeno de RED/DES: Análise 2

Fator	Apl./Tot.	%	PR
de 18 a 30 anos (faixa a)	135/237	57,0	0,284
de 31 a 39 anos (faixa b)	204/308	66,2	0,429
de 46 a 59 anos (faixa c)	175/256	68,4	0,576
de 65 a 80 anos (faixa d)	164/202	81,2	0,757
Total	678/1003	67,6	Range: 0,473

Input: 0,701
Significance: 0,016

Da mesma forma que na análise prévia (Análise 1), observa-se um decréscimo nos índices de aplicação de RED/DES à medida que a idade dos sujeitos diminui: informantes da faixa d - mais de 68 anos apresentam índice de aplicação do fenômeno de 81,2% (PR: 0,757) - e informantes da faixa a - de 18 a 29 anos, taxa de 57,0% (PR: 0,284). O Gráfico 41 mostra o decréscimo gradual do pesos probabilísticos conforme a idade diminui.

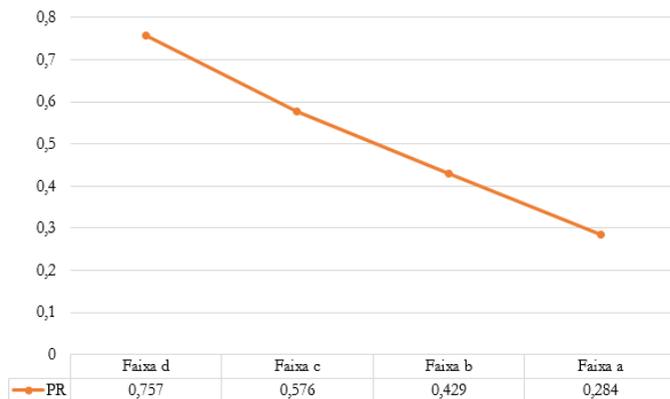


Figura 41: Índice, em valores probabilísticos (PR), de aplicação de RED/DES por faixa etária - Análise 2

O Gráfico 41 mostra uma reta decrescente de aplicação de RED/DES em direção à fala dos informantes mais jovens, caso que configura uma mudança em tempo aparente, isto é, uma mudança verificável a partir da comparação da fala de diferentes gerações dentro de um mesmo recorte sincrônico. Em função de nossa amostra não ser equilibrada (os sujeitos mais velhos, em sua grande maioria, estudaram apenas por quatro anos e, os sujeitos mais novos, geralmente, concluíram o Ensino Médio), os resultados exibidos, para essa variável, poderiam ser questionados. Com o intuito de verificar como interagem os fatores das variáveis *faixa etária* e *escolaridade* no que diz respeito ao fenômeno de RED/DES, apresentaremos, na exposição dos resultados concernentes à variável *escolaridade*, o cruzamento entre os fatores dessas duas variáveis.

(iii) Contexto fonético precedente

Para a variável *contexto fonético precedente*, observamos, igualmente, o mesmo comportamento dos fatores da análise an-

terior no que se refere à influência exercida sobre a aplicação de RED/DES, conforme ilustra a Tabela 51.

Tabela 51: Efeito da variável *contexto fonético precedente* sobre a aplicação do fenômeno de RED/DES: Análise 2

Fator	Apl./Tot.	%	PR
demais consoantes (<i>ordem</i>)	448/603	74,3	0,584
fricativas e africadas (<i>fazem</i>)	168/265	63,4	0,461
vogais (<i>diziam</i>)	14/58	24,1	0,249
nasais (<i>amam</i>)	48/77	62,3	0,219
Total	678/1003	67,6	Range: 0,365

Input: 0,701
Significance: 0,016

Assim como mostra a Tabela 51, apenas as consoantes não nasais (74,3%, PR: 0,584) favoreceram a aplicação do fenômeno. Desse modo, nossa hipótese de que fricativas/africadas (63,4%, PR: 0,461) favoreceriam a aplicação do fenômeno não foi confirmada. No entanto, conforme já vimos nos resultados relativos à variável *classe gramatical*, os nomes terminados em *gem* foram os que mais favoreceram a manifestação do fenômeno de RED/DES. Sendo assim, nossos resultados referentes ao contexto precedente podem estar sendo obscurecidos pelo fato de não termos controlado, isoladamente, o grupo de consoantes palatais.

(iv) Escolaridade

A variável *escolaridade* também foi selecionada, assim como na Análise 1. Os resultados para este grupo de fatores estão dispostos a seguir, na Tabela 52

Tabela 52: Efeito da variável *escolaridade* sobre a aplicação do fenômeno de RED/DES: Análise 2

Fator	Apl./Tot.	%	PR
de zero a seis anos de estudo (nível a)	269/373	70,0	0,602
de sete a 12 anos de estudo (nível b)	345/493	72,1	0,411
mais de 12 anos de estudo (nível c)	64/137	46,7	0,375
Total	678/1003	67,6	Range= 0,227

Input: 0,701
Significance: 0,016

Como já narrado nos resultados da Análise 1, a relevância estatística da variável *escolaridade* não era esperada. Segundo nossa interpretação, o fato de os mais escolarizados fazerem uso de menos formas monotongadas e desnasalizadas do que os demais sujeitos indica que o uso de formas nasais (ditongos e monotongos) possa estar adquirindo algum *status* na comunidade. Merece destaque o fato de que o percentual de aplicação dos informantes agrupados no nível c de escolaridade (mais de 12 anos de estudo) é inferior a 50%, e de cerca de 20% menor do que o índice global de aplicação.

Apresentamos, a seguir, o cruzamento, expresso na Figura 42, entre os fatores das variáveis *escolaridade* e *faixa etária* em virtude de nossa amostra não apresentar uma distribuição equilibrada: não dispomos de informantes mais velhos com curso superior ou Ensino Médio (exceto a informante 12) e contamos apenas com um informante jovem (informante 8) com a 6a série do Ensino Fundamental (Cf. Tabela 39).

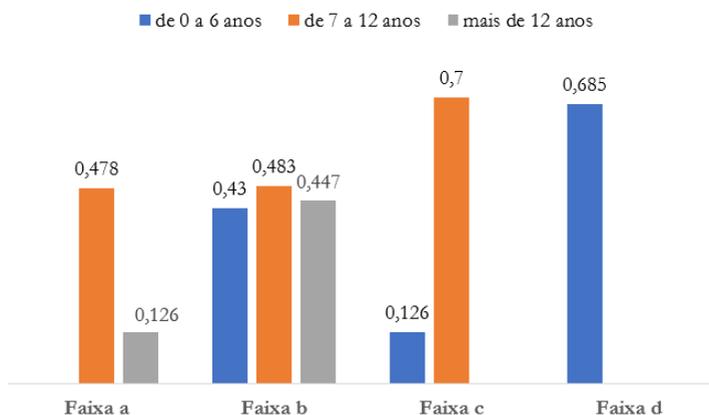


Figura 42: Gráfico do cruzamento entre os fatores das variáveis *faixa etária* e *escolaridade* em valores probabilísticos: Análise 2

Ao visualizar a Figura 42, as lacunas em nossa amostra ficam mais evidentes. Não vislumbramos os seguintes cruzamentos: (i) faixa a (de 18 a 29 anos) e nível a de escolaridade (de zero a seis anos de estudo), (ii) faixa c (de 46 a 59 anos) e nível c de escolaridade (mais de 12 anos de estudo); (iii) faixa d (mais de 68 anos de estudo) e nível b de escolaridade (de sete a 12 anos de estudo) e (iv) faixa d e nível c de escolaridade (mais de 12 anos de estudo).

Os cruzamentos entre fatores que se mostraram significativamente relevantes à aplicação da RED/DES foram: (i) faixa c (de 46 a 59 anos) + nível b de escolaridade (de sete a 12 anos de estudo), com PR: 0,700 e (ii) faixa d (mais de 68 anos) + nível a de escolaridade (de zero a seis anos de estudo), com PR:0,685. O cruzamento entre os demais fatores confirma que a realização de ditongos e monotongos nasais vêm sendo mais utilizados na comunidade pelos falantes jovens. Dessa maneira, o cruzamento entre os fatores das variáveis *escolaridade* e *idade* dão mais peso ao argumento de que a comunidade estaria passando por uma mudança em tempo aparente.

(v) Tonicidade do contexto seguinte

A variável *tonicidade do contexto seguinte* foi a única variável incluída, na Análise 2, como significativa à aplicação da RED/DES. Os resultados relativos ao grupo de fatores estão disponíveis na Tabela 53.

Tabela 53: Efeito da variável *tonicidade do contexto seguinte* sobre a aplicação do fenômeno de RED/DES: Análise 2

Fator	Apl./Tot.	%	PR
átona	360/510	70,6	0,538
tônica	234/361	64,8	0,405
sem tonicidade(pausa)	84/132	63,6	0,370
Total	678/1003	67,6	Range: 0,168 Input: 0,701 Significance: 0,016

Segundo os resultados expostos na Tabela 53, contextos seguintes átonos favorecem levemente a aplicação da RED/DES (70,6%, PR: 0,538). Os demais fatores (contexto seguinte tônico e átono) não se mostraram favorecedores da aplicação do fenômeno. Nossa suposição era de que, nesta segunda análise, com a exclusão dos dados ambíguos de sândi, essa variável não seria selecionada. Hipotizamos isso pois os processos se manifestam com maior frequência quando as fronteiras de palavras não apresentam acento. No entanto, os resultados encontrados vão ao encontro dos divulgados por [Bopp da Silva \(2005\)](#) e [Schwindt e Bopp da Silva \(2009\)](#).

5.2.5 RED/DES: comparação entre as Análises 1 e 2

No que tange especificamente ao processo de RED/DES, podemos afirmar, a partir das duas análises realizadas (Análise 1 e Análise 2), que a exclusão de dados ambíguos (casos de sândi externo e de algumas formas verbais de terceira pessoa do plural) de nosso *corpus* não acarretou em alterações significativas na análise do fenômeno fonológico. De forma mais específica, com a subtração de 138 dados, não observamos queda/aumento do valor de aplicação global do fenômeno: a taxa percentual foi a mesma nas duas análises, equivalente a 67,6 %. Não verificamos também diferenças significativas no que diz respeito aos grupos de fatores selecionados, nem à ordem de seleção das variáveis. Os condicionadores apontados como estatisticamente relevantes em ambas as análises foram

os mesmos: a única diferença é que na Análise 2, a variável *tonicidade do contexto seguinte* não foi selecionada na Análise 1. Já na Análise 2 o grupo de fatores foi indicado como significativo.

Na próxima seção, apresentamos o envelope de variação adotado no estudo da marcação explícita de CVP6 realizado, assim como os resultados das duas análises empreendidas.

5.3 A marcação explícita de CVP6: análise variacionista

Nesta seção, abordaremos a metodologia empregada nas duas análises relativas ao fenômeno variável de marcação de CVP6 (Análise 1 - com inclusão de "dados ambíguos"; Análise 2 - com exclusão de "dados ambíguos"). Na Subseção 5.3.1, expomos os critérios de exclusão de dados de nossa amostra. Na Subseção 5.3.2, apresentamos as variáveis (linguísticas e extralinguísticas) controladas por nós, assim como nossas hipóteses em relação ao comportamento de cada uma delas sobre a realização da variante marcada de CVP6. Nas Subseções 5.3.3 e 5.3.4, descrevemos e discutimos os resultados referentes a cada uma das análises (Análise 1 e Análise 2). Por fim, na Subseção 5.3.5, apresentamos uma comparação entre as duas análises.

5.3.1 Critério de exclusão dos dados

Excluimos de nossa amostra, com o intuito de não enviesar a investigação, os seguintes dados:

(i) *Casos de concordância semântica:*

(A maioria das crianças aqui estud[*u*] à tarde);

(ii) *Casos com sujeitos indeterminados:*

(Levar[*u*] ele pra sala de emergência);

(iii) Casos de verbo *ser* impessoal:

(Era três horas);

(iv) Casos em que a oposição entre as formas de terceira pessoa do singular e do plural são observáveis exclusivamente na escrita:

("Eles tem/Eles têm", "Eles vem/Eles vêm");

(v) Casos em que o verbo "ter" e "haver" exprimem sentido de "existir":

(Tinha oito mulheres lá);

(vi) Casos de infinitivo flexionado e não flexionado:

(Não vou deixar pra eles querer[i] levar depois).

Além dos casos supracitados, encontramos alguns dados como, por exemplo, "Eles não não não vej[u], não entend[i]", "Eles não que quer[ẽw] comprar", os quais julgamos pertinentes excluir de nossa amostra também.

Na seção subsequente, apresentamos as variáveis controladas como possíveis influenciadoras do fenômeno de marcação explícita de CVP6.

5.3.2 O fenômeno de marcação explícita de CVP6: o envelope de variação

A variável dependente da análise do fenômeno de concordância verbal de CVP6, neste estudo, opõe duas variantes, a saber:

(i) Marcação explícita de concordância;

(As criança não são saudável);

(ii) Não marcação explícita de concordância.

(As criança tá trancada dentro de casa).

Controlamos, nas duas análises (Análise 1 e 2), a ação de fatores internos e externos sobre a marcação explícita de CVP6, estipulados com base na revisão de estudos prévios sobre o fenômeno em investigação (cf. Seção 2.2). As variáveis lingüís-

ticas controladas foram: (i) *realização fonética do ditongo*, (ii) *contexto fonético seguinte*, (iii) *tonicidade do contexto seguinte*, (iv) *saliência fônica*, (v) *localização e posição superficial do SN sujeito*, (vi) *animacidade do sujeito*, (vii) *tipo de verbo*, (viii) *forma de realização do SN sujeito expresso*, (ix) *paralelismo formal do SN expresso*, (x) *frequência do item lexical*. No que tange às variáveis extralinguísticas, consideramos: (i) *idade*, (ii) *escolaridade*, (iii) *sexo* e (iv) *informante*.

Nos detemos, a seguir, na exposição de cada grupo de fatores assim como na apresentação de nossas hipóteses em relação a cada uma dessas variáveis.

5.3.2.1 Variáveis independentes linguísticas

(i) Realização do ditongo

Esse grupo de fatores, assim como na análise relativa ao fenômeno variável de RED/DES, foi criado para verificar, em termos percentuais, a realização fonética das formas verbais terminadas em ditongo nasal. Nosso propósito, ao controlar essa variável, foi o de mapear a distribuição das marcas fonéticas da CVP6 nesse grupo de verbos em específico. Os fatores componentes desta variável são:

- a. redução e desnasalização do ditongo [ẽ̃] (com[ɪ], diz[ɪ]);
- b. redução e desnasalização do ditongo [ẽw̃] (fal[ʊ], comprar[ʊ]);
- c. redução e manutenção da nasalidade do ditongo [ẽ̃] (sab[ɪ], ped[ɪ]);
- d. redução e manutenção da nasalidade do ditongo [ẽw̃] (er[õ], compr[õ]);
- e. manutenção do ditongo nasal [ẽ̃] (ped[ẽ̃], sent[ẽ̃]);
- f. manutenção do ditongo nasal [ẽw̃] (ador[ẽw̃], começ[ẽw̃]).

Em virtude de Florianópolis apresentar, conforme aponta o estudo de [Schwindt e Bopp da Silva \(2009\)](#), alto índice de formas reduzidas e desnasalizadas (71%), acreditamos que os monotongos orais (eles fal[*o*], eles diz[*i*]) serão as formas mais recorrentes de marcação fonética de CVP6 em nosso *corpus*, independente da análise (com ou sem "dados ambíguos").

Apesar de nossa hipótese ser a de que o uso dos monotongos orais prevaleça em relação ao uso das demais formas, nossa expectativa, tanto para a Análise 1 quanto para a Análise 2, é de que informantes com maior grau de instrução formal apresentem maiores índices percentuais de uso das formas ditongadas e nasalizadas do que os informantes com menor grau de escolaridade, conforme já observamos nas análises relativas a RED/DES (Seção 5.3). Nossa conjectura pauta-se, ainda, na descrição feita por [Naro \(1981\)](#), do dialeto carioca, na qual o autor não encontrou casos de ditongos nasais, como atesta a escala de saliência fônica proposta por ele, na fala dos sujeitos investigados, todos em fase de alfabetização.

(ii) Contexto fonético seguinte

A variável *contexto fonético seguinte* foi delimitada como variável componente de nosso envelope de variação já que [Guy \(1981a\)](#) e [Guy \(1996\)](#) apontam que há formas verbais que podem se apresentar na superfície sem marcas fonéticas em função da aplicação do fenômeno fonológico de RED/DES. O fenômeno de marcação explícita de CVP6 estaria susceptível, portanto, nessa parcela de dados, à influência de fatores fonológicos, como *contexto seguinte*, fator apontado como relevante em grande parte dos estudos acerca da manifestação do processo de RED/DES. Os fatores controlados neste grupo são:

- a) consoante não nasal (Eles peg[*o*] qualquer animal.);
- b) consoante nasal (Não fum[*õ*], não beb[*i*], nada.);

- c) vogal (Eles trabalh[êw̃] mais do que sa[ĩ], então.);
- d) pausa (Eu não preciso falar tudo errado como eles fal[ʊ] <pausa>.);
- e) sândi externo "preservador" de CVP6 (Dois homi que é daqui da Costa começar[ã] pagar.);
- f) sândi externo "eliminador" de marcas de CVP6 (Er[ã]lguas aula lá, né?!);
- g) sândi externo "criador" de marcas de CVP6 (Er[õ] s (uns) dois sem vergonha).

Nossa suposição, em relação à influência dessa variável sobre a marcação explícita de CVP6, é a de que ela seja selecionada na Análise 1, investigação que leva em conta os casos de "dados ambíguos". Não esperamos, no entanto, que este grupo de fatores seja selecionado como estatisticamente relevante na Análise 2 - análise que exclui os "dados ambíguos".

(iii) Tonicidade do contexto fonético seguinte

Controlamos a ação da variável *tonicidade do contexto seguinte*, além da variável fonológica *contexto fonético seguinte*, já que esse grupo de fatores tem se mostrado relevante nos estudos que controlam a atuação desta variável sobre o fenômeno de RED/DES. Os fatores que compõem esse grupo encontram-se elencados a seguir.

- a) tônica (Er[õ] quinze alunos na nossa turma.);
- b) átona (Eles ach[õ] que a gente é assim né?!);
- c) sem tonicidade - pausa (É aí eles apont[êw̃] <pausa>).

Acreditamos que essa variável seja apontada como relevante apenas na Análise 1, assim como hipótese aventada para a variável *contexto fonético seguinte*. Além de ser uma variá-

vel de cunho fonológico, a qual não esperamos que atue como colaboradora do fenômeno de natureza morfossintática de marcação explícita de CVP6 (cf. explorado no Capítulo 3), nossa premissa pauta-se no fato de que casos de sândi externo (casos que geram "dados ambíguos" para nós) se manifestarem essencialmente em ambientes átonos. Sendo assim, nossa expectativa é a de que, ao excluirmos casos ambíguos, essa variável não seja apontada como relevante.

(iv) Saliência fônica (cf. Naro (1981))

Consideramos, nas análises relativas à marcação explícita de CVP6, a escala de saliência fônica em níveis proposta por Naro (1981).

- a) nível 1a (come/comem);
- b) nível 1b (fala/falam);
- c) nível 1c (diz/dizem);
- d) nível 2a (tá/tão)
- e) nível 2b (comeu/comeram);
- f) nível 2c (falou/falaram);
- g) nível 2d (é/são - caso único);
- h) nível 2e (disse/disseram).

Nossa hipótese preliminar em relação a esta variável, baseada nos primeiros estudos sobre marcação de CVP6, seria a de que à medida que o nível de saliência aumenta (na direção nível 1a < nível 2e) a probabilidade de marcação de CVP6 também se torne superior. Apesar de essa conjectura ter como base os primeiros estudos a controlar a saliência fônica como um grupo de fatores, cabe destacar que não há consenso no que diz respeito ao *status* desta variável, assim como o seu efeito sobre a marcação na CVP6 na literatura.

Chaves (2014), em linhas gerais, com base trabalhos pioneiros a formular e/ou controlar essa variável (NARO; LEMLE, 1976; LEMLE; NARO, 1977; NARO, 1981; GUY, 1981b; NICOLAU, 1984), problematizou a escala de saliência fônica apresentada por Naro (1981), especialmente pelo fato de a hierarquia levar em conta casos que podem ser resultado da manifestação do fenômeno fonológico de RED/DES (come/comem, sabe/sabem - nível 1a da escala hierárquica).

Conjeturamos que o grupo de fatores *saliência fônica* será selecionado, em ambas as análises. No entanto, quando removermos, na Análise 2, os "dados ambíguos" acreditamos que a escala irá perder força, já que eliminaremos exatamente os dados classificados no nível 1a (bebe/bebem, mente/mentem), nível que apresenta baixos índices de marcação de CVP6. Vale salientar que nossa hipótese é a de que a variável será selecionada, no entanto, assim como nos dois estudos referentes a dados de fala florianopolitana Monguilhott (2001), Monguilhott (2009), não esperamos atestar os níveis tal qual eles foram propostos por Naro (1981).

(v) Presença e localização do SN sujeito

No que toca à variável *presença e localização do SN sujeito*, controlamos os seguintes fatores.

- a) SN anteposto (Então assim, são algumas palavra.);
- b) SN posposto (Então algumas acab[õ] tendo que fazer.);
- c) sujeito nulo (Ø ador[õ] aquela galinha pintadinha).

Todos os estudos revisados na Seção 2.2 Naro e Lemle (1976), Lemle e Naro (1977), Guy (1981a), Vieira (1997), Scherre e Naro (1997), Monguilhott (2001), Barden (2004), Monguilhott (2009) indicaram que sujeitos antepostos favoreceram fortemente

a marcação explícita da CVP6. Segundo os estudos têm relatado, a concordância é verificada em taxas muito inferiores quando os sujeitos encontram-se em posição pós-verbal. Como sugerido por Belink (1980) e retomado por [Monguilhott e Coelho \(2011\)](#), a correlação verificada entre sujeito posposto e menores taxas de CV seria indício de que o sujeito, por estar localizado à direita do verbo, estaria sendo interpretado como um argumento interno (no caso objeto).

Nossa hipótese, fortemente atestada pela literatura (Cf. Seção 2.2) é a de que formas com SNs sujeitos antepostos tendam a favorecer fortemente a aplicação de marcação explícita de CVP6. O favorecimento de SNs antepostos tem sido atribuído ao fato de o português estar se tornando cada vez mais uma língua de ordem enrijecida (SVO).

Controlamos também, nesse grupo de fatores, os casos de sujeito não expresso (sujeito nulo), assim como [Poplack \(1980\)](#). Tomando como referência os resultados apresentados por [Poplack \(1980\)](#) para a queda do /n/ em situação de CV no espanhol portorriquenho, acreditamos que, sujeitos nulos, os quais só podem ser recuperados pelo contexto, assim como sujeitos antepostos, também sejam colaboradores significativos da variante marcada. Nossa hipótese, em relação a esse fator, em específico, é de base funcional, haja vista que, nesses casos, o verbo é o único encarregado de marcar a pluralidade

(vi) Tipo de verbo

Nos diversos trabalhos revisados (cf. Seção 2.2), a tipologia verbal tem se mostrado como variável relevante na marcação explícita de CVP6. Os fatores delimitados para essa variável encontram-se expressos a seguir:

a) verbos transitivos (O pai do Fabrício e o Valter, os dois que

abrir[*u*] aqui o La Costa.);

b) verbos intransitivos (Mor[*õ*] aqui também.);

c) verbos inacusativos (Aí todos os barco vão atrás do barco da Santa, né?!)

d) verbos cópula (Eles vão lá pra lá fora e são obrigado a estudar, trabalhar).

Conforme atestam os resultados de alguns estudos variacionistas que controlaram essa variável (MONGUILHOTT, 2001; MONGUILHOTT, 2009) e Monguilhott e Coelho (2011), verbos copulativos, intransitivos e transitivos tenderiam a favorecer a marcação da concordância. Por outro lado, verbos inacusativos são apontados como fortes desfavorecedores da marcação de pluralidade.

Em linhas gerais, observando apenas o comportamento dos verbos monoargumentais (intransitivos e inacusativos), a probabilidade de verificação de marcas de CV em verbos intransitivos é superior ao dos demais fatores visto que esses verbos selecionam apenas um argumento, o qual ocupa a posição de especificador. Já em relação aos verbos inacusativos, a probabilidade de presença de marcas se torna inferior em virtude desses verbos serem caracterizados como verbos que selecionam apenas um argumento interno, o qual é gerado na posição de complemento (objeto). Assim, observamos na língua uma probabilidade maior de verbos intransitivos estarem acompanhados de sujeitos antepostos, assim como de verbos inacusativos tenderem ser seguidos por sujeitos (sujeitos pospostos).

(vii) Forma de realização do sujeito expesso

O exame do papel desempenhado pelo grupo de fatores *forma de realização do sujeito expesso* se dá em virtude de alguns fatores elencados nesta variável apresentarem correlação

direta com a ordem do sujeito. Segundo Zilles (2000), pronomes pessoais, por exemplo, ocorrem na fala com muita frequência em posição pré-verbal, fato que, como já narramos na exposição da variável *posição do sujeito*, favorece significativamente a marcação explícita da CVP6. Elegemos os mesmos fatores controlados por Monguilhott (2001) para compor essa variável.

- a) SN simples (Os irmão dele também mor[õ] aqui.);
- b) SN composto (O rapaz e a raça miúda sair[õ] tudo.);
- c) SN pronome pessoal (Daí eles fazi[õ] o horário nesse intervalo, né?!);
- d) SN pronome indefinido (Alguns desrespeitar[õ] assim.)
- e) SN pronome demonstrativo (Então esses são sempre os mesmo, né?)
- f) SN + pronome relativo (As pessoas que já não gost[õ] né?!).
- g) SN pronome possessivo (Mas os meus ped[õ].).

Conjecturamos, desse modo, que o fator "SN com pronome pessoal"apresente forte influência na marcação da CVP6 em nossos dados, assim como atestado por Monguilhott (2001). Cabe mencionar que, excluímos, em ambas as análises (Análise 1 e Análise 2), os dados relativos aos sujeitos nulos, já contabilizados na variável*presença e localização do SN sujeito*.

(viii) Paralelismo formal do SN expresso

A ideia de que "marcas levam a marcas, e zeros levam a zeros", apontada por muitos autores como um princípio, consiste em assumir que existe uma relação de que quanto mais marcas de número forem verificáveis no SN, maior a probabilidade de verificação de marcas também nas formas verbais. Os fatores controlados para essa variável são:

- a) presença de marca de plural no último elemento do SN su-

- jeito (Várias reformas for[ẽw̃] feita, né?!);
- b) presença da marca zero no último elemento do SN sujeito (As notíciaØ não são muito boa, né?);
- c) presença de numeral terminado em /s/ no último elemento do SN sujeito (Os três estudar[u] Administração.);
- d) presença de numeral não terminado em /s/ no último elemento do SN sujeito (A quinta, a sexta e a sétima vão tudo, são na Lagoa.).

Supomos, com base nos resultados divulgados por Guy (1981a), Vieira (1997), Monguilhott (2001), Barden (2004) e Monguilhott (2009), que o fator nomeado por nós de "presença de marca de plural no último elemento do SN sujeito" seja forte condicionador da variante marcada. É importante destacar a intrínseca relação entre as variáveis linguísticas *paralelismo formal do SN expreso* e *tipo de sujeito*: sujeitos compostos, por exemplo, em geral, não apresentam marca de número (e.g. *PaiØ e mãeØ são casado normal, é*).

Da mesma forma que operamos na variável *forma de realização do sujeito expreso*, não incluímos nesta variável, como um fator, os casos de sujeitos nulos, controlados exclusivamente na variável *presença e localização do SN sujeito*. Essa medida foi tomada para que não houvesse sobreposição de fatores nas três variáveis.

(ix) Animacidade do sujeito

A variável *animacidade do sujeito* foi apontada como relevante nos trabalhos revisados de Vieira (1997), Monguilhott (2001) e Monguilhott (2009).⁷ Os fatores que constituem esse grupo são dois, a saber:

⁷ Cabe mencionar que nos dois estudos realizados por Monguilhott, a variável controlada foi *traço humano do sujeito*

- a) traço semântico [+ animado] (Eles morar[*o*], não mor[*o*] aqui.);
 b) traço semântico [- animado] (E os barco são seguro, é bom.).

Esse grupo de fatores também apresenta interação direta com outras duas variáveis controladas por nós: a variável *tipo de verbo*. Sabe-se que a seleção argumental dos verbos, por vezes, relaciona-se diretamente com o traço semântico [+ animado], como é o caso dos verbos intransitivos. Os verbos inacusativos, por seu turno, selecionam argumentos que podem portar traço [-animado]. A partir do que foi posto, presumimos, em relação a esse grupo de fatores, que sujeitos com o traço [+ animado] apresentem valores superiores de marcação explícita de CVP6 se comparados aos sujeitos com traço [- animado].

(x) **Frequência do item lexical**

A resolução em incluir em nosso envelope de variação a variável *frequência lexical* se deu em função das hipóteses lançadas por Bybee (2002) e Bybee (2010) de que a frequência que uma palavra é utilizada pelos falantes atua como inibidora ou estimuladora de processos na língua. De forma análoga a maneira à análise da RED/DES, estabelecemos o seguinte critério de divisão das palavras, segundo a sua frequência de ocorrência (*token frequency*) bruta:

Tabela 54: Cálculo aplicado para delimitar o critério de divisão das itens lexicais em cinco grupos de frequência (Corpus de referência: ASPA)

maior valor em log - menor valor em log / 5
$(5,14) - (0,78)/5 = (0,872)$

Partindo do valor 1,028, delimitamos cada um dos grupos de frequência, com esse intervalo. O grupo das palavras pouco frequentes, por exemplo, como mostra a Tabela ?? abrange palavras que apresentam valor de log correspondente a 0,78 até

as palavras com valor de $\log = 1,81$ ($0,78 + 1,028 = 1,81$). Procedemos dessa mesma forma para realizar as demais divisões em grupos. A Tabela 43, a seguir, mostra os valores que intervalos em log relativos a cada um dos grupos.

Escala de frequência (log)	Cálculo: $[\log \text{ máximo } (5,14) - \log \text{ mínimo } (0,78) = 4,36]$ $[4,36/5 = 0,872]$ (divisão em 5 grupos)	Range de valores em log (valores arredondados)
grupo 1 – palavras infrequentes	$0,78 + 0,872 = 1,65$	$0,78 \leq \text{Grupo A} \leq 1,65$ Grupo A de 0,78 até 1,65
grupo 2 – palavras pouco frequentes	$1,66 + 0,872 = 2,53$	$1,81 < \text{Grupo B} \leq 2,53$ Grupo B de 1,66 até 2,53
grupo 3 – palavras com frequência mediana	$2,54 + 0,872 = 3,41$	$2,54 < \text{Grupo C} \leq 3,41$ Grupo C de 2,54 até 3,41
grupo 4 – palavras frequentes	$3,42 + 0,872 = 4,29$	$3,87 < \text{Grupo D} \leq 4,29$ Grupo D de 3,42 até 4,29
grupo 5 – palavras muito frequentes	$4,30 + 0,872 = 5,14$	$4,30 < \text{Grupo E} \leq 5,14$ Grupo E de 4,30 até 5,14

Figura 43: Divisão dos itens lexicais em cinco grupos

A seguir apresentamos, portanto, os fatores dessa variável.

- a. grupo 1 - palavras infrequentes (velam);
- b. grupo 2 - palavras pouco frequentes (avisam);
- c. grupo 3 - palavras com frequência média (moram);
- d. grupo 4 - palavras frequentes (começaram);
- e. grupo 5 - palavras muito frequentes (estão).

Segundo a proposta de [Bybee \(2001\)](#) e [Bybee \(2002\)](#), as unidades básicas de armazenamento seriam o léxico. Sendo assim, a frequência de uso das palavras atuaria como fator decisivo nas representações mentais. Nos termos de Bybee, palavras frequentes seriam resgatadas no léxico mental de forma mais eficiente do que palavras infrequentes. As palavras com alta frequência, segundo a proposta de Bybee, são processadas "blocos" (*chunks*) inteiros, fato que faz com que tais itens sejam mais suscetíveis a processos de redução do que outros, menos frequentes. Um exemplo clássico exibido pela autora é o da sequência *I don't know*, com pronúncia quase que cristalizada *I*

do'know.

Assim sendo, nossa hipótese, para essa variável, é de que palavras menos frequentes apresentem maiores índices de concordância e de que palavras altamente frequentes exibam menores índices de marcação explícita de CV.

Na próxima subseção, exibimos os grupos de fatores independentes extralinguísticos levados em conta nas análises sobre a marcação explícita de CVP6.

5.3.2.2 Variáveis independentes extralinguísticas

(i) Sexo

No que diz respeito à variável *sexo*, controlamos:

- a) feminino;
- b) masculino.

Muitas pesquisas sociolinguísticas apontam que as mulheres apresentam maior consciência de formas linguísticas com *status* sociais. Sendo assim constata-se que, em geral, as mulheres são mais sensíveis à norma padrão. Nesse caso, esperaríamos que as mulheres apresentassem maiores índices de concordância do que os homens, já que a marcação explícita de CVP6 é, claramente, um índice de prestígio social. Essa hipótese, no entanto, só foi corroborada, dentre os estudos revisados, por [Guy \(1981a\)](#) e [Scherre e Naro \(1997\)](#).

(ii) Escolaridade

Já em relação ao grupo de fatores *escolaridade*, controlamos os seguintes graus de instrução formal:

- a) de 0 a 6 anos de estudo (nível a);
- b) de 7 a 12 anos de estudo (nível b);
- c) 13 ou mais anos de estudo (nível c).

Nossa expectativa é a de que, por se tratar de uma variável que carrega *status* social, essa variável seja selecionada como relevante em nosso estudo, assim como nos trabalhos de Scherre e Naro (1997), Monguilhott (2001), Barden (2004) e Monguilhott (2009).

(iii) Faixa etária

Por fim, estratificamos os informantes em quatro grupos etários, a saber:

- e) de 18 a 30 anos (faixa a);
- f) de 31 a 39 anos (faixa b);
- g) de 46 a 59 anos (faixa c);
- h) de 65 a 80 anos (faixa d).

A variável *faixa etária* nos permite verificar, em tempo aparente, se há ou não, na comunidade em exame, algum indício de mudança em progresso ou de variação estável, a partir da comparação da fala de sujeitos de diferentes gerações. Nossa hipótese é a de que o fenômeno de concordância, assim como os estudos acerca do tema têm evidenciado, encontra-se em variação estável na comunidade da Costa da Lagoa.

Na próxima seção, divulgamos e discutimos os resultados referentes às duas análises realizadas: (i) Análise 1: análise que leva em consideração "dados ambíguos", (ii) Análise 2: análise que desconsidera os casos de "dados ambíguos".

5.3.3 O fenômeno de marcação da CVP6: Análise 1

Apresentamos, a seguir, os resultados gerais da análise que levou em conta, assim como a maioria dos estudos revisados no Capítulo 2 (Seção 2.2), os casos de dados ambíguos (dados referentes à categoria 1a - *come/comem, sabe/sabem* - da escala de *saliência fônica* de Naro (1981) e os dados de sândi externo. A Tabela 55 mostra, em valores brutos e percentuais, a oposição das variantes marcação de CVP6 *versus* não marcação de CVP6.

Tabela 55: Valores brutos e percentuais da aplicação e não aplicação de marcação de CVP6: Análise 1

Marcação de CVP6	Não marcação de CVP
1286/1614	328/1614
(79,7%)	(20,3%)

Conforme os valores expostos na Tabela 55, computamos em nossa análise inicial 79,7% (1286/1614) de marcação explícita de CVP6 em contraste a 20,3% (328/1614) de não marcação explícita. Os resultados expressos se aproximam muito dos divulgados por Monguilhott (2001), autora que encontrou taxa de 79% de marcas nos dados de 24 florianopolitanos que compõem a Amostra Base do Banco Varsul (dados de fala urbana).

Em relação às formas verbais que apresentaram, em nosso *corpus*, terminação em ditongo nasal átono final [ẽ̃] ou [ẽ̃w] (ou suas respectivas formas alternantes), tivemos os seguintes índices de realização fonética – controlada via variável *realização do ditongo nasal*⁸:

⁸ Nesse cômputo, não foram incluídos os dados de formas verbais terminadas em ditongo nasal átono final que não apresentaram marca de CVP6, visto que não consideramos esses casos como casos de RED/DES. Além desses casos, não apresentamos aqui os dados de formas verbais de terceira pessoa terminadas em ditongos tônicos, ditongos nasais que não sofrem RED/DES (são/su*, mão/mu*).

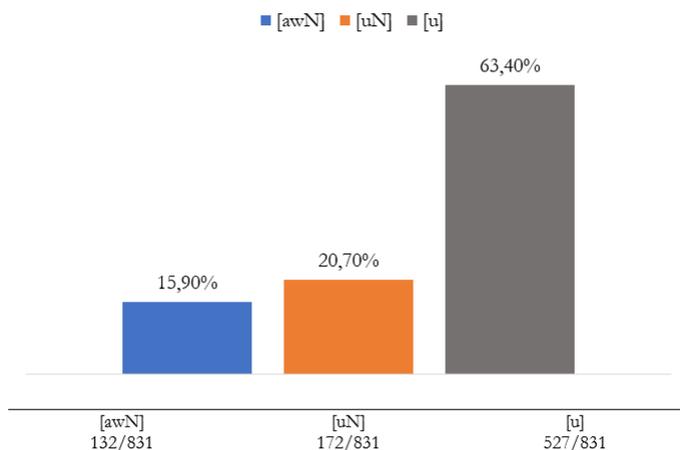


Figura 44: Realização fonética da marcação de CVP6 em formas verbais terminadas em ditongo nasal átono [awN]: Análise 1

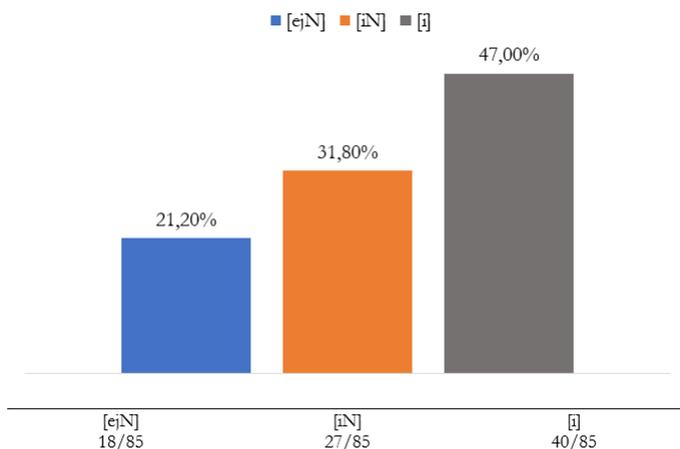


Figura 45: Realização fonética da marcação de CVP6 em formas verbais terminadas em ditongo nasal átono [ejN]: Análise 1

Conforme exibido nas Figuras 44 e 45, observamos que, tanto nas formas verbais terminadas em ditongo [ẽw̃] quanto nas formas verbais terminadas em ditongo [ẽj̃], assim como havíamos hipotetizado, as formas desnasalizadas e monotongadas foram verificadas em maiores taxas do que as formas nasalizadas, correspondendo a 63% em verbos com ditongo [ẽw̃] e 47% em verbos com ditongo [ẽj̃]. As formas ditongadas e nasalizadas foram as menos empregadas (15,9% em verbos com ditongo [ẽw̃] e 21,2% em verbos com ditongo [ẽj̃]).

Após o mapeamento das marcas fonéticas na marcação explícita da CVP6, realizamos uma análise levando em conta as seguintes variáveis independentes: (i) *contexto seguinte*, (ii) *tonicidade do contexto seguinte*; (iii) *saliência fônica*, (iv) *presença e localização do SN sujeito*; (v) *tipo de verbo*; (vi) *forma de realização do SN sujeito expresso*; (vii) *paralelismo formal do SN expresso*; (viii) *animacidade do sujeito*; (ix) *frequência do item lexical* – variáveis linguísticas; (x) *faixa etária*; (xi) *escolaridade* e (xii) *sexo* - variáveis extralinguísticas.

Do total de 1614 dados obtidos na análise global, foram excluídos apenas três (*knockouts*) para prosseguirmos a análise. Foram eliminados casos de SN sujeito com pronome possessivo (Mas os meus ped[ɪ].) referentes à variável *forma de realização do SN sujeito expresso* – dados que computavam três, todos acompanhando formas verbais com marcas de CV.

Após a submissão dos dados à análise multivariada, o nosso universo amostral passou a contabilizar, portanto, 1611 dados, mantendo o mesmo percentual de aplicação do fenômeno equivalente a 79,7% (1283/1611). Na análise *step up*, os grupos de fatores significativos foram eleitos na seguinte ordem: (i) *presença e localização do SN sujeito*; (ii) *saliência fônica*; (iii) *animacidade do sujeito*; (iv) *paralelismo formal do SN expresso*; (v) *escolaridade*; (vi) *tipo de verbo*; (vii) *contexto fonético seguinte*; (viii) *frequência lexical*; (ix) *forma de realização do*

sujeito expresso. No nível *step down* foram eliminadas as variáveis: (i) *sexo*; (ii) *tonicidade do contexto seguinte*; (iii) *faixa etária*, (iv) *paralelismo formal do SN expresso*.

A seguir, relatamos e discutimos os resultados relativos a cada uma das variáveis selecionadas pelo programa Goldvarb X como relevantes à aplicação da marcação de CVP6 na Análise 1.

(i) Presença e localização do SN sujeito

Conforme já hipotetizado, esperávamos que, no português brasileiro, língua em que se tem observado um enrijecimento da estrutura SVO (Sujeito - Verbo - Objeto), a concordância fosse verificada em maiores proporções quando o SN sujeito antecede o verbo. Em consonância com todos os estudos revisados no Capítulo 2 (NARO, 1981; GUY, 1981a; VIEIRA, 1997; SCHERRE; NARO, 1997; MONGUILHOTT, 2001; MONGUILHOTT, 2009), nossos resultados apontam nessa mesma direção, como mostra a Tabela 56.

Tabela 56: Efeito da variável *presença e localização do SN sujeito* sobre a ação da marcação explícita de CVP6: Análise 1

Fator	Apl./Tot.	%	PR
nulo (Ø ador[o] aquela galinha pintadinha.)	611/691	88,4	0,598
anteposto (Então <u>algumas</u> acab[ô] tendo que fazer.)	648/911	79,9	0,504
posposto (Então assim, são <u>algumas</u> palavra.)	24/109	22	0,067
Total	1283/1611	79,7	0,531
		Input: 0,880	
		Significance: 0,036	

De acordo com os resultados constantes na Tabela 56, os maiores valores, tanto percentuais quanto probabilísticos, são verificados quando o sujeito está nulo (Aí Ø foru ver as nota, tudo picanha) - 88,4% e PR de .598 - ou quando o sujeito está anteposto ao verbo (Pai e mãe são casado normal, é.) - 79,9% e PR de .504. Por outro lado, sujeitos pospostos (Olha, são oito

irmãos que moru aqui) mostraram-se altamente desfavorecidos da marcação explícita de CVP6 - 22% e PR de .067.

(ii) Saliência fônica

A segunda variável selecionada como significativa foi o grupo de fatores *saliência fônica*. Nossa hipótese, em relação a essa variável era a de que, assim como nos estudos de [Monguilhott \(2001\)](#) e [Monguilhott \(2009\)](#), apesar de a escala ser selecionada, a hierarquia de níveis não corresponderia àquela proposta por [Naro \(1981\)](#). Os resultados para esta variável encontram-se na Tabela 57.

Tabela 57: Efeito da variável *saliência fônica* sobre a ação da marcação explícita de CVP6: Análise 1

Fator	Apl./Tot.	%	PR
nível 1a (Eles vend[êj] transformador.)	24/97	24,7	0.028
nível 1b (Eles peg[u] qualquer animal.)	525/659	79,7	0.338
nível 1c (Eles faz[êj] na Igrejainha também.)	58/74	78,4	0.331
nível 2a (Tã <u>o</u> tudo criado.)	164/183	89,3	0.807
nível 2b (Nossos pais se for <u>u</u> .)	116/125	92,8	0.861
nível 2c (Os três com <u>e</u> çar[ôw] lá no, no centro, né?!)	149/158	94,3	0.738
nível 2d (Elas sã <u>o</u> muito minha amiga.)	194/252	77	0.620
nível 2e (Os homens não vier <u>u</u> tomar café ainda.)	53/63	54,1	0.730
Total	1283/1611	79,7	Range: 0.833 Input: 0.880 Significance: 0.036

Segundo os resultados relativos à atuação da *saliência fônica* sobre a marcação explícita de CVP6, é possível destacar que os fatores do nível 1, oposição entre formas singulares e plurais não acentuadas (1a - come/comem, 1b - fala/falam e 1c- diz/dizem), não se mostraram favorecedores da marcação explícita de CVP6. Já os fatores do nível 2 (2a - tá/tão, 2b - foi/foram, 2c - falou/falaram, 2d - é/são, 2e- disse/disseram) mostraram favorecimento sobre a realização da variante marcada. Tais resultados indicam que, de fato, a tonicidade das

formas (distinção acentuada *versus* distinção não acentuada) parece exercer forte influência sobre o fenômeno.

A expectativa em relação a essa variável, no que tange ao segundo parâmetro de mensuração da escala, o critério "quantidade de distinção material" entre formas verbais singulares e plurais, seria a de que os valores crescessem na direção nível 1 a > nível 2e. No entanto observamos tanto nos percentuais como nos pesos probabilísticos alguns problemas na escalari- dade numérica. Os níveis 2a (PR: 0,807) e 2b (PR: 0,861) apre- sentam pesos relativos superiores aos níveis 2c (PR:0,738), 2d (PR: 0,620) e 2e (PR: 0,730). Resultados semelhantes foram nar- rados por [Monguilhott \(2001\)](#) e [Monguilhott \(2009\)](#). Os resulta- dos encontrados pela autora, nos dois trabalhos, estão expostos nas Tabela 58.

Tabela 58: Resultados relativos à variável *saliência fônica* nos estudos de [Mongui- lhott \(2001\)](#), [Monguilhott \(2009\)](#)

Monguilhott (2001)			Monguilhott (2009)		
Nível de s aliência	Apl.Total (%)	PR	Nível de saliência	Apl.Total (%)	PR
nível 1a	25/101 (25%)	.02	Nível 1a	19/89 (21%)	.04
nível 1b	638/802 (80%)	.46	Nível 1b	274/324 (84%)	.50
nível 1c	69/103 (68%)	.13	Nível 1c	48/51 (94%)	.74
nível 2a	125/130 (96%)	.88	Nível 2a	73/87 (83%)	.48
nível 2b	85/102 (83%)	.65	Nível 2b	64/68 (94%)	.74
níveis 2c, 2d e 2e	310/345 (90%)	.75	Níveis 2c, 2d e 2e	162/175 (92%)	.69
Total	1251/1583 (79%)		Total	640/794 (80%)	

Antes de explorarmos os dados expostos, cabe destacar uma diferença importante entre o nosso trabalho e os de [Mon- guilhott \(2001\)](#), [Monguilhott \(2009\)](#). A autora optou, em ambos os estudos, pelo amálgama dos últimos três níveis de saliência (níveis 2c, 2d e 2e). De acordo com os resultados expostos, po- demos observar que no estudo de [Monguilhott \(2001\)](#), a autora

constata, assim como nós, maior taxa probabilística de marcação de CV no nível 2a (PR: 0,880). Dessa forma, podemos observar que, tanto em nosso estudo como nos dois trabalhos de Monguilhott, a hierarquia de saliência, ao menos como proposta por Naro (1981), não se enquadra aos resultados da comunidade de Florianópolis.

(iii) Animacidade do sujeito

A terceira variável eleita como significativa para a marcação da CVP6 foi a *animacidade do sujeito*. Nossos resultados corroboraram nossas hipóteses prévias de que sujeitos com o traço semântico [+animado] favoreceriam a presença de marcas, conforme é possível vislumbrar na Tabela 59.

Tabela 59: Efeito da variável *animacidade do sujeito* sobre a ação da marcação explícita de CVP6: Análise 1

Fator	Apl./Tot.	%	PR
[+animado] (Eles moraru, não moru aqui.)	1222/1452	84,2	0,554
[-animado] (E os barco são seguro, é bom.)	61/159	38,50%	0,122
Total	1283/1611	79,7	0,432

Input: 0,880
Significance: 0,036

Segundo mostram os resultados da Tabela 59, sujeitos que apresentam o traço semântico [+animado] exibiram índices percentuais de aplicação de CV em 84,2% dos dados (PR: 0,554). Por outro lado, sujeitos com o traço [-animado] apresentaram taxa de 38,4% de marcas (PR: 0,122).

(iv) Paralelismo formal do SN expresso

A variável *paralelismo formal do SN expresso* também atestou a conjectura de que "marcas levariam a marcas, e zeros levariam a zeros", como mostra a Tabela 60.

Tabela 60: Efeito da variável *Paralelismo formal do SN expresso* sobre a ação da marcação explícita de CVP6: Análise 1

Fator	Apl./Tot.	%	PR
presença de marca de plural no último elemento do SN sujeito (Várias reformas for[ç]w feita, né?)	510/607	84	0,565
presença da marca zero no último elemento do SN sujeito (As notícia0 não são muito boa, né?)	140/278	50,4	0,384
presença de numeral não terminado em /s/ no último elemento do SN sujeito (A quinta, a sexta e a sétima são na Lagea.)	6/13	46,2	0,356
presença de numeral terminado em /s/ no último elemento do SN sujeito (Os três estudar[ç] Administração.)	16/22	72,7	0,297
Total	672/920	73%	0,268

Input: 0,880
Significance: 0,036

Como atestam os resultados expostos na Tabela 60, SNs que apresentaram marcas no último elemento cooperaram significativamente com o fenômeno de marcação de CV (84,0%, PR: 0,565). Os demais fatores não desempenharam papel relevante na realização da variante marcada.

(v) Escolaridade

A variável *escolaridade*, também como esperado, foi apontada como estatisticamente significativa. De fato, esse foi o único grupo de fatores sociais que se mostrou relevante em nossa análise. Os resultados referentes a esta variável encontram-se na Tabela 61.

Tabela 61: Efeito da variável *escolaridade* sobre a ação da marcação explícita de CVP6: Análise 1

Fator	Apl./Tot	%	PR
de zero a seis anos de estudo	459/586	78,5	0,455
de sete a 12 anos de estudo	652/822	79,3	0,466
mais de 12 anos de estudo	172/203	84,7	0,747
Total	1283/1611	79,7	Range=0,292

Input: 0,880
Significance: 0,036

Os resultados contantes na Tabela 61 mostram um comportamento uniforme entre aqueles que estudaram de zero a 12 anos (o que equivaleria até a conclusão do Ensino Médio). O

grupo de sujeitos que estudou até seis anos apresenta índice de aplicação do fenômeno de 78,5% (PR: 0,455), e os que estudaram de sete a 12 anos, de 79,3% (PR: 0,466). Sendo assim, é quase irrisória a diferença entre esses dois grupos.

Observamos um salto, tanto em valores percentuais quanto em valores probabilísticos, no grupo de informantes com mais de 12 anos de escolaridade (sujeitos que completaram Curso Superior). Esses sujeitos apresentam um percentual de 84,7% e peso relativo de 0,747.

Desse modo, é possível afirmar que, na comunidade investigada, a marcação da concordância parece ser mais saliente àqueles que ingressaram nas universidades, mesmo que o contato com escolas fora da comunidade ocorra desde a quinta série do Ensino Fundamental.

(vi) Tipo de verbo

No que tange à variável tipo de verbo, observamos comportamento também semelhante aos resultados expressos por [Monguilhott \(2001\)](#), conforme apresentamos na Tabela 62.

Tabela 62: Efeito da variável *tipologia verbal* sobre a ação da marcação explícita de CVP6: Análise 1

Fator	Apl./Tot.	%	PR
intransitivo (Elesmor[ô] aqui também.)	128/144	88,9	0,627
transitivo (Foram os dois que abrir[u] aqui o La Costa.)	650/785	82,8	0,466
cópula (Eles vão lá pra lá fora e são obrigado a estudar.)	278/369	75,3	0,658
inacusativo (Ai todos os barco vão atrás do barco da Santa, né?)	227/313	72,5	0,351
Total	1283/1611	79,7	Range=0,297 Input: 0,880 Significance: 0,036

Segundo os valores percentuais exibidos, o favorecimento da marcação explícita de CVP6 seguiria a seguinte ordem: verbos intransitivos (88,9%), verbos transitivos (82,8%), verbos cópula (75,3%) e, por fim, verbos inacusativos (72,5%). No entanto, não verificamos correlação entre os percentuais e seus

respectivos valores probabilísticos. Os verbos cópula, que, segundo critérios percentuais seriam apontados como não favorecedores do uso da forma marcada, apresentaram o maior peso relativo se comparado ao dos demais fatores, equivalente a 0,658. Observamos aqui, portanto, a inferência de outro grupo de fatores sobre os dados, a qual será mais bem explorada nos cruzamentos entre variáveis na Análise 2.

Mostraram-se fortes colaboradores da marcação explícita da CVP6, assim como conjecturado, os verbos intransitivos, verbos que selecionam exclusivamente sujeitos com o traço [+animado] e, em geral, apresentam sujeito anteposto.

(vii) Contexto fonético seguinte

O efeito da variável *contexto fonético seguinte* não é frequentemente investigado pelos estudos que tratam do fenômeno de marcação explícita de CVP6, já que muitos teóricos defendem que fenômenos de natureza morfossintática não seriam sensíveis a variáveis de níveis inferiores da gramática, como no caso a natureza fonética do segmento que segue a forma verbal em análise (cf. discutido no Capítulo 3). No entanto, [Guy \(1981a\)](#) foi pioneiro ao incluir, nos estudos sobre o fenômeno de marcação explícita de CVP6, grupos de fatores fonológicos apontados como favorecedores da manifestação da RED/DES. Desse modo, ao manter os dados chamados por ele de "ambíguos" nas análises, a presença de variáveis fonológicas, atestadas como colaboradoras da RED/DES, amenizaram o viés possível do fenômeno fonológico sobre dados em exame.

Nesta análise, na qual incluímos os casos de "dados ambíguos", assim como já verificado em estudo prévio ([CHAVES, 2016](#)), a variável *contexto seguinte* foi selecionada. A nosso ver, a seleção da variável pode ser interpretada como um indicio de que, de fato, há casos, nos dados analisados, que não se super-

ficializam como marca de CV em função exclusiva da atuação do fenômeno variável de RED/DES. Apresentamos os resultados relativos a esse grupo de fatores a seguir.

Tabela 63: Efeito da variável *contexto fonético seguinte* sobre a ação da marcação explícita de CVP6: Análise 1

Fator	Apl./Tot.	%	PR
nasal (Não fum[u] não beb[N, nada.]	206/249	82,7	0,515
pausa (Eu não preciso falar tudo errado como eles fal[u].)	118/145	81,4	0,544
consoante (Eles peg[u] qualquer animal.)	602/742	81,1	0,556
vogal (Eles trabalh[ew] mais do que sa[l] então.)	357/475	75,2	0,392
Total	1283/1611	79,7	Range=0,164 Input: 0,880 Significance: 0,036

De acordo com os valores exibidos na Tabela 63, as consoantes nasais, e contexto subsequente às formas verbais, favorecem a marcação da CVP6 (82,7%, PR: 0,515). Já as vogais em contexto seguinte caracterizam-se como ambientes mais hostis à marcação de CV (75,2%, PR: 0,392). Tais resultados vão na direção dos estudos sobre o fenômeno variável de RED/DES revisados na Seção 2.1 (BATTISTI, 2002; BOPP DA SILVA, 2005; SCHWINDT; BOPP DA SILVA, 2009), nos quais as vogais são apontadas como o fator que mais contribui para a aplicação do processo de RED/DES.

(viii) Frequência do item lexical

A variável *frequência lexical* também foi apontada como relevante nesta análise. Os valores percentuais e probabilísticos, no que toca à ação desse grupo de fatores sobre a variante marcada, encontram-se na Tabela 64.

Tabela 64: Efeito da variável *frequência do item lexical* sobre a ação da marcação explícita de CVP6: Análise 1

Fator	Apl./Tot.	%	PR
grupo 1 – palavras infrequentes (Eles <u>vell[ew]</u> ali e, de manhã, levam pro cemitério.)	28/31	90,3	0,643
grupo 2 – palavras pouco frequentes (Eles tipo eles já <u>avis[ew]</u> antes que o pessoal.)	140/163	85,9	0,681
grupo 3 – palavras com frequência média (Meus pais <u>mor[ew]</u> hoje aqui.)	447/562	79,5	0,573
grupo 4 – palavras frequentes (Os pai <u>começar[o]</u> a fazer escola.)	358/474	75,5	0,432
grupo 5 – palavras muito frequentes (E eles <u>tão</u> se virando.)	310/381	81,4	0,385
Total	1283/1611	79,7	Range=0,296 Input: 0,880 Significance: 0,036

De acordo com os resultados apresentados, como aventado em nossas hipóteses prévias, as palavras infrequentes apresentam taxas mais elevadas de marcação de número (90,3%, PR:0,643), assim como as palavras pouco frequentes (85,9%, PR: 0,681). Mostraram-se favorecedoras da realização da variante marcada, ainda, as palavras com frequência média (79,5%, PR: 0,573).

Diante desses valores, observa-se, de certo modo, uma tendência: palavras menos frequentes apresentaram favorecimento da marcação de CVP6 (grupo 1 - palavras infrequentes, grupo 2 - palavras pouco frequentes e grupo 3 - palavras com frequência média), enquanto que palavras mais frequentes (grupo 4 - palavras frequente e grupo 5 - palavras muito frequentes) mostraram tendência oposta.

Atribuímos a verificação de maior probabilidade de marcação de CVP6 em palavras menos frequentes, em virtude de essas palavras, assim como postula [Bybee \(2001\)](#) e [Bybee \(2002\)](#) não apresentarem tendência a processos de redução, como os observados em estruturas articuladas (*chunks*) formados por palavras com frequência alta. Além disso, é possível verificar também que, em nosso *corpus*, as palavras menos frequentes eram, em geral, palavras mais eruditas, utilizadas por sujeitos com alto grau de escolaridade que, como vimos, são os que exibem maiores taxas de CVP6.

(viii) Forma de realização do SN sujeito expresso

Por fim, a última variável selecionada foi o *forma de realização do SN sujeito expresso*. Os resultados relativos a esse grupo de fatores são apresentados na Tabela 65.

Tabela 65: Efeito da variável *forma de realização do SN sujeito expresso* sobre a ação da marcação explícita de CVP6: Análise 1

Fator	Apl./Tot.	%	PR
SN pronomes pessoais (Daí <u>eles</u> faz[oi] o horário nesse intervalo, né?!	366/413	88,6	0,612
SN pronomes indefinidos (<u>Alguns</u> desrespeitar[oi] assim.)	40/49	81,6	0,654
SN + pronomes relativos (As pessoas que já não gost[oi] né?!	42/58	72,4	0,400
SN pronomes demonstrativos (Então <u>esses</u> são sempre os mesmo, né?)	5/8	62,5	0,457
SN simples (Os <u>irmão</u> dele também mor[ui] aqui.)	202/235	57,4	0,397
SN compostos (O rapaz e a raça <u>miúda</u> sair[oi] tudo.)	17/40	42,5	0,234
Total	672/920	73	Range=0,420 Input: 0,880 Significance: 0,036

No que tange a essa variável, mostraram-se fatores colaboradores da marcação de CVP6 os fatores "SN pronomes pessoais"(88,6%, PR:0,612) e "SN pronomes indefinidos" (81,6%, PR: 0,654). Os resultados vão na direção do que esperávamos: SNs pronomes pessoais foram apontados por todas as pesquisas que controlaram essa variável como relevante.

Em seguida, realizamos uma análise excluindo os casos de "dados ambíguos", correspondentes aos dados da categoria 1a da escala de saliência de Naro (1981), assim como os dados de sândi – codificados na variável *contexto seguinte*. Nosso intuito, com essa nova análise, é o de realizar uma comparação entre as duas análises. Apresentamos os resultados desta segunda análise empreendida na próxima seção.

5.3.4 O fenômeno de marcação explícita de CVP6: Análise 2

Nesta segunda análise, como já mencionamos anteriormente, adotamos critérios metodológicos distintos do que em geral vêm sendo adotados pela literatura que trata do fenômeno variável de marcação explícita de CVP6. Da mesma forma como já havia sido feito por Guy (1981a), excluimos, na Análise 2, os dados relativos às formas verbais que se enquadravam na categoria 1a (nível 1) da escala hierárquica de Naro (1981) (come/comem, vende/vendem). Os dados extraídos, desta análise, portanto, são os de formas verbais de terceira pessoa que se diferenciam de suas contrapartes singulares apenas por apresentarem, na terminação do verbo, um ditongo nasal átono. Sendo assim, excluimos desta análise todos os dados que poderiam ser resultado tanto da não aplicação da CVP6 como da aplicação do processo de RED/DES (casos de *outputs convergentes* que geram formas ambíguas).

Além desses dados, optamos por excluir também alguns casos de sândi externo. Para isso, na variável *contexto fonético seguinte*, alguns dos casos em que, na rodada anterior, foram categorizados no fator "vogal posterior à forma verbal" foram re-analisados. De forma genérica, agrupamos casos de sândi externo, degeminação, elisão ou ditongação, de acordo com a interferência que tais fenômenos exerciam sobre a marcação da concordância. Em nossa amostra, encontramos os seguintes casos:

(a) Casos de sândi que "inserem" marcas de CVP6;
(Er[uns] dois sem vergonha)

(b) Casos de sândi que "obliteram" marcas de CVP6;
(Várias pessoas cheg[a]qui falando isso.)

(c) Casos de sândi que "não interferem" na marcação da CVP6; (Os filho dele se meter[a] puxar um pouquinho as droga no caso.)

Como podemos perceber, dentre os casos de sândi externos verificados, julgamos pertinente eliminar de nossa análise os casos expressos em (a) e (b). No caso de (a), o processo de elisão (fusão de duas vogais distintas ambas em borda de palavra) gera formas aparentes de marcação de CV. Já no caso de (b), o processo de sândi aplicado pode ter sido o de degeminação (fusão de duas vogais idênticas situadas em fronteira de palavra), caso a marca de CVP6 não tenha sido atribuída, ou o de elisão, caso a marca de CV tenha sido realizada e posteriormente fundida à vogal subsequente. Já os casos de tipo (c), os quais contabilizam nove dados, foram mantidos em nossos dados (junto às vogais), visto que não comprometem a marcação de CV.

Com a exclusão dos "dados ambíguos", nosso universo amostral que antes era composto por 1614 dados passou, nesta nova rodada, a contabilizar 1444. Os casos de sândi do tipo (c), casos que "não interferem" na marcação de CVP6, que computaram apenas nove dados, foram amalgamados ao fator "vogal", assim como procedemos na análise do fenômeno de RED/DES *versus* manutenção da nasalidade. Com a exclusão desses dados, assim como já evidenciado em [Chaves \(2016\)](#), observamos um aumento no índice da marcação de concordância. Os resultados da comparação da aplicação de CV nas duas análises realizadas encontram-se na Tabela 66.

Os resultados comparativos, em termos de frequência global de aplicação do fenômeno, encontram-se expostos na Figura 46

Tabela 66: Comparação da aplicação da marcação de CVP6 nas duas análises empreendidas: Análise 1 - com 'dados ambíguos', Análise 2: 'sem dados ambíguos'

Marcação de CVP6	Não marcação de CVP
1225/1444	219/1444
(84,8%)	(15,2%)

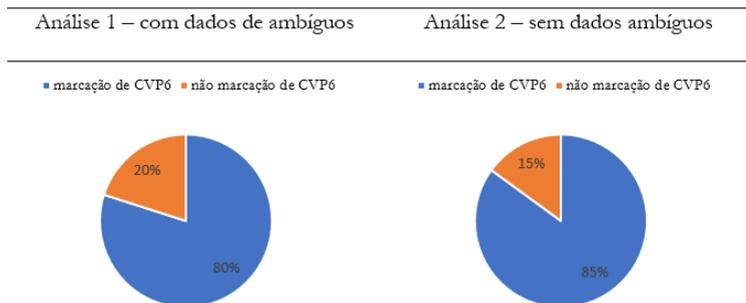


Figura 46: Comparação entre as frequências de aplicação da marcação de CVP6 nas duas análises empreendidas: Análise 1 - com dados ambíguos, Análise 2: sem dados ambíguos

Feita a exclusão dos dados ambíguos, que, a nosso ver, podem enviesar os resultados dos estudos que tratam do fenômeno de marcação explícita de CVP6, exibimos o comportamento, em percentuais, da variável *realização do ditongo*, grupo de fatores que não foi incluído na rodada estatística posterior. Os resultados relativos à realização fonética da marcação de CVP6 encontram-se expostos nas Figuras 47 e 48.

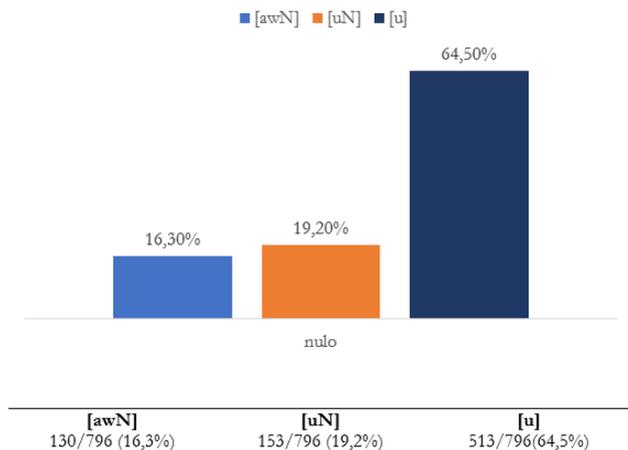


Figura 47: Realização fonética da marcação de CVP6 em formas verbais terminadas em ditongo nasal átono [awN]: Análise 2

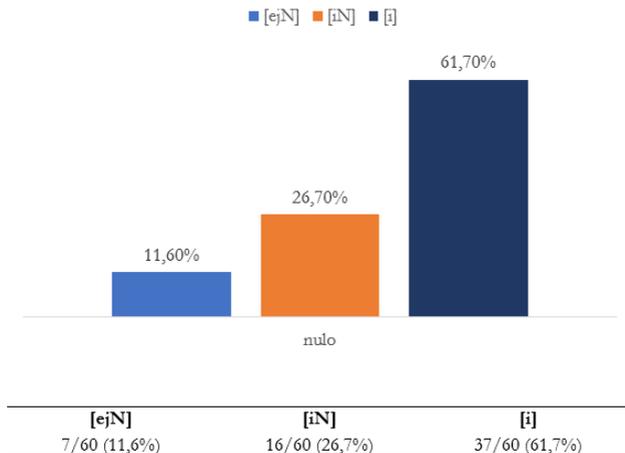


Figura 48: Realização fonética da marcação de CVP6 em formas verbais terminadas em ditongo nasal átono [ejN]: Análise 2

Assim como observado na Análise 1, tanto nas formas verbais terminadas em ditongo nasal átono [ẽw̃] como nas formas terminadas em ditongos [ẽj] o uso das formas monotongadas e desnasalizadas é bastante superior ao uso das formas nasalizadas (monotongos e ditongos nasais). Esse fato confirma, mais uma vez, a nossa hipótese de que as formas monotongadas (eles fal[ʊ] eles disser[ʊ]; eles diz[ɪ], eles faz[ɪ]) são empregadas na maioria das vezes em que a concordância é marcada explicitamente na forma verbal.

Após a análise univariada, procedemos à análise binomial dos grupos de fatores que cooperam com a realização da variante marcada. Nessa análise, levamos em conta as mesmas variáveis independentes consideradas na análise anterior, a saber: (i) *contexto fonético seguinte*, (ii) *tonicidade do contexto seguinte*; (iii) *saliência fônica*, (iv) *presença e localização do SN sujeito*; (v) *tipo de verbo*; (vi) *forma de realização do SN sujeito expresso*; (vii) *paralelismo formal do SN expresso*; (viii) *animacidade do sujeito*; (ix) *frequência do item lexical* – variáveis linguísticas; (x) *faixa etária*; (xi) *escolaridade* e (xii) *sexo* - variáveis extralinguísticas.

As variáveis apontadas como relevantes nessa análise, no nível *step up*, foram: (i) *presença e localização do SN sujeito*, (ii) *animacidade do sujeito*, (iii) *paralelismo formal do SN expresso*, (iv) *saliência fônica*, (v) *tipo de verbo*, (vi) *escolaridade*, (vii) *forma de realização do SN sujeito expresso* e (viii) *frequência lexical*.

Como podemos observar, a seleção de algumas variáveis sofreu alteração em virtude da exclusão dos dados ambíguos. Na Análise 2, com a extração dos "dados ambíguos", algumas alterações foram verificadas na comparação com a Análise 1: (i) a variável de natureza fonológica *contexto fonético seguinte*, selecionada como significativa na Análise 1, não foi selecionada na Análise 2 e (ii) a ordem de seleção dos fatores também não se manteve a mesma.

A Tabela 67 mostra a comparação entre as variáveis selecionadas nas duas rodadas e a posição delas no *ranking*.

Tabela 67: Comparação entre Análise 1 (com 'dados ambíguos') e Análise 2 (sem 'dados ambíguos'): seleção e ordem das variáveis no nível *step up*

Análise 1: com dados ambíguos	Análise 2: sem dados ambíguos
1. presença e localização do SN sujeito	1. presença e localização do SN sujeito
2. saliência fônica	2. animacidade do sujeito
3. animacidade do sujeito	3. paralelismo formal
4. paralelismo formal	4. saliência fônica
5. escolaridade	5. tipo de verbo
6. tipo de verbo	6. escolaridade
7. contexto fonético seguinte	7. tipo de sujeito
8. frequência lexical	8. frequência lexical
9. tipo de sujeito	
Input: 0,880	Input: 0,926
Significance: 0,036	Significance: 0,013

Como podemos constatar ao compararmos as variáveis eleitas em ambas as análises, é possível afirmar que, de fato, os dados ambíguos estavam obscurecendo, de certo modo, a análise dos dados. A variável *contexto fonético seguinte* provavelmente estava sendo apontada como estatisticamente significativa, na Análise 1, já que os processos de sândi externo foram computados como contexto seguinte vocálico. Além disso, como supomos que há, nos dados excluídos, enquadrados na categoria 1a de Naro (1981) casos de aplicação do fenômeno variável de RED/DES, e em virtude de esse processo ser condicionado pelo contexto seguinte, que esta seria uma outra razão para a seleção do grupo de fatores. Com a extração da categoria 1a, a escala de saliência fônica perde força também, se comparada à exercida pelas demais variáveis (sintáticas e semânticas) no que diz respeito à marcação explícita da concordância. Assim, julgamos fundamental que os estudos atentem para o fato de que tais dados, tal como já haviam sido denunciados por Guy (1981b), Guy (1996) e mais recentemente por Chaves (2014), Schwindt (2015) e Chaves (2016) merecem tratamento metodológico diferenciado, a fim de não resultar em interpretações a respeito do fenômeno, em parte, equivocadas.

Discutimos, a seguir, as variáveis apontadas como relevantes nesta segunda análise. Damos ênfase, neste momento, aos cruzamentos entre grupos de fatores, já que julgamos que esta análise é mais confiável do que a análise anterior.

(i) Presença e localização do SN sujeito

Em relação ao grupo de fatores *presença e localização do SN sujeito*, verificamos resultados próximos relativos aos da Análise 1, conforme exibe a Tabela 68.

Tabela 68: Efeito da variável *presença e localização do SN sujeito* sobre a ação da marcação explícita de CVP6 - Análise 2

Fator	Apl./Tot.	%	PR
nulo (Ø ador[õ] aquela galinha pintadinha.)	584/633	92,3	0,593
anteposto (Então <u>algumas</u> acab[õ] tendo que fazer.)	616/711	86,6	0,511
posposto (Então assim, são <u>algumas</u> palavra.)	23/98	23,5	0,060
Total	1223/1442	84,4	Range= 0,533 Input: 0,926 Significance: 0,013

Na Análise 2, assim como na Análise 1, mostraram-se favorecedores da marcação da CVP6 os fatores "SN nulo" (92,3%, PR: 0,593) e "anteposto" (86,6%, PR= 0,511). É importante frisar que os sujeitos nulos, assim como no estudo de [Poplack \(1980\)](#), foi o fator que desempenhou papel mais forte sobre a realização da foma marcada, resultado que, como já mencionado na Análise 1, seria argumento para se conjecturar a ação de forças de natureza funcional sobre o fenômeno de marcação explícita de número.

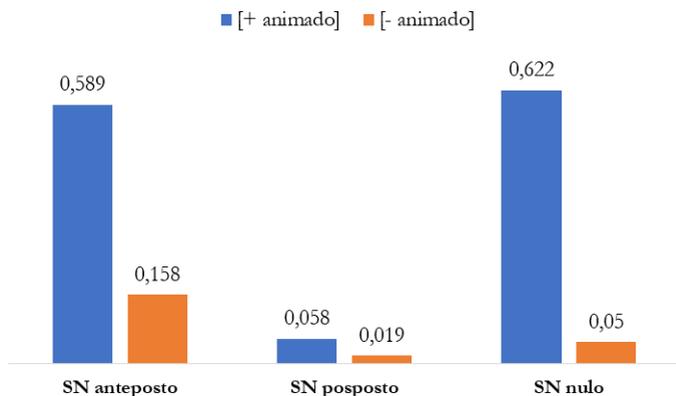
(ii) Animacidade do sujeito

Também de forma análoga à Análise 1, os sujeitos com o traço semântico [+ animado] mostraram influenciar significativamente a variante marcada, como expõe a Tabela 69.

Tabela 69: Efeito da variável *animacidade* sobre a ação da marcação explícita de CVP6 - Análise 2

Fator	Apl./Tot.	%	PR
[+animado] (Eles moraru, não moru aqui.)	1164/1300	89,5	0,555
[-animado] (E os barco são seguro, é bom.)	59/142	41,5	0,116
Total	1223/1442	84,4	Range=0,439 Input: 0,926 Significance: 0,013

Como exposto na Tabela 69, SNs sujeitos com o traço [+animado] (89,5%, PR: 0,555) apresentam índice percentual e probabilístico bastante superior ao de SNs sujeitos com o traço semântico [-animado] (41,5%, PR: 0,116). Com vistas a aprofundar nossa análise, apresentamos, a seguir, o cruzamento entre os fatores das variáveis linguísticas *animacidade do sujeito* e *posição do sujeito*.

Figura 49: Cruzamento entre as variáveis *animacidade do sujeito* e *presença e localização do SN sujeito*

O cruzamento entre os fatores das variáveis linguísticas *animacidade do sujeito* e *presença e localização do SN sujeito* indica apenas duas combinações de fatores como relevantes:

(i) sujeitos antepostos com o traço [+animado] (PR: 0,589) e (ii) sujeitos nulos com o traço [+animado] (PR: 0,622). Todas as demais interações entre fatores não se mostraram estatisticamente significativas. O favorecimento do fator [+animado] em comparação ao fator [-animado] na marcação da CVP6, portanto, é verificada independente se o sujeito é anteposto, posposto ou nulo. Como podemos observar no Gráfico 49, as barras azuis são mais altas, independente da presença e localização do SN sujeito.

Outro cruzamento empreendido por nós foi entre os fatores das variáveis *animacidade do sujeito* e *tipo de verbo*, conforme exposto no Gráfico 50, a seguir.

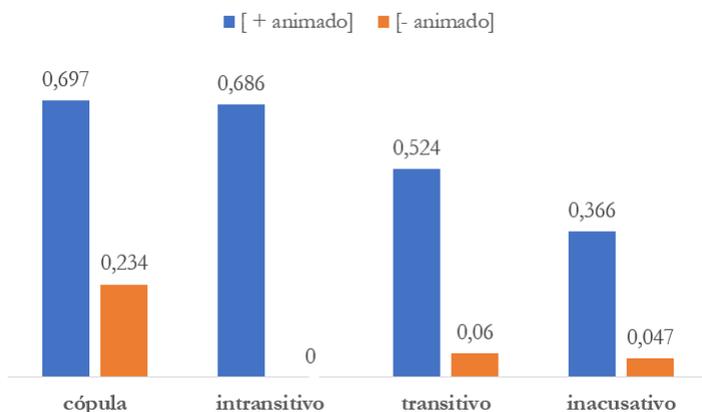


Figura 50: Cruzamento entre as variáveis *animacidade do sujeito* e *tipologia verbal*

Mais uma vez a forte força do traço semântico [+animado] é atestada. Independente do tipo de verbo, a concordância é computada em valores superiores se comparado aos valores relativos ao traço [-animado]. As interações entre fatores que desempenharam papel relevante na marcação da CVP6 foram: (i) verbo cópula + traço [+animado] (PR: 0,697), (ii) verbo intran-

sitivo + traço [+ animado] (PR: 0,691) e (iii) verbo transitivo + traço [+ animado] (PR: 0,524).

(iii) Paralelismo formal do SN sujeito

De forma análoga à Análise 1, a ideia de que quanto mais marcas de número explícitas no SN, maior probabilidade de marcação concomitante nas formas verbais foi atestada. A Tabela 70 expõe os índices de marcação para cada um dos fatores componentes desta variável.

Tabela 70: Efeito da variável *paralelismo formal do SN expresso* sobre a ação da marcação explícita de CVP6: Análise 2

Fator	Apl./Tot.	%	PR
presença de marca de plural no último elemento do SN sujeito (Várias reformas for[çw] feita, né?)	482/534	90,3	0,554
presença da marca zero no último elemento do SN sujeito (As notíciaØ não são muito boa, né?)	136/243	56	0,395
presença de numeral terminado em /s/ no último elemento do SN sujeito (Os três estudar[is] Administração.)	15/19	78,9	0,401
presença de numeral não terminado em /s/ no último elemento do SN sujeito (A quinta, a sexta e a sétima são na Lagoa.)	6/13	46,2	0,407
Total	639/809	79	Range= 0,159

Input: 0,926
Significance: 0,013

Os resultados constantes na Tabela 70, indicam que SNs com presença de marca de número no último elemento desencadearam a marcação explícita de CVP6 em 90,3% dos casos (Pr: 0,554). Já os demais fatores não desempenharam papel na realização da variante marcada.

(iv) Saliência fônica

A variável *saliência fônica*, apesar da extração dos dados correspondentes à categoria 1a da escala de Naro (1981), continuou não apresentando a hierarquia numérica esperada pelo proponente da escala, como é possível vislumbrar na Tabela 71.

Tabela 71: Efeito da variável *saliência* sobre a ação da marcação explícita de CVP6 - Análise 2

Fator	Apl./Tot	%	PR
nível 1a (Eles vend[êj] transformador.)	-	-	-
nível 1b (Eles peg[uv] qualquer animal.)	498/536	83,6	0,314
nível 1c (Eles faz[êj] na Igreja também.)	58/74	78,4	0,245
nível 2a (Tão tudo criado.)	163/182	89,6	0,768
nível 2b (Nossos pais se for[uv].)	110/119	92,4	0,809
nível 2c (Os três começar[ôw] lá no, no centro, né??)	147/156	94,2	0,654
nível 2d (Elas são muito minha amiga.)	194/252	77	0,524
nível 2e (Os homens não vier[uv] tomar café ainda.)	53/63	84,1	0,635
Total	1223/1442	84,4	Range=0,564

Input: 0,926
Significance: 0,013

Segundo os resultados apresentados na Tabela 71, não se observa um aumento nos valores de aplicação de marcação explícita de CVP6 na direção 1b < 1e, como prevê a hierarquia de Naro (1981). Como este é o terceiro estudo realizado com dados de Florianópolis que não atesta a proposta escalar de Naro (1981), acreditamos que seja necessário repensar a hierarquia. Uma proposta pertinente seria formular uma escala que leve em conta a estratificação social das realizações fonéticas nas oposição singular/plural (cf. abordamos no Capítulo 6). Acreditamos que os dados de Naro (1981) e Guy (1981a) confirmam o efeito da *saliência* nos níveis propostos, em função de ambos terem investigado apenas a fala de sujeitos analfabetos. Se observarmos os resultados de Vieira (1997), autora que também analisou dados de fala carioca, a *saliência* também não é atestada. Ao lidarmos com dados de fala de sujeitos com diversos graus de instrução, constatamos que a hierarquia, assim como proposta, não é adequada.

(v) Tipo de verbo

Ao investigarmos essa variável, nesta nova análise, observamos, mais uma vez, assim como na Análise 1, efeito seme-

lhante dos fatores na marcação explícita da CVP6, como mostra a Tabela 72.

Tabela 72: Efeito da variável *tipologia verbal* sobre a ação da marcação explícita de CVP6 - Análise 2

Fator	Apl./Tot.	%	PR
intransitivo (Eles mor[<u>o</u>] aqui também.)	125/135	92,6	0,651
transitivo (Foram os dois que abri[r] <u>o</u>] aqui o La Costa.)	602/666	90,4	0,463
cópula (Eles vão lá pra lá fora e <u>são</u> obrigado a estudar.)	276/359	76,9	0,658
inacusativo (Ai todos os barco <u>vão</u> atrás do barco da Santa, né?!)	220/282	78	0,315
Total	1223/1442	84,4	Range=0,343 Input: 0,926 Significance: 0,013

De forma análoga aos resultados da Análise 1, os verbos intransitivos, como esperado, mostraram ser o fator que colabora de forma mais significativa com a presença de marcas nas formas verbais (92,6%, PR: 0,651). Além dos verbos intransitivos, mostraram-se também relevantes os verbos copulativos (76,9%, PR: 0,658). Assim como na Análise 1, os verbos cópula apresentam peso probabilístico bastante elevado se comparado ao percentual de marcação explícita neste contexto. Diante desses resultados, julgamos adequado realizar um cruzamento entre os fatores das variáveis *tipo de verbo* e *posição do sujeito*, a fim de identificar qual propriedade desencadeia este peso relativo alto nesse tipo de verbo em específico. Os resultados desse cruzamento encontram-se disponíveis na Gráfico 51.

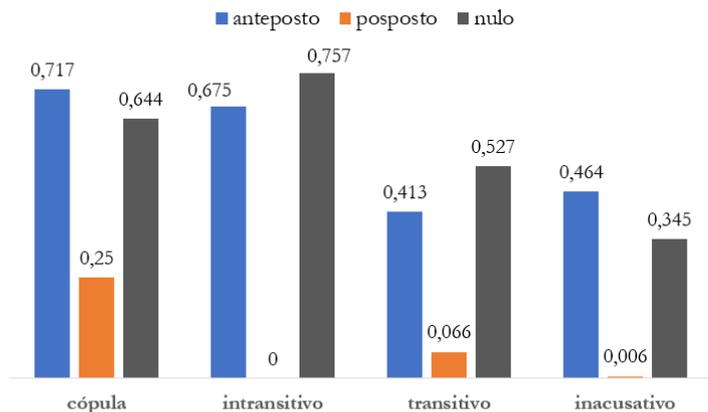


Figura 51: Cruzamento entre os fatores das variáveis *animacidade do sujeito* e *tipologia verbal*

De acordo com os resultados exibidos no Gráfico 51, as combinações entre fatores, apontadas como relevantes foram: (i) cópula + sujeitos antepostos (PR: 0,717); (ii) cópula + sujeito nulo (PR: 0,644); (iii) intransitivo + sujeito anteposto (PR: 0,718); (iv) intransitivo + sujeito anteposto (PR: 0,757) e (v) intransitivo + sujeito nulo (PR= 0,757) e (v) transitivo + sujeito nulo (PR: 0,527). Conforme é possível verificar, apesar de os verbos cópula não favorecerem a concordância quando associados a sujeitos pospostos, observa-se colaboração da aplicação do fenômeno nos demais contextos, fato que pode estar contribuindo para a diferença entre valores percentuais e probabilísticos, narrados anteriormente. Cabe destacar que a associação entre verbos intransitivos e sujeitos pospostos indicou não aplicação categórica do fenômeno de CVP6. No que toca às demais associações entre fatores verificamos pouco favorecimento na manifestação do fenômeno em estudo.

Assim como ressaltado por [Monguilhott e Coelho \(2011, p. 318\)](#), os verbos inacusativos associados a SNs pospostos apresentaram valor probabilístico irrisório de marcação de CV (PR: 0,006) no cruzamento apresentado. As autoras, no que tange à associação entre esses os fatores das variáveis *tipo de verbo* e *presença e localização do SN sujeito* variáveis, concluem que seus resultados:

Acenam [...] para duas correlações: (i) entre tipo de verbo, ordem do sujeito e concordância verbal: inversão inacusativa favorece a não marcação da concordância verbal; (ii) entre inversão inacusativa, traço semântico do sujeito e concordância verbal: "sujeitos" de inversão inacusativa (VS), marcados com traço [-humano], tendem a não marcação da concordância. (MONGUILHOTT; COELHO, 2011, p. 318)

Diante do que foi posto, fica nítido o imbricamento entre as variáveis *tipo de verbo*, *presença e localização do SN sujeito* e *traço animado/humano do sujeito*.

(vi) Escolaridade

Assim como esperado, a variável *escolaridade* também se mostrou significativa na Análise 2, como ilustram os valores da Tabela 73.

Tabela 73: Efeito da variável *escolaridade* sobre a ação da marcação explícita de CVP6 - Análise 2

Fator	Apl./Tot	%	PR
de 0 a 6 anos	443/542	81,7	0.440
de 7 a 12 anos	623/725	85,9	0.478
mais de 13 anos	157/175	89,7	0.753
Total	1223/1442	84,8%	Range:0,313
			Input: 0,880
			Significance: 0,036

Os resultados para essa variável foram praticamente os mesmos encontrados na Análise 1, com leves oscilações nos va-

lores probabilísticos. Sendo assim, verificamos que informantes com mais de 12 anos de escolaridade (nível c) foram os que favoreceram, de forma mais significativa, a marcação explícita da CVP6 (89,7%, PR: 0,753). Os demais níveis de escolaridade não mostraram efeito sobre a concordância.

Julgamos interessante realizar um cruzamento entre os fatores dessa variável e os da variável *saliência fônica*, exposto na Figura 52.

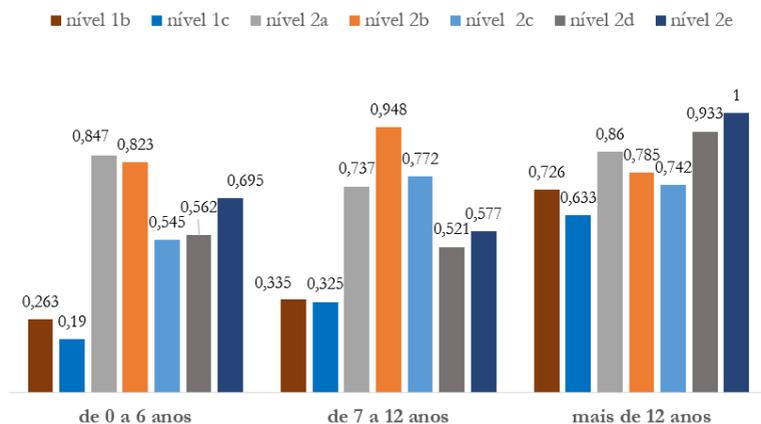


Figura 52: Cruzamento entre os fatores das variáveis *escolaridade* e *saliência fônica*

A partir de observação holística do Gráfico anterior, podemos constatar que os falantes com escolaridade de "de zero a seis anos" e "de sete a 12 anos", de fato, não parecem ser sensíveis à saliência das formas tal qual proposta por [Naro \(1981\)](#). A escala de saliência, encontra certa ascendência de valores (na direção 1b < 1e), apenas quando os fatores da variável *saliência fônica* são cruzados com o fator 'mais de 12 anos de estudo'. Esse gráfico traz mais argumentos para se repensar a escala de saliência fônica como um princípio, já que, nitidamente, a

variável se comporta de forma diferenciada entre sujeitos com graus de instrução formal distintos.

(vii) Forma de realização do SN sujeito

Da mesma forma que na Análise 1, a variável *forma de realização do SN sujeito expresso* mostrou-se relevante. No entanto, nessa nova rodada, o grupo de fatores se mostrou mais significativo do que a variável *frequência do item lexical*. Os resultados relativos a esse grupo, encontram-se na Tabela 74.

Tabela 74: Efeito da variável *forma de realização do SN sujeito expresso* sobre a ação da marcação explícita de CVP6 - Análise 2

Fator	Apl./Tot.	%	PR
SN pronome pessoal (Dai eles faz[is] o horário nesse intervalo, né?)	343/358	95,8	0,666
SN pronome indefinido (Alguns desrespeitar[is] assim.)	39/44	88,6	0,687
SN + pronome relativo (As pessoas que já não gost[is], né?)	39/52	75	0,272
SN simples (Os irmão dele também morUN aqui.)	197/310	63,5	0,362
SN pronome demonstrativo (Então esses são sempre os mesmo, né?)	5/8	62,5	0,376
SN composto (O rapaz e a raça miúda sair[is] tudo.)	16/37	43,2	0,202
Total	639/809	79	Range= 0,485 Input: 0,926 Significance: 0,013

Os SNs com pronomes indefinidos (88,6%, PR: 0,687) e os SNs pronomes pessoais (95,5%, PR:0,666), mostraram-se tal qual a análise anterior, significativos à marcação explícita de número nas formas verbais. Já os demais fatores não mostraram relevância significativa no condicionamento da variante marcada.

Mais uma vez observamos a falta de correspondência entre valores percentuais e valores probabilísticos. Como podemos destacar, as variáveis linguísticas, delimitadas como possíveis condicionadoras do fenômenos de marcação explícita de CVP6, estão intimamente relacionadas, fato que provoca a interferência de um grupo de fatores sobre os outros. Em nossos dados, no que tange à variável *forma de realização do SN expresso*,

podemos destacar que os SN pronominais, quase categoricamente, ocuparam posição pré-verbal.

(viii) Presença e localização do SN sujeito

O grupo de fatores *frequência do item lexical*, último grupo de fatores selecionados, também foi apontado, assim como na Análise 1, como relevante. Os resultados a seguir mostram os valores percentuais e probabilísticos do condicionamento desta variável sobre a marcação da CVP6.

Tabela 75: Efeito da variável *frequência lexical* sobre a ação da marcação explícita de CVP6 - Análise 2

Fator	Apl./Tot.	%	PR
grupo 1 – palavras infrequentes (Eles vel[ew] ali e, de manhã, levam pro cemitério.)	27/30	90	0,516
grupo 2 – palavras pouco frequentes (Eles tipo eles já avis[ew] antes que o pessoal.)	122/132	92,4	0,745
grupo 3 – palavras com frequência média (Meus pais mor[ew] hoje aqui.)	418/475	88	0,587
grupo 4 – palavras frequentes (Os pai começar[u] a fazer escola.)	347/428	81,1	0,403
grupo 5 – palavras muito frequentes (E eles tão se virando.)	309/377	82	0,406
Total	1223/1442	84,4	Range=0,339
			Input: 0,926
			Significance: 0,013

De forma análoga ao observado na Análise 1, as formas verbais menos frequentes, tomando como base o Banco do Projeto ASPA, foram aquelas em que mais se verificou presença de marcas de CVP6: palavras infrequentes (90,0%, PR: 0,516), palavras pouco frequentes (92,4%, PR: 0,745) e palavras com frequência moderada (88,0%, PR: 0,587). Os demais fatores (palavras frequentes e palavras muito frequentes) não desempenharam papel na marcação da CV. De acordo com o que já foi relatado anteriormente, segundo as teorias baseadas no uso (BYBEE, 2001; BYBEE, 2010) quanto mais infrequentes são os itens lexicais, mais resistentes à ação de fenômenos, como por exemplo, a não marcação de número e gênero.

5.3.5 Marcação de CVP6: comparação entre as Análises 1 e 2

Em relação ao fenômeno variável de marcação explícita de CVP6, com base na comparação entre as Análises 1 e 2, podemos destacar que, com a exclusão de dados ambíguos, diferenças significativas foram observadas nos resultados da Análise 2, a saber: (i) aumento da frequência geral de aplicação do fenômeno (Análise 1: 79,7%, Análise 2: 84,4%); (ii) alteração significativa na ordem de fatores selecionados pelo pacote estatístico Goldvarb X. Vale destacar que, possivelmente, a interferência dos dados ambíguos possa ser verificada em maior escala em estudos com um universo amostral superior ao considerado por nós. Desse modo, destacamos a necessidade de um tratamento metodológico que dê conta dos casos de dados ambíguos na investigação do fenômeno variável de marcação variável explícita de CVP6.

5.4 Síntese

Neste capítulo, apresentamos as análises variacionistas de cada um dos fenômenos investigados nesta tese: o de RED/DES e o de marcação explícita de CVP6. Em um primeiro momento, expomos os procedimentos metodológicos adotados no processo de coleta, levantamento e codificação de dados. Em seguida, apresentamos duas análises distintas para a RED/DES (Análise 1: sem exclusão de dados ambíguos, Análise 2: com exclusão de dados ambíguos). As mesmas duas análises foram empreendidas para o fenômeno de marcação explícita de CVP6.

Nosso objetivo principal, neste capítulo, foi o de verificar a influência dos dados ambíguos sobre as análises dos dois fenômenos centrais a este estudo. Conforme narrado, o impacto da exclusão de dados ambíguos foi maior na análise do fenômeno variável de CVP6 do que na análise do fenômeno de RED/DES.

Sendo assim, assumimos que é de suma importância que estudos que tratam dos fenômenos variáveis em questão disponham de dispositivos metodológicos para lidar com os possíveis vieses gerados por esses dados nas análises.

No próximo capítulo, apresentamos uma análise de correlação entre os dois fenômenos supracitados. Além disso, discutimos o *status* da variável *saliência fônica*, grupo de fatores que, assim como proposto por Naro (1981) a nosso ver, denuncia a intersecção entre os dois fenômenos variáveis, como já ressaltado por Guy (1981a).

6 Estudo de correlação: RED/DES e marcação ex- plícita de CVP6

Neste último capítulo, apresentamos os resultados do estudo da correlação entre os dois fenômenos variáveis em exame nesta tese: (i) o de RED/DES (garagem ~ garage, falaram ~ falaru) e (ii) o de marcação explícita de CVP6 (As criança brinca, tão crescendo ~ Eles ainda são assim, brincu bastante).

Em linhas gerais, os estudos variacionistas que visam verificar correlação entre fenômenos variáveis, com vistas a mapear a fala de um determinado grupo social, levam em conta a coocorrência de determinadas variantes nos dados dos indivíduos pertencentes àquele determinado grupo. De forma mais clara, os estudos buscam estabelecer essas correlações a partir do *status* assumido por determinadas variantes no uso de um determinado grupo social. No caso do PB, por exemplo, supomos que a fala de pessoas que fazem parte de grupos com mais prestígio social utilizarão uma fala próxima à estabelecida pela norma culta (fala *standard*).

No que se refere diretamente aos dois fenômenos investigados nesta tese, segundo indicam os resultados divulgados no Capítulo 5, tanto a marcação explícita da CVP6 quanto a manutenção da nasalidade (seja em ditongos ou monotongos) parecem vincular prestígio. Em acréscimo, como discutido no Capítulo 3, esses dois fenômenos não se caracterizam apenas por seu *status* social: os processos apresentam certo grau de interdependência linguística, haja vista que muitas formas verbais

apresentam terminação em ditongos nasais átonos, os quais estão sujeitos à ação da RED/DES.

Com base no que foi posto, exploramos neste capítulo, na Seção 6.1, um pouco dos estudos variacionistas que se centraram no estudo da correlação socioletal. Na Seção 6.2, apresentamos um estudo de correlação entre o comportamento do indivíduo (organizado por escolaridade - traço frequentemente mensurado para medir variantes de prestígio em dados do PB) e cada um dos fenômenos analisados nesta tese, considerando a Análise 1 (análise que levou em conta casos de dados ambíguos) e a Análise 2 (análise que excluiu os casos de dados ambíguos). Na Seção 6.3, expomos uma correlação entre ambos os fenômenos, estabelecendo uma associação, por indivíduo, dos pesos relativos referentes a cada um deles na aplicação dos fenômenos em exame. Por fim, na Seção 6.4, refletimos, fundamentados nos resultados de correlação e nos achados apresentados nos capítulos prévios, a respeito da escala de saliência fônica proposta por [Naro \(1981\)](#).

6.1 O estudo correlação sociodialetoal nos estudos sociolinguísticos

Tratar de correlação entre fenômenos linguísticos variáveis significa tratar diretamente do imbricamento entre variáveis no sistema (linguístico e social). Nos termos da TVM ([WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968](#)), ao se estudar as correlações, sejam elas entre variáveis independentes linguísticas e uma determinada variável dependente ou entre dois fenômenos linguísticos, estamos tratando, diretamente de um dos problemas apontados como fundamentais para a "construção" de uma teoria que dê conta das questões de variação/mudança: o problema do encaixamento.

Na história dos estudos sociolinguísticos, [Labov \(1966\)](#) foi pioneiro ao estudar relação entre variáveis linguísticas fonológicas que coocorrem com outras de forma não casual, em dados de fala de Nova Iorque. Em seu estudo, Labov apresenta uma série de co-variações (correlação entre variantes): (i) co-variação entre (aeh) e (oh), (ii) co-variação entre (ay) e (aw); (iii) co-variação entre (ah) e (oh), (iv) co-variação entre (ah), (aeh) e (oh), entre outras. Labov, mostra, portanto, a correlação entre uma série de variantes fonológicas empregadas conjuntamente por diferentes grupos sociais, as quais podem ser caracterizadas como índices linguísticos desses socioletos. Na [Figura 53](#), temos uma síntese da associação de variantes vocálicas apontadas por [Labov \(1966\)](#) como característica de grupos sociais de maior *status* na comunidade novaiorquina.

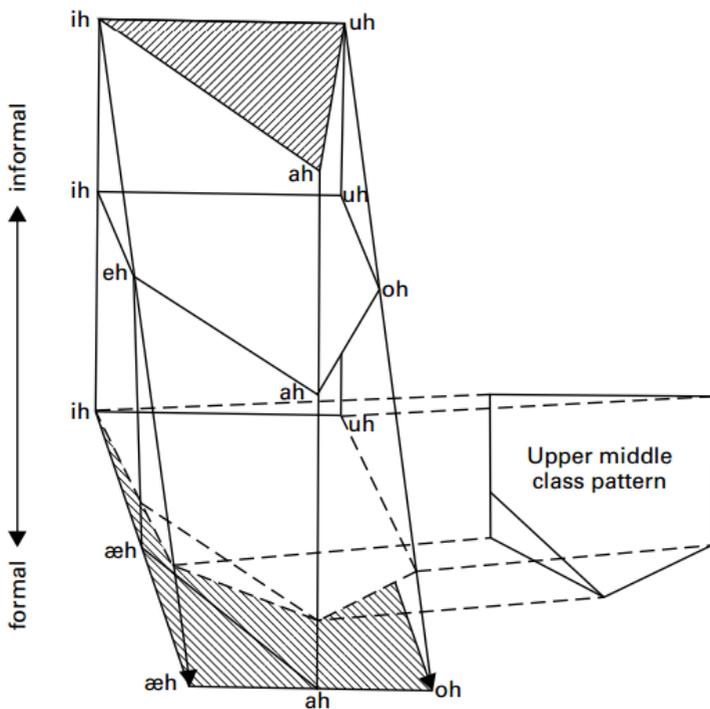


Figura 53: A estrutura do sistema vocálico de Nova Iorque de acordo com a variação estilística (LABOV, 1966, p.368)

Segundo expresso na Figura 53, a parte inferior do diagrama apresenta as formas variantes empregadas em estilos mais formais e a parte superior, as variantes utilizadas em estilos mais informais. Podemos observar, por exemplo, que, na fala mais coloquial, o emprego do (ih) prevalece e, à medida que a fala vai se tornando menos coloquial, o (ih) passa para (eh) e, por fim, em um estilo de fala extremamente formal, para (æh). Do mesmo modo, observamos um padrão na direção (uh) > (oh). A parte do gráfico demarcada como característica do padrão da *upper middle class* exhibe a correlação entre variantes de prestígio empregadas por esse grupo.

No que tange especificamente aos dados do português, podemos citar o estudo de correlação realizado por [Guy \(2013\)](#), no qual o autor buscou correlacionar os quatro fenômenos variáveis já explorados em sua tese de doutorado ([GUY, 1981a](#)), a saber: (i) marcação da concordância nominal; (ii) marcação da concordância verbal de P6; (iii) apagamento de -s em final de palavra; (iv) desnasalização de vogais átonas finais. Ao assumir como premissa que os socioletos são coerentes, isto é, que indivíduos que apresentam altos índices de uso de uma variante padrão empregariam, em sua fala, uma série de outras variantes de prestígio, [Guy \(2013\)](#) parte da premissa de que encontraria, em seu trabalho, uma correlação positiva entre índice de aplicação de concordância verbal e nominal. Assim como conjecturado pelo autor, a correlação foi verificada, como mostra a [Figura 54](#).

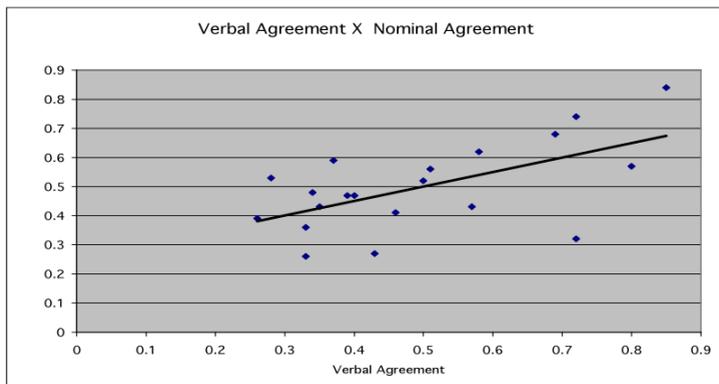


Figura 54: Correlação entre os fenômenos variáveis de concordância nominal e concordância verbal de terceira pessoa do plural em dados de fala carioca ($r=.59$, $p < 0.01$) ([GUY, 2013](#), p.68)

De acordo com os resultados apresentados no Gráfico 54, observa-se uma correlação positiva entre os fenômenos de concordância verbal e nominal, a qual apresenta coeficiente de correlação de $r=.59$. Esse resultado significa que, os informantes,

representados por cada um dos losangos no gráfico, que apresentam maiores índices probabilísticos de marcação explícita de CN apresentam, concomitantemente, maiores índices, também, de marcação explícita de CVP6. Além de a marcação da concordância, tanto verbal quanto nominal, serem variantes de prestígio no PB, há entre esses dois fenômenos em variação uma relação estrutural muito forte, diferentemente do que verifica Guy, no mesmo estudo, ao correlacionar, por exemplo, apagamento de -s em posição de coda e desnasalização, como mostra o Gráfico 55, a seguir.

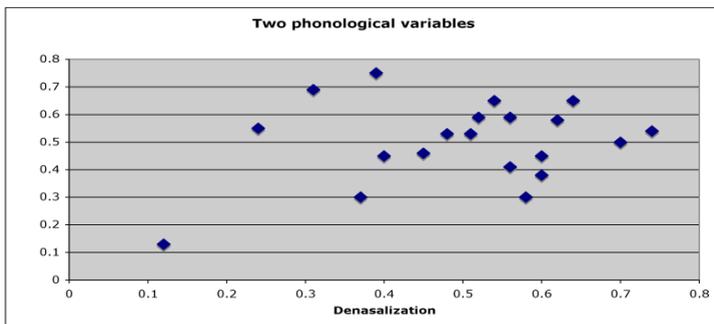


Figura 55: Correlação entre os fenômenos variáveis de apagamento de -s em posição de coda silábica e de desnasalização em dados de fala carioca ($r=.26$, $p>.28$) - correlação não significativa) (GUY, 2013, p. 68)

No Gráfico 55, não se observa nenhuma correlação entre os fenômenos de obliteração do -s (dois ~ doi, mas ~ ma) e a queda da nasalidade (homem ~ homi, disseram ~ disseru). Tal fato era esperado já que não há, entre esses dois fenômenos linguísticos, nenhuma relação estrutural, como existe, por exemplo, entre os fenômenos de concordância nominal e de concordância verbal. Em acréscimo, apesar de a queda do -s em final de palavra parecer ser um fenômeno estigmatizado, não temos os mesmos indícios, no que se refere à fala carioca, em relação ao fenômeno de obliteração da nasalidade. Desse modo,

não esperaríamos, de fato, nenhuma correlação entre esses dois fenômenos visto que não há nenhuma justificativa linguística, nem uma questão de coerência dialetal indicando uma provável associação entre ambos os fenômenos.

Por fim, Guy associa, observando o comportamento linguístico dos indivíduos investigados, os fenômenos de RED/DES e CVP6, caso de especial interesse para este estudo, conforme ilustra a Figura 56.

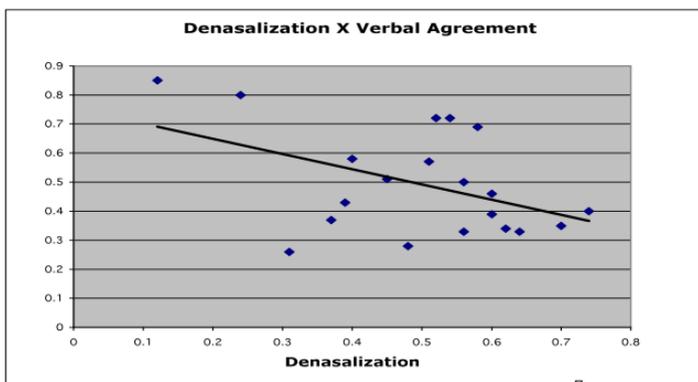


Figura 56: Correlação entre os fenômenos variáveis de desnasalização (eixo x) e de marcação explícita de CVP6 (eixo y) em dados de fala carioca ($r=-.45$, $p<.05$) (GUY, 2013, p. 67)

A correlação entre os fenômenos variáveis de RED/DES e de marcação explícita de CVP6 mostrou-se significativa nos dados da fala de 20 informantes cariocas¹. Apesar de ter encontrado uma correlação linear negativa significativa, isto é, quanto mais um informante realiza um dos fenômenos variáveis, menor a tendência de ele realizar o outro, a força da correlação desses dois fenômenos se mostrou moderada ($r=-.45$). Cabe ressaltar aqui, conforme ressaltado ao longo desta tese, que, há

¹ Guy (2013) analisa os mesmos dados que havia investigado em sua tese de doutorado (GUY, 1981a)

uma conexão estrutural entre ambos os fenômenos, visto que em uma parcela de casos, os "dados ambíguos" (eles comem ~ eles come, eles sabem ~ eles sabe, podem ser caracterizados tanto como não aplicação de marcação de CV quanto como aplicação de RED/DES.

Com o intuito de apresentar um panorama geral do estudo de correlação empreendido por [Guy \(2013\)](#), temos o esquema apresentado por ele, conforme Figura 57.

	Noun/SDel	Verb/Denas
Syntax (agreement)	NA --- .59** --- VA	
	\	/
	-.74***	-.45*
	-.37	-.44*
Phonology (-s deletion, denasalization)	/	\
	SDel --- .26 --- Denas	

Figura 57: Correlação entre os fenômenos de queda de -s em final de palavra, desnasalização, marcação explícita de CV e marcação explícita de CN ([GUY, 2013](#), p. 67)

Segundo os resultados divulgados por [Guy \(2013\)](#), conforme Figura 57, as correlações entre fenômenos que se mostraram significativas na fala dos 20 informantes investigados foram: (i) marcação explícita da concordância nominal e apagamento de -s ($r = -.74$ - forte correlação negativa); (ii) marcação explícita de concordância nominal e marcação explícita de CVP6 ($r = .59$ - correlação positiva moderada); (iii) marcação explícita de CVP6 e desnasalização ($r = -.45$ - correlação negativa moderada).

Mais recentemente, [Oushiro \(2015a\)](#), investigou as possíveis correlações entre seis fenômenos variáveis que, segundo a autora, seriam característicos do dialeto paulistano. As covariações foram analisadas pela autora nos fenômenos exibidos

na Figura 58.

- a. (ẽ): [ẽ] vs. [ẽ̃] *fazenda, sempre*
- b. (-r): [r] vs. [ɹ] *porque, mulher*
- c. (R-0): [r/ɹ] vs. ∅ *porque, mulher*
- d. (CN-atomística): *os – menino-s* vs. *os – menino-∅*
- e. (CV-3PP): *eles falaram* vs. *eles falou*
- f. (CV-1PP): *nós falamos* vs. *nós falou*

Figura 58: Fenômenos variáveis investigados por Oushiro (2015a)

Em linhas gerais, conforme os exemplos expostos anteriormente, a autora identificou, antes da realização da pesquisa, traços linguísticos característicos da fala da cidade de São Paulo, a fim de buscar estudar a co-variação entre eles. Os fenômenos em variação tratados foram: (i) uso de [ẽ̃] *versus* [ẽN] em palavras como *fazenda*; (ii) uso do "r retroflexo" *versus* uso do tepe em posição de coda medial e/ou final de palavra; (iii) uso do R (retroflexo ou tepe) *versus* apagamento de R em coda medial e/ou final; (iv) marcação *versus* não marcação explícita de terceira pessoa do plural (3PP); (v) marcação explícita *versus* não marcação de primeira pessoa do plural. Os resultados divulgados pela pesquisadora encontram-se expostos nas Figuras 59 e 60.

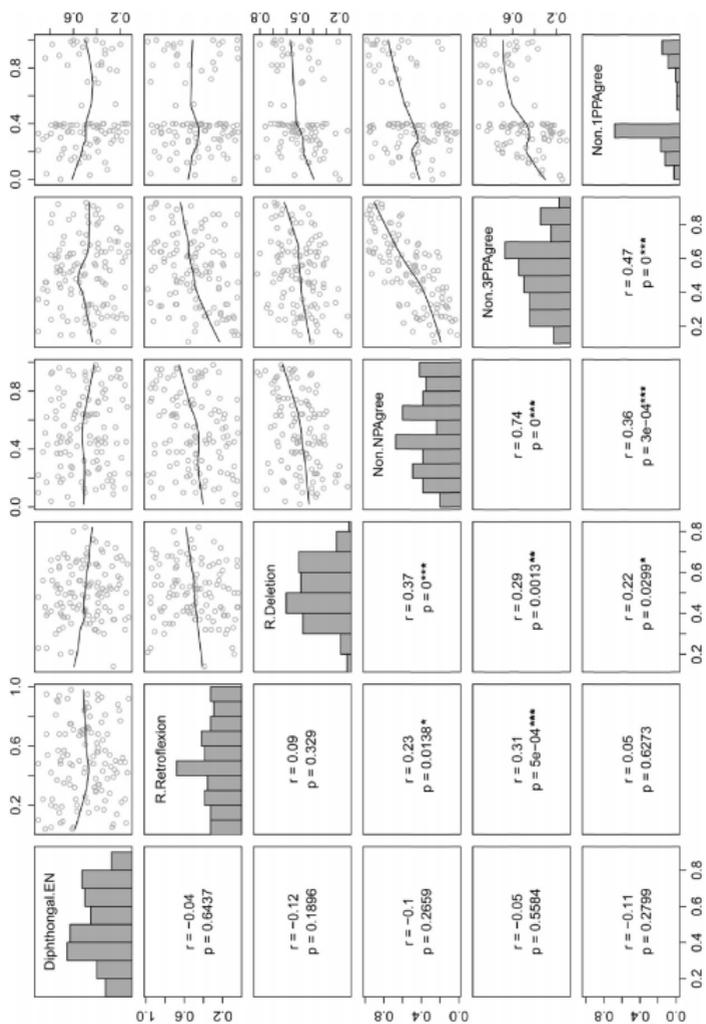


Figura 59: Resultados das co-variações (OUSHIRO, 2015b, p. 7)

	Estruturalmente relacionadas?	
	Sim	Não
Covariação	CN-∅ / 3PP-∅ 3PP-∅ / 1PP-∅ CN-∅ / 1PP-∅	[ɹ] / CN-∅ [ɹ] / 3PP-∅ R-0 / CN-∅ R-0 / 3PP-∅ R-0 / 1PP-∅
Não covariação	[ɹ] / R-0	[ẽɹ̃] / [ɹ] [ẽɹ̃] / R-0 [ẽɹ̃] / CN-∅ [ẽɹ̃] / 3PP-∅ [ẽɹ̃] / 1PP-∅ [ɹ] / 1PP-∅

Figura 60: Resultados das covariações 2 (OUSHIRO, 2015b, p. 9)

De acordo com os resultados dos testes de correlação empregados entre cada par de fenômenos linguísticos, Oushiro (2015a) encontrou co-variação entre os seguintes fenômenos: (i) não marcação de concordância nominal e não marcação de concordância verbal de terceira pessoa do plural; (ii) não marcação de concordância verbal de terceira pessoa do plural e não marcação de primeira pessoa do plural; (iii) não marcação de concordância nominal e não marcação de primeira pessoa do plural (fenômenos estruturalmente relacionados); (iv) realização do "r retroflexo" e apagamento do R em posição de coda medial ou final.

Apresentado um breve panorama sobre os estudos sociolinguísticos de correlação entre fenômenos variáveis, na próxima seção, expomos o teste de correlação de Pearson, empregado para verificar se duas variáveis apresentam correlação linear. Além disso, narramos como os resultados obtidos após a aplicação deste teste são interpretados.

6.2 O teste de correlação de Pearson e a interpretação da força das correlações e sua significância estatística

O teste de correlação de Pearson é um teste que só pode ser aplicado a variáveis quantitativas discretas. Em outros termos, só é possível aplicá-lo a variáveis com valores numéricos. Desse modo, não há, como, por exemplo, estabelecer uma correlação entre as variáveis aplicação de RED/DES (variável dependente) e escolaridade (variável independente), visto que ambas as variáveis são nominais: a variável dependente tem como variantes "aplica" *versus* "não aplica", e a variável sexo tem como fatores, duas categorias, "homens" e "mulheres". Desse modo, para que fosse possível obter valores numéricos a partir de variáveis nominais, extraímos o peso relativo referente à aplicação dos fenômenos de RED/DES e de marcação explícita de CVP6 de cada um dos 24 informantes que compõem nossa amostra.

Com esses valores, realizamos, em um primeiro momento, testes de correlação entre o peso relativo de aplicação de cada informante (tanto para o fenômeno de RED/DES quanto para a marcação explícita de CVP6) e a variável escolaridade, discretizada em valores numéricos (de 1 a 24), correspondendo cada valor a um indivíduo disposto em ordem ascendente de escolaridade. Em seguida, com os valores em peso relativo de cada informante para cada fenômeno, assim como Guy (cf. Figura 56), correlacionamos os dois fenômenos variáveis estudados nesta tese: o de RED/DES e o de marcação explícita de CVP6. O teste de correlação de Pearson foi realizado no software R (RStudio)².

As correlações, caso verificadas, podem ser de dois tipos: correlações positivas e correlações negativas. Quando os dados assumem uma configuração linear ascendente, temos uma cor-

² Download disponível em: <https://www.rstudio.com/>

relação positiva. Quando a configuração linear é descendente, temos uma correlação negativa. No entanto, a configuração linear positiva ou negativa só é validada estatisticamente por sua força, calculada pelo *coeficiente de correlação* (r).

Tomamos como base os critérios postulados por [Rumsey \(2010\)](#) para medir a força das correlações, a saber:

- a) Exatamente -1: correlação linear negativa perfeita
- b) -.70: forte correlação linear negativa
- c) -.50: correlação linear negativa moderada
- d) -.30: fraca correlação linear negativa
- e) 0: nenhuma correlação linear
- f) +.30: fraca correlação linear positiva
- g) +.50: correlação linear positiva moderada
- h) +.70: forte correlação linear positiva
- i) Exatamente +1: correlação linear positiva perfeita

A partir do que foi posto, na próxima seção, expomos, uma análise de cada um dos fenômenos em variação neste estudo, correlacionando o índice probabilístico de aplicação por indivíduo e sua escolaridade.

6.3 Os fenômenos variáveis em estudo: uma análise de correlação por indivíduo

Nesta primeira análise, na qual levamos em conta os casos de "dados ambíguos", buscamos estabelecer uma correlação entre o fenômeno de RED/DES e o grau de escolaridade dos falantes. Para isso, os informantes foram dispostos em or-

dem ascendente de escolaridade (analfabeto > informante com ensino superior e especialização), conforme mostra o Gráfico de correlação apresentado em 61.

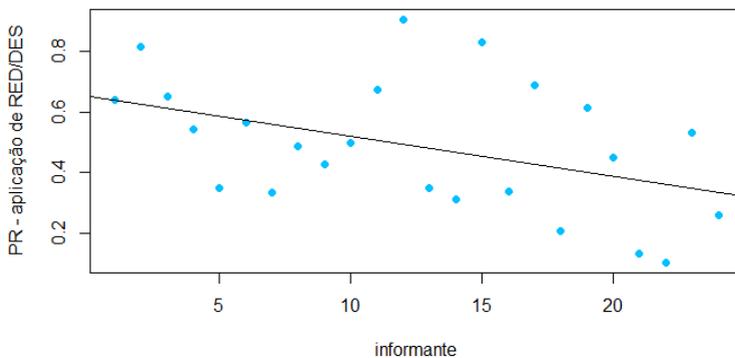


Figura 61: Correlação entre a aplicação de RED/DES (em peso relativo) e informantes (organizados em ordem ascendente de escolaridade): Análise 1 ($r(22)=-.43$, $*p < 0.05$)

De acordo com o Gráfico 61, na Análise 1, observamos um leve declínio, como indicado pela reta descendente, na realização do fenômeno de RED/DES, à medida que a escolaridade dos indivíduos aumenta. Ao associarmos escolaridade e índice probabilístico de realização do fenômeno de RED/DES, obtivemos uma correlação negativa de força moderada ($r(22) = -.43$, $*p < 0,5$).

A Tabela 76 apresenta os valores brutos e percentuais de cada um dos 24 informantes que compõem a nossa amostra.

Tabela 76: Valores (brutos, percentuais e probabilísticos) de aplicação de RED/DES por informantes (organizados em ordem ascendente de escolaridade): Análise 1

Informante	Escolaridade	Aplicação/Total	Percentual	PR
1	analfabeta	31/40	80	0,640
2	3 ^a série EF	48/55	87,3	0,816
3	4 ^a série EF	55/69	79,7	0,652
4	4 ^a série EF	27/35	77,1	0,543
5	4 ^a série EF	13/20	65,0	0,348
6	4 ^a série EF	15/23	65,2	0,566
7	4 ^a série EF	59/122	48,4	0,336
8	6 ^a série EF	8/10	80	0,486
9	8 ^a série EF	19/28	67,9	0,426
10	8 ^a série EF	18/26	69,2	0,497
11	8 ^a série EF	53/70	75,7	0,625
12	8 ^a série EF	38/40	95	0,905
13	8 ^a série EF	58/89	65,2	0,348
14	EM	16/26	61,5	0,311
15	EM	60/68	88,2	0,829
16	EM	42/77	54,5	0,338
17	EM	92/112	82,1	0,687
18	EM	24/51	47,1	0,208
19	EM	20/23	87,0	0,615
20	ES	18/45	40	0,451
21	ES	8/36	22,2	0,135
22	ES	8/13	61,5	0,104
23	ES e especialização	25/33	75,8	0,531
24	ES e especialização	15/30	50	0,259
TOTAL		771/1141	67,5	

Assim como na Análise 1, na Análise 2, os resultados relativos à correlação entre aplicação do fenômeno de RED/DES e informantes, organizados de acordo com o grau de instrução formal, obtivemos, da mesma forma, uma correlação negativa, também de força moderada ($r(22)=-.42$, $*p < 0,05$), conforme ilustra o Gráfico 62.

Os resultados apresentados no Gráfico 62 também se encontram expostos, com mais detalhamento, na Tabela 77.

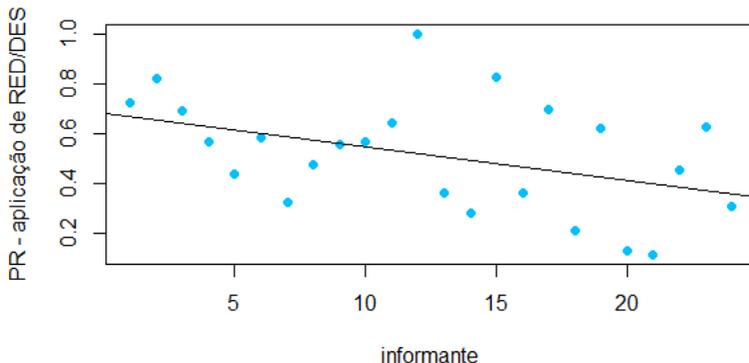


Figura 62: Correlação entre a aplicação de RED/DES (em peso relativo) e informante (organizados em ordem ascendente de escolaridade): Análise 2 ($r(22)=-.42$, $*p < 0,05$)

Conforme podemos verificar, os resultados dos informantes se assemelham ao comportamento do grupo, no que tange especificamente à aplicação da RED/DES. Há uma tendência de os falantes menos escolarizados empregarem menos formas reduzidas se comparados aos mais escolarizados. De forma mais específica, se observarmos o comportamento dos cinco informantes com Curso Superior (últimos cinco informantes do Gráfico 62 e Tabela 77), a seguir, verificamos que apenas um deles (informante 23) apresenta peso probabilístico superior a 0,500. Além disso, constatamos que dois informantes (informante 20 e informante 21 - ambos com ensino superior) apresentam índices bastante baixos (tanto percentuais como probabilísticos de aplicação do fenômeno). Em suma, os informantes com alto grau de escolaridade que, em geral, apresentam peso relativo inferior a 0,500 desfavorecem a aplicação de RED/DES.

Tabela 77: Valores (brutos, percentuais e probabilísticos) de aplicação de RED/DES por informantes (organizados em ordem ascendente de escolaridade): Análise 2

Informante	Escolaridade	Aplicação/Total	Percentual	PR
1	analfabeta	28/34	82,4	0,725
2	3ª série EF	47/54	87,0	0,819
3	4ª série EF	53/66	80,3	0,691
4	4ª série EF	24/31	77,4	0,565
5	4ª série EF	12/17	70,6	0,438
6	4ª série EF	13/20	65,0	0,581
7	4ª série EF	52/109	47,7	0,325
8	6ª série EF	7/9	77,8	0,476
9	8ª série EF	17/23	73,9	0,558
10	8ª série EF	14/20	70,0	0,565
11	8ª série EF	44/59	74,6	0,643
12	8ª série EF	33/33	100	1,000
13	8ª série EF	50/77	64,9	0,359
14	EM	14/24	58,5	0,278
15	EM	52/59	88,1	0,824
16	EM	38/71	53,5	0,359
17	EM	77/94	81,9	0,696
18	EM	21/45	46,7	0,212
19	EM	18/21	85,7	0,620
20	ES	6/10	60,0	0,130
21	ES	15/40	37,5	0,113
22	ES	7/32	21,9	0,455
23	ES e especialização	21/26	80,8	0,627
24	ES e especialização	15/29	51,7	0,307
TOTAL		645/970	66,5	

De forma análoga à análise que levou em conta a correlação entre aplicação de RED/DES e informante (organizado em uma escala de escolaridade), também realizamos uma análise de correlação entre o fenômeno de marcação explícita de CVP6 e informante. Os resultados desta primeira análise, relativa aos dados da Análise 1 (análise com dados ambíguos), encontram-se expressos na Figura 63.

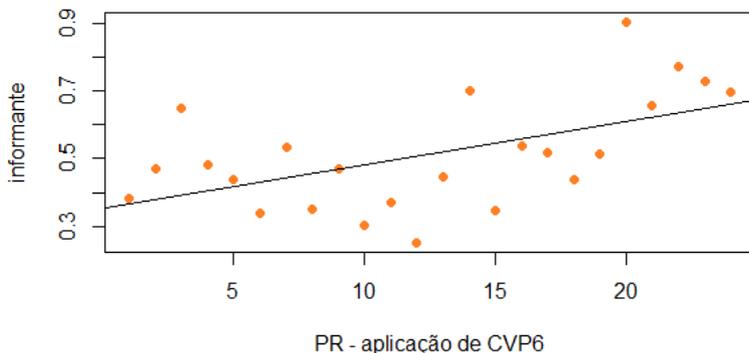


Figura 63: Correlação entre a aplicação de CVP6 (em peso relativo) e informante (organizados em ordem ascendente de escolaridade): Análise 1($r(22) = +.54$, $**p < 0,005$)

A correlação entre o grau de escolaridade dos falantes e a aplicação do fenômeno de marcação explícita de CVP6, indica exatamente aquilo que já havia sido retratado na análise geral: de que os maiores índices de marcação de CVP6 eram verificados essencialmente no grupo dos sujeitos mais escolarizados. Como podemos observar, todos os cinco informantes com curso superior favorecerem a realização explícita da CVP6 (últimos cinco pontos do Gráfico 63). Os demais informantes, do mesmo modo, também seguem a tendência do grupo: informantes com grau de escolaridade inferior a 12 anos, apresentam comportamento homogêneo. A associação entre escolaridade e aplicação do fenômeno de marcação explícita de CVP6 mostrou correlação positiva moderada ($r(220) = +.52$, $**p < 0,005$).

Na Tabela 78, expomos, além dos valores por informante em peso relativo, os valores brutos e percentuais de aplicação do fenômeno de CVP6 nesta análise.

6.3. Os fenômenos variáveis em estudo: uma análise de correlação por indivíduo

Tabela 78: Valores (brutos, percentuais e probabilísticos) de aplicação de marcação explícita de CVP6 por informantes (organizados em ordem ascendente de escolaridade): Análise 1

Informante	Escolaridade	Aplicação/Total	Percentual	PR
1	analfabeta	42/54	77,8	0.381
2	3 ^a série do EF	75/88	85,2	0.470
3	4 ^a série do EF	105/122	86,1	0.650
4	4 ^a série do EF	35/45	77,8	0.484
5	4 ^a série do EF	14/19	73,7	0.439
6	4 ^a série do EF	31/47	66	0.337
7	4 ^a série do EF	115/154	74,7	0.534
8	6 ^a série do EF	14/19	73,7	0.350
9	8 ^a série do EF	37/49	75,5	0.471
10	8 ^a série do EF	30/47	63,8	0.301
11	8 ^a série do EF	71/91	78	0.370
12	8 ^a série do EF	41/62	66,1	0.251
13	8 ^a série do EF	105/126	83,3	0.447
14	EM	26/31	83,9	0.703
15	EM	79/97	81,4	0.347
16	EM	105/122	86,1	0.539
17	EM	121/154	78,6	0.517
18	EM	51/70	72,9	0.438
19	EM	27/35	77,1	0.515
20	ES	19/20	95	0.905
21	ES	37/49	75,5	0.657
22	ES	45/51	88,2	0.771
23	ES e especialização	35/41	85,4	0.730
24	ES e especialização	36/42	85,7	0.698
TOTAL		1283/1611	79,6	

Por fim, a análise de correlação entre marcação de CVP6 e indivíduo, sem levar em conta os casos de dados ambíguos, apresentou os resultados expressos no Gráfico 64.

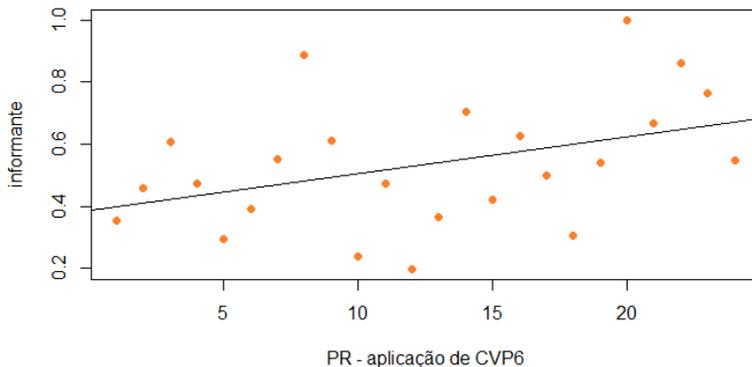


Figura 64: Correlação entre a aplicação de marcação de CVP6 (em peso relativo) e de aplicação de RED/DES: Análise 2 ($r(22) = +.40$, $*p < 0,05$)

Com a exclusão dos dados ambíguos, verificamos que o padrão geral do comportamento dos indivíduos não sofreu alterações relevantes se comparado ao exposto na Tabela 78. Todos os informantes com curso superior continuaram favorecendo fortemente o índice de marcação de CVP6. Observamos, no entanto, maior flutuação no que diz respeito aos demais informantes, principalmente os que foram categorizados, na categoria de escolaridade intermediária (entre sete e 12 anos de escolaridade - EF e EM). Observamos, dentro desse grupo, um número mais alto de indivíduos favorecendo a variante marcada do que nos resultados provenientes da Análise 1.

Assim como nas demais análises, apresentamos os valores brutos e percentuais, relativos a essa investigação na Tabela 79.

Tabela 79: Valores (brutos, percentuais e probabilísticos) de aplicação de marcação explícita de CVP6 por informantes (organizados em ordem ascendente de escolaridade): Análise 2

Informante	Escolaridade	Aplicação/Total	Percentual	PR
1	analfabeta	42/52	80,8	0,355
2	3ª série do EF	75/86	87,2	0,458
3	4ª série do EF	89/95	93,7	0,608
4	4ª série do EF	34/41	82,9	0,473
5	4ª série do EF	dez/16	75	0,295
6	4ª série do EF	30/44	68,2	0,391
7	4ª série do EF	109/139	78,4	0,551
8	6ª série do EF	13/14	92,9	0,889
9	8ª série do EF	34/42	81,0	0,610
10	8ª série do EF	28/39	71,8	0,24
11	8ª série do EF	69/75	92,0	0,472
12	8ª série do EF	39/55	70,9	0,198
13	8ª série do EF	99/114	86,8	0,367
14	EM	25/29	86,2	0,704
15	EM	74/83	89,2	0,423
16	EM	104/112	92,9	0,627
17	EM	117/137	85,4	0,500
18	EM	46/60	76,7	0,306
19	EM	27/34	79,4	0,541
20	ES	17/17	100	1,000
21	ES	36/43	83,7	0,668
22	ES	41/44	93,2	0,862
23	ES e especialização	32/34	94,1	0,763
24	ES e especialização	31/37	83,8	0,550
TOTAL		1223/1442	84,80%	

Em suma, verificamos que o comportamento do indivíduo, tanto para o fenômeno de RED/DES como para o fenômeno de marcação explícita da CVP6, espelha o comportamento do grupo, já anunciado no Capítulo 5. Observamos que a escolaridade dos informantes interfere para ambos os fenômenos: (i) no que tange à RED/DES, quanto maior a escolaridade do falante, menor a probabilidade de aplicação do fenômeno (correlação negativa), (ii) no que se refere à marcação explícita da CVP6, quanto maior a escolaridade do falante, menor a chance de marcação de CV (correlação positiva). Vale frisar que as correlações se mostraram estatisticamente significativas em todas as análises (com a inclusão ou não de dados ambíguos).

6.4 Correlação entre RED/DES (Análise 2) e marcação de CVP6 (Análise 2)

Com o propósito de comparar os nossos resultados aos de [Guy \(2013\)](#) para dados de fala carioca, realizamos uma análise de co-variação entre os fenômenos de RED/DES e de marcação explícita de CVP6. Nossa hipótese, para a Análise 1 (investigação que considerou os casos de "dados ambíguos"), pautada nos resultados divulgados pelo autor, era de que os fenômenos apresentariam uma correlação negativa: quanto mais um informante aplicasse um dos fenômenos, menos aplicaria o outro. No que diz respeito à Análise 2, nossa conjectura era a de que a correlação também se mostraria significativa, já que, apesar da exclusão dos casos ambíguos, observamos uma mesma tendência no comportamento do indivíduo. O Gráfico de dispersão 65, a seguir, apresenta o comportamento dos indivíduos no que diz respeito à correlação entre os dois fenômenos variáveis (Análise 1).

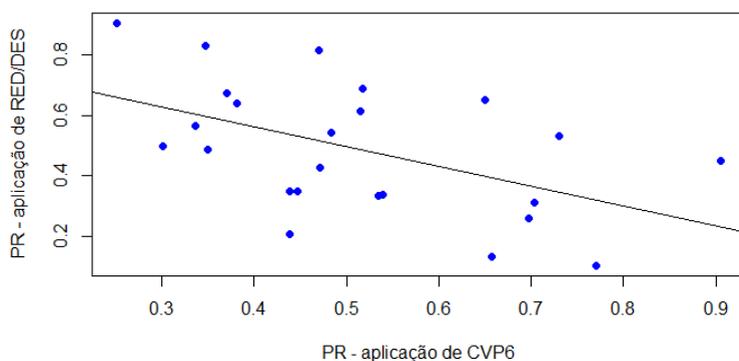


Figura 65: Correlação entre a aplicação de marcação de CVP6 (em peso relativo) e de aplicação de RED/DES por informante: Análise 1 ($r(22) = -.50$, $*p < 0,05$)

Assim como hipotetizado, nossos resultados se aproximaram muito dos apresentados por Guy (2013) (cf. Figura 56). Ao considerar os casos de "dados ambíguos", constatamos, em nossa amostra, correlação negativa moderada ($r(22)=-.50$, $*p < 0.05$). Desse modo, nossos resultados apontam para a tendência de que sujeitos que apresentam maior probabilidade de marcação explícita de CVP6 também apresentam menor probabilidade de aplicação do fenômeno de RED/DES. No entanto, estamos cientes de que, nesse caso em específico, os dados ambíguos, correspondentes às formas verbais com baixa saliência (come/comem, sabe/sabem) poderiam estar obscurecendo a análise. Sendo assim, realizamos um novo cruzamento, o qual considera apenas os dados não ambíguos. O resultado dessa nova análise, encontra-se na Gráfico 66, a seguir.

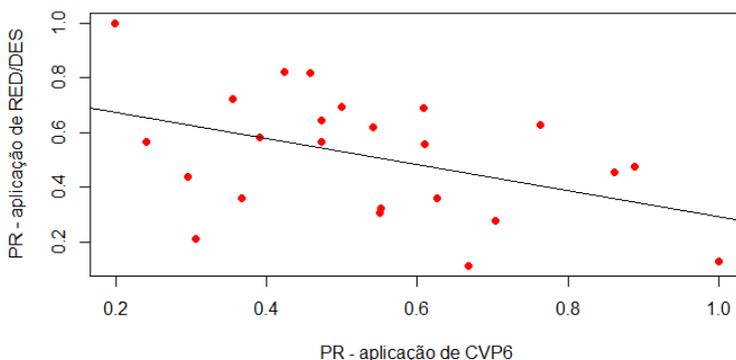


Figura 66: Correlação entre a aplicação marcação de CVP6 (em peso relativo) e de aplicação de RED/DES por informante: Análise 2 ($r(22) = -.43$, $*p < 0,05$)

Ainda com a exclusão dos "dados ambíguos", constatamos, como ilustra o Gráfico 66, uma correlação negativa entre os fenômenos em investigação de força moderada. Sendo assim, é possível presumir que a correlação entre os dois fenômenos

linguísticos parece, de fato, significativa independentemente da comunidade de fala investigada. Poderíamos conjecturar *a priori*, em função do alto valor de aplicação global tanto do fenômeno de marcação explícita de CVP6 (cerca de 80%) quanto do fenômeno de RED/DES (cerca de 70%) em Florianópolis, que a correlação negativa entre ambos os fenômenos não se mostraria significativa, principalmente após a exclusão dos "dados ambíguos"³.

Na próxima subseção, a partir dos resultados do estudo de correlação apresentado e com base nos resultados dos capítulos prévios, tecemos algumas considerações sobre a variável *saliência fônica*, grupo de fatores que, a nosso ver, merece destaque já que é na *saliência* das formas que a interferência do fenômeno de RED/DES sobre os resultados da CVP6 apresenta maior impacto.

6.4.1 O imbricamento dos fenômenos variáveis em exame: a variável *saliência fônica*

Como já mencionado nos capítulos anteriores, o grupo de fatores *saliência fônica*, elaborado inicialmente por Naro e Lemle (1976) e Lemle e Naro (1977) e refinado posteriormente por Naro (1981), é uma variável que parte da premissa de que formas com maior distinção fônica na oposição singular/plural (é/são, disse/disseram) apresentariam maior probabilidade de marcação explícita de CVP6 se comparadas a formas com menor grau de distinção (come/comem, fala/falam). Formulada a partir de dados sujeitos em fase de alfabetização (Projeto Mobral), a escala passou por uma série de alterações desde a sua primeira configuração.

³ Nos dados de fala carioca, conforme narrado por Gomes, Mesquita e Fagundes (2013), o índice de RED/DES é de apenas 45% e o de marcação explícita.

A escala proposta por Lemle e Naro (1977), na comparação entre formas singulares e plurais de terceira pessoa, adota uma série de critérios para mensurar o grau de diferenciação fônica entre as formas, a saber: localização morfológica do acento, alteração da vogal presente na raiz verbal, quantidade de elementos inseridos na forma plural, número de sílabas, regularidade das formas verbais, grau de distinção das desinências terminais de modo e tempo verbal. Denominada, inicialmente, como *classe morfológica da forma verbal*, podemos constatar que, nessa primeira proposta, parâmetros fonéticos e morfológicos eram empregados para quantificar o grau de saliência das formas.

Já na hierarquia de saliência proposta por Naro (1981), o autor delimitou critérios exclusivamente fônicos para distinguir os níveis de saliência: (i) presença/ausência de acento na desinência e (ii) quantidade de material fônico inserido na oposição entre singular e plural. A escala de saliência em níveis, tal qual arquitetada por Naro (1981), empregada nas análises variacionistas realizadas neste estudo (cf. Capítulo 4), encontra-se exposta nas Figuras a seguir.

Nível 1 (não acentuado):

Classe a. [-i/ĩ]

Classe b. [-a/-ũ]

Classe c. [-Ø/-ĩ]

Nível 2 (acentuado):

Classe a [-á/-áw]

Classe b [-éw/-éru, -íw/-írũ, -óy/-órũ]

Classe c [-ó/-árũ]

Classe d. caso único: é/são

Classe e. [-Ø/-éru, -í/-éru]

Retomamos, no quadro seguinte, a hierarquia de saliência proposta por Naro (1981), apresentando os critérios delimitados pelo autor para a segmentação em dois níveis (Nível 1 - não acentuado e Nível 2 - acentuado), assim como exemplos referentes a cada um dos subníveis, estipulados com base na quantidade de material fônico entre formas verbais singulares e plurais.

CRITÉRIOS:
<p>(1) presença ou ausência de acento na desinência (com base nesse critérios, foram estabelecidos dois níveis hierárquicos);</p> <p>(2) quantidade de material fônico diferenciador da forma singular e da forma plural (com base nesse critério, foram estabelecidos sete classes hierárquicas - três classes no nível 1 e cinco classes no nível 2.</p>
<p>Nível 1: oposição não acentuada</p> <p>(Pares nos quais os segmentos fonéticos que estabelecem a oposição singular/plural não apresentam acento em ambos os membros simultaneamente)</p> <p>a. não envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural (conhece/conhecem, corre/correm)</p> <p>b. envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural (ganha/ganham, era/eram, gosta/gostam)</p> <p>c. envolve acréscimo de segmentos na forma plural (diz/dizem, quer/querem)</p>
<p>Nível 2: oposição acentuada</p> <p>(Pares nos quais os segmentos fonéticos que estabelecem a oposição singular/plural apresentam acento em pelo menos um dos membros)</p> <p>a. envolve apenas mudança na qualidade da vogal na forma plural (tá/tão, vai/vão)</p> <p>b. envolve acréscimo de segmentos sem mudanças vocálicas na forma plural (bateu/bateram)</p> <p>c. envolve acréscimo de segmentos com mudança vocálica na forma plural (falou/falaram/contou/contaram)</p> <p>d. envolve completa diferenciação entre a forma singular e plural (é/são)</p> <p>e. envolve acréscimos de segmentos e mudanças diversas na forma plural: mudanças vocálicas na desinência, mudanças na raiz</p> <p>f. (disse/disseram)</p>

Figura 68: Escala de saliência em níveis - Adaptada de Naro (1981, p.75)

Ao observarmos a escala, verificamos que o autor propõe uma oposição entre formas singulares e plurais pautada nas diferentes realizações fonéticas (como demarcam os colchetes empregados), verificadas nos dados de fala carioca investigados por ele. Nos casos relativos à categoria *nível 1*, nas quais as terminações tanto das formas verbais singulares quanto das formas pluralizadas não apresentam acento, o autor indica que a única diferença entre formas *come/comem*, por exemplo, seria marcada pela nasalidade (com[ɪ], com[ɪ̃]). Já para formas verbais rotuladas no nível 1b (fala/falam), o autor registra que a maior diferença verificável seria alternância da vogal [a] para [ʊ] e preservação da nasalidade remanescente do ditongo. Constatamos, portanto, que o autor não encontrou, em seus dados, produções de ditongos nasais átonos [ẽw̃] e [ẽj̃], fato atestado no quadro a seguir.

CLASSE	FORMA ORTOGRÁFICA	VARIANTE POPULAR	VARIANTE PADRÃO
I) PRESENTE			
1ª conjugação (regular)	sing. <i>fala</i>	[-a]	[-a]
	plur. <i>falam</i>	[-ũ, -u, -ã]	[-ãw̃]
2ª e 3ª conjugação (regular)	sing. <i>parte</i>	[-i]	[-i]
	plur. <i>partem</i>	[-ĩ]	[-êỹ]
2ª e 3ª conjugação (-r ou -z)	sing. <i>faz</i>	∅	∅
	plur. <i>fazem</i>	[-ĩ, -i]	[-êỹ]
Monossilabos	sing. <i>dá</i>	[-a]	[-a]
	plur. <i>dão</i>	[-ãw̃]	[-ãw̃]
II) PRETÉRITO IMPERFEITO			
Todos os verbos	sing. <i>falava</i>	[-a]	[-a]
	plur. <i>falavam</i>	[-ũ, -u, -ã]	[-ãw̃]
III) FUTURO			
Todos os verbos	sing. <i>falará</i>	[-a]	[-a]
	plur. <i>falarão</i>	[-ãw̃]	[-ãw̃]
IV) PRETÉRITO PERFEITO			
1ª conjugação (regular)	sing. <i>falou</i>	[-o]	[-o, -ow]
	plur. <i>falaram</i>	[-arũ, -aru]	[-arãw̃]
2ª e 3ª conjugação (regular)	sing. <i>aprendeu</i>	[-ew]	[-erãw̃]
	plur. <i>aprenderam</i>	[-erũ, -eru]	[-erãw̃]
2ª e 3ª conjugação (regular)	sing. <i>partiu</i>	[-iw]	[-irãw̃]
	plur. <i>partiram</i>	[-irũ, -iru]	[-irãw̃]
alternância - acentual (irregular)	sing. <i>trouxe</i>	[-i]	[-erãw̃]
	plur. <i>trouxeram</i>	∅	∅
mudança no radical (irregular)	sing. <i>fez</i>	∅	∅
	plur. <i>fizeram</i>	[-erũ, -eru]	[-erãw̃]

Figura 69: A realização fonética da marcação explícita da CVP6 (Figura adaptada de [Naro \(1981, p. 65\)](#))

Neste esquema, [Naro \(1981\)](#) assume que as formas ditongadas seriam verificadas exclusivamente em dados de fala pa-

drão, mas nunca na variedade popular. A questão que se coloca aqui é: Podemos adotar a escala de Naro (1981) quando estudados, concomitantemente, dados de fala padrão e não padrão (fala de sujeitos com maior ou menor grau de instrução), como é o caso do estudo apresentado nesta tese?

Segundo os resultados exibidos no Capítulo 4, o efeito da variável *saliência fônica*, apesar de ter sido atestado, não aponta uma maior probabilidade de marcação de CVP6 à medida que os níveis aumentam (na direção $1a < 1e$), nem na Análise 1 (com inclusão de dados ambíguos), nem na Análise 2 (com exclusão de dados ambíguos). Retomamos os resultados já apresentados na Tabela 80.

Tabela 80: Efeito da variável *saliência* sobre a ação da marcação explícita de CVP6: Análise 2 (cf. Capítulo 4)

Fator	Apl./Tot	%	PR
nível 1a (Eles vend[<u>e</u>] transformador.)	-	-	-
nível 1b (Eles peg[<u>u</u>] qualquer animal.)	498/536	83,6	0,314
nível 1c (Eles faz[<u>ê</u>] na Igrejinha também.)	58/74	78,4	0,245
nível 2a (<u>T</u> ão tudo criado.)	163/182	89,6	0,768
nível 2b (Nossos pais se for[<u>u</u>].)	110/119	92,4	0,809
nível 2c (Os três com[<u>e</u>] lá no, no centro, né?!)	147/156	94,2	0,654
nível 2d (Elas são muito minha amiga.)	194/252	77	0,524
nível 2e (Os homens não vier[<u>u</u>] tomar café ainda.)	53/63	84,1	0,635
Total	1223/1442	84,4	Range=0,564 Input: 0,926 Significance: 0,013

Quando realizamos um cruzamento entre os fatores das variáveis *saliência fônica* e *escolaridade*, constatamos que, a depender do grau de instrução do falante, a sensibilidade à escala torna-se diferente, como mostra o Gráfico 70, retomado do Capítulo 5.

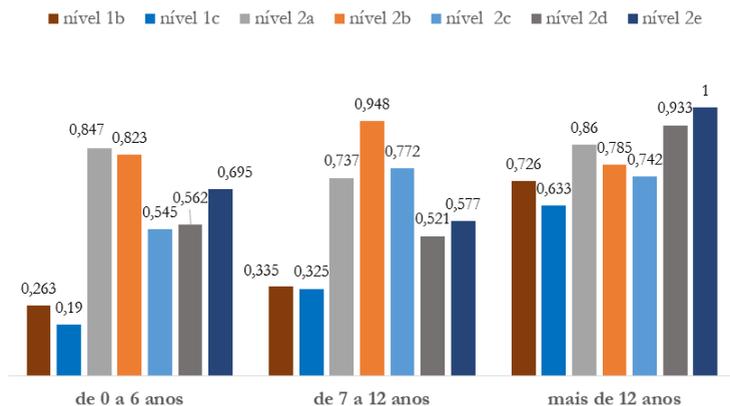


Figura 70: Cruzamento entre os fatores das variáveis *escolaridade* e *saliência fônica* (cf. Capítulo 4)

No Gráfico 70, notamos que o grau de ascendência da marcação da CVP6 na direção $1a < 1e$ não é atestada em nenhum dos níveis de escolaridade estipulados como dimensão de análise. No entanto, os informantes mais escolarizados (com mais de 12 anos de instrução formal), parecem ser aqueles que mais se aproximam do que foi postulado por Naro (1981), apresentando, de certa forma um padrão ascendente ($1b < 1e$)⁴.

Nossos dados, assemelham-se muito com os divulgados por Monguilhott (2001) e Monguilhott (2009), autora que também não atestou os resultados da escala hierárquica de Naro (1981), conforme ilustram a Tabela 81, a seguir.

⁴ Os dados apresentados aqui foram extraídos da Análise 2 (análise sem "dados ambíguos". Desse modo, foram excluídos todos os casos categorizados no nível 1a (bebe/bebem)

Tabela 81: Resultados relativos à variável *saliência fônica* nos estudos de [Monguilhott \(2001\)](#) e [Monguilhott \(2009\)](#) (cf. Capítulo 5)

Monguilhott (2001)			Monguilhott (2009)		
Nível de s aliência	Apl.Total (%)	PR	Nível de saliência	Apl.Total (%)	PR
Nível 1a	25/101 (25%)	.02	Nível 1a	19/89 (21%)	.04
Nível 1b	638/802 (80%)	.46	Nível 1b	274/324 (84%)	.50
Nível 1c	69/103 (68%)	.13	Nível 1c	48/51 (94%)	.74
Nível 2a	125/130 (96%)	.88	Nível 2a	73/87 (83%)	.48
Nível 2b	85/102 (83%)	.65	Nível 2b	64/68 (94%)	.74
Níveis 2c, 2d e 2e	310/345 (90%)	.75	Níveis 2c, 2d e 2e	162/175 (92%)	.69
Total	1251/1583 (79%)		Total	640/794 (80%)	

Assim como nos resultados de nossa análise, [Monguilhott \(2001\)](#) e [Monguilhott \(2009\)](#) não verificou um aumento de marcas de CV à medida que o nível de *saliência* aumentava.

Partindo do que foi posto, ressaltamos a necessidade de um refinamento desta variável, que vem sendo empregada em larga escala nos estudos sobre a marcação explícita de CVP6, assim como já havíamos discutido em [Chaves \(2014, p. 544\)](#):

Com base na premissa de que a fonética não lida com oposições abstratas (papel destinado à fonologia), verifica-se uma contradição nas propostas escalares de medição da *saliência fônica*. Os autores parecem sugerir, ao estabelecer uma escala fixa de mensuração da oposição singular/plural, que haveria uma única forma subjacente compartilhada entre os sujeitos. Em outros termos, ao assumirem que o verbo come teria menor grau de *saliência* do que o verbo *falam*, deixam de considerar a produção real dos falantes, as quais poderiam reverter os valores hierárquicos de *saliência*: um falante, ao produzir *fal[u]* (marcando a concordância com a redução do ditongo, perda da nasalidade) diminuiria o grau de *saliência* (*fala - falu*), visto que haveria apenas alteração da qualidade da vogal ([la] - [u]), e, ao produzir com[êj] (marcando a concordância

com ditongo nasal átono final), por exemplo, elevaria o grau de saliência (com[i] ~ com[ēj]), já que, neste caso, teríamos o acréscimo de uma semivogal [y] e do traço de nasalidade.

Para isso, seria necessário, a nosso ver, levar em conta a realização fonética da marcação explícita de CVP6. Em outras palavras, é de suma importância, assim como já havia sido enfatizado por Guy (1981a), analisar, concomitantemente, os fenômenos de RED/DES e marcação explícita de CVP6. Uma nova escala poderia ser pensada, a partir do critério fonético de qualidade vocálica, abarcando todas as possibilidades de realização dos ditongos nasais átonos finais presentes em formas verbais de terceira pessoa do plural. Em Chaves (2014), sugerimos o seguinte mapeamento das formas fonéticas de realização explícita da CVP6:

Variantes "morfofônicas" - pretérito imperfeito do indicativo		
SEM MARCAS EXPLÍCITAS DE CONCORDÂNCIA DE NÚMERO		
opinav[e]	aprendi[e]	nutri[e]
COM MARCAS EXPLÍCITAS DE CONCORDÂNCIA DE NÚMERO		
opinav [ēw]	aprendi[ēw]	nutri[ēj]
opinav [ū]	aprendi[ū]	nutri[ī]
opinav [v]	aprendi[v]	nutri[ē]
opinav [ē]	aprendi[ē]	

Figura 71: Mapeamento das possíveis realizações fonéticas da marcação explícita de CVP6 Chaves (2014)

Ao considerar a marcação de CVP6 não como uma variável binária (aplica *versus* não aplica), seria interessante considerar todas essas realizações do ditongo nasal átono (ditongo nasal, monotongo nasal e monotongo oral), nos estudos. Como apresentado neste estudo, parece haver sensibilidade à realização fonética desses ditongos (principalmente no grupo dos sujeitos mais escolarizados), fato que, portanto, poderia nos auxiliar em uma nova arquitetura da escala de saliência. Tratar a escala de saliência como uma hierarquia estaque, sem levar em conta a real produção dos falantes, portanto, pode justificar o fato de a

escala, apesar de ser selecionada como relevante nos estudos, não apresentar a ordem de favorecimento na marcação explícita da CVP6 esperada.

Além disso, temos indícios também de que parâmetros mais finos como o de duração relativa, exercem papel na percepção dos graus de saliência das formas (cf. discutido no Capítulo 4). Os boxplots expressos na Figura 72, evidenciam a diferença entre os ditongos e suas formas alternantes em termos de duração relativa (% do segmento-alvo ocupada na sílaba).

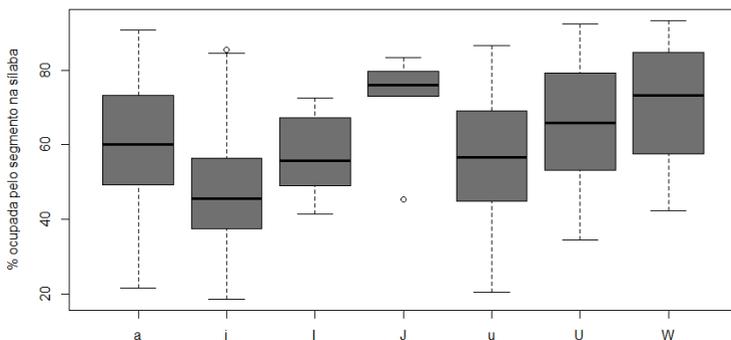


Figura 72: Possíveis realizações fonéticas dos ditongos nasais átonos finais constantes em formas verbais de terceira pessoa do pretérito perfeito do indicativo (Fonte: Chaves (2014, p.544)

De acordo com os resultados exibidos no Gráfico 72, existiria uma saliência em termos de quantidade de material fônico na oposição singular plural (critério eleito por Naro para delimitar o grau de saliência) no que tange ao parâmetro acústico de duração relativa. Os ditongos nasais (representados na figura pelos símbolos J ([êj]) e W ([êw]) apresentam duração relativa superior às demais formas. Sistemáticamente, a duração das formas segue a seguinte ordem: ditongos nasais > monotongos

nasais > monotongos orais (reduzidos e desnasalizados).

Por fim, ainda no que tange à qualidade vocálica, encontramos, em nossos dados, indícios de que as formas apontadas tradicionalmente como formas sem marca explícita de CVP6 apresentariam duração compensatória, fato que merece uma reflexão mais aprofundada e que também problematiza, de certo modo, não apenas a configuração da escala de saliência fônica, mas também o *status* do fenômeno variável de marcação explícita de CVP6: Se se verifica uma compensação duracional na oposição das terminações de formas verbais singulares e plurais, há como falar em não marcação explícita de CVP6?

6.5 Síntese

Neste capítulo, discutimos a correlação entre os dois fenômenos variáveis investigados nesta tese: o de RED/DES e o de marcação explícita de CVP6. Em um primeiro momento, verificamos a correlação de cada um dos fenômenos ao grau de escolaridade dos informantes investigados. Todas as correlações se mostraram significativas: os informantes mais escolarizados tendem a aplicar menos o fenômeno de RED/DES e mais o de marcação de CVP6; os sujeitos menos escolarizados, por seu turno, apresentam tendência inversa. Logo depois, investigamos, assim como (GUY, 2013) a correlação entre ambos os fenômenos variáveis, com dados das Análises 1 e 2. Da mesma forma que o autor, encontramos correlação negativa de força moderada para ambas as análises, fato que indica, a nosso ver, o encaixamento dos dois fenômenos linguísticos na matriz de concomitantes linguísticos do PB: quanto mais os informantes fazem uso da variante marcada para a CV, menor a probabilidade de aplicação do processo de RED/DES, e vice-versa. Por fim, problematizamos o uso da escala de *saliência fônica* em estudos que abarquem, em suas amostras, falantes das varie-

dades padrão (sujeitos com maior grau de instrução), já que a escala foi arquitetada com base em falantes da variedade popular (sujeitos em fase de alfabetização). Além disso, propusemos uma reflexão a respeito de como mensurar a diferença fônica entre formas singulares e plurais, com base no parâmetro acústico de duração relativa e qualidade vocálica. Para que isso seja possível, ressaltamos a necessidade de que estudos voltados para a análise da marcação variável de CVP6 em dados do PB atentem para a realização fonética dos ditongos, isto é, para o efeito do processo de RED/DES sobre o fenômeno morfosintático.

Na próxima seção, apresentamos as considerações finais deste trabalho.

7 Considerações finais

Este estudo, alicerçado nos pressupostos teóricos e metodológicos da TVM (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968; LABOV, 1972; LABOV, 1994b; LABOV, 1994a; LABOV, 2010) e amparado pela Fonética Experimental, dedicou-se à análise da correlação de dois fenômenos variáveis no PB estruturalmente relacionados, a saber: o fenômeno de RED/DES (órgão ~ órgu, falam ~ falu, homem ~ homem, pedem pedi) e o fenômeno de marcação explícita de CVP6 (Eles falam ~ Eles fala, Eles pedem ~ Eles pedi).

As análises realizadas nesta pesquisa consideraram entrevistas de natureza semi-espontânea concedidas por 24 informantes nativos e residentes da Comunidade não urbana da Costa da Lagoa (Florianópolis – SC), as quais compõem o Banco Chaves (2016) – Amostra complementar Banco Varsul – agência UFSC. A escolha da comunidade da Costa da Lagoa se deu em virtude de a localidade apresentar, concomitantemente, altos índices de marcação explícita de CVP6 (cerca de 80%), como atestam os estudos de Monguilhott (2001) e Monguilhott (2009), assim como altos índices de RED/DES (cerca de 71%), como aponta o estudo de Schwindt e Bopp da Silva (2009).

Na investigação da correlação entre ambos os fenômenos variáveis, estipulamos quatro objetivos específicos: (i) analisar acusticamente, por meio dos parâmetros de duração relativa e qualidade vocálica, a realização dos ditongos nasais átonos finais e de terminações verbais constantes em formas de terceira pessoa do singular; (ii) realizar um estudo variacionista relativo a cada um dos fenômenos, com o intuito de verificar os grupos de fatores condicionantes sobre cada um dos processos, bem

como o efeito exercido por casos de “dados ambíguos” sobre a investigação; (iii) empreender um estudo de correlação, associando o comportamento linguístico dos informantes (mensurado pelo peso relativo de aplicação de cada um dos fenômenos) ao grau de escolaridade, e outro levando em conta a correlação (também medida a partir dos valores probabilísticos de aplicação dos processos por cada indivíduo) entre os fenômenos de RED/DES e marcação explícita de CVP6; (iv) problematizar a escala de saliência fônica em níveis tal qual proposta por [Naro \(1981\)](#).

No que diz respeito ao nosso objetivo específico (i), identificamos, na análise acústica empreendida (cf. Capítulo 4), diferentemente do que supúnhamos inicialmente, que formas que aparentemente não apresentam marcação explícita de CVP6 (Eles com[ɪ], por exemplo) parecem estar sendo realizadas pelos sujeitos com duração superior às terminações de formas verbais de terceira pessoa do singular. No entanto, em termos de qualidade vocálica, não verificamos diferenças significativas nos valores de F1 e F2 das terminações de formas singulares e plurais.

Já no que tange ao objetivo específico (ii), diretamente relacionado às análises variacionistas realizadas (cf. Capítulo 5), constatamos que o fenômeno de RED/DES (tanto na Análise 1 – análise com inclusão dos “dados ambíguos”, como na Análise 2 – análise com exclusão dos dados ambíguos), assim como tem destacado a literatura, acessa o componente morfológico da gramática, visto que os valores de aplicação do processo são diferentes em nomes e verbos, e, dentro da categoria dos verbos, os números também apresentam distribuição diferenciada a depender do tempo e modo verbais. Ainda relacionado ao fenômeno de RED/DES, observamos uma mudança em tempo aparente na comunidade em exame: sujeitos mais novos tendem a fazer mais uso de formas nasalizadas (ditongos e monoton-

gos nasais) e sujeitos mais velhos empregam mais as formas desnasalizadas (monotongos orais). O fenômeno de marcação de CVP6, por seu turno, assim como conjecturado, mostrou-se sensível à variável *contexto fonético seguinte*, apenas na Análise 1. Nossa justificativa para a seleção dessa variável do nível fonético/fonológico é a de que, nos dados ambíguos, casos de aplicação de RED/DES foram computados como casos de não marcação de CVP6. Com a exclusão dos “dados ambíguos”, na Análise 2, a variável deixou de ser apontada como significativa. Cabe destacar ainda que, com a exclusão dos “dados ambíguos”, a análise do fenômeno de marcação explícita de CVP6, sofreu uma série de alterações tanto no índice global de aplicação do fenômeno quanto na ordem dos fatores condicionantes selecionados como relevantes. Na Análise 2, portanto: (i) apenas as variáveis morfossintáticas foram significativas e (ii) há indícios de variação estável.

No que toca ao objetivo (iii), a análise de correlação indicou o que, de certo modo, já havia sido denunciado nas análises exibidas no Capítulo 5: os informantes mais escolarizados, em geral, favoreceram a marcação explícita de CVP6 e desfavoreceram a RED/DES, e os informantes menos escolarizados não favoreceram a marcação da CVP6 e colaboraram com a aplicação da RED/DES. A nosso ver, esse resultado atesta a estratificação social do fenômeno de RED/DES na comunidade em exame e indica que o emprego da marcação da concordância, fazendo uso de formas nasalizadas, tem certo *status* na localidade. Já o exame da correlação entre os dois fenômenos variáveis (RED/DES e marcação de CVP6), mostrou-se, assim como no estudo de [Guy \(2013\)](#) para dados de fala carioca, estatisticamente significativo, apresentando correlação negativa moderada.

Por fim, em relação ao objetivo (iv), com base na análise acústica, nas análises variacionistas e nas correlações, julga-

mos necessário repensar a escala de saliência fônica proposta por Naro (1981), a partir dos resultados divulgados nesta tese, atentando para as diferentes realizações fonéticas da marcação da CVP6, os parâmetros acústicos como duração relativa e qualidade vocálica (assim como seus efeitos perceptuais) além da estratificação social das formas variantes de pronúncia dos ditongos nasais átonos (e suas formas alternantes) presentes em formas verbais de terceira pessoa do plural.

Em síntese, este estudo buscou contribuir com as reflexões acerca do encaixamento linguístico e social dos fenômenos de RED/DES e de marcação explícita de CVP6. Atentamos para o fato de que ambos os fenômenos estão fortemente imbricados e que, ao analisar cada um dos fenômenos em separado, é essencial atentar para os casos de "dados ambíguos", casos que podem comprometer a confiabilidade das investigações.

Referências

- BARBOSA, P.; MADUREIRA, S. *Manual de fonética acústica experimental: aplicação a dados do português*. [S.l.]: Cortez, 2015. Citado na página 171.
- BARDEN, L. T. V. *A variação na concordância verbal na terceira pessoa do plural*. Dissertação (Mestrado) — Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2004. Citado 12 vezes nas páginas 37, 43, 77, 90, 93, 94, 95, 96, 98, 253, 257 e 261.
- BATTISTI, E. Fonologia e variação: recortes do português brasileiro. In: _____. [S.l.]: EDIPUCRS, 2002. cap. A redução dos ditongos nasais átonos, p. 183–202. Citado 29 vezes nas páginas 25, 37, 43, 44, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 64, 65, 66, 72, 74, 75, 121, 122, 165, 222, 223, 226, 231, 236 e 272.
- BOPP DA SILVA, T. *A redução da nasalidade em ditongos de sílaba átona em final de vocábulo entre falantes bilingües e monolíngües do Rio Grande do Sul*. Tese (Doutorado) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005. Citado 22 vezes nas páginas 37, 43, 44, 57, 58, 59, 60, 62, 64, 65, 66, 74, 75, 121, 122, 165, 223, 226, 227, 236, 245 e 272.
- BYBEE, J. *Phonology and language use*. [S.l.]: Cambridge University Press, 2001. Citado 6 vezes nas páginas 68, 124, 230, 259, 273 e 291.
- BYBEE, J. Word frequency and context of use in the lexical diffusion of phonetically conditioned sound change. *Language Variation and Change*, v. 14, n. X, p. 261–290, 2002. Citado 7 vezes nas páginas 124, 127, 143, 230, 258, 259 e 273.
- BYBEE, J. *Language, use and cognition*. [S.l.]: Cambridge University Press, 2010. Citado 5 vezes nas páginas 68, 124, 230, 258 e 291.
- BYNON, T. *Historical linguistics*. [S.l.]: Cambridge University Press, 1977. Citado na página 115.
- CAMPBELL, L. *Historical linguistics: an introduction*. 1 mit press. ed. [S.l.]: MIT Press, 1999. Citado na página 111.

CAMPBELL, L.; MIXCO, M. J. *A Glossary of Historical Linguistics*. [S.l.]: Edinburgh University Press, 2007. (Glossaries in Linguistics). Citado na página 114.

CEDERGREN, H.; SANKOFF, D. Papers from a symposium on nasals and nasalization. In: _____. [S.l.]: X, 1975. cap. Nasals: a sociolinguistic study of change in progress, p. 67–80. Citado na página 155.

CHAVES, R. G. Princípio de saliência fônica: isso não soa bem. *Revista Letrônica*, v. 7, n. 2, p. 522–550, 2014. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/17892/12614>>. Citado 10 vezes nas páginas 23, 38, 84, 159, 169, 253, 280, 324, 325 e 326.

CHAVES, R. G. Influência de processos fonológicos na marcação explícita de cvp6. *ReVEL*, v. 13, n. Edição especial, p. 181–206, 2016. Disponível em: <<http://www.revel.inf.br/files/793d57264522f7c3f5d7520c9971781d.pdf>>. Citado 6 vezes nas páginas 99, 100, 159, 271, 276 e 280.

CHOMSKY, N.; ENGLISH, M. H. (study in. *The sound patterns of English*. [S.l.]: Longman Higher Education, 1968. Citado na página 147.

CÂMARA JR., J. *História da linguística*. [S.l.]: Editora Vozes, 1975. Citado 2 vezes nas páginas 109 e 110.

DIAS, E. *Perfil sócio-econômico, histórico e cultural da comunidade Lagoa, Ilha de Santa Catarina, Florianópolis, SC*. Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal de Santa Catarina, 2001. Citado 2 vezes nas páginas 210 e 211.

ELIA, S. *Preparação à linguística românica*. 2a. ed. [S.l.]: Ao Livro Técnico, 1979. Citado na página 44.

FARACO, C. A. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. [S.l.]: São Paulo: Parábola Editorial, 2005. Citado 6 vezes nas páginas 108, 109, 110, 111, 112 e 114.

FOULKES, P.; DOCHERTY, G. The social life of phonetics and phonology. *Journal of Phonetics*, v. 34, n. X, p. 409–438, 2006. Disponível em: <<http://www.cs.indiana.edu/~port/teach/sem08/Foulkes.Docherty.socl.life.phontc.phonolJPhon2006.pdf>>. Citado na página 68.

GOMES, C. A.; MESQUITA, C.; FAGUNDES, T. da S. A redução do ditongo [ãw] postônico na morfologia verbal do português

brasileiro: uma abordagem baseada no uso. *Diacrítica (Braga)*, v. 27, n. 1, p. 153–173, 2013. Citado 16 vezes nas páginas 25, 37, 43, 44, 67, 68, 69, 70, 71, 73, 75, 121, 122, 229, 230 e 318.

GUY, G. Locating language in time and space. In: _____. [S.l.]: Academic Press, 1980. cap. Variation in the group and in the individual: the case of final stop deletion, p. 1–36. Citado 2 vezes nas páginas 136 e 143.

GUY, G. Explanation in variable phonology: an exponential model of morphological constraints. *Language Variation and Change*, X, n. 3, p. 1–22, 1991. Citado 7 vezes nas páginas 26, 136, 143, 144, 145, 146 e 147.

GUY, G.; BOYD, S. The development of a morphological class. *Language Variation and Change*, v. 2, n. X, p. 1–18, 1989. Citado 2 vezes nas páginas 136 e 143.

GUY, G. R. *Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspects of the phonology, syntax, and language history*. Tese (Doutorado) — University of Pennsylvania, 1981. Citado 46 vezes nas páginas 37, 43, 44, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 68, 69, 72, 74, 75, 76, 77, 83, 84, 85, 86, 91, 95, 102, 121, 122, 148, 157, 159, 160, 162, 223, 224, 231, 250, 253, 257, 260, 265, 271, 275, 285, 293, 299, 301 e 325.

GUY, G. R. *Variation in the group and the individual: the case of final stop deletion*. [S.l.]: U.S. Regional Survey, 1981. (Pennsylvania working papers on linguistic change and variation). Citado 3 vezes nas páginas 38, 253 e 280.

GUY, G. R. Current issues in linguistic variation: papers in honor of william labov. volume 1: Variation and change in language and society. In: _____. [S.l.]: John Benjamins Publishing Company, 1996. cap. Form and function in linguistic variation, p. 221–252. Citado 14 vezes nas páginas 38, 70, 102, 104, 136, 143, 144, 157, 158, 159, 160, 162, 250 e 280.

GUY, G. R. The cognitive coherence of sociolects: How do speakers handle multiple sociolinguistic variables? *Journal of pragmatics*, v. 52, n. X, p. 63–71, 2013. Citado 14 vezes nas páginas 17, 21, 102, 165, 166, 167, 299, 300, 301, 302, 316, 317, 327 e 331.

HEETZ, H.; JONGMANN, A. *Phonetics: transcription, production, acoustics and perception*. [S.l.]: Oxford:Blackwell Publishing, 2009. Citado na página 171.

JOHNSON, D. E. Getting off the Goldvarb standard: introducing Rbrul for mixed effects variable rule analysis. *Language and Linguistic Compass*, v. 1, n. 3, p. 359–383, 2009. Citado na página 70.

KIPARSKY, P. *Explanation in phonology*. [S.l.]: Foris Publications, 1982. (Publications in Language Sciences 4). Citado 9 vezes nas páginas 17, 145, 146, 149, 150, 157, 158, 159 e 162.

LABOV, W. *The social stratification of English in New York City*. 1a. ed. [S.l.]: Washington, D.C.: Center of Applied Linguistics, 1966. Citado 4 vezes nas páginas 21, 136, 297 e 298.

LABOV, W. Contraction, deletion, and inherent variability of the English copula. *Language*, X, p. 715–762, 1969. Disponível em: <<http://idiom.ucsd.edu/~bakovic/variation-/Labov-1969.pdf>>. Citado 2 vezes nas páginas 115 e 129.

LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. [S.l.]: University of Pennsylvania Press, 1972. Citado 7 vezes nas páginas 11, 38, 115, 116, 181, 207 e 329.

LABOV, W. Where does the linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. *Sociolinguistic Working Papers*, v. 44, n. X, p. 43–88, 1978. Citado 7 vezes nas páginas 107, 131, 134, 135, 137, 138 e 139.

LABOV, W. Resolving the neogrammarian controversy. *Language*, v. 57, n. 2, p. 267–308, 1981. Citado 6 vezes nas páginas 116, 118, 119, 120, 126 e 128.

LABOV, W. Perspectives on historical linguistics. In: _____. [S.l.]: Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 1982. cap. Building on empirical foundations, p. 17–92. Citado 2 vezes nas páginas 38 e 115.

LABOV, W. *Principles of linguistic change: social factors*. [S.l.]: Blackwell, 1994. Citado 6 vezes nas páginas 38, 68, 115, 181, 207 e 329.

LABOV, W. *Principles of linguistic change: internal factors*. [S.l.]: Blackwell, 1994. Citado 8 vezes nas páginas 38, 40, 68, 115, 116, 181, 207 e 329.

LABOV, W. *Principles of linguistic change: cognitive factors*. [S.l.]: Blackwell, 2010. Citado 6 vezes nas páginas 38, 68, 115, 181, 207 e 329.

- LABOV, W.; YAEGER, M.; STEINER, R. *A quantitative study of sound change in progress*. [S.l.]: US Regional Survey, 1972. Citado na página 116.
- LAVANDERA, B. Where does the linguistic variable stop? *Language in Society*, v. 7, n. X, p. 171–183, 1978. Citado 6 vezes nas páginas 107, 132, 133, 134, 135 e 137.
- LEMLE, M.; NARO, A. *Competências básicas do Português. Relatório final apresentado às instituições Fundação Ford e Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral)*. [S.l.]: X, 1977. Citado 15 vezes nas páginas 37, 40, 43, 49, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 85, 91, 253, 318 e 319.
- LUCCHESI, D. *O português afro-brasileiro*. [S.l.]: Salvador: Editora EDUFBA, 2009. Citado na página 76.
- MACARTHY, J. J.; PRINCE, A. *Prosodic morphology: constraint interaction and satisfaction*. [S.l.]: University of Massachusetts, Amherst, 1993. Citado na página 162.
- MCMAHON, A. M. S. *Understanding language change*. [S.l.]: Cambridge University Press, 1994. Citado na página 112.
- MONGUILHOTT, I. de Oliveira e S. *Variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural dos florianopolitanos*. Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal de Santa Catarina, 2001. Citado 22 vezes nas páginas 28, 30, 37, 43, 77, 90, 91, 92, 93, 253, 255, 256, 257, 261, 262, 265, 266, 267, 270, 323, 324 e 329.
- MONGUILHOTT, I. de Oliveira e S. *Estudo sincrônico e diacrônico da concordância verbal de terceira pessoa do plural no PB e PE*. Tese (Doutorado) — Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2009. Citado 24 vezes nas páginas 28, 30, 37, 38, 43, 77, 90, 96, 97, 98, 99, 164, 213, 253, 255, 257, 261, 265, 266, 267, 323, 324, 329 e 351.
- MONGUILHOTT, I. de Oliveira e S.; COELHO, I. L. Sujeito: entre ordem e concordância. *Diadorim*, v. 9, n. X, p. 307–328, 2011. Citado 3 vezes nas páginas 254, 255 e 288.
- NARO, A. J. The social and structural dimensions of a syntactic change. *Language*, v. 57, n. 1, p. 63–98, 1981. Citado 52 vezes nas páginas 17, 18, 22, 25, 37, 40, 43, 77, 81, 82, 83, 84, 85, 88, 89, 91, 94, 95, 96, 98, 102, 103, 157, 159, 160, 162, 164, 169, 176, 177, 250, 252, 253, 262, 265, 266, 268, 275, 280, 284, 285, 289, 293, 296, 318, 319, 320, 321, 322, 323, 330 e 332.

NARO, A. J.; LEMLE, M. Syntactic diffusion. *Papers from the parasession on diachronic syntax*, X, n. X, p. 221–241, 1976. Citado 7 vezes nas páginas 40, 43, 77, 78, 91, 253 e 318.

NEU, H. Locating language in time and space. In: _____. [S.l.]: Academic Press, 1980. cap. Ranking of constraints on /t,d/ deletion in American English: a statistical analysis, p. 37–54. Citado na página 143.

NICOLAU, E. M. das D. *Ausência de Concordância Verbal em Português: uma abordagem sociolingüística*. Dissertação (Mestrado) — Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1984. Citado na página 253.

NUNES, J. *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa: fonética e morfologia*. 7a. ed. [S.l.]: Livraria Clássica Editora, 1969. Citado na página 45.

OLIVEIRA, M. A. de. The neogrammarian controversy revisited. *Journal of the Society of Language*, X, n. 89, p. 93–105, 1991. Citado 2 vezes nas páginas 114 e 117.

OSTHOFF, H.; BRUGMANN, K. A reader in nineteenth century historical indo-european linguistics. In: _____. [S.l.]: Indiana University Press, 1967. cap. Preface to morphological investigations in the sphere of the indo-european languages I, p. 213–226. Citado 2 vezes nas páginas 112 e 113.

OUSHIRO, L. *Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo*. Tese (Doutorado) — Universidade de São Paulo, 2015. Citado 4 vezes nas páginas 21, 302, 303 e 305.

OUSHIRO, L. Social and structural constraints in lectal cohesion. *Lingua*, p. 1–15, 2015. Citado 3 vezes nas páginas 22, 304 e 305.

PAULI, E. *A fundação de Florianópolis*. [S.l.]: Florianópolis: Edeme, 1973. Citado na página 211.

PIERREHUMBERT, J. Probabilistic phonology. In: _____. [S.l.]: MIT Press, 2003. cap. Probabilistic Phonology: discrimination and robustness, p. 177–228. Citado 3 vezes nas páginas 68, 124 e 230.

POPLACK, S. Deletion and disambiguation in Puerto Rican Spanish. *Language*, v. 56, n. 2, p. 371–385, 1980. Citado 12 vezes nas páginas 26, 143, 148, 149, 150, 151, 153, 154, 155, 156, 254 e 281.

PRINCE, P. S. A. *Optimality Theory: Constraint Interaction in Generative Grammar*. [S.l.]: Wiley-Blackwell, 2004. Citado na página 162.

ROMAINE, S. On the problem of syntactic variation: a reply to Beatriz Lavandera and William Labov. *Sociolinguistics Working Papers*, X, n. 2, p. XXX, 1980. Disponível em: <<http://files.eric.ed.gov/fulltext/ED250939.pdf>>. Citado 9 vezes nas páginas 17, 107, 135, 136, 137, 138, 139, 141 e 142.

RUMSEY, D. *Statistics essentials for dummies*. [S.l.]: Hoboken:Wiley Publishing, Inc, 2010. Citado na página 307.

SANKOFF, G. New ways of analyzing variation on english. In: _____. [S.l.]: Georgetown University Press, 1972. cap. Above and beyond phonology in variable rules, p. 44–61. Citado 4 vezes nas páginas 129, 130, 132 e 133.

SCHERRE, M. M.; NARO, A. J. Diversidade lingüística no brasil. In: _____. [S.l.]: Idéia, 1997. cap. A concordância de número no português do Brasil: um caso típico de variação inerente, p. 93–114. Citado 10 vezes nas páginas 37, 43, 77, 89, 90, 98, 253, 260, 261 e 265.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Sociolinguistic correlates of negative evaluation: Variable concord in rio de janeiro. *Language Variation and Change*, n. 26, p. 331–357, 2014. Citado na página 40.

SCHWINDT, L. C. Condicionamento morfológico em fenômenos fonológicos variáveis no pb. *Letras & Letras*, X, n. X, p. 115–127, 2012. Citado na página 67.

SCHWINDT, L. C. O acesso à morfologia por processos fonológicos variáveis e a arquitetura da gramática. *Cadernos de Estudos Linguísticos UNICAMP*, v. 56, n. X, p. 23–43, 2014. Citado na página 144.

SCHWINDT, L. C. Um output, dois processos. *Revista da ABRALIN*, v. 14, n. 1, p. 551–568, 2015. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/42829/25981>>. Citado 11 vezes nas páginas 38, 39, 51, 70, 160, 161, 162, 163, 165, 167 e 280.

SCHWINDT, L. C.; BOPP DA SILVA, T. Português do sul do brasil: variação fonológica. In: _____. [S.l.]: EDIPUCRS, 2009. cap. Panorama da redução da nasalidade em ditongos átonos finais no português do sul do Brasil, p. 13–33. Citado 34 vezes nas páginas 37, 38, 43, 44, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 74, 75,

121, 122, 123, 164, 165, 222, 223, 224, 227, 228, 229, 232, 233, 234, 235, 236, 239, 245, 250, 272 e 329.

SCHWINDT, L. C.; BOPP DA SILVA, T.; QUADROS, E. S. de. Vogais além de belo horizonte. In: _____. [S.l.]: FALE/UFMG, 2012. cap. O papel da morfologia na redução da nasalidade em ditongos átonos finais no português do sul do Brasil, p. 340–359. Citado 10 vezes nas páginas 37, 43, 44, 66, 67, 68, 121, 122, 162 e 165.

SEARA, I. C. *studo acústico-perceptual da nasalidade das vogais no português brasileiro*. Tese (Doutorado) — Universidade Federal de Santa Catarina, 2000. Citado na página 172.

SEARA, I. C.; NUNES, V. G.; LAZZAROTTO-VOLCÃO, C. *Fonética e fonologia do Português: 2o período*. [S.l.]: LLV/CCE/UFSC, 2011. Citado 4 vezes nas páginas 18, 171, 174 e 175.

SEARA, I. C.; NUNES, V. G.; LAZZAROTTO-VOLCÃO, C. *Para conhecer fonética e fonologia do português brasileiro*. [S.l.]: São Paulo:Contexto, 2015. Citado na página 175.

SILVA, T. C.; FONSECA, M. S.; CANTONI, M. Revisitando a variação entre ditongos nasais átonos finais e vogais orais na comunidade de fala do Rio de Janeiro. *Letras de Hoje*, v. 47, n. 3, p. 283–292, 2012. Citado 11 vezes nas páginas 26, 37, 121, 122, 124, 125, 126, 127, 128, 229 e 230.

TARALLO, F. *Tempos lingüísticos: itinerário histórico da língua portuguesa*. [S.l.]: Editora Ática, 1990. Citado na página 109.

TERRELL, T. Functional constraints on deletion of word-final /s/ in Cuban Spanish. *Berkeley Linguistic Society*, n. 1, p. 431–437, 1975. Citado na página 155.

VIARO, M. E. Uma breve história da etimologia. *Filologia e Linguística Portuguesa*, v. 15, n. n. spe, p. 27–67, 2013. Citado na página 109.

VIEIRA, S. R. A não-concordância em dialetos populares: uma regra variável. *Graphos*, v. 2, n. 1, p. 115–133, 1997. Citado 13 vezes nas páginas 37, 43, 77, 86, 87, 88, 89, 90, 98, 253, 257, 265 e 285.

VOTRE, J. S. *Aspectos da variação fonológica na fala dos analfabetos do Rio de Janeiro*. Tese (Doutorado) — Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1978. Citado 21

vezes nas páginas 37, 43, 44, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 54, 58, 59, 64, 67, 72, 121, 122, 220, 223, 224 e 233.

WANG, W.; CHEN, C.-C. The lexicon in phonological change. In: _____. [S.l.]: The Hague:Mouton, 1977. cap. Implementation of phonological change: the Shuang-Feng Chinese case, p. 148–158. Citado na página 116.

WEINER, J.; LABOV, W. Constraints on the agentless passive. *Journal of Linguistics*, X, n. 19, p. 221–241, 1983. Disponível em: <<http://idiom.ucsd.edu/~rlevy/lign251/fall2007-/cedergren-labov-1983.pdf>>. Citado 8 vezes nas páginas 129, 130, 132, 133, 134, 135, 137 e 139.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Directions for historical linguistics. In: _____. [S.l.]: University of Texas Press, 1968. cap. Empirical foundations for a theory of language change, p. 96–195. Citado 8 vezes nas páginas 38, 107, 109, 115, 129, 207, 296 e 329.

WILLIAMS, E. *Do latim ao português*. [S.l.]: Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973. Citado na página 45.

ZILLES, A. M. A posposição do sujeito ao verbo no português falado no rio grande do sul. *Letras de Hoje*, v. 35, n. 1, p. 75–96, 2000. Citado na página 256.

Anexos

ANEXO A – Parecer Consubstanciado do CEP

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A concordância verbal de terceira pessoa do plural e a desnasalização/redução de ditongos nasais de ditongos nasais átonos finais: um estudo de correlação

Pesquisador: Izete Lehmkuhl Coelho

Área Temática:

Versão: 5

CAAE: 51326615.6.0000.0121

Instituição Proponente: Centro de comunicação e expressão

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.635.664

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um Projeto de Tese de Doutorado do Centro: Centro de Comunicação e Expressão – CCE
Órgão: Programa de Pós-graduação em Linguística (PPGLg).

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Nosso objetivo principal, com essa análise, portanto, é o de compreender como esses dois processos inter-relacionados ou, nos termos da TVM (WLV, 1968, LABOV, 1972, 1982, 1994, 2001, 2010), como esses dois fenômenos estão encaixados na matriz de concomitantes

linguísticos e sociais.

Objetivo Secundário:

Como objetivos secundários, esta pesquisa pretende:(i) eliminar o viés analítico, já ressaltado por Guy (1981), gerado pela delimitação do acento como um dos parâmetros para definir os graus de saliência das formas verbais, na hierarquia de Naro 1981;(ii) rever os critérios empregados na mensuração dos níveis de saliência fônica e propor uma nova escala de Saliência fônica, fundamentada em uma análise acústica fina dos dados e posterior análise de testes perceptuais.(iii) avaliar as possíveis contribuições de uma análise acústico-perceptual para medir os graus de saliência nas formas verbais de terceira pessoa.(iv) enquadrar essa discussão no quadro mais

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

ANEXO B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
 Centro de Comunicação e Expressão (CCE)
 Departamento de Língua e Literatura Vernáculas (DLLV)
 Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLg)

Projeto de Pesquisa

A concordância verbal de terceira pessoa do plural e a desnasalização/redução de ditongos nasais átonos finais: um estudo de correlação

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Nome do (a) participante: _____

Endereço: _____

Cidade: _____ Estado: _____ Bairro: _____

Telefone(s): _____ Data da coleta: _____

RG: _____ CPF: _____

Escolaridade: _____ Data de nascimento: _____

Nome da pesquisadora principal: Izete Lehmkuhl Coelho

Outros pesquisadores: Raquel Gomes Chaves

1. Propósito do estudo: O objetivo desta pesquisa é o de coletar dados de fala para fins de análise de fenômenos linguísticos variáveis nas comunidades não urbanas – Costa da Lagoa e Ribeirão da Ilha – de Florianópolis (SC).

2. Procedimentos: Será realizada uma gravação de um diálogo, conduzido pela pesquisadora, com cada um dos informantes das comunidades da Costa da Lagoa e do Ribeirão da Ilha (Florianópolis – SC). As gravações serão realizadas, fazendo-se uso do gravador modelo H4N Zoom e microfone AKG C520L, nas próprias comunidades. Desse modo, os sujeitos não precisarão se deslocar.

3. Riscos e desconfortos: Não deverão ser subestimados os riscos e desconfortos, mesmo que sejam mínimos. Acredita-se que a realização desta gravação não acarreta nenhum risco imediato ou futuro (moral/ físico) aos sujeitos de pesquisa. O único desconforto que os participantes poderão sentir será alguma inibição diante do gravador. Para evitar esse desconforto, a pesquisadora conversará durante alguns minutos antes da gravação com os informantes para que eles se sintam mais à vontade. Caso os sujeitos não se sintam, ainda assim, confortáveis nesta situação, garante-se total liberdade para que eles, a qualquer momento, desistam de suas participações. Pode apresentar-se como um risco tardio (na análise dos dados) o comprometimento dos resultados esperados em circunstância da não compreensão da proposta da pesquisa ou da manipulação de dados pelo informante, o que será evitado pelos pesquisadores.

4. Benefícios: A participação dos sujeitos, nesta coleta de dados, é voluntária e não trará benefícios diretos (financeiros) aos sujeitos. Por outro lado, contribuirá para um melhor entendimento sobre a variação linguística no português falado nas regiões não urbanas de Florianópolis (SC).

5. Direitos do participante: É garantido aos sujeitos participantes que, a qualquer momento, possam retirar os seus consentimentos, sem sofrer nenhum prejuízo. Além disso, todos os participantes têm direito ao esclarecimento, em qualquer etapa do estudo, de eventuais dúvidas. Para tanto, basta entrarem em contato com o pesquisador responsável.

6. Compensação financeira, ressarcimento e indenização por eventuais danos: Não será disponibilizada nenhuma compensação financeira em caso de haver gastos de tempo, alimentação etc. No entanto, os participantes desta pesquisa que vierem a sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação, previsto ou não neste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, têm direito à indenização, por parte dos pesquisadores e instituições envolvidas nas diferentes fases da pesquisa.

7. Confidencialidade: Os dados provenientes desta coleta serão utilizados na tese de doutorado de Raquel Gomes Chaves. Tais dados também poderão ser utilizados em artigos e trabalhos acadêmicos, que derivem desta tese, realizados pelas pesquisadoras envolvidas a serem publicados em jornais profissionais e/ou apresentados em eventos científicos, com a garantia de sigilo da identidade dos sujeitos colaboradores.

Eu compreendo meus direitos como um sujeito de pesquisa e voluntariamente consinto em participar deste estudo e ceder os meus dados para esta pesquisa. Compreendo, também, os objetivos do estudo, os procedimentos a serem realizados, os possíveis desconfortos e riscos, a relevância de minha contribuição para este estudo, os meus direitos e possíveis ressarcimentos e indenizações por eventuais danos, as garantias de confidencialidade de minha identidade e de esclarecimentos permanentes. Receberei uma cópia assinada deste formulário de consentimento.

Em caso de dúvida, posso entrar em contato com a responsável principal por esta pesquisa (Profa. Izete Lehmkuhl Coelho) nos telefones (48) 3721 9908 e (48) 3721 3771, ou posso entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEPESH/UFSC, em Prédio Reitoria II (Edifício Santa Clara), Rua Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401, Trindade, Florianópolis/SC, CEP 88.040-400, e-mail cep.propesq@contato.ufsc.br, telefone (48) 3721 – 6094.

Assinatura do sujeito participante

Assinatura do pesquisador

ANEXO C – Roteiro de perguntas norteadoras dos inquéritos de fala

C.1 Perguntas gerais

As questões que guiaram a nossa coleta de dados tiveram como base o questionário elaborado por [Monguilhott \(2009\)](#), na composição do Banco Monguilhott (2009) - Banco VARSUL.

1. Tu/senhor gosta do bairro em que moras? Por quê? É um bom lugar para se criar os filhos?
2. Tu/senhor trocaria este bairro por um outro? Qual? Por quê?
3. O que tu/senhor acha que mudou no bairro desde que o senhor veio morar aqui? As coisas melhoraram? Tem mais estrutura?
4. Tem violência no bairro? Tu/o senhor conhece alguma história de violência por aqui?
5. Em que cidade tu/senhor gostaria de morar? Por quê?
6. O que tu/senhor acha das pessoas que moram no centro/cidade (ou no interior da ilha)? Tu/senhor moraria num desses lugares?
7. O que tu/senhor acha das pessoas que vem visitar Florianópolis no verão? Como os paulistas, os argentinos e os gaúchos? E o que tu/senhor acha das pessoas “de fora” que se mudaram para cá?
8. O que é "ser mané/manezinho da ilha"? Tu/senhor acha que a fala do mané/manezinho da ilha é diferente? Por quê?
9. Existe algum tipo de festa típica que vocês fazem aqui no

bairro? Tu/o senhor frequentou alguma vez? E como foi.

10. Eu queria que tu/senhor contasse sobre as festas em família. Quais festas vocês costumam fazer? Como são? 11.

Onde tu/senhor passa as festas de Natal e Ano Novo? Como são as suas festas de Natal e Ano Novo? O senhor/tu lembra de alguma? E como foi?

12. Tu/senhor conhece, pela sua vivência, alguma história/situação/acontecimento engraçada ou interessante (de bruxa...) aqui do bairro? O senhor/tu lembra de alguma? Conta como foi?

13. Tu/senhor pode me dar uma receita de uma comida típica da ilha (com peixe, por exemplo)? Como se faz para cultivar ostras?

14. Da infância tu/o senhor lembra da casa onde morava? Tinha irmãos? Que tipo de brincadeira era costume naquela época?

13. Na época da adolescência, teve muita namorada? Iam ao cinema? Ficavam em casa?

14. Casou cedo? Como foi o casamento? Teve festa?

15. A esposa era daqui também? O que ela fazia? Os filhos nasceram no bairro?

16. Os filhos moram por aqui também? O que eles fazem? Tem netos?

17. Tu/o senhor frequentou a escola do bairro? Lembra de alguma coisa da escola? O que faziam? Alguma professora marcou?

18. Começou a trabalhar quando? Como era o serviço no início? Sempre foi a mesma coisa? Viajava com o barco? As pessoas que trabalhavam com o senhor eram daqui?

19. Gostava do seu serviço ou tinha vontade de trabalhar com outra coisa?

20. Qual era a profissão dos seus pais? Chegaram a ir para a escola? E os seus irmãos?

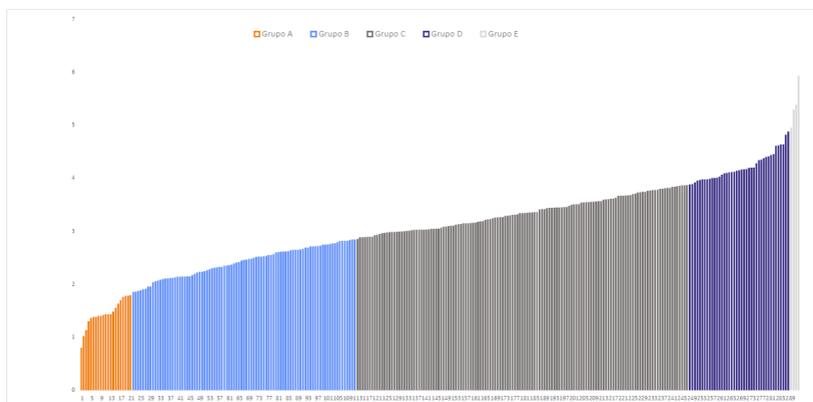
21. O que costuma fazer nas horas vagas?

22. Gosta de assistir TV? Quais os programas? Ouve rádio?
23. Costuma ir muito ao centro?
24. Já viajou para algum lugar?
25. Aqui no bairro, por exemplo, se o senhor fosse pedir alguma melhoria, qual seria?
26. Algum político já fez alguma coisa boa aqui no bairro?
27. O senhor frequenta a igreja do bairro? Ou alguma associação/grupo (folclore, de idosos, na igreja, na comunidade)? O que fazem lá?
28. Já passou por algum perigo de morte? Ou alguém da família? Alguma doença?

C.2 Perguntas sobre avaliação e identidade ilhéu

1. O que você pensa da fala dos nativos da ilha?
2. Você tomaria como elogio se alguém lhe dissesse que você soa como um manezinho?
3. Você reconheceria alguém de Florianópolis pelo modo de falar? Como você reconhece (quais as características linguísticas)?
4. Você nota diferença na sua fala e do pessoal que vem de outros lugares do Brasil? O que é diferente?
5. Alguma vez você tentou mudar o seu modo de falar? Quando? Por quê?
6. O que é ser manezinho?

ANEXO D – Itens lexicais por grupo: valores brutos



ANEXO E – Script utilizado na análise acústica

```

# Geracao de tabela com frequencias formantes
# Entrada:
# arquivo .wav
# arquivo .TextGrid com marcacao de segmentos a serem analisados
# Processamento:
# Analise de formantes no arquivo .wav original
# Analise de intensidade no arquivo .wav original
# Selecao de 5 pontos de analise em cada segmento
# Extracao da intensidade em cada um dos pontos
# Extracao de F1, F2 e F3 em cada um dos pontos
# Saida:
# Arquivo no formato txt (campos separados por tabulacao)
# com dados obtidos no processamento
# Nome do arquivo de saida eh igual ao de entrada, com extensao .txt
#
# Fernando S. Pacheco
# LINSE/UFSC
#
nFORMANTES=3
#a linha acima corresponde ao número de formantes que a análise vai apresentar: F1, F2, F3
nPONTOS=5
#a linha acima corresponde ao número de pontos que ele vai pegar pra cada segmento
select all
if numberOfSelected() > 0
    Remove
endif
form Arquivo a processar (extração de formantes)
    word Folder_(Diretório)
    word File_(Arquivo_áudio_com_extensão) data.wav
endform
#folder$=""
#file$="1F11P1.wav"
file$ = folder$ + file$
Read from file... 'file$'
filename$ = selected$ ("Sound")
filegrid$ = filename$ + ".TextGrid"
filegrid$ = folder$ + filegrid$
Read from file... 'filegrid$'
select Sound 'filename$'
To Formant (burg)... 0.0 5 5000 0.025 50
select Sound 'filename$'
To Intensity... 100 0.0 no
select Sound 'filename$'
plus TextGrid 'filename$'
Extract non-empty intervals... 1 yes
#o número que aparece na linha acima corresponde ao tier, para buscar os dados no tier 1,
coloque 1 e assim por diante
nselected = numberOfSelected ("Sound")
#nao vou mais precisar do arquivo de audio
select Sound 'filename$'
plus TextGrid 'filename$'
Remove

```

```

#
#limpar janela info
clearinfo
printline N_SEG;      NOME;      DUR(s);      INST_ANALISE(s);
INTENSID(dB);      F1(Hz);      F2(Hz);      F3(Hz);      INST_ANALISE(s);

#contador de segmentos
i = 1
while i <= nselected
  select all
  soundID = selected ("Sound", 'i')
  select 'soundID'
  nomeseg$ = selected$ ("Sound")
  tp_ini = Get starting time
  tp_fim = Get finishing time
  duracao = Get total duration

#definicao dos pontos de analise
#inicio do segmento
tp1 = tp_ini
#meio do segmento
tp3 = (tp_ini+tp_fim)/2
tp2 = (tp_ini+tp3)/2
tp4 = (tp3+tp_fim)/2
#fim do segmento
tp5 = tp_fim

#Os formantes são obtidos a partir do arquivo original e não de cada segmento. Assim,
evita-se o problema com as bordas dos segmentos
for k from 1 to nPONTOS
  tp_analise = tp'k'
  if k == 1
    print 'i'"tab$' 'nomeseg$' 'tab$' 'duracao' 'tab$' 'tp_analise'
  else
    print 'tab$' 'tp_analise'
  endif
for n from 1 to nFORMANTES
  select Formant 'filename$'
  fn = Get value at time... 'n' 'tp_analise' Hertz Linear
  select Intensity 'filename$'
  in = Get value at time... 'tp_analise' Cubic
  #separacao seguinte entre 1o. e outros formantes apenas para formatacao na impressao
  if n == 1
    print 'tab$' 'in' 'tab$' 'fn'
  else
    print 'tab$' 'fn'
  endif
  #n = numero do formante

```

```
        #tp = tempo
    endfor
endfor
print 'newline$'
i=i+1
endwhile
#criar arquivo de saida
#tabela no formato cvs
fileout$ = folder$ + filename$ + ".txt"
#apaga arquivo (se existente)
filedelete 'fileout$'
#copia conteudo da janela info para o arquivo
fappendinfo 'fileout$'
```